

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCILEYDE FEITOSA SOUSA

**ESPAÇOS DIALÓGICOS DOS BARQUEIROS NA AMAZÔNIA:
UMA RELAÇÃO HUMANISTA COM O RIO**



CURITIBA

2012

LUCILEYDE FEITOSA SOUSA

**ESPAÇOS DIALÓGICOS DOS BARQUEIROS NA AMAZÔNIA:
UMA RELAÇÃO HUMANISTA COM O RIO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, linha de pesquisa: Território, Cultura e Representação, Universidade Federal do Paraná, como requisito necessário à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Salete Kozel Teixeira

Co-orientador: Prof. Dr. João Carlos Vicente Sarmiento (Universidade do Minho - Portugal)

CURITIBA

2012

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Luzimar Barbosa
Chaves CRB / 11-338, com os dados fornecidos pela autora.

S729e Sousa, Lucileyde Feitosa
 Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: uma re-
 lação humanista como o rio / Lucileyde Feitosa Sousa –
 Curitiba, 2012.
 272 f.

 Orientadora: profa. Dra. Salete Kozel Teixeira.

 Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná,
 2012.

 1. Geografia humana – Amazônia 2. Geografia cultural
 - Amazônia 3. Sociolinguística – Amazônia I. Teixeira,
 Salete Kozel II. Título.

CDU 911.3(811)

TERMO DE APROVAÇÃO

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 - MESTRADO E DOUTORADO



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Tese de Doutorado, apresentada pela candidata **LUCILEYDE FEITOSA SOUZA** intitulada “**ESPAÇOS DIALÓGICOS DOS BARQUEIROS NA AMAZÔNIA: UMA RELAÇÃO HUMANISTA COM O RIO**”, para obtenção do grau de Doutora em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Território, Cultura e Representação**.

Após haver analisado o referido trabalho e argüida a candidata, são de parecer pela **APROVAÇÃO** da Tese.

Curitiba, 01 de março de 2012.

Nome e assinatura da Banca Examinadora:



 Profa. Dra. Salete Kozel Teixeira (Orientadora)

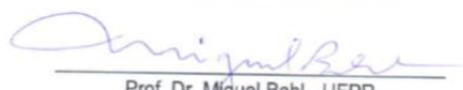
 Prof. Dr. João Carlos Vicente Sarmiento
 Universidade do Minho-Portugal (Co-orientador)



 Profa. Dra. Icléia Albuquerque de Vargas-UFMS



 Prof. Dr. Josué da Costa Silva – UNIR



 Prof. Dr. Miguel Bahl - UFPR



 Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho - UFPR

Dedico aos meus pais Domingos e Domingas, RAINHA MARAVILHOSA, mãe guerreira, preciosa e que inspira os filhos a lutarem sempre pela vida e pelos seus sonhos.

Aos irmãos Domingas Luciene, Hemetéria Luciana, Carlos Adriano e que a nossa missão possa continuar sendo a luta por dias melhores na Amazônia.

Aos barqueiros e ribeirinhos que conseguem traduzir, através dos processos interlocutivos e das espacialidades, a luta do viver amazônico.

AGRADECIMENTOS

A escrita da tese de doutoramento contou com a contribuição de muitas pessoas. A feitura desse trabalho contemplou vozes de gente especial que compartilhou ideias, aprendizados, participou do meu mundo vivido. Registro os agradecimentos a muitas pessoas e Instituições:

Aos amigos professores Josué da Costa Silva e Maria das Graças Silva Nascimento Silva que me incentivaram a prestar o processo seletivo de doutorado em Curitiba, acreditaram no meu trabalho e que eu tenho a honra de continuar trilhando caminhos junto com eles.

À minha família que sempre me apoiou, de modo especial a minha irmã Luciana por ter cuidado muito bem da nossa Rainha, o que me trouxe tranquilidade para escrever.

Um agradecimento especial faço a professora e orientadora Salete Kozel, por ter aceito a proposta desta pesquisa, por proporcionar uma orientação pautada no respeito, na amizade, no incentivo constante, na cooperação pontual, sobretudo, pela competência, responsabilidade e compromisso com que conduziu a orientação e os valiosos diálogos na área geográfica e principalmente pela confiança em mim.

Aos professores da Linha de Pesquisa: Território, Cultura e Representação pela amizade, aprendizados, diálogos e atividades conjuntas que realizamos.

Aos professores da banca de qualificação: Teresinha Maria Gonçalves (UNESC), Wolf Dietrich Sarh (UFPR) e Maria das Graças S. N. Silva (UNIR) pelas contribuições ao trabalho.

Ao ilustre professor Emérito Paul Claval, da Université de Sorbonne Paris IV, que nos abriu as portas para a realização do estágio na Europa para melhor aprofundamento da tese e pelas interlocuções valiosas em Paris, nos oportunizando novas reflexões e descobertas na ciência geográfica.

Agradeço honrosamente ao Prof. Dr. João Carlos Vicente Sarmiento, da Universidade do Minho, Campus Azurém-Guimarães, pela co-orientação deste trabalho e pelo privilégio de ter realizado o estágio de doutorado “sanduíche” em Portugal.

Às Irmãzinhas da Imaculada Conceição, por colaborarem com essa fase do cuidado de nossa mãe-rainha. De modo especial Rosa, Érica, Ivonete, Gildeci, Nely, Maria, Lindaura, Terezinha, Nilva, Vera, entre outras.

Aos amigos Alexandre Dourado, Zélia, Francisco Lima, Hélio Rodrigues, Luiz Ibanor, José Coutinho, Selmo Azevedo, pelos diálogos incentivadores.

Aos barqueiros dos estados de Rondônia e do Amazonas com quem tive a oportunidade de aprender muito e de participar de suas lutas e com esperança de dias melhores para o grupo. Os que participaram diretamente neste trabalho considerem-se homenageados.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná que deram suporte direta ou indiretamente para a finalização deste trabalho e ajudaram a enriquecer a minha formação com os seus ensinamentos, contribuindo para um maior conhecimento da Geografia.

Ao Luiz Carlos Zem pela amizade preciosa, prestatividade, colaboração e apoio inesquecível recebido em Curitiba.

À Mara Garcia Abib e família pela acolhida e amizade em Curitiba.

À Helena Midori pela amizade, cooperação e assessoria inesquecível durante o processo de realização do estágio no exterior e pelos diálogos.

À bibliotecária Luzimar Barbosa Chaves, Marco Aurélio Marques, Alexandre Dourado e Gabriela Pinheiro pelas contribuições no trabalho.

Aos professores Clarides Henrich, Dorisvalder Nunes, Edson Silveira, Nelson Rêgo, Álvaro Heidrich, Luiz Lopes Diniz, Donizete Giusti, Nadal pela força, incentivo e diálogos enriquecedores.

Aos pesquisadores do GEPCULTURA E GEPGÊNERO da Universidade Federal de Rondônia que assumem cada vez mais o compromisso de fazer a geografia cultural da Amazônia.

À Paulinha por toda a colaboração e eficiência no atendimento. À querida professora Izabella Swierczynski pelo apoio e amizade, bem como a Eliane Pimentel pela colaboração no trabalho de campo, à Denise Pimentel e família pela amizade e apoio em Curitiba.

À equipe do CDM André Fischer: Pedro e Camila pela disponibilidade de empréstimos dos materiais necessários para a construção da Tese.

Aos companheiros de caminhada na educação em Porto Velho e àqueles que acompanharam a distância a finalização da tese.

Aos amigos da UFPR pela alegria de conhecê-los e de compartilhar muitas experiências maravilhosas: Sonia Migliorini, Mauro Cury, Luciléa Ferreira, Adnilson Almeida, Ana Biesek, José Aquino, Marcelo Bordin, Rafael Prieto, Cristina Surek,

Letícia Nitche, Tânia Bloomfield, Madalena Cavalcante, Helena Edilamar, Daniel César, Marciel, Carlos Ritter, Djanires, Josélia, Beatriz Furlanetto, Wendell, Ricardo Feitosa, Clevisson Pereira, Dalvani Fernandes, Luciana Ferreira, Everton Simões.

Às amizades internacionais com muito carinho, saudades e apreço: Thomas, Anderson Baptista, Izabel Salgado, Francisco Costa, Paula Remoaldo, Dorotéa, Carmo, José (Zé), Oscar, Ismael, Agostinha, Yasalde, Vitor Costa, Nuno Manuel, Giancarlo, Robson, Carolina Todesco, Silvia, Lena, Camille, Samira, Hecrálito, Carlos Eiras, Maria João e Nuno Vieira.

À minha querida tia Luzia Feitosa pela amizade, incentivo e orações sempre.

Aos professores e funcionários do departamento de Geografia da Universidade do Minho pelo intercâmbio, ajuda, apoio, o que proporcionou um estágio maravilhoso em Portugal. Recebam os meus agradecimentos especiais!!

À Universidade Federal do Paraná, através do Programa de Pós-graduação em Geografia, do Núcleo de Estudos em Espaço e Representação – NEER, pela iniciativa de estabelecer o Convênio PROCAD/AMAZÔNIA/CAPES/UFPR/UNIR, colaborando com a formação de pesquisadores da Amazônia.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação pela oportunidade de participar do Programa REUNI e em especial à Jussara do Rêgo Elias pela colaboração e incentivo durante esse processo.

À CAPES pela concessão da bolsa de doutorado “sanduíche” na Universidade do Minho.

À SEMED pela liberação de minhas atividades de docência e de modo especial, agradeço ao Procurador Mário Jonas pela ajuda inesquecível! À Sabrina Vital pelo atendimento e colaboração durante o processo de licença profissional.

Ao Núcleo de Populações Tradicionais de Rondônia pela colaboração no trabalho de campo, especialmente ao Jeferson Mendes.

Ao arquiteto do Barco da vida (Deus) que nos concede inteligência, saúde, luz, força, sabedoria, persistência, tornando possível concretizar os sonhos e objetivos de vida. É ele quem dá coragem e ânimo nos momentos mais adversos e colaborou com os encontros com as pessoas que foram citadas com muito apreço e consideração.

"[...] Mais um barco construído pelo homem atesta sua experiência, mas a perfeição de suas linhas, a beleza de seu talhe, parecem resultado de um cálculo de engenharia. No entanto, o Sr. Benedito nunca foi à escola. A experiência lhe ensinou: o avô fazia barcos, o pai fazia barcos, os irmãos faziam barcos, a cada barco uma nova história... O barulho do rio, a luz da lua formam um cenário perfeito para os narradores contarem suas histórias.

Os encontros noturnos fazem renascer detalhes perdidos no tempo, fazem juntar a história de um à história do outro, promovem um mundo intertextual rico de vida... Nesse movimento a linguagem revitaliza-se, forma um elo entre o passado e o presente. A voz dos mais velhos, mansa e repleta de mistérios faz o mesmo percurso das águas do rio, vão indo uma atrás da outra, recheadas de outras vozes do passado que, naquele momento articulam ao contexto presente..."

À Profa. Dra. Tânia Rocha Parmigiani, ex-orientadora na Iniciação Científica/UNIR, a quem presto uma homenagem especial por ter compartilhado comigo experiências ricas de um passado e que continuam sendo revitalizadas junto com a população amazônica.

RESUMO

Esta tese analisou a construção da poética e das espacialidades dos barqueiros sobre o rio Madeira, no Estado de Rondônia. Nesta investigação, destacou-se as experiências vividas pelos sujeitos pesquisados, considerando “as suas vozes”, as representações, os processos dialógicos e os significados atribuídos ao rio Madeira, situado num espaço de grande problemática ambiental que inclui principalmente a construção das usinas hidrelétricas (Santo Antônio e Jirau) na cidade de Porto Velho, o que reflete na manutenção da vida do grupo e na reorganização desse espaço amazônico. As transformações ocorridas variam desde ao alagamento de terras, remanejamento forçado de famílias, perda simbólica com o rio, mudança na dinâmica das águas, entre outros, sendo importante mostrar como o rio Madeira é percebido, interpretado e valorizado pelas populações locais. Para isto, priorizou-se a pesquisa qualitativa, recorrendo aos aportes teórico-metodológicos da Geografia Humanista-Cultural, atendo-se ao viés fenomenológico, nesta interface com os estudos linguísticos, perpassando pelos conceitos de lugar, espaço, espacialidade, representação, dialogismo, linguagem, cultura e imaginário poético. A pesquisa é vista como uma relação dialógica entre os sujeitos e dentro de um contexto sócio-histórico, e a consolidação do campo se deu através de vivências, viagens, entrevistas, aplicação de mapas mentais, registros fotográficos e anotações no caderno de campo. A faixa etária dos sujeitos da pesquisa variou de 18 a 72 anos e possuem origens nordestinas e amazônicas. Neste sentido, a linguagem atua como elemento primordial na composição da poética, sendo construída por um espaço dialógico, e que colabora com a transmissão da cultura. Os barqueiros elaboram diferentes espacialidades, a poética revela como os sujeitos explicam o seu modo de vida, estratégias de sobrevivência e manutenção da vida na Amazônia. Este olhar humanista possibilita a interpretação desses espaços dialógicos, uma vez que o homem constrói experiências, e recria o seu mundo vivido a partir dos processos interlocutivos. Isto é, o espaço é ressignificado e se transforma em lugar. Que esta pesquisa possa dar visibilidade ao grupo estudado e subsidiar às políticas públicas voltadas à Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia. Rio Madeira. Geografia Humanista. Cultura. Linguagem. Poética. Espaço dialógico

ABSTRACT

This thesis analyzed the construction of the poetic and the spatiality of boatmen on the Madeira river, in the State of Rondonia. In this research, the most important were the experiences of the subjects studied, whereas their "voices", the representations, the dialogical processes and the meanings attributed to the Madeira river, located in an area of great environmental issue that includes mainly the construction of hydroelectric power (Santo Antônio and Jirau) in the municipality of Porto Velho, which reflects in the maintenance of life of residents near the river and in the reorganization of this Amazon area. The changes vary since the flooding of land, forced relocation of families, symbolic loss with the river, changing the dynamics of water and are important to show as the Madeira river is perceived, interpreted, and valued by the local populations. For this, we have given priority to qualitative research, using the intakes theoretical-methodological Geography Humanistic-Cultural, while referring to the phenomenological bias, this interface with the linguistic studies, passing by the concepts of place, space, spatiality, representation, dialogism, language, culture and poetic imagination. The research is seen as a dialogic relationship between the subject and within a socio-historical context and the consolidation of the field shall be given via experiences, travel, interviews, application of mental maps, photographic record and annotations in the specification of research. The ages of the subjects ranged from 18 to 72 years and have origins and northeastern Amazon. In this sense, language acts as a major element in the composition of poetic, being built by a dialogic space and that collaborates with the transmission of culture. The boatmen elaborate different spatiality, the poetic reveals how the subject explain your way of life, survival strategies and maintenance of life in the Amazon. This humanist gaze makes the interpretation of these spaces for dialogue, since man builds experiences and recreates his lived world from interlocutions processes. That is, the space and such and turns into place. This research may give visibility to the group that has been investigated and subsidize public policies focused on the Amazon.

Keywords: Amazon. Madeira river. Humanistic Geography. Culture. Language. Poetics. dialogic space

RÉSUMÉ

Cette thèse analyse la construction de la poétique et les spécialités des *barqueiros* sur le fleuve Madeira, dans l'État de Rondônia. Dans cette enquête, il a été mis en évidence les expériences des sujets étudiés, considéré «leur voix», les représentations, les processus dialogiques et les significations attribuées à la rivière Madeira, situé dans une zone de problème environnemental qui comprend principalement la construction de usines hydroélectriques, (Jirau et Santo Antonio), dans la ville de Porto Velho, qui reflète le entretien de la vie de groupe et dans la réorganisation de l'espace amazonien. Les changements produit vont de l'inondation des terres, la réinstallation forcée des familles, la perte symbolique avec le fleuve, changement dynamique de l'eau, entre autres. C'est important de montrer comme le fleuve Madeira est aperçu, interprété et apprécié par les populations locales. À cette fin, la priorité a été donnée à la recherche qualitative, en utilisant la géographie théorique et méthodologique humaniste-culturelle, en accord avec la phénoménologie, dans l'interface avec des études de linguistique, en passant par les concepts de lieu, de l'espace, de la représentation spatiale, dialogisme, la langage, la culture et l'imaginaire poétique. La recherche est considérée comme une relation dialogique entre les sujets et dans un contexte socio-historique, et la consolidation du champ a été par l'expérience, des voyages, des interviews, des cartes mentaux, des registres photographique et des notes dans le carnet de champ. L'âge des sujets variait de 18 à 72 ans et ils sont des origines du nord-est et de l'Amazonie. La langue est un élément plus grande dans la composition de la poétique, en cours de construction par un espace dialogique, et collabore avec la transmission de la culture. Les *barqueiros* organisent spatialités différentes, la poétique révèle comment les sujets expliquer leur mode de vie, des stratégies de survie et le entretien de la vie dans l'Amazonie. Ce regard permet l'interprétation humaniste de ces espaces de discussion, parce que l'homme construit l'expérience et reconstruit son monde vécu par les interlocutivos processus. L'espace est signifié une autre fois et se transforme en place. Que cette recherche peut donner de la visibilité au groupe étudié et subventionner les politiques publiques pour l'Amazonie.

Mots-clés: Amazonie. Rio Madeira. Géographie Humaniste. Culture. Langage. Poétique. L'espace dialogique.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	—	Terminal de passageiros e cargas (Cai N'água).....	24
FIGURA 2	—	Trabalho de campo (Colóquio do NEER) em Porto Velho.....	40
FIGURA 3	—	Mosquiteiro/cortinado doado às famílias ribeirinhas..	41
FIGURA 4	—	Interior da embarcação construída de ferro.....	42
FIGURA 5	—	Passageiro na confecção do mapa mental.....	43
FIGURA 6	—	Os passageiros no momento da refeição.....	44
FIGURA 7	—	Pausa para o almoço da tripulação.....	44
FIGURA 8	—	Condições de descarregamento das cargas no Cai N'água.....	45
FIGURA 9	—	Precariedade de atendimento aos passageiros.....	46
FIGURA 10	—	Terminal hidroviário de Porto Velho.....	47
FIGURA 11	—	Barco Recreio no porto de Manaus.....	50
FIGURA 12	—	Casa ribeirinha.....	85
FIGURA 13	—	Município de Porto Velho no Estado de Rondônia.....	106
FIGURA 14	—	Área de estudo.....	107
FIGURA 15	—	Transporte de carretas e contêineres.....	109
FIGURA 16	—	Transporte de soja.....	110
FIGURA 17	—	Tranporte de derivados de petróleo.....	110
FIGURA 18	—	Crianças ribeirinhas.....	111
FIGURA 19	—	Motor rabeta ou rabetinha.....	111
FIGURA 20	—	Transporte de passageiros na voadeira.....	112
FIGURA 21	—	Balsa de travessia.....	113
FIGURA 22	—	Construção do Barco Recreio.....	114
FIGURA 23	—	Barcos recreios.....	114
FIGURA 24	—	Mercadoria transportada na embarcação.....	115
FIGURA 25	—	Espaço das redes.....	117

FIGURA 26	—	Transporte de passageiros na voadeira.....	137
FIGURA 27	—	Praia às margens do rio Amazonas e crianças no momento de lazer.....	183
FIGURA 28	—	Elementos naturais (árvores) como localização.....	186
FIGURA 29	—	Criança ribeirinha.....	187
FIGURA 30	—	Mãe alimentando sua filha e detalhes da alimentação.....	190
FIGURA 31	—	Práticos do rio Madeira.....	194
FIGURA 32	—	Sondagem no rio Madeira.....	203
FIGURA 33	—	Carga sem amarração.....	207
FIGURA 34	—	Botos tucuxis.....	226
FIGURA 35	—	Canta Galo.....	237
FIGURA 36	—	Casa de farinha.....	241
FIGURA 37	—	A mandioca é retirada do rio para ser prensada.....	242
FIGURA 38	—	Espaço da farinhada.....	244

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTAQ	Agência Nacional de Transportes aquaviários
BERADÃO	Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão Para o Desenvolvimento Sustentável de Populações Tradicionais da Amazônia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C.I. R	Caderneta de Inscrição e Registro
CMF	Contramestre fluvial
DINTER	Programa de Doutorado Interinstitucional
ENSUMM	Ensino Supletivo da Marinha Mercante
HERMASA	Navegação da Amazônia S/A
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IESA	Instituto de Estudos Sócio-ambientais
MFC	Marinheiro Fluvial de Convés
MF	Marinheiro Fluvial
NEER	Núcleo de Estudos em Espaço e Representações
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura
PAS	Programa Alfabetização Solidária
PIBIC	Programa de Iniciação Científica
PDSE	Programa Institucional de Bolsas de Estágio de Doutorado no Exterior
PL	Piloto Fluvial
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
I METODOLOGIA DA PESQUISA: ITINERÁRIOS CONSTRUÍDOS.....	20
1.1 Construção do objeto de pesquisa.....	21
1.2 A pesquisa, seu contexto e encontro com os sujeitos pesquisados..	30
1.3 Espaço das viagens de campo no rio Madeira (Rondônia e Amazonas.....	40
1.4 As relações dos sujeitos com os mapas mentais.....	51
II REFERENCIAL TEÓRICO DIFERENTES ENFOQUES NAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS.....	56
2.1 Em busca das abordagens.....	57
2.2 Geografia Humanista.....	61
2.3 O enfoque cultural.....	69
2.4 O encontro com Bakhtin através da linguagem.....	75
2.5 Encontro com Bachelard através do imaginário e do devaneio poético.....	82
2.6 Por um encontro das vozes.....	96
III ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO: O CONTEXTO DAS ÁGUAS.....	99
3.1 Breve perspectiva histórica da organização do espaço amazônico.....	100
3.2 Área de estudo.....	104
3.3 Transportes/embarcações na área de estudo.....	108
3.4 Delimitação das categorias dos sujeitos.....	118
3.5 O lugar social dos entrevistados.....	125
3.6 Formas de comunicação no espaço vivido do Madeira.....	136

IV METODOLOGIA KOZEL PARA O ENTENDIMENTO DOS ESPAÇOS DIALÓGICOS DOS SUJEITOS.....	143
4.1 Um aporte comunicacional.....	144
4.2 Aplicação e análise dos conteúdos dos mapas mentais.....	151
4.3 As interfaces de temas nos mapas mentais	155
4.4 Mapas mentais: sua contribuição para análise da poética.....	175
V ESPACIALIDADES DAS EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO RIBEIRINHO.....	178
5.1 Sem prático, como navegar? Do vivido na infância à constituição do prático.....	180
5.2 A geografia das práticas: experiências vividas pelos práticos.....	191
5.3 A espacialidade do medo: uma visão humana na construção da poética.....	196
5.4 Espaço do trabalho diário: riscos e possibilidades de naufrágios.....	202
5.5 A espacialidade das águas e das matas.....	214
5.6 Em busca do sentido do imaginário das águas: cobras, botos, encantados.....	215
5.6.1 O boto encantador, namorador, perseguidor.....	222
5.6.2 O boto protetor.....	225
5.6.3 Os encantados do rio.....	227
5.7 Em busca do sentido do imaginário nas matas: curupiras, jibóias....	230
5.7.1 Canta galo: produtor de olhares diversos.....	236
5.8 Espacialidade dos sabores.....	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	247
REFERÊNCIAS.....	251
NOTAS GEOGRÁFICAS: GLOSSÁRIOS DE TERMOS UTILIZADOS NO ESPAÇO DA PESQUISA.....	264

INTRODUÇÃO

A poética construída pelos barqueiros sobre o rio Madeira, no Estado de Rondônia (Brasil) e as espacialidades são foco dessa investigação. A construção das usinas hidrelétricas nas imediações da cidade de Porto Velho vem alterando a dinâmica e a organização desse espaço, com o alagamento de terras, remanejamento de famílias ribeirinhas, perda simbólica com o rio, mudança na dinâmica das águas, ações que refletem na manutenção de vida, estando os barqueiros no bojo dessa problemática.

Propõe-se trazer à tona as experiências vividas por esses sujeitos, considerando as representações, os processos dialógicos e os significados atribuídos ao lugar. Esta pesquisa é focada na análise da poética, considerando a experiência, a transmissão da cultura, o espaço vivido em que as pessoas produzem histórias e se constituem como sujeitos mediante as relações sociais. A compreensão desse percurso implica na inclusão de temas amazônicos na discussão, procurando evidenciar o viver da população local e as espacialidades que envolvem trajetórias de ação e de experiências no espaço. Assim, o cerne dessa investigação é a poética construída sobre o rio Madeira e o modo como é percebido, interpretado e valorizado pelos barqueiros.

O aporte teórico da pesquisa fundamenta-se na geografia humanista cultural, tendo os estudos linguísticos como interface, destacando a linguagem como elemento primordial no campo da representação e no entendimento da poética e das espacialidades. Trabalhou-se com a aplicação de mapas mentais e realização de entrevistas semi-estruturadas, na perspectiva de compreender o mundo vivido dos barqueiros, a partir das experiências espaciais no rio Madeira, o qual se tornou revelador de cultura, de signos e significados, além das práticas sociais. Novas leituras sobre o espaço amazônico surgiram, trazendo a poética como possibilidade de análise na geografia.

Escrever é uma prática dialógica que exige o encontro com o outro, acaba sendo um movimento para o outro, definindo este outro como interlocutor. É uma relação em que ambos se constituem como sujeitos e constroem significados no espaço. Com isso, esta tese se subdivide em cinco capítulos, construídos de forma a contemplar as várias vozes sociais e históricas dos sujeitos pesquisados.

Iniciando o primeiro capítulo, privilegiou-se a metodologia da pesquisa, com ênfase aos itinerários percorridos, a construção do objeto e o encontro com os sujeitos da pesquisa e o trabalho com os mapas mentais.

O segundo capítulo apresenta o diálogo com a Geografia, atendo-se à abordagem humanista cultural. Nesse capítulo, o foco é a construção do conhecimento geográfico mediado pelo aporte cultural.

No terceiro capítulo, evidencia-se o processo de organização do espaço amazônico, com ênfase ao ciclo da borracha, nessa busca de evidenciar os processos históricos, sociais e culturais que desencadearam na formação das atuais comunidades ribeirinhas às margens do rio Madeira, no Estado de Rondônia, mostrando essa heterogeneidade do viver amazônico.

No quarto capítulo, são apresentados os resultados da metodologia, enfatizando o desvendar da poética dos barqueiros sobre o rio Madeira, procurando dar visibilidade a essa categoria de grande importância histórica para o desenvolvimento da Amazônia.

E, por fim, o quinto capítulo versa sobre as espacialidades que embasam a leitura poética do rio Madeira, considerando que essas espacialidades se encontram e se comunicam no terreno da linguagem, confrontando vivências, significados e contextos socioespaciais. Isto é, as espacialidades apresentam o caráter dialógico dos homens da Amazônia.

Na pesquisa, considera-se que investigador e investigado são sujeitos que interagem, produzindo espacialidades diversas. Foi disponibilizado neste trabalho um conjunto de fotografias que facilitam ao leitor a leitura do espaço investigado, dando visibilidade ao lugar no qual emerge a poética do viver amazônico.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DA PESQUISA: ITINERÁRIOS CONSTRUÍDOS

Pôr-do-sol do rio Madeira



"Eu sempre gostei de viajar no rio Madeira, tem muita coisa pra ver nesse rio [...] tem muita história, os que morreram em naufrágios se tornaram encantados e tem demais pessoas encantadas".

*Ana, 66 anos
Passageira*

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DA PESQUISA: ITINERÁRIOS CONSTRUÍDOS

“O trabalho de campo é uma experiência educativa completa. O difícil é decidir o que foi aprendido”.

Clifford Geertz

Neste primeiro capítulo, faremos uma incursão pelos percursos e formações trilhadas. Procurou-se destacar a construção do objeto de pesquisa, advinda da experiência empírica e dialógica construída junto aos profissionais da navegação no rio Madeira. Em seguida há uma discussão sobre os mapas mentais, com ênfase à Metodologia Kozel (2007), e as pesquisas que fizeram desse aporte metodológico uma referência na Geografia e/ou áreas afins.

Há uma pausa para evidenciar a construção do encontro e dos diálogos mantidos com os sujeitos da pesquisa, destacando a região investigada, o papel do barco na articulação da vida amazônica, sendo apontados caminhos de reflexão, de busca e perspectivas do fazer geográfico voltado à realidade amazônica “ribeirinha”.

1.1 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A história deste trabalho nasceu marcada por uma trajetória de vivência, de intercâmbio, de desafios, da emoção e do compromisso de fazer ciência, de construir um percurso individual e acadêmico. Nesse ponto de partida, registro um pouco de uma trajetória de vida em Rondônia carregada de nomes, signos, encontros, resistências e ciência, sendo principalmente marcada pelo encontro com os habitantes de diversas partes da Amazônia, simbolizada na arte de conviver com a diversidade cultural.

É a concretização do compromisso de não desprezar a história pessoal de quem a escreve, permitiu-me rever parte de minha vida acadêmica e profissional dedicada a trabalhar com os ribeirinhos e barqueiros há 14 anos e a forma de estar e de pesquisar com esse grupo. Logo, não se trata de uma caminhada somente minha, mas tornou-se o entrecruzamento de muitas vozes sociais e históricas.

Trabalhar com questões amazônicas sob o olhar cultural e geográfico, significou lançar-me ao desafio e compromisso de perceber o outro, de considerar o mundo da intersubjetividade, o campo das emoções de quem se encontra. É um processo de vivência que consiste num aprendizado que pode ser doloroso ou prazeroso, tendo em vista que nessa prática dialógica as pessoas exprimem seus sentimentos, valores, ideias e isso poderá ou não ter um impacto imediato no pesquisador que ouve e participa da interação com o grupo.

É sempre útil lembrar que escrever significa registrar as percepções, os encantamentos e desencantamentos que ocorrem ao longo de uma investigação científica. Para Antunes¹ (2005, p. 11), “Significa uma atividade que exige um movimento para o outro, definindo este outro como seu interlocutor”. Nessa interlocução, chegou-se ao NEER², da linha de pesquisa Território, Cultura e Representação, onde se pode acessar os estudos voltados às transformações do espaço, às representações e diversidade das territorialidades.

O incentivo da professora Salete Kozel se deu de forma relevante e marcante no primeiro ano letivo do doutorado, sendo de suma importância para a permanência dessa pesquisadora na cidade de Curitiba, a fim de conclusão dos créditos, participação nos eventos científicos e realização de estágio no exterior.

O encontro com a metodologia selecionada se deu na disciplina do Prof. Dr. Nelson Rêgo³, quando nos foi solicitada uma apresentação em seminário sobre a Metodologia Kozel (2007). Na realização das disciplinas no Programa de Pós-graduação em Geografia, procurou-se conhecer a produção científica da orientadora, as dissertações e teses que utilizaram a metodologia dos mapas mentais, para fins de melhor aprofundamento da abordagem cultural.

O encontro com essa abordagem na Geografia nos motivou a analisar o estudo da poética dos barqueiros sobre o rio Madeira e as espacialidades em áreas ribeirinhas, trazendo à tona nesse espaço, o papel da linguagem, dos signos sociais e as espacialidades do viver na Amazônia.

Nesse percurso acadêmico, se teve a oportunidade de participar do Programa de Estágio de Doutorando no Exterior - PDSE, na condição de bolsista CAPES, na Universidade do Minho, no Departamento de Geografia, sob a co-orientação

¹ ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

² Núcleo de Estudos em Espaço e Representações.

³ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

estrangeira do Prof. Dr. João Carlos Vicente Sarmiento. O estágio foi realizado no período de janeiro a julho de 2011, sendo um total de seis meses, e dois deles foram realizados em Paris, com a interlocução do Prof. Paul Claval, da Université Sorbonne Paris IV.

Em ambas Instituições, nessa parceria entre grupos de pesquisa voltados à investigação na geografia cultural, desenvolveu-se um conjunto de atividades que contribuíram para a finalização da tese, principalmente o aprofundamento de novos referenciais teóricos e metodológicos voltados às abordagens culturais na geografia.

A experiência no exterior contribuiu para a formação dessa pesquisadora amazônica, que teve a oportunidade de buscar o aperfeiçoamento científico para melhor desvendar as questões culturais e sociais da Amazônia, primando pela formação qualificada para inserção no meio acadêmico e de pesquisa no Brasil, bem como o estabelecimento de novas redes de parcerias e fortalecimento dos grupos de pesquisa aos quais se encontra vinculada.

O início do diálogo com os sujeitos pesquisados nos permitiu explorar o espaço do Cai N'água, localizado à margem do rio Madeira, na cidade de Porto Velho e de onde saem as embarcações em direção às comunidades ribeirinhas e Manaus. O termo Cai N'água corresponde a uma definição criativa dos moradores, no sentido de evidenciar à possibilidade de "cair na água", tendo em vista a falta de estrutura adequada de acesso aos barcos. Essa terminologia é utilizada em Porto Velho, com aceitação do seu significado na sociedade e evidencia a problemática histórica da morosidade de políticas públicas dirigidas a esse espaço de grande movimentação de pessoas que viajam constantemente pelo rio Madeira.

O Cai N'água simboliza o espaço de comunicação, encontro de pessoas de diversas comunidades e cidades localizadas às margens do rio Madeira. É tido como entrada e saída, via fluvial, importante na cidade de Porto Velho. Há movimento intenso de pessoas desde as primeiras horas do dia. Quando o barco chega em torno das três ou quatro horas da manhã, os passageiros preferem continuar dormindo, por questões de segurança, pois correm riscos de assalto nesse local e saem do barco em torno das seis horas da manhã:



FIGURA 1 – TERMINAL DE PASSAGEIROS E CARGAS (CAI N'ÁGUA)
FONTE: A autora (2010)

O medo está presente na chegada à Porto Velho, principalmente se for muito tarde da noite ou na madrugada. Há pouco policiamento nessa área o que dá o tom do Cai N'água ser espaço propiciador do perigo e da violência. Quando o visitante chega ao local se depara com uma aglomeração de barcos recreios, barcos de pesca, voadeiras particulares, caminhões descarregando ou chegando para descarregar, vendedores ambulantes, despachantes e passageiros. Além disso, há pessoas consumidoras ou vendedoras atuando à luz do dia, servindo também como entrada para o tráfico de drogas, prostituição, tráfico internacional de mulheres, entre outros.

Nesse universo interdisciplinar do convívio humano, há vivências, dissabores, violências, aprendizados, problemas ambientais sérios (contaminação da água advinda dos resíduos sólidos e líquidos, da garimpagem de ouro, entre outros.) e tais aspectos são comunicados através dos barqueiros que atuam no Cai N'água. O entendimento das representações construídas no labor diário do trabalho evidencia um conjunto de conhecimento indispensável e que interessa à geografia de abordagem humanista cultural.

Os habitantes das margens do rio Madeira convivem com as problemáticas do local que vão desde a construção das usinas hidrelétricas, garimpagem de ouro

ao longo do rio, lançamento de resíduos sólidos e de esgotos e questão de segurança do transporte coletivo fluvial.

Muitos dos estudos voltados à Amazônia se preocuparam com outras dimensões do espaço, conforme ressaltado por Nogueira⁴ (1994, p. 44), “O problema é que os estudos sobre a Amazônia seguiram o rastro das estradas”. Até porque dar a impressão de que estamos numa Amazônia sem “rios” por conta da maneira que ainda o transporte de passageiros é, muitas vezes, desassistido pelos órgãos competentes. Não é exagero afirmar que falta fiscalização, muitas vezes, e melhor gerenciamento dos órgãos públicos em relação ao transporte de passageiros e de cargas.

Nogueira (1994) analisou a organização do transporte fluvial de cargas e passageiros, destacando a relação do Estado do Amazonas com o transporte enquanto empreendimento responsável pela mobilidade de mercadorias para a produção e consumo produtivo. Dentro dessa perspectiva, mostrou os diversos segmentos, destacando o transporte de baixa renda ou microrregional, fazendo alusão ao transporte que atende inúmeras localidades próximas à capital amazonense, dispendo de pequenos barcos e conhecidos regionalmente como “motores” ou “recreios”.

Nesse universo, mostrou as características básicas dos segmentos de transporte com os quais trabalhou, compreendendo o seu papel na sociedade capitalista, destacando os proprietários de barco, prestadores de assistência social aos passageiros ribeirinhos. Há uma leitura feita a partir dos olhares dos “armadores ou proprietários” de barcos que se diferencia dos demais trabalhadores embarcados. Há visivelmente a hierarquia a bordo desses barcos e precisa ser melhor analisada o seu funcionamento.

Em estudos anteriores, foram identificadas situações em que o poder público não dá conta de gerenciar com eficiência esse transporte coletivo de passageiros nos rios da Amazônia, em relação ao aspecto da segurança. Tal fato é citado por Nogueira (1994, p. 7), “[...] existe toda uma Amazônia que ainda segue o padrão RIO-VÁRZEA, onde o transporte pela via fluvial para a maior parte das localidades é

⁴ NOGUEIRA, R. J. B. **Amazonas: um estado ribeirinho**: estudo do transporte fluvial de passageiros e cargas. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, 1994.

a única alternativa para populações caboclas que tem no rio uma de suas fontes principais de vida”.

O espaço do rio Madeira, nos últimos anos, passou a ter mais atenção por parte do poder público e com ações assistencialistas que não dão conta de resolver os problemas detectados. O assistencialismo inviabiliza o exercício de uma cidadania plena, prevalecendo a ótica da manipulação realizada pelos políticos através dos seus “currais” eleitorais. Como diz Demo⁵ (2001, p. 99), “Os processos eleitorais dão espaço a manipulação e, certamente, mostram o quanto é fácil levar o povo na conversa [...]. e não é à toa que onde tais processos são mais manipulados se encontra também a maior pobreza política, mancomunada com a sócio-econômica”.

O quadro do assistencialismo no rio Madeira propicia de certa forma o silenciamento do cidadão. Nesse sentido, segundo Kaercher⁶ (2002, p. 225), “é preciso formar uma consciência espacial para a prática da cidadania”. Essa consciência perpassa pela forma de perceber a importância do espaço na organização social do grupo.

Outra situação corresponde à construção de usinas hidrelétricas de grande porte, denominadas de Santo Antonio e Jirau, ambas no município de Porto Velho, em Rondônia. Tais empreendimentos, conjuntamente com o projeto de implantação do Gasoduto Urucu (Amazonas) a Porto Velho-RO, ocasionam consequências em todos os níveis e promovem uma nova dinâmica de reorganização do espaço, do território e mudança da qualidade de vida da população local. Como afirma a passageira Ana, 66 anos, “A água do rio Madeira depois da construção das usinas ficou todo tempo suja. Tinha época que ficava bem limpinha e agora mais suja. As praias aumentaram e os candirus⁷ também, agora é que tem mesmo e atacam as crianças”.

Essas hidrelétricas começam atingir fortemente a população residente em seu raio de abrangência, com alagação das terras e desapropriação de famílias ribeirinhas e indígenas que habitavam há mais de cinquenta anos nessa região,

⁵ DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

⁶ KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia**. In: PONTUSCHKA, N. N. & OLIVERIA, A. U. (Orgs.). *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002.

⁷ É um peixe encontrado nos rios de águas barrentas como Madeira, Amazonas, Solimões. A espécie cresce mais ou menos 15 centímetros, costuma ser atraído pelo fluxo da urina, por sangramentos, penetrando no ânus, na vagina e uretra. Em algumas situações, a cirurgia é necessária para a sua retirada e no rio Madeira há muitos candirus.

possuem como únicos meios de subsistência a pesca, a construção de embarcações e a agricultura de subsistência.

Este cenário incita a pluralidade de reflexão também sobre as políticas públicas previstas e de que forma as populações tradicionais serão inseridas ou não nessas discussões. Esses grupos populacionais certamente passarão por processos de remanejamento, muitas vezes serão forçados a sair de suas terras, deixando para trás os significados culturais, sociais e individuais que evidenciam a construção de suas territorialidades, pois a história mostra o avanço dos grandes projetos de desenvolvimento, geralmente, marcados pelas desigualdades e exclusões sociais.

Nesse sentido, buscou-se analisar a construção da poética, abarcando o olhar humanista dos barqueiros sobre o rio Madeira e as espacialidades, trazendo à tona as experiências dos sujeitos, a afetividade em relação ao seu espaço vivido e representado. Como diz o barqueiro Solano, 62 anos, “Nas viagens que realizo pelo rio Madeira gosto de ver a paisagem que é bonita, a gente viajando tá no ar puro, não é como tá na cidade, tudo é poluído e viajando assim é muito bom, goza de uma saúde viajando”.

No entendimento desse olhar humanista, é preciso considerar os espaços dialógicos que se entrecruzam, se constroem e representam a existência humana na Amazônia. Tais aspectos nos leva a compreensão de que espaço vivido é a própria cultura do grupo, considerando os processos históricos, subjetivos e dialógicos de seus habitantes nesses espaços que se reordenam e se transformam ao longo do tempo. A geografia trabalha na perspectiva de desvendar os espaços construídos pelos homens, verificando as trajetórias que marcaram os lugares e as lutas diárias debruçando-se no olhar espacial.

O que se propõe é analisar como os barqueiros elaboram as explicações de seu mundo vivido, do seu espaço de sobrevivência e de representação, tido como construtor de signos, de sentidos, de recursos poéticos, quais são as significações marcantes nesse espaço e que resultam da interação entre os sujeitos mediante as relações afetivas, culturais e sociais.

A problemática apresentada é que o estudo da poética e de suas espacialidades, sob um viés humanista-cultural, é um caminho possível para o entendimento do mundo vivido dos barqueiros do rio Madeira, principalmente porque

se encontram vivendo e trabalhando num espaço que vivencia um conjunto de problemas ambientais (que vai desde a construção das usinas hidrelétricas até a garimpagem de ouro) que colocam em risco a manutenção da vida desses sujeitos.

Baseado nessa premissa, Claval (2009)⁸ destaca a singularidade no meio amazônico, estando a população ribeirinha distribuída ao longo dos rios e com a significativa circulação dos barcos nesse espaço. A dimensão cultural desse povo merece ser estudada pelos geógrafos, não apenas sob o viés ecológico, mas como unidade cultural, sendo que a coerência e a identidade dos ribeirinhos podem ser preservados. Esse é um dos desafios da geografia cultural para a Amazônia.

Nesse sentido, destacam-se as questões que nos guiaram ao longo da investigação:

Como a Geografia pode contribuir para o entendimento da poética presente no modo de vida amazônico?

Como os barqueiros constroem e recriam os seus espaços no entrecruzamento com as diversas espacialidades?

Como são elaborados os saberes dos barqueiros?

Que importância o saber desses profissionais têm para a manutenção do modo de vida das comunidades ribeirinhas?

As questões levantadas nos remeteram à construção da principal hipótese desta tese: os barqueiros produzem diferentes espacialidades, mediante a construção de uma poética que se dá a partir do rio Madeira, das vivências e do dialogismo que se refletem nas atitudes com o ambiente no qual vivem e trabalham. Este saber, produzido socialmente e transmitido através de processos interlocutivos, é tido como necessário para a sobrevivência e segurança do grupo.

Nesta perspectiva, levou-se em consideração as espacialidades, lembrando que os barqueiros encontram-se inseridos no bojo da problemática encontrada, com seus espaços vividos em constantes processos de alteração, convivendo com inúmeros impactos sócio-ambientais, tais como a mortandade de peixes, o remanejamento de famílias, a perda dos significados culturais estabelecidos com o rio, e que marcam suas territorialidades.

⁸ CLAVAL, P. **A cultura ribeirinha na Amazônia**: perspectivas geográficas sobre o papel de suas festas e festejos. In: KOZEL, S. *et al.* Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas. "A festa do boi bumbá": um ato de fé. Curitiba: SK Ed., 2009.

Esta tese de doutoramento propõe “dar voz” ao homem habitante da Amazônia, fazendo referência ao seu espaço poético, dialógico e polifônico. A sua construção tornou-se possível devido ao processo interlocutivo com os próprios barqueiros, ribeirinhos e pesquisadores da geografia cultural. E de maneira específica se buscou alcançar os seguintes objetivos:

a) Identificar a poética construída pelos barqueiros sobre o rio Madeira, considerando as espacialidades existentes;

b) Descrever as espacialidades contidas no espaço dos barqueiros em relação ao medo, ao mito, ao imaginário, às águas e matas, evidenciando o conjunto da poética dos barqueiros.

A importância dessa pesquisa se volta para o conhecimento da própria diversidade amazônica, dos saberes existentes no espaço de representação de seus habitantes. Tal realidade encontrada nos provoca o convite de sermos porta-vozes dos grupos excluídos dos modelos de desenvolvimento adotados, cabendo ao pesquisador não só produzir conhecimento científico a respeito da realidade enfocada, mas propor alternativas para os problemas da população e respaldar discussões de temas que possam apontar as contradições das políticas públicas dirigidas à sociedade local. Desta maneira, argumenta Castro⁹ (2007, p. 94):

Estudar as coisas do mundo humano é, na verdade, se debruçar sobre o pensamento do outro, sobre o texto do outro, sobre os valores do outro [...] tem necessariamente que desenvolver o contínuo exercício de captar das palavras do outro a sua essência epistemológica, seu ponto de observação valorativo do mundo, seu mirante. Essa deve ser a preocupação primeira do cientista social.

O nosso argumento principal é a favor da vida, da tessitura das relações teórico-práticas sobre a poética e o modo de vida amazônico procurando trazer a discussão para o âmbito da geografia cultural ao desvendar os espaços em transformação.

Como diz Ab'Saber¹⁰ (2007) é preciso que haja envolvimento político por parte dos geógrafos, no sentido de fazer pressão para um planejamento correto por parte dos governantes. E, dessa maneira, a geografia deve caminhar com esse

⁹ CASTRO, G. **Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática.** In: FARACO, C. A. *et al* (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba, Ed. da UFPR, 2007.

¹⁰ AB'SABER, A. N. **O que é ser geógrafo:** memórias profissionais de Aziz Ab'Saber/ em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007.

sentido ético e humanístico, com ênfase na arte de pensar o outro e o propósito da pesquisa na Amazônia permite isso.

1.2 A PESQUISA, SEU CONTEXTO E ENCONTRO COM OS SUJEITOS PESQUISADOS

A metodologia escolhida se ateve a uma análise qualitativa, dentro de uma abordagem humanista e cultural, privilegiando a interface da geografia com a linguística. O realce sobre a pesquisa qualitativa humanista sócio-cultural justificou-se por essa dimensão baseada na interdisciplinaridade, no encontro com os sujeitos sociais, o que levou ao conhecimento do mundo vivido dos habitantes da Amazônia.

Neste caminhar metodológico torna-se relevante expor as vantagens, as dificuldades e limitações da abordagem escolhida. De início, permite a aproximação com o mundo vivido dos sujeitos, no sentido de que se aprende com esse “outro”, considerando as suas vozes, experiências espaciais e culturais. A linguagem torna-se central na investigação, pois no trabalho de campo tornou-se valiosa a interação, o aproximar-se ao outro, compartilhar aprendizados e perceber o espaço da vivência humana.

Nessa abordagem, a pesquisa é vista como uma relação dialógica entre os sujeitos, isto é, o pesquisador integra a investigação e sua compreensão se constrói a partir das relações estabelecidas com os sujeitos e dentro de um contexto sócio-histórico.

Nessa perspectiva, é valorizado o trabalho de campo, dividindo-o em etapas, todas muito importantes na medida em que favoreceram a reflexão sobre o objeto de pesquisa.

Para nós, o sentido da palavra “campo” começa através das leituras que fazemos sobre o tema, da opção metodológica, das orientações recebidas, dos relatos de outros pesquisadores, dos dados obtidos em primeira mão e do contato com os entrevistados e dos lugares que se costuma visitar. E o campo se torna revelador na medida em que mergulhamos nele. A pesquisa se alicerçou mediante a construção das seguintes etapas:

1ª FASE: Fundamentação teórica: pesquisa em gabinete, revisão do projeto de tese e inclusão de novos aportes teórico-metodológicos.

2ª FASE: Definição da metodologia de investigação: pesquisa de campo nos Estados de Rondônia e Amazonas, apresentação do projeto aos sujeitos da pesquisa, coleta de dados com realização de entrevistas semi-estruturadas e livres seguidas de aplicação de mapas mentais.

3ª FASE: Metodologia de análise: organização do banco de dados e sistematização para a análise, metodologia de interpretação dos dados e trabalho de orientação.

4ª FASE: Etapa Final: realização de estágio no exterior e organização/redação final da tese.

A coleta do material de campo não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se constitui na prática da reflexividade, entendida por Sarmiento¹¹ (2004, p. 161), “[...] como uma instrospecção autocrítica e um escrutínio analítico autoconsciente do investigador com o indivíduo”.

Sob essa premissa, trabalhou-se com a observação em relação ao objeto de estudo, com utilização de câmera digital fotográfica e gravador de voz, os quais integraram o trabalho de campo, levantamento dos dados no espaço da pesquisa e entrevistas com aplicação dos mapas mentais. O trabalho de campo constituiu-se em momentos de captação de informações, de percepção das redes sociais estabelecidas, bem como da aceitabilidade do pesquisador no grupo, questão esta de extrema relevância para a condução da pesquisa, como reforça Silva¹² (2002, p. 67):

[...] a observação é um elemento imprescindível na coleta das informações, é através dela que se inicia o primeiro contato com o entrevistado. É uma habilidade de alto nível que requer boa dose de esforço por parte do entrevistador que também deve observar não só a comunicação verbal, mais ainda lembrar-se com exatidão o que foi observado e ouvido para um registro exato nas suas anotações de campo.

A observação consiste no aperfeiçoamento do olhar de perceber o outro, de ouvir e de estar com outro. Exige habilidade e atenção no que se ouve e registra. É preciso que o pesquisador tenha paciência para rever suas anotações e o texto que escreve quantas vezes for necessário. Fourez¹³ (1995) mostra a observação como

¹¹ SARMENTO, J. **Representação, imaginação e espaço virtual:** geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos açores, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

¹² SILVA, J. da C; NASCIMENTO SILVA, M. das G. **Os relatos orais e a pesquisa com populações ribeirinhas.** In: SILVA, J. da C. *et al.* (Orgs.). *Nos Banzeiros do rio: ação interdisciplinar em busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia.* Porto Velho: Ed. da EDUFRO, 2002.

¹³ FOUREZ, G. **A construção das ciências.** São Paulo: UNESP, 1995.

atividade do sujeito que agrega o valor da subjetividade, no sentido de que observar é organizar a nossa visão, segundo as regras sociais e ligadas à historicidades de uma cultura.

Com base no olhar mais aguçado, o pesquisador tem a oportunidade de conduzir a sua investigação de maneira mais atenta. Além disso, a própria população local reserva um tempo para perceber a presença do pesquisador no seu espaço, as suas atitudes, valores, a linguagem e a sua disponibilidade de tempo para permanecer no ambiente da pesquisa.

Ações de observar, ouvir, perguntar, fazem parte da atuação do geógrafo e funcionam como uma das ferramentas indispensáveis no trabalho de campo. Há um olhar cultural que se constrói a partir do desvencilhamento de conceitos próprios e favorece a recriação de novas formas de olhar o outro e a cultura alheia.

Para Cardoso¹⁴ (1997), o observar é descrever e situar os fatos do cotidiano, construindo cadeias de significação, sendo necessário um investimento do pesquisador na análise do seu próprio modo de olhar, sem perder de vista as condições sociais da produção dos discursos que se entrecruzam entre o entrevistado e entrevistador.

A pesquisa de campo ocorreu no período de novembro de 2009 a agosto de 2011. Foram realizadas 5 viagens no rio Madeira, sendo gravadas 10 entrevistas, aplicados 15 mapas mentais (escolhidos para a análise 12) e idas ao espaço do Cai N'água para observação, interação com as pessoas para fins de acompanhamento da dinâmica de movimentação de pessoas e barcos nesse local, além da gravação de entrevistas.

As ocasiões das entrevistas tornaram-se momentos privilegiados para as trocas de informações e de experiências entre as pessoas que dela participaram. Supôs este diálogo, uma conversação continuada entre o entrevistado e o pesquisador no qual conduz a entrevista utilizando de preferência um roteiro. Mas, é preciso ter habilidade em orientar o entrevistado para discorrer sobre o tema proposto. Estabelecer uma relação de confiança favorável à realização da entrevista exige um conhecimento mínimo de certas etiquetas e códigos do grupo, entender as expressões utilizadas no universo da pesquisa, o sentido das linguagens não-verbais encontradas.

¹⁴ CARDOSO, R. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método.** In: CARDOSO, R. (Org.). *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa.* São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Manteve-se, por questões de sigilo, ética e segurança, nomes fictícios dos entrevistados e de algumas embarcações, sendo informado previamente aos entrevistados sobre esse procedimento. Foi o início da caminhada para a realização das entrevistas com os barqueiros e alguns passageiros.

De acordo com Queiroz¹⁵ (1991, p. 6), “a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador”. Na entrevista, tendo a vantagem de não haver inibição do entrevistado, busca-se a experiência dele na explicação de seu mundo vivido.

Trabalhou-se com duas formas de realização das entrevistas: a primeira com *roteiro*, na qual o pesquisador efetua uma intervenção para trazer o entrevistado aos assuntos que pretende investigar, lembrando que quem orienta a conversa é o pesquisador de modo a deixar o entrevistado com maior liberdade para dialogar.

E a outra, *entrevista livre*, em que o pesquisador, depois de uma breve apresentação do projeto de investigação, deixa o entrevistado falar a vontade de seu trabalho e das vivências. Nesse tipo de entrevista, a coleta de narrativas é longa, com encadeamento de ações, de vivências, referindo-se a tempo e espaço determinados. É uma forma de conhecer o modo de pensar e de agir do entrevistado com suas vivências espaciais.

Entendeu-se que a técnica adequada seria a utilização do gravador, pois permitiu a ampliação do poder de registro do pesquisador. Com o uso do gravador, buscou-se o registro, durante o qual a fala do informante é captada com grande fidelidade.

De acordo com Silva (2002), no momento da entrevista é preciso haver um respeito muito grande pelo entrevistado, principalmente pela sua cultura e seus valores, procurando desenvolver a capacidade de ouvir, de perceber, garantindo um clima de confiança para que o sujeito da pesquisa se sinta a vontade para expressar-se livremente.

Depois de transcritas, as entrevistas se transformaram em textos que foram anexados e analisados de acordo com o recorte e a finalidade da investigação. Teve-se o cuidado de manter nas transcrições a linguagem dos entrevistados, as expressões regionais, próprias da diversidade linguística encontrada na Amazônia.

¹⁵ QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. 1991.

A título de exemplificação, trouxemos a entrevista na íntegra do barqueiro Solano¹⁶, 62 anos, para retratar a sua organização final e serviu de base para as demais entrevistas. Nesta entrevista, o barqueiro vivenciou situações desafiadoras inclusive com ameaças de morte a bordo do barco:

Sou nascido no estado do Amazonas, no município Eirunepé e me criei em Porto Velho, em Rondônia. Hoje eu tenho um casal de filhos. Minha família mora toda em Porto Velho. Meus pais são falecidos. Mas tenho irmão, irmã que moram em Porto Velho. Minha mulher está em Porto Velho, meus filhos em Porto Velho. Eu tenho uma irmã em Manaus e outra em Manicoré. Eu já tenho muitos anos de serviço no rio Madeira. Eu tenho 38 anos de serviço fluvial no rio Madeira. Eu tirei a minha carteira de habilitação na MARINHA de Porto Velho tá com 30 anos. Antes da carteira eu já trabalhava nos barcos. Aí depois eu fui a Marinha fiz o curso de marinheiro fluvial de convés, depois com quatro anos passei a contramestre fluvial. Hoje eu sou contramestre. Nesse período de 38 anos, já trabalhei na maioria dos barcos do rio Madeira, já trabalhei muito, em muito barco e muita balsa. Lembro que a minha primeira viagem de barco nesse rio Madeira foi em 1971. Foi no dia 6 de junho de 1971 minha primeira viagem nesse rio Madeira aí de lá pra cá continuei viajando, viajando. Hoje sou profissional do rio, conheço tudo, desde Manaus a Porto Velho eu conheço tudo. Eu trabalho dia e noite, qualquer hora do dia e da noite, conheço onde a gente vai passando, onde as passagens ruins, eu conheço tudo. Os trechos mais difíceis para navegar no Madeira é no verão devido às praias porque pedral não atrapalha. Porque todo pedral tem o canal, o difícil é praia, é imenda de praia de ponta de praia pra outra né, isso aí que é difícil, é baixo. Você viu hoje como foi a situação encalhamos. Ali é uma passagem muito difícil no verão (3 Casas), inclusive não é só aquela não, mas aquela é uma das passagens piores. Encalhamos em 3 Casas, havia uma balsa do outro lado, estava até atravessada no meio do rio e nós passamos pela quase a popa do empurrador. Não existe um bom dono de barco não existe, todos eles puxam apenas pra si. Não tem um bom!! E difícil o dono de barco que bate o salário completo ao funcionário. Ao longo de todo esse meu serviço nunca trabalhei com carteira assinada, apenas com a carteira MARINHA. Com carteira de trabalho nenhuma assinada. Ainda dei a minha carteira numa firma que trabalhei, inclusive no A.Z. Trabalhei dois anos e três meses lá. Quando entrei lá eles pediram a minha carteira e dei. Quando eu saí eles me entregaram sem assinar. Eu pensava que tava assinada e eles me devolveram a carteira sem assinar. Aí fui ao Sindicato dos Marítimos reclamar... Apesar de não ter carteira assinada considero o meu trabalho importante porque foi um curso que fiz, me preparei pra isso, sou preparado para trabalhar no rio. Sou procurado por muitas embarcações porque eu sou preparado pra isso, me preparei na MARINHA pra isso. E por isso que trabalho. Eu não tenho outro serviço por que hoje eu não arranjo mais um emprego, repartição pública, não, eu tenho que trabalhar assim mesmo... porque a gente trabalha porque precisa e a gente se assujeita a uma coisa e as outras não, salário pela metade, muita dificuldade, então a gente tem que se sujeitar. O trabalho no governo hoje no governo ou em qualquer repartição de carteira assinada hoje é difícil pela minha idade. Eu tenho 62 anos e hoje é difícil. Uma pessoa de 20, 30 anos é difícil quanto mais eu que já tenho 62 anos. Nas viagens que realizo pelo rio Madeira gosto de ver a paisagem que é bonita, a gente viajando tá no ar puro, não é como tá na

¹⁶ Solano é nome fictício. Trabalho de campo (Viagem à Manaus). Registro gravado e concedido a Lucileyde Feitosa Sousa a bordo do B/M M.A.; rio Madeira, terceiro dia de viagem, em 18 de agosto de 2011, duração: 45 minutos.

cidade, tudo poluído e viajando assim é muito bom, goza de uma saúde viajando. Não existe poluição, o ar é puro. Temos a garimpagem de ouro, mas aí é uma coisa que não mexe com ninguém esse pessoal. Não, eles não mexem com ninguém, eles estão no serviço deles pra lá, eles não mexem com a gente e nem a gente mexe com eles. O garimpo prejudica a navegação em alguns cantos né, devido a areia que a draga deles puxa. A areia onde despeja ela acumula, em alguns cantos, mas não é todo canto que prejudica não. Eles não mexem com ninguém não. Todo mundo estão dando o jeito de viver porque é onde a pessoa ganha alguma coisa pra tá sobrevivendo. Se um pessoal desse todinho que tão nesse rio, garimpando atrás da sobrevivência, se for tudo pra cidade atrás de emprego, eles não emprega nem a terça parte, nada. Então eles tem que dar um jeito de procurar a sobrevivência. Eu não sou contra. Se eu tivesse uma balsa eu tava lá dentro também garimpando [...]. risos. Eu não sou contra ninguém que procura a sua sobrevivência né. Cada um faz por si e Deus fará por todos. Eu não sou contra ninguém que trabalhe. Eu sou contra o cara que você trabalha e vai lhe roubar e rouba até mata, mas o cara que tá trabalhando pra sobreviver eu não sou contra não, sou a favor dele. Sou muito perseguido pela própria tripulação do barco em que trabalho. Eu sou o comandante, sou muito perseguido deles. Ninguém gosta de mim porque o comandante tem que ter autoridade e eles não querem obedecer a autoridade do comandante. Eles não querem obedecer, eles querem que seja como eles. Então muitas coisas aqui no barco eu não me meto pra ajudar, combater, dar uma força porque ninguém me obedece como comandante. Ninguém me obedece como comandante. Se eu disser alguma coisa eles não vão fazer de jeito nenhum não. É por isso que não me meto em nada. Você viu a comida hoje saiu hoje uma hora da tarde porque eu sou comandante eu não vou lá dizer nada. Eu não posso dizer nada mesmo. E o dono não diz nada. Ele não diz coisa nenhuma. É por isso que não me meto em nada. Estou até querendo sair daqui. Em outro canto, como comandante, todo mundo me ouvia, mas aqui não. Aqui tem muito bagunceiro, fumador de maconha, bebedor de cachaça tem tudo aqui. Eu digo logo que é pra gravar, para sair isso aí, risos. É complicado, se o próprio comandante não tem autoridade, se a tripulação não respeita o que vai ser dentro do barco. Um fuzuê!!! Aqui, olhe eu ía até na MARINHA denunciar. Na última viagem, proibi rede dentro do comando porque a rede dentro do comando é um problema [...] porque o cara fica o dia todinho deitado dentro de uma rede dentro do comando, você não pode nem entrar no comando. Então eu fui e proibi a rede lá dentro. O cara tirou, mas me esculhambou muito e me prometeu até me matar, disse que ía me dar até um tiro na cara e ele tá aqui dentro o cara. Que violência!! Ele tirou a rede, mas disse que ía dar um tiro na minha cara. Eu ía lá na MARINHA fazer essa denúncia e o despachante não deixou, e me disse que se o senhor for a lancha vai ficar presa. Se o senhor chegar na Marinha e disser isso a lancha vai ficar presa. Ela não vai sair. Eu ía lá na MARINHA, mas não fui. Eu acabo, muitas vezes, trabalhando insatisfeito. Eu quero ver como tá na cabine (Comando), para ver tudo, mas eu nem vou no comando porque tenho dois inimigos lá dentro, meteram rede lá porque a rede é proibida dentro do comando, até o som é proibido no comando. Agora eles meteram a rede lá, tá lá dentro. Mas mesmo assim eu sou a maior autoridade do barco. Então é por isso que não me meto em outras coisas. Não dou palpite nada, uma limpeza, o negócio porque ninguém obedece e ninguém faz, ninguém faz. Aqui os nossos salários são diferenciados por conta da categoria, quem é formado na MARINHA tem um preço, quem é linha de fora tem outro. Os linhas de fora são aqueles que não tem carteira e estão a bordo trabalhando por um pequeno salário e chama-se linha de fora. Continua tendo muitos linhas de fora, eles viajam para tá na bagunça, é bebendo, fumando droga, só querem para isso. Quando eles chegam no porto da cidade eles pulam tudo em terra e vamos beber. É só pra isso que eles viajam. Viajam pra ganhar essa mixaria só pra isso. E um problema viu!

Na embarcação sou comandante prático, conheço todo o rio, o prático do rio Madeira é para conhecer o rio, levar o barco, só trabalha no comando do barco o prático que tem que conhecer o rio. Se ele não conhecer o rio ele não pega na direção, é assim o prático é assim. Então de Porto Velho Manaus, de Manaus a Porto Velho, passagem por passagem, eu conheço tudo. Tô muito tempo nessa vida, eu tenho muito tempo nessa vida, eu conheço tudo. Há muitos problemas que enfrentamos no rio Madeira, mas só endireita se tiver fiscalização, se não tiver não endireita. Estamos olhando essas cargas no convés, não é correta porque podem virar e estão soltas [...]. Essa carga não é para vir aqui. Essa carga é para ir lá embaixo no porão. Mas botaram aí, amanhã já vai chegar ao destino final. Mas assim mesmo não era pra tá aí. Isso aqui é só pra passageiro. Isso aí é um risco. É um erro... A carga pode se deslocar, não tá amarrada. Isso aí é um erro. Essa carga está indo para Nova Olinda, amanhã. Eu conheço bem Manicoré, Novo Aripuanã [...]. Eu trabalhei um bocado de tempo em Manicoré como vendedor. Tenho muitas amizades, é uma boa cidade. E as outras cidade eu conheço de vista, de passagem. Borba, Nova Olinda eu conheço... Manicoré eu conheço pessoalmente lá dentro, eu passei uns dez anos como vendedor lá dentro. Nesse período que navego vi que o rio Madeira mudou muito, mudou muito o leito do rio porque aterrou muito. Primeiro quando comecei a viajar tinha canal, não era assim, a gente viajava de inverno a verão. Era bom de viajar tinha canal. Existia algumas passagens ruins de pedra, corredeira e tudo, mas não era baixo. Nessa época não tinha garimpagem de ouro, essa garimpagem de ouro, por exemplo, nasceu de 1982 pra cá nesse rio Madeira. Começou de Teotônio pra cima, Jirau por acolá onde hoje estão construindo a hidrelétrica né, depois passou pra cá. (Baixo Madeira). Com a construção das usinas acho que hoje tá do mesmo jeito. Dizem o pessoal que o nível da água vai ser maior. Todo tempo inverno e verão. Eu não sei, só vou dizer depois tiver tudo pronto. Antes a água ficava clarinha, agora não tá ficando mais porque começou o serviço na hidrelétrica e desce muita lama. A água desce muito barreta. Até agora ela não limpou, já era tempo pra ela tá limpa, mas devido a construção das hidrelétricas ela não limpou, ela tá barrenta todo tempo, inclusive mais próximo de Porto Velho mais ela tá barrenta. Eu só vou dizer alguma coisa do canal do rio, o nível da água, depois da hidrelétrica quando terminar de funcionar. Outras coisas não tenho visto nas viagens no rio Madeira como coisas estranhas. Nada, nem assaltante, nem nada, Graças a Deus até hoje nunca aconteceu comigo. Tem visto pela beira do rio jacaré, tem bastante, isso aí tem muito, mas outras coisas não vi nada. Tem uma história que chamo de trancoso [...] quando comecei a viajar no Madeira já tinha essa história. É que tinha uma comunidade acolá embaixo que na Semana Santa, Sexta Feira da Paixão, o pessoal tava numa festa, dançando e bebendo tudo né, e passou uma senhora velhinha com a garotinha dela, pareceu que era a neta dela e parou assim. Ei gente faz mal festa hoje, Sexta Feira da Paixão, o dia que Jesus Cristo sofreu por nós. Isso aí festa, dançando e bebendo faz muito mal e aí o pessoal dizia não, Sexta Feira da Paixão também a gente come e ela disse: é tudo bem e saiu, foi embora [...]. Quando ela chegou assim na frente viu a terra quebrando, sumindo aquela terra e ela correu, pegou a neta dela e salvou ela e a neta e o resto sumiu. Tem o buraco lá na terra grande assim onde diz que sumiu, agora eu não vi não. Foi quando eu comecei a navegar e ouvir falar... Ainda não passamos em frente do Canta Galo. Vamos passar em frente só amanhã de dia. Essa história eu soube depois que comecei a andar nesse rio Madeira. Eu nunca vi, dizem que lá tem muito assombro, gente canta, gente toca violão, puxa sanfona, canta galo, late cachorro, diz que é lá assim, mas dizem que não tem nada lá, só tem o buracão, mas eu nunca vi, eu vejo lá onde é, não assistir, foi o que me contaram. Não posso nem afirmar alguma coisa, eu também nunca vi assombramento lá de nada, mas também nunca parei lá, a gente passa pra lá e pra cá [...]. Nem em outra parte do rio Madeira nunca vi nada, nada, nada, nem alma que não tenho

medo de alma. Nesse rio Madeira a gente tem medo [...] se Deus defenda aconteça algum acidente e que a embarcação afunde porque tem muito jacaré, cobra e mesmo de noite, a pessoa pode se atralhar e não poder sair, morrer afogado, isso aí pode acontecer. Mas porque eu sei nada, mas muitas coisas de assombrações nunca vi, nunca vi uma cobra grande... jacaré eu já vi muito, muito. Aqui a gente tinha uma jibóia, tinha uma função dentro do porão, mas o IBAMA soube e veio buscar com a polícia. A jibóia é para ela pegar rato, onde tem jibóia não se cria rato porque o rato mexe muito com a mercadoria, ele corta saco de feijão, de arroz, fura caixa de ovos, faz tudo o rato. O IBAMA pegou a jibóia, mas ela não era maltratada porque aí dentro ninguém maltrata ela, ela entrou aí fininha e já tava grossona. Mas aí levaram ela. A jibóia tem um mês que solta veneno, é no mês de agosto ela tá com veneno, é esse mês agora (agosto), ela tá com veneno. Eu não quero brincadeira com ela é mês nenhum (risos). Outro animal que não tenho medo é o boto, ele não mexe com ninguém. Eu tomo banho onde tiver boto, onde tiver boto caio na água. Não tenho medo não, Nunca vi um boto comer ninguém, risos. Dizem que o olho do boto serve pra muita coisa. Nunca tive experiência com naufrágio no rio Madeira. Comigo nunca aconteceu, Graças a Deus. Tenho viajado muito, mas nunca teve acidente nenhum. A única coisa que aconteceu foi isso o barco furou numa pedra no Amazonas no lugar chamado Tabocão e foi jogando ele assim, era no inverno, caiu em cima de um baixo, ele trepou, trincou, só que ele encheu d'água, perdeu muita mercadoria, o buraco foi grande, mas a gente conseguiu tapar e aí fomos pra Manaus. Chegando em Manaus subiu na Carreira (lugar em que repara as embarcações) e a Marinha veio aí, fez vistoria de tudo. Fez a perícia. Foi pra carreira, tapou o buraco e continuou a viagem de novo. A gente costuma levar o barco na Carreira lá do São Raimundo, em Manaus. Há muitos barcos que vão pra lá. Lá no Educando tem também Carreira. Esse barco já era pra ter saído pra fazer a manutenção. Ele vai fazer a parada e já tem madeira, tem tudo aí, já tem os mestres pra fazer o serviço, pra fazer a calafetagem, lá em Manaus. Lá nas carreiras mesmo em Manaus. Aqui pra cá, pro Madeira não tem carreira que puxe ele, só puxa em Manaus por causa do tamanho dele, ele é muito grande mesmo. Esse barco tem 37.5 de comprimento e tem parece que é 11 de largura. Ele vai fazer a reforma em Manaus, que ele já não foi puxado porque as carreiras estavam coberta por água porque o rio Amazonas tá muito cheio. O serviço vai parar, acho que por dois, três meses no máximo, é porque o casco dele tá bom, é só a reforma em si na zona morta: mudar tábuas, calafetar, pintar... só isso aí. Já tem até o material tudinho e tá tudo pronto. Vai dar uma parada agora em fim de agosto. Ele vai passar setembro, outubro parado e nós vamos começar a viajar nele só em novembro. Vou querer gravar um problema que aconteceu comigo. Na viagem passada houve um problema de droga aqui no barco. Ouve uma denúncia, a polícia veio encontrar o barco aqui na Terra Nova, no Amazonas. Duas meninas iam fugindo com droga e a polícia veio atrás delas. Pelo acontecido das meninas eles pegaram dois rapazes que iam no camarote também com droga, tudo era maconha. Ia uma mala embaixo da rede do tripulante, aí a polícia fez batida, vistoriando tudo. Uma menina que embarcou em Humaitá disse a polícia que a rede em cima da mala era do Chico, do prático do barco. Aí ele me disse então me mostre esse Chico. A rede é dele, a mala deve ser dele. Aí ela disse assim, bem quem sabe onde eles estão bem é o comandante seu *Solano* e dois rapaz só observando tudo que eles estavam fazendo. Aí o seu *Solano* conhece bem que é ele, ele é o comandante. Ele disse assim, Comandante venha cá, cadê Chico? Eu disse ele tá trabalhando, tá dirigindo o barco ali no comando. Me mostre quem é ele, quero saber quem é ele porque a rede é dele e a mala deve ser dele, pra gente abrir a mala dele. Foi a única coisa que fiz aqui dentro foi isso. Cheguei lá e disse o rapaz é esse aí trabalhando. Ei venha cá, de quem é essa mala? Disse que não é minha. E a rede? Mas a mala não é minha, quem é o dono da mala? Tava

embaixo de sua rede e ai algemou ele pra levar e levou. Levou ele e abriu a maleta. A maleta estava cheia de barra de maconha. Ele disse que a maleta não era dele. Levaram ele porque não apareceu o dono e aí o delegado levou ele. Lá na delegacia apareceu o dono. O dono era o mesmo do camarote, aí soltaram ele. Ele ficou com a queixa de mim e me esculhambava demais, disse que ía estourar minha cabeça com uma bala. Eu não entreguei nada, eu só fiz mostrar quem era o Chico que o delegado pediu. Se eu dissesse que não ía mostrar estava encobrindo. Então eu como comandante, eu conheço toda a tripulação eu disse rapaz é esse aí que tá trabalhando. Ele ficou com uma queixa de mim porque disse que entreguei ele. Ele já me chamou tanto de filho de uma égua e filha da puta. Só que ele não diz pra mim, quando ele passa por mim ele diz e eu escuto. Eu tava aí no comando ai outro menino que trabalha chegou e disse: Seu *Solano* é bom o senhor se retirar daqui, procurar tá lá pra traz, pra sua rede, longe do comando porque ele prometeu de lhe arrancar a cabeça fora, que você entregou o cara. E eu não entreguei ninguém. Só que eu vou me retirar, mas não tenho medo. Apenas amostréi porque delegado queria saber quem era. E eu como comandante a menina apontou eu e peguei e amostréi o Chico pro delegado. Eu tenho que ir na polícia fazer uma ocorrência, vai ter que assinar uma responsabilidade como segurança da minha vida. Vou à polícia. Era para ter ido agora em Porto Velho. Ainda não comuniquei esse fato ao dono do barco. Vou comunicar a polícia em Porto Velho, vou contar tudinho e vou pedir para vir buscar ele e assinar uma responsabilidade como garantia de minha vida porque ele me prometeu. Eu vivo aqui não é passeando no rio. Eu vivo trabalhando. Eu preciso trabalhar. Se eu parar de trabalhar eles não vão me sustentar em casa com a minha família. Eu vivo aqui trabalhando para ganhar o meu dinheiro e sustentar minha família. Se o dono do barco soubesse disso ele não ía dar nem importância a essas coisas. Eu vou primeiro conversar com ele. Eu vou dizer, vou fazer isso, aquilo. Eu tenho os meus filhos para sustentar. Mas o delegado agiu porque não apareceu o dono e a maleta estava debaixo da rede do Chico. Foi só isso, então não apareceu o dono, tá debaixo de sua rede e aí levou ele. Mas lá os dois rapazes se responsabilizaram que íam no camarote, eu não tenho nem contato com eles, nem com as meninas não tinham, e eu apenas assumo o meu trabalho. Outra coisa, eu não tenho autorização nenhuma de abrir mala de passageiro porque se eu for abrir mala de passageiros sem autorização da MARINHA ou da polícia eles podem até me processar por violação dos direitos deles. Eu não posso fazer isso de jeito nenhum. Vou sim comunicar o fato ao dono do barco e vou dizer que não entreguei ninguém.

A entrevista do barqueiro revela problemáticas existentes a bordo das embarcações no Madeira, que vão desde violências, conflitos internos e ameaças de morte. Os tripulantes envolvidos nessas situações nem sabem, às vezes, a quem recorrer rapidamente. Durante a gravação do relato, o barqueiro temia uma ação violenta de outro tripulante, o medo era visível. Os conflitos existem, os relacionamentos, muitas vezes, são impregnados de ameaças, de falta de compromisso no trabalho, e o poder público não colabora com a minimização dessas situações, logo, cada um faz o que pode, na tentativa de evitar ações de extrema violência.

Aplicação dos mapas mentais: na aplicação dos mapas mentais o procedimento inicial se deu com a entrega de uma folha em branco, acompanhada de

lápiz, caneta ou lápis de cor para que o entrevistado confeccionasse o seu mapa mental (desenho livre). Teve uma questão-geradora que motivou o entrevistado na confecção do mapa mental e durante o processo da construção não se estabeleceu tempo de finalização, deixando o entrevistado à vontade. Os mapas foram construídos durante as viagens e nos diferentes espaços da embarcação, tanto a mesa quanto as redes foram os lugares preferidos para a elaboração dos mapas. Tentou-se viabilizar a aplicação dos mapas mentais após as entrevistas semi-estruturadas e/ou livres, mas as condições logísticas não foram favoráveis porque o barco estava em constante movimento e muitas das entrevistas foram gravadas na circunstância do pesquisador e entrevistado permanecerem em pé. Nos capítulos seguintes, dar-se-á mais ênfase à metodologia escolhida.

Caderno ou diário de campo: constou no caderno anotações da pesquisadora, a começar pelo nome dos seus entrevistados, contendo observações e reflexões ocorridas durante as viagens no rio Madeira. Registrou-se a percepção da pesquisadora em relação a seus entrevistados, as impressões, as dificuldades, as estratégias de aproximação do grupo, detalhes relevantes que favoreceram, posteriormente, melhor reflexão do que ocorreu durante a interação com os entrevistados.

Como diz Silva *et al.*¹⁷ (2009, p. 59), “Muitas vezes, as anotações mais simples, relacionadas com outras, revelam aspectos inusitados e promovem as conclusões mais interessantes”. O diário propiciou pensar criticamente o campo, como o vivido pela pesquisadora.

Material fotográfico: a inserção das imagens fotográficas na tese se deu de maneira proposital e pensada, não apenas como ilustrações, mas evidenciam o contexto geográfico e espacial. As imagens propiciam o reencontro com o homem amazônico, por isso se teve o cuidado de mostrar as fotografias aos entrevistados, isso fez parte da ética e da relação estabelecida com os sujeitos da pesquisa. Apesar do barco apresentar característica de um espaço público coletivo, compartilhou-se com os indivíduos as suas imagens e discutimos conjuntamente a importância delas na pesquisa de campo.

A força da imagem complementou a análise desenvolvida e trouxe o indivíduo no seu espaço vivido, muitas vezes, a própria imagem falou de si mesmo, motivando a

¹⁷ SILVA, M. *et al.* **Construindo a ciência:** elaboração crítica de projetos de pesquisa, Curitiba: Pós-escrito, 2009.

abertura para a continuação do diálogo. As imagens fotográficas levaram os sujeitos a perceberem as representações sobre si mesmos e de como se encontravam inseridos no espaço amazônico.

1.3 ESPAÇO DAS VIAGENS DE CAMPO NO RIO MADEIRA (RONDÔNIA E AMAZONAS)

A primeira viagem de campo para a realização da pesquisa no rio Madeira aconteceu no dia 6 de novembro de 2009, por ocasião do trabalho de campo que constava na programação do III Colóquio Nacional do NEER, em Porto Velho. Naquela ocasião, apresentou-se comunicação sobre o tema da tese e participou dessa expedição em conjunto com pesquisadores e estudantes.

No deslocamento ao campo, trabalhou-se exclusivamente com a observação do espaço e registro fotográfico. Nessa observação, houve a oportunidade de dialogar com pesquisadores da geografia cultural sobre o trabalho e observar as mudanças delineadas na paisagem do rio Madeira.



FIGURA 2 – TRABALHO DE CAMPO (COLÓQUIO DO NEER) EM PORTO VELHO
FONTE: A autora (2009)

A **segunda viagem** aconteceu no dia 31 de outubro de 2010 e a viagem se deu até o Distrito de Calama, no estado de Rondônia. No percurso, foi possível interagir com passageiros e tripulação, de modo especial, o dono do barco falou do seu trabalho, das dificuldades encontradas, da legislação trabalhista inadequada a realidade dos trabalhadores fluviais. A viagem transcorreu de forma tranquila, foram feitas entrevistas e visitas às famílias ribeirinhas para identificação das percepções sobre o rio Madeira e a construção das usinas hidrelétricas.

Registra-se que as ações de compensação ambiental destinadas a essa população se deu em parte com o recebimento de mosquiteiros para fins de prevenção da malária no espaço ribeirinho, reuniões apressadas dos responsáveis das empresas contratadas com os moradores. Ou seja, a linguagem proferida no momento das reuniões era muito técnica e incompreensível para a população local. No tocante à compensação ambiental diretamente, o destaque se deu com o mosquiteiro doado pelo consórcio construtor das usinas hidrelétricas na cidade de Porto Velho. A figura 3, mostra a chegada da “compensação ambiental” a essas famílias:



FIGURA 3 – MOSQUITEIRO/CORTINADO DOADO ÀS FAMÍLIAS RIBEIRINHAS
 FONTE: A autora (2010)

O mosquiteiro é utilizado na prevenção do combate ao mosquito da malária e chegou às famílias ribeirinhas junto com cartaz de como utilizá-lo. As fotografias evidenciam os “benefícios” das populações locais diante dos grandes empreendimentos na região amazônica. Uma das formas de chegada dessa

compensação ambiental se deu através do elemento material do mosquiteiro. Diante dessa cena, não há razões de deixar de registrar as ditas compensações oferecidas e com apoio do poder público.

Nas entrevistas e nas observações realizadas, constatou-se que os mosquiteiros doados estavam mais guardados do que utilizados. O motivo da não utilização desse material estaria relacionado ao veneno existente na tela do mosquiteiro no qual causava, no atrito com a pele, irritação seguida de leve queimadura, sendo deixado de lado no uso doméstico. Nessa viagem de 28 horas, aproveitou-se para realizar observações, coleta de imagens fotográficas, visitas às residências e conversas com quatro famílias, sendo registradas no diário de campo.

A terceira viagem prevista no período de 10 a 14 de dezembro de 2010, no trecho Manaus-Porto Velho, tornou-se adversa por problemas mecânicos e conjunturais. O barco apresentou problemas e teve a “quebra de uma peça ligada ao motor da embarcação”. O conserto demorou mais de 12 horas, ficando os passageiros confinados no barco e passando por diversos transtornos. Depois disso, foi solicitado ao proprietário da embarcação e a tripulação que acionassem qualquer embarcação com destino à Manaus através de rádio, mas não estava funcionando, sendo utilizados gestos visuais para chamar atenção de outra embarcação. Essa viagem foi marcada pelo sentimento de frustração, insegurança, medo e incerteza quanto à finalização da viagem no rio Madeira, além do prejuízo financeiro. A foto abaixo evidencia o interior da embarcação:



FIGURA 4 – INTERIOR DA EMBARCAÇÃO CONSTRUÍDA DE FERRO
FONTE: A autora (2010)

O fato vivenciado mostra que a embarcação não estava em condições operacionais adequadas, nem de conforto e de habitabilidade, além da não garantia de oferecimento de segurança aos passageiros. Estas reflexões enfatizam as relações vividas no campo, o pesquisador não pode atuar como observador imparcial e situado fora do espaço analisado. Como diz Oliveira *et al.*¹⁸ (1999, p. 24):

O pesquisador é um homem ou mulher com uma inserção social determinada e com uma experiência de vida e de trabalho que condicionam sua visão do mundo, modelam o ponto de vista a partir do qual ele ou ela interagem com a realidade. E é essa visão do mundo, este ponto de vista que vai determinar a intencionalidade de seus atos, a natureza e a finalidade de sua pesquisa, a escolha dos instrumentos metodológicos a serem utilizados.

A quarta viagem: realizada no período de 8 a 10 de agosto de 2010 e se deu no trecho Porto Velho ao Distrito de Calama, no estado de Rondônia. O barco era bastante confortável, espaçoso e havia sido fretado pelo Governo do Estado com a finalidade de levar passageiros ao rio Preto, afluente do rio Madeira. Nesta viagem, foram realizadas entrevistas gravadas seguidas de aplicação dos mapas mentais, o que propiciou a coleta de material valioso de informações. A figura abaixo evidencia um dos momentos de aplicação do mapa mental:



FIGURA 5 – PASSAGEIRO NA CONFECÇÃO DO MAPA MENTAL
FONTE: A autora (2011)

¹⁸ OLIVEIRA, R. D. *et al.* **Pesquisa social e ação educativa:** conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDAO, C R. (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Nesta viagem, tornou-se possível a boa interação com os passageiros e tripulantes. Foi possível rever os dados coletados, bem como os conceitos e expressões relacionadas ao espaço ribeirinho, não havendo a necessidade de gravação. Permaneceu-se a bordo do barco, sem descer em “terra”, para o acompanhamento do fluxo de entrada e saída de passageiros e da dinâmica interna. Abaixo a interação entre os passageiros no momento da refeição:



FIGURA 6 – OS PASSAGEIROS NO MOMENTO DA REFEIÇÃO
 FONTE: A autora (2011)

Em outra situação, o dono do barco juntamente com a tripulação dão uma pausa para comer ou conversar, pois o trabalho diário é sempre intenso:



FIGURA 7 – PAUSA PARA O ALMOÇO DA TRIPULAÇÃO
 FONTE: A autora (2011)

A quinta viagem: realizada no período de 16 a 20 de agosto de 2011, no trecho Porto Velho-Manaus. Viajar no rio Madeira requer conhecimento e habilidade da tripulação embarcada. É preciso considerar a leitura do tempo, da dinâmica das águas (cheias e vazantes¹⁹), olhar os desbarrancamentos acontecidos no rio e chamados de “terras caídas”. As cargas são importantes, pois vêm de várias partes de Rondônia e quando chegam ao Cai N’água descem rampas íngremes e quando há atrasos favorecem a demora na saída da embarcação.

Na chegada da carreta, é montada uma estrutura com tábua de mais ou menos um metro de largura e duas nas laterais, evitando o espatifamento da mercadoria no rio. A figura 8, destaca as rampas de madeira e as condições do local de descarregamento das cargas em Porto Velho:



FIGURA 8 – CONDIÇÕES DE DESCARREGAMENTO DAS CARGAS NO CAI N’ÁGUA
FONTE: A autora (2011)

O estivador joga do alto do barranco a mercadoria e outro aguarda no flutuante para encaminhamento ao barco. Quando a carga chega a bordo é recebida pelo *conferente* que verifica a quantidade de produtos embarcados e costuma fazer a lista de passageiros. Esse processo é feito constantemente nas embarcações, principalmente naquelas destinadas ao Amazonas.

Quando o passageiro chega ao Cai N’água depara-se, geralmente, com o barranco de aproximadamente 4 a 12 metros de altura na vazante, que compreende os meses de abril a setembro. Nas cheias, nos meses de outubro a março, os barrancos praticamente desaparecem, devido ao aumento no volume de água.

¹⁹ Época em que o rio apresenta menor volume de água.

Tanto idosos quanto crianças ou portadores de necessidades especiais fazem verdadeiros malabarismos para descerem os barrancos íngremes do Cai N'água, correndo riscos de tropeçarem, caírem e se machucarem gravemente. Essa situação de descaso e a falta de condições de acessibilidade persiste.

Os passageiros continuam sendo protagonistas da experiência de atravessar a tábua de seis metros e com 30 centímetros, devido a falta de estrutura adequada para recebê-los. A tábua é o elemento simbólico-material do descaso e da falta de valorização da vida humana e as pessoas para viajarem no rio Madeira precisam transcorrê-la, sendo que a lógica do teste de sobrevivência começa na descida do barranco.

Nas cheias e vazantes, o passageiro precisa se equilibrar, exercitar o corpo na luta para chegar ao flutuante onde estará atracado o barco. Passageiros continuam descendo os íngremes barrancos de maneira desconfortável e sem nenhuma proteção. Nas fotos abaixo, há exemplo de um senhor da terceira idade que precisou de ajuda do tripulante para descer uma das tábuas:



FIGURA 9 – PRECARIIDADE DE ATENDIMENTO AOS PASSAGEIROS
 FONTE: A autora (2011)

Após o *teste de sobrevivência*, os passageiros procuram o melhor espaço para armarem suas redes, isso quando não optam pelo camarote, dependendo da condição financeira dos mesmos. No trecho Porto Velho-Manaus-Porto Velho, os passageiros optam pela viagem na rede, sendo uma das melhores opções em se tratando do aspecto da segurança.

As redes são armadas de forma intercaladas, evitando, assim, o choque de uma com a outra. Há uma verdadeira exposição de redes, das mais variadas possíveis, com cores diferenciadas, parecendo uma grande feira. As bagagens dos passageiros costumam ser alocadas embaixo das respectivas redes e sempre há intensa movimentação de pessoas.

O rio Madeira é considerado perigoso para o barqueiro que não dispõe de experiência e de atenção, principalmente na época da vazante quando se torna perigoso devido ao aparecimento de pauzadas, bancos de areia. Diz, o barqueiro Waldir, 71 anos:

Faz quase 40 anos que viajo de Manaus a Porto Velho, nesse período tô parado, mas o rio Madeira é um rio que teve ano a que ficou quase inavegável [...] é um rio difícil, tem muita praia, pedra, toco, só viaja de Manaus a Porto Velho quem conhece o rio. Quem não conhece foi muita gente a pique.

É do Cai N'água que ocorre o início das viagens pelas diversas comunidades ribeirinhas de Rondônia e Amazonas. O Terminal hidroviário teve sua inauguração no dia 30 de julho de 2012:



FIGURA 10 – TERMINAL HIDROVIÁRIO DE PORTO VELHO
FONTE: A autora (2011)

A população sempre esperou a melhoria do espaço do Cai N'água, principalmente em relação ao transporte de passageiros e cargas. Os barcos que transportam cargas e passageiros são construídos, em sua maioria de madeira, e conhecidos como Recreios ou motores pela população local. O passageiro, algumas

vezes, não tem opção de escolher o barco que pretende viajar, tendo que viajar em embarcações com instalações duvidosas, não sendo uma viagem confortável e segura²⁰.

Nas pesquisas empreendidas no rio Madeira, deparou-se com um navegante experiente: Prático, ator relevante no transporte fluvial. Ele conhece, navega, orienta e pilota os barcos com segurança, nas cheias e vazantes, principalmente na vazante quando os acidentes são mais freqüentes e a habilidade dele é indispensável. De acordo com Waldir, 71 anos, “O prático é a pessoa que conhece o rio só de olhar, eu olho ali e sei se é baixo, se tem pau, toco, pedra, pelo rebojo d’água eu sei se tem pedra. Para navegar a gente treina o olhar, Deus deu esse dom, a gente nasce com dom, não é toda pessoa que tem”.

Mesmo detendo toda a experiência na prática de navegar no rio Madeira, a Marinha do Brasil não o considera como tripulante da embarcação; caso venha a ocorrer acidentes e estiver no comando responderá também, apesar de não estar habilitado para exercer tal função.

O trabalho do Prático não é restrito ao barco recreio, trabalha e mostra a sua capacidade de navegar em outros tipos de transporte. Os barqueiros sabem que não basta ter somente bons equipamentos de navegação, precisam contar com a experiência de um conhecedor do rio e que consiga pilotar com segurança a embarcação. Há empresas que ora utilizando cartas náuticas, com posicionamento por satélite, recorrem ao trabalho do Prático, devido à confiabilidade na experiência adquirida e os equipamentos eletrônicos funcionando perfeitamente podem dar pane e jamais poderiam substituir o navegador experiente.

Durante a viagem até Manaus outras embarcações vão passando pelo barco recreio, a exemplo dos empurradores, balsas, voadeiras, rabeta²¹. Muitas cenas

²⁰ Constatou-se que muitos passageiros desconhecem a utilização dos coletes salva-vidas, bóia circular, aparelho flutuante, extintor de incêndio, haja vista a falta de apresentação deles por parte da tripulação aos passageiros. É uma orientação de suma importância e que não vem sendo praticada a bordo das embarcações. É uma ação praticamente inexistente quando se refere a apresentação dos equipamentos de salvatagem, a não ser que o passageiro se interesse e procure saber de forma autodidática como utilizá-los. A orientação é fundamental em qualquer viagem no rio Madeira, principalmente pelos obstáculos frequentes e a população embarcada deveria ter melhor atenção quanto ao aspecto da segurança coletiva. Quando interrogados quanto ao uso do colete salva-vidas muitos dos passageiros disseram não saber utilizá-los, mas acreditavam nos seus santos protetores e que os acidentes não aconteceriam. No rio Madeira não basta somente saber nadar, mas ter resistência para enfrentar as correntezas e escapar dos jacarés, candirus, cobras, arraias, entre outros.

²¹ Meio de transporte muito utilizado no rio Madeira. (Ver glossário no final do trabalho)

vividas são testemunhadas pelos passageiros e tripulantes, tais como os bancos de areia, a exuberância da mata, as curvas dos rios, pedrais²², as aves.

No período da vazante, os barqueiros precisam de toda a atenção e experiência para conduzirem os seus barcos, pois os perigos de se depararem com os obstáculos diversos persistem nas viagens. O rio Madeira apresenta um grau de perigo muito maior do que em outra época. Há trechos considerados perigosos entre Porto Velho e Manaus, a exemplo das passagens do Belmont até Tamanduá, tido como local que aparece muito banco de areia. A tripulação ao se deparar com esse tipo de trecho costuma enviar voadeira na frente para fazer a sondagem do rio, segundo o barqueiro Lopes (2010), “A voadeira vai na frente sondar o rio pra gente poder passar”. Verificam a profundidade adequada, é um procedimento realizado de dia e de noite.

A voadeira acompanha os barcos nas viagens. Sempre é utilizada nos procedimentos de sondagem, na hora de deixar ou buscar passageiros com suas mercadorias. Essas ações são constantes durante as viagens e exige a habilidade do barqueiro. De modo geral, é preciso saber fazer a leitura do rio, conduzir o barco com conhecimento.

O transporte fluvial é exclusivo em muito dos espaços da Amazônia. Por isso, apesar de inúmeras dificuldades que cada viagem reserva, é sempre motivo de alegria e sinal de esperança para os moradores quando o barco se aproxima de alguma comunidade. A expectativa sempre está presente a cada chegada ou partida: seja de familiares, amigos, parente, notícias, cartas, bilhetes, encomendas e serviços do poder público.

Os barcos saem com destino à Manaus e costumam parar nas cidades de Humaitá, Borba, Novo Aripuanã e demais localidades. Na região da pesquisa, muitas das comunidades ribeirinhas ainda carecem com a falta de infra-estrutura adequada para o fornecimento de água nas residências, as famílias dependem do rio para lavar roupas, tomar banho, fazer comida e brincar no rio. O rio representa o meio de transporte, trabalho, comunicação, alimentação e fonte de lazer.

A pescaria continua sendo uma fonte de sobrevivência para a população cuja participação do chefe de família é indispensável. Quando não se tem o pai como chefe, os filhos mais velhos e do sexo masculino assumem tal função ou as

²² São afloramentos rochosos e conhecidos pela população local como pedrais.

mulheres. A pescaria é realizada tanto no rio Madeira quanto nos lagos e a população costuma utilizar os instrumentos de pesca: caniço²³, linhada²⁴ para pescar peixes menores como curimatá, piau, sardinha, mandi, pacu, entre outros. Muitas vezes, os passageiros e tripulantes presenciam os ribeirinhos pescando, de maneira artesanal, ao longo do rio Madeira. As cenas das pescarias refletem na singularidade cultural da Amazônia.

Apesar de sua importância para a região, o rio Madeira continua sofrendo grandes impactos ambientais desde os dejetos humanos lançados dos barcos ao rio, os resíduos sólidos, a extração do ouro, o esgoto da cidade de Porto Velho é lançado sem qualquer tipo de tratamento, há o desbarrancamento das matas ciliares em trechos do Madeira e alagamento das margens do rio por conta das usinas hidrelétricas.

O término da quinta viagem se deu em Manaus, com a descida dos passageiros e suas cargas. A tripulação, após o descarregamento das mercadorias, tem sua folga, podendo ser de um ou mais dias, para descansar ou passear em Manaus. Depois disso, recomeçam os preparativos de retorno à Porto Velho:



FIGURA 11— BARCO RECREIO NO PORTO DE MANAUS
FONTE: A autora (2011)

Intercalando com as viagens, foram realizadas várias idas ao espaço do Cai N'água em Porto Velho para observação do espaço da pesquisa e estabelecimento de aproximações com os entrevistados.

²³ É feito com vara fina e flexível de pesca, com linha de náilon, tendo fixado numa das extremidades um pequeno anzol onde se colocam as iscas para pegar peixes pequenos.

²⁴ Instrumento de pesca feito com linha de náilon e anzol.

1.4 AS RELAÇÕES DOS SUJEITOS COM OS MAPAS MENTAIS

Ao trabalhar com mapas mentais é de fundamental importância chamar a atenção para o compromisso do pesquisador. De início surgem algumas indagações: O que é o mapa mental? Pode ser um texto? Como ocorre a sua aplicação? Qual a relação do mapa mental com o espaço geográfico imerso num conjunto de signos e espacialidades? O mapa mental não é um mero desenho que possa ser utilizado para provar ou desconstruir algo. A função dos mapas mentais perpassa pelo revelar de como os lugares são percebidos, sentidos e compreendidos pelas pessoas.

Em estudos anteriores, a utilização dos mapas mentais serviu para explicar o comportamento espacial dos seres humanos, através de sua percepção em relação aos lugares que precisavam ser melhor compreendidos. Dentre os estudiosos desses mapas, destacam-se Gould e White²⁵ (1974), Lynch²⁶ (1997), Bailly²⁷ (1979), Seemann²⁸ (2003), Tuan²⁹ (1980), Nogueira³⁰ (2002) e Kozel³¹ (2007).

Foi pensando no desvendar das imagens que os homens construíam dos espaços próximos ou distantes e da ênfase às representações provenientes da imaginação, que Gould e White (1974) desenvolveram os estudos sobre os mapas mentais, os quais se situam na representação de lugares conhecidos, distantes ou imaginados pelas pessoas.

De acordo com Kozel (2004), Peter Gould desenvolveu investigações sobre o comportamento humano, se atendo aos itinerários e às preferências espaciais contidas nos espaços topográficos, considerando o homem como produtor de imagens. De outro lado Bailly³² (1995) evidencia a importância da análise do espaço

²⁵ GOULD, P.; WHITE, R. **Mental Maps**. Toronto: Pelican Books, 1974.

²⁶ LYNCH, K. A imagem da cidade, tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

²⁷ BAILLY, A. **La percepcion del espacio urbano**. Instituto de estudios de administracion local, Madrid, 1979.

²⁸ SEEMANN, J. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa**. In: OLAM-ciência e Tecnologia. Vol. 3, setembro/2003.

²⁹ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

³⁰ Op. cit.

³¹ Op. cit.

³² BAILLY, A. (Org.). **Les concepts de la géographie humaine**. 3.ed. Paris, 1995.

geográfico, sendo destacadas as imagens, as representações que as pessoas ou grupo fazem do entorno espacial, permitindo ao homem fixar imagens de uma área dada e executar os limites dos conhecimentos espaciais.

O arquiteto Kevin Lynch publicou a obra “Imagem da Cidade” em 1960, tendo sido considerado um dos ‘pioneiros’ no trabalho com mapas mentais. Analisou três cidades norte-americanas: Boston, Jersey City e Los Angeles e procurou examinar a qualidade visual dessas cidades por meio do estudo da imagem mental que dela faziam os seus habitantes. Diz Lynch para Bailly³³ (1995, p. 158), “fut l’auteur d’une recherche pionnière en urbanisme dans laquelle il a tenté de décomposer la structure de l’image de la ville: “une image de l’environnement peut s’analyser à travers trois composantes: identité, structure et signification”³⁴.

Nesta perspectiva, as imagens de uma cidade resultam desse processo bilateral entre o observador e seu ambiente, levando em conta a identidade, estrutura perceptiva e o significado. O observador, por exemplo, seleciona, organiza e confere o significado àquilo que vê, existindo essa variedade de imagens entre observadores diferentes.

A questão geradora de Lynch³⁵ consistiu em saber como os habitantes percebiam a cidade, qual era o papel das imagens ambientais, sendo um estudo pioneiro na utilização dos mapas mentais. Através desse estudo, procurou desenhar um esboço da cidade (mapa mental), descrição detalhada de um número de percursos através da cidade (orientação, percepções: visual, sonora e olfativa e emoções) e dos lugares mais importantes. De acordo com Lynch, o ato de perceber uma cidade não é total, realiza-se no transcurso do tempo, na soma de imagens que o espaço físico transmite e o homem acaba registrando nas sucessivas vivências. A percepção acaba tendo esse caráter não abrangente, mas parcial, fragmentário.

Ainda Lynch, no seu estudo exploratório e com fins de aporte metodológico, se interessou por fazer a aplicação dos conceitos de imaginabilidade (qualidade de poder evocar uma imagem forte em qualquer observador) e clareza ou legibilidade (remete à qualidade visual) nas discussões sobre a cidade. Em sua análise, concentrou-se na qualidade visual específica (CLAREZA OU LEGIBILIDADE) da

³³ BAILLY. A.(Org.). op, cit, Paris, 1995.

³⁴ Foi o autor de uma pesquisa pioneira em urbanismo que tentou decompor a estrutura da imagem da cidade: “uma imagem do ambiente pode ser analisada através de três componentes: identidade, estrutura e significado”. (Tradução nossa).

³⁵ Ibid.

paisagem das cidades, sendo essencial no cenário urbano. De certa forma, Lynch deu ênfase às imagens mentais e às fotografias no estudo sobre a cidade e à recomposição dos trajetos percorridos pelas pessoas.

Outro trabalho de destaque é de Seemann (2003) que trabalhou com mapas mentais e percepção ambiental mostrando o quanto a percepção trabalha com o olhar e o sentir das pessoas e dos grupos nas várias dimensões. Para o mesmo autor, os mapas, como representação simbolizada da realidade, podem ser pontos de partida para a realização de pesquisas.

O mapa mental torna visível os pensamentos, atitudes, sentimentos em relação à realidade percebida, quanto ao mundo da imaginação. Além disso, pode ser um ponto de partida para a construção de outros mapas mentais. A contribuição de Seemann reside nesse enfoque de mostrar que os mapas mentais são formas de comunicação utilizadas para interpretar, analisar e imaginar os conhecimentos ambientais. Como apontado por Seemann (2003), os mapas mentais resultam do produto dos mapeamentos cognitivos, tendo suas diversas formas como desenhos, esboços de mapas ou listas mentais dos lugares de referência que se elabora na construção de um percurso.

Com efeito, muitos estudos contemplaram a contribuição dos mapas mentais, principalmente a partir dos anos de 1970, quando os geógrafos procuraram estabelecer uma ligação entre a percepção com os conceitos geográficos como lugar e paisagem, para fins de conhecimento das atitudes e valores das pessoas sobre o meio ambiente.

Nessa perspectiva, os trabalhos de Tuan³⁶ (1980) adotaram um enfoque humanista ao atribuir o sentido ao lugar, ao estudar as percepções e atitudes ambientais, nos trazendo o conceito de topofilia no qual pressupõe o sentimento de afeição aos lugares. A topofilia assume formas diferenciadas, variando dependendo da amplitude emocional e intensidade, podendo estar relacionada ao prazer visual efêmero, ao deleite sensual de contato físico, ao apego ao lugar pelo caráter familiar e circunstâncias adversas que refletem na evocação do passado, ao orgulho de posse ou de criação. Esse conceito é chave para o entendimento do elo efetivo mantido da pessoa com o lugar.

³⁶ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente; tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

Tuan evidencia uma concepção de homem como ser biológico e único, mostra que os homens estão bem equipados para registrar variedade de estímulos ambientais, apesar de fazer pouco uso de seus poderes perceptivos. Defende que a percepção se dá através dos sentidos, mas a cultura e o ambiente influenciam na forma de perceber, de formar uma visão de mundo e de desenvolver atitudes em relação ao ambiente encontrado. Ainda, descreve como as características culturais dos diferentes grupos humanos interferem no modo de vida de perceber o ambiente, destacando o papel da sensibilidade biológica humana neste processo perceptivo. Além disso, há evidência da capacidade humana de criar símbolos, atrelados à percepção através dos sentidos, sendo uma forma de organizar o espaço e o lugar. Logo, a percepção acontece de forma muito subjetiva e ligando-se ao mundo vivido dos sujeitos.

Por isso mesmo, os sentidos por si só expressam elementos importantes para a compreensão desse elo afetivo do homem com o lugar, mas a linguagem tem seu papel relevante e merece ser estudada com aprofundamento no estudo da poética e das espacialidades. São nas cenas enunciativas, na interação verbal que ocorre a produção dos significados, dos sentidos e signos marcados pela linguagem no interior do espaço perceptual, em especial na cultura amazônica.

Seemann (2003), citando Tuan, destaca cinco funções atribuídas aos mapas mentais: preparam para comunicar efetivamente informações espaciais; ensaiam comportamento espacial na mente; são dispositivos mnemônicos utilizados como recursos para memorizar eventos, pessoas, coisas, localização; atuam como meios de estruturar e armanezar conhecimento e, por último, são mundos imaginários, pois permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas.

Enfatiza Tuan³⁷ a importância dos sentidos humanos (mecanismos biológicos) como traços comuns nos estudos da percepção, havendo a predominância da visão por obter informações muito mais precisas e detalhadas sobre o meio ambiente. Todavia, os mapas mentais são tidos como “cartas subjetivas” que permitem aos indivíduos não somente destacar os elementos visuais, mas valorizar aspectos significativos encontrados na leitura do espaço. É preciso perceber que o mapa mental tem sua grande importância no entendimento do espaço vivido das pessoas.

³⁷ Ibid.

Para Kozel³⁸ (2009), os mapas mentais se constituíram a partir da percepção e representação de imagens mentais e são textos dialógicos. Sua ênfase abre novas perspectivas de estudos na geografia cultural humanista nesta interface com a linguística. Os mapas mentais se tornam uma possibilidade metodológica de conhecimento da diversidade humana no espaço, uma vez que através deles pode-se perceber aspectos relevantes do espaço e dos lugares vividos pelas pessoas, acessar a dimensão simbólica dos signos e das linguagens, conhecer o mundo do homem através das experiências espaciais.

Nogueira (2002) utilizou os mapas mentais para entender os lugares, levantando com os alunos de Manaus os problemas sociais e ambientais dos lugares onde eles vivem, ressaltando que: (2002, p. 130), “Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar”.

Nogueira³⁹ (2001) analisou ainda a experiência dos comandantes de embarcações do Amazonas, levando-os a produzirem os seus próprios mapas mentais. A partir da valorização do trajeto percorrido por eles, procurou entender como se dava o conhecimento espacial e a geograficidade dos comandantes a partir das informações apontadas nos mapas mentais, visando à construção de uma Geografia do lugar, vendo-a como saber concebido e interpretado por quem nele vive. O trabalho de Nogueira se aproxima do tema investigado, sendo um dos poucos trabalhos encontrados e voltados aos sujeitos das embarcações na Amazônia.

A nossa opção metodológica está alicerçada no aporte teórico-metodológico de Kozel (2007; 2009), construído com base na contribuição da Teoria Enunciativa da Linguagem de Bakhtin, e se volta para a utilização dos mapas mentais como formas de linguagem que colaboram no desvendar das intersubjetividades, valores e significados dos sujeitos da pesquisa.

Nos capítulos seguintes dar-se-á destaque para as correntes epistemológicas da geografia nesse diálogo com a linguística e filosofia, de modo a contextualizar melhor os autores que alicerçam o arcabouço teórico da tese.

³⁸ KOZEL, S. **As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível.** In: 12º ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA: CAMINANDO EM UMA AMÉRICA LATINA EN TRANSFORMACIÓN, 2009, Montevideo, Anais. Montevideo: Universidad de la República, 2009, CD-ROM. ISBN: 978-9974-8002-8-1.

³⁹ NOGUEIRA, A. B. **Percepção e Representação** Gráfica: A Geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações do Amazonas. Tese (Doutoramento em Geografia), Universidade de São Paulo, 2001.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO: DIFERENTES ENFOQUES NAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS

Barco Recreio no rio Madeira



"Eu tinha um encantamento pelo rio Madeira. Agora a gente, às vezes, não se encanta mais. Esse ano surgiu muitas praias grandes e a gente se encantava muito quando via vários animais. Isso me encantava muito, não vejo mais essas riquezas".

*Lopes, 45 anos
Barqueiro e prático*

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO: DIFERENTES ENFOQUES NAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS

2.1 EM BUSCA DAS ABORDAGENS

Prioriza-se neste capítulo o destaque, de maneira sucinta, das correntes geográficas que culminaram nos estudos das representações, percepções, priorizando a ênfase da fenomenologia nos estudos geográficos. A estruturação do capítulo volta-se para a interface da geografia humanista cultural com a linguística, com destaque para os estudos bakhtiniano, no entendimento do mundo vivido dos sujeitos da pesquisa. Nesse diálogo teórico, tornou-se importante destacar a contribuição de Bachelard, de Bakhtin e de pesquisadores que trabalham com a temática amazônica.

O fio condutor desse capítulo versa sobre as correntes teóricas da Geografia, as quais ajudam a pensar a construção do *Estado da Arte* dessa Ciência ao longo da história da humanidade. Parte-se de diferentes abordagens, dando ênfase à contribuição dos representantes das escolas ao debate epistemológico na geografia.

É nesse espaço de discussão teórica que precisamos pensar sobre os caminhos trilhados pela geografia, com ênfase a geografia humanística cultural e seus representantes, na relação de entendimento do espaço da construção do fazer geográfico. Ora, a ciência como dinâmica, possibilita refletir sobre essas abordagens, indo ao encontro dos paradigmas hegemônicos encontrados na sociedade, as relações ideológicas persistentes em cada época.

De acordo com Moraes (2007), há duas grandes escolas de geografia que surgiram após 1930 nos Estados Unidos. A primeira se aproximou da antropologia, elaborando a geografia cultural, tendo a frente Carl Sauer, um teórico do século XX, que propôs o estudo das paisagens culturais, com base nas formas que a cultura de um povo cria e na organização de seu meio.

A segunda escola aproximou-se da Sociologia Funcionalista e da Economia, propondo estudos da organização das cidades. Mas, a grande mudança conceitual e

epistemológica na Geografia Cultural desencadeou-se nos Estados Unidos por Carl Ortwin Sauer (1889-1975), tendo grande repercussão internacional, através da Escola de Berkeley a qual caracterizou a geografia cultural norte-americana: Sauer avança teoricamente, não abandonando totalmente as ideias de Ratzel, La Blache e outros geógrafos, mas recebeu influência do antropólogo Alfred Kroeber, porém ignorando as dimensões sociais e psicológicas da cultura.

Sauer consagrou seus estudos às populações indígenas dos Estados Unidos, habitantes do Sudeste, e as do México. A base teórica de Sauer teve influências da antropologia e seus trabalhos na Escola de Berkeley apostaram no estudo das sociedades de etnólogos do mundo americano e das grandes civilizações tradicionais. A geografia cultural de Sauer e de seus alunos priorizaram os grupos tradicionais, as inquietações ecológicas e as relações dos grupos e seu ambiente.

Nos estudos desenvolvidos, elementos como cultura, área cultural, paisagem cultural, história cultural e ecologia cultural, deveriam ser compreendidos a partir da visão dos grupos, entendendo-os como produtores de paisagens, agentes que através das técnicas e materialidades estruturavam e moldavam o espaço de acordo com suas necessidades.

Críticas voltadas à Geografia Cultural norte-americana perpassavam pelos seguintes aspectos: a) separação entre indivíduo e cultura, onde o ser humano era visto como passivo frente à construção da realidade; b) homogeneização das culturas, marcando o aspecto de imposição de uma cultura sobre outra, negando a diversidade e as características culturais inerentes a cada povo, confirmando a admissão da teoria pavloviana do condicionamento como mecanismo de internalização cultural.

Analisando a sua contribuição, a Geografia de Sauer negava os aspectos das esferas psicológicas individuais, a percepção, o sentimento e as representações como valores inerentes nas diversas culturas. Defendia os estudos regionais na promoção de uma morfologia da paisagem, colaborando para o surgimento da geografia cultural com ênfase aos aspectos regionais.

As posturas adotadas pelos geógrafos, desde o final do século XIX, até os anos de 1950 voltavam-se às perspectivas positivistas ou naturalistas, não se preocupavam em estudar a dimensão psicológica ou mental da cultura, sendo os

interesses direcionados aos aspectos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e gêneros de vida.

De acordo com Moraes (2007), os autores desse período deixaram uma ciência elaborada, com o corpo de conhecimentos sistematizados, rico acervo empírico e principalmente à ênfase aos conceitos (território, ambiente, região, habitat, área, etc) que faziam parte de qualquer investigação na área geográfica.

No decorrer do percurso histórico ouve um ambiente de impugnação ao positivismo, vindo aparecer a valorização dos processos da consciência e a experiência pessoal como alternativas de combate ao cientificismo positivista. A fenomenologia, vista como ciência dos fenômenos, despontou como reação antipositivista na Alemanha no final do século XIX e no início do século XX.

A fenomenologia de Edmund Husserl preocupou-se com o estudo e a interpretação da consciência da essência pura. Nesse sentido, Buttner (1982, p. 170) afirma, “a fenomenologia poderia ser definida como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância”.

A consciência representa as experiências vividas que se dão através da intuição, dos objetos no contexto da percepção que transcende a própria consciência. A experiência está alicerçada no mundo vivido pelo sujeito que é portador de consciência. É através desse mundo vivido que o sujeito se coloca em contato com os objetos exteriores, através de um contexto subjetivo. Husserl mostrou a dicotomia entre a ciência moderna, construída de maneira abstrata e técnica em relação ao mundo vivido do homem. Ademais, a influência da fenomenologia nas ciências sociais se deu inicialmente na psicologia em oposição à psicologia de base experimental⁴⁰.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o movimento existencialista abandonou a preocupação fenomenológica pelas essências e pela consciência transcendental, buscando cada vez mais a natureza e o sentido da existência humana, o modo de ser do homem no mundo. O movimento existencialista se pautou na existência humana, considerando a sua história. Os filósofos de destaque desse momento segundo Capel (1981) foram os alemães Martin Heidegger, Karl Jaspers, os franceses Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty que contribuíram com reflexões

⁴⁰ Trata-se da psicologia experimental de Wundt, pertencente a escola da Gestalt que lançou mão da liberdade de conceitos e ideias prévias para observar e descrever o mundo dos fenômenos.

em torno do sentido da vida, do comportamento humano, reportando-se ao tempo existencial, a vida como existência de ação, de liberdade e de decisão. Como argumenta Capel⁴¹ (1981, p. 422):

Al insistir en la existencia individual, el existencialismo se opone a las actitudes científicas que tratan de encontrar regularidades en la conducta humana; y al destacar la libertad de decisión del hombre, se opone también a las explicaciones causales que buscan leyes del comportamiento humano.

De modo geral, a fenomenologia e o existencialismo surgiram como movimentos intelectuais europeus nos anos de 1960 e tiveram suas influências em várias áreas do conhecimento, tendo eco grande no campo da psicologia na qual oportunizou a compreensão da conduta humana a partir das características propriamente humanas, considerando as intenções e as vivências do homem. Trouxeram o enfoque direto e vivencial do homem, valorizando a observação participante do investigador, havia o interesse pelo estudo da vida cotidiana, pelo jeito de como o homem se relacionava com cada momento de sua existência e principalmente com o seu mundo.

As consequências dos movimentos (fenomenologia e existencialismo) foram a recuperação da experiência pessoal, pois permitiram adentrar no universo da individualidade humana, frente às abstrações positivistas, configurando novo ideal científico nas ciências sociais.

Foi nesse bojo de descobrimento da dimensão pessoal e subjetiva que a geografia de cunho qualitativa começou a ser questionada no interior da própria corrente neopositivista. Dentro dos estudos geográficos, o homem era visto apenas como elemento da natureza. Não havia a compreensão do homem com o seu lugar, nessa busca de entendimento dos sentidos que atribuíam a esse lugar dotado de valor e subjetividade.

Para Merleau-Ponty⁴² (1999), a fenomenologia buscou o relato do espaço, do tempo e do mundo vivido, a partir da descrição da experiência tal como ela é. Como o mesmo autor afirma (1999, p. 14), “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo [...]”. O contexto da experiência faz parte da lógica da fenomenologia. E foi buscando o significado da vivência humana que a geografia

⁴¹ CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea**: una introducción a la geografía. Barcanova, Barcelona, 1981.

⁴² MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

recorreu à fenomenologia para estudar o campo das experiências humanas, tornando-se uma nova alternativa epistemológica dentro da Geografia. Buscou-se estudar o universo dos valores, das atividades dos homens de modo geral, fazendo uma crítica acirrada ao modelo normativo da ciência e ao positivismo.

Apesar da recorrência da geografia à fenomenologia, destaca Buttimer (1982, p. 169), “Não é fácil definir a fenomenologia. A variedade de descrições reflete as diferenças fundamentais entre os próprios fenomenologistas e a fluidez de seus limites com outros campos”. Abriu-se o caminho na geografia voltado ao estudo do comportamento, da percepção sendo de fundamental importância no contexto das críticas acirradas ao modelo da ciência positivista. O tema do comportamento teve a sua introdução na ciência geográfica, com ênfase à dimensão psicológica segundo Capel (1981, p. 425):

El descubrimiento de la dimensión psicológica representa, sin duda, un auténtico acontecimiento en la ciencia geográfica, em la cual si algo debe llamar la atención es precisamente lo tardamente que este descubrimiento se há realizado, teniendo em cuenta los temas que desde su nacimiento la geografía humana estudió.

Esta dimensão psicológica constituiu um campo rico de exploração em todas as áreas do conhecimento. De certa maneira, os geógrafos foram obrigados a buscar disciplinas tais como psicologia, semiótica, antropologia para fins de enriquecimento de sua formação na qual contribuíram com a interpretação das experiências humanas e no entendimento das percepções.

2.2 GEOGRAFIA HUMANISTA

A geografia humanista preocupou-se em trabalhar com os aspectos humanos, atendo-se aos significados, valores, objetivos e propósitos das ações humanas. O homem tornou-se destaque na análise geográfica de cunho humanista, propõe-se um enfoque compreensivo, baseado na experiência, nos sentimentos, na intuição, nas práticas simbólicas e na dimensão subjetiva.

Como desvela Capel (1981) esta geografia trabalhou na perspectiva de evidenciar o espaço como repleto de significados e de valores, os quais colaboram com o sentimento de pertencimento ao lugar. O geógrafo humanista, segundo

Bailly⁴³ (1995, p. 166), “[...] est une personne qui s’interroge su l’expérience existentielle”⁴⁴.

Propõe pensar que o homem não se move ou desloca-se num espaço abstrato, mas num espaço vivido e construído a partir da experiência de cada sujeito. O homem é ser social com necessidades de relação e possuidor de valores culturais e sociais.

Na década de 1970, a geografia de cunho humanista, com base nas correntes filosóficas da fenomenologia, do existencialismo e hermenêutica, apresentou a perspectiva de tratar dos temas percepção, subjetividade, valores humanos, espaço vivido, agregando contribuições que marcariam a sua existência e convergeriam nas reflexões geográficas.

Como destaca Capel (1981), há uma ênfase ao espaço vivido repleto de intenções, valores e de significados. A afetividade, o medo que o homem estabelece com o lugar torna-se relevante na compreensão do espaço. São importantes essas considerações, pois a geografia humanista cultural tem sido objeto de discussão entre os geógrafos, dando cada vez mais a visibilidade da abordagem cultural no Brasil.

A Geografia humanista teve marcada suas raízes históricas, as quais sustentam o seu desenvolvimento, como os princípios da Escola Tradicional Francesa, cuja importância se destaca nessa vivência, nos contatos prolongados dos geógrafos com os lugares e paisagens constituindo assim o seu objeto de estudo. Diniz Filho (2009, p. 163) destaca:

Um ponto comum entre os estudos fenomenológicos era a crítica ao modelo normativo da ciência e ao positivismo, em suas várias versões, pois afirmam que as idéias realmente importantes para as pessoas são as representações carregadas de sentido que elas usam e elaboram em seu cotidiano.

Nos anos de 1980, as manifestações da cultura ressurgiram, atraindo interesses de outras áreas do conhecimento, sendo cultivado o interesse pela geografia humana. O homem passou ser contemplado nessas análises, com destaque para os seus valores culturais ligados aos diversos ambientes.

⁴³ BAILLY. A. (Org.). **Les concepts de la géographie humaine**. 3.ed. Paris, 1995.

⁴⁴ É uma pessoa que se interroga sobre a experiência existencial (tradução nossa).

De acordo com Almeida (2009) a renovação da geografia se deu sobre o impulso de dois fatores: um geral e específico. O geral afetou diretamente as ciências sociais e resultou no arrefecimento do estruturalismo; o específico remeteu a insatisfação no campo das investigações quantitativas e alicerçadas no estruturalismo.

Ouve um interesse por parte dos geógrafos de reestruturar a base da geografia, influenciada pelas teorias da desconstrução, do criticismo e da interpretação do signo como sinal de poder. Buscou-se uma abordagem cultural e inovadora no sentido de dialogar com outras ciências: psicologia, sociologia, filosofia e antropologia como forma de compreender o espaço e as especificidades do indivíduo.

A geografia passou por processos de rupturas, o que significou para muitos a crise epistemológica, mas colaborou para a produção rica de abordagens teórico-metodológicas, permitindo a construção de um fazer geográfico pautado nas contradições e adversidades.

Diniz Filho (2009) afirma que os pressupostos de alicerce da corrente humanista derivam de várias formas de pensamento humanista construídos pelos geógrafos, destacando a visão antropocêntrica do saber, pois o conhecimento é subjetivo e se torna fruto da intencionalidade do sujeito, propondo a busca pelo conhecimento holístico. Isto é, o homem é um ser que atribui valor e constrói sentidos.

A partir desse cenário, a geografia humanista se voltou para o estudo dos lugares, mostrando o quanto estão carregados de sentidos para as pessoas que habitam ou freqüentadores dos mesmos. Aparecem pesquisas sobre a percepção do espaço e do ambiente, se estendem aos romances que ajudam a perceber a região pelos olhos e emoções dos seus personagens, ganhando a importância dos testemunhos literários.

Diante disso, duas escolas foram importantes nesse percurso de entendimento da percepção. A primeira inspirada no positivismo de Kant, de cunho behaviorista e, a segunda, com viés mais humanista. Os estudos de cunho Behaviorista se propuseram na geografia investigar o comportamento humano e seu deslocamento no espaço. Com isso, surgiram várias pesquisas de Kirk, Gould e White (1974) havendo o interesse pelas preferências espaciais inseridas nos espaços topográficos e encontradas no cotidiano e nos itinerários. O desafio era

investigar o comportamento humano e seu deslocamento no espaço, visando o planejamento urbano e regional.

Nos anos 1950, na Grã-Bretanha, as propostas de William Kirk buscaram estudar o contexto que influía sobre os comportamentos das pessoas em relação ao ambiente, lançou a ideia de uma geografia comportamental. Para Claval (1978), Kirk foi o primeiro a insistir na abordagem fenomenológica no âmbito da percepção. Para Amorim Filho (1999), Kirk lançou a ideia de uma geografia comportamental, chamando atenção para as relações existentes entre as percepções ambientais e as tomadas de decisões desafiando o predomínio do positivismo lógico.

Evidencia Andrade⁴⁵ (1987) que nessa época, os geógrafos se interessavam pelos estudos de como o indivíduo tinha a percepção do lugar próximo ou distante, buscando a caracterização do espaço. Em seguida David Lowenthal também ressaltou a importância da vivência, dos sistemas de significação embasados na abordagem fenomenológica.

Entretanto, é importante salientar que John K. Wight (1947), na década de 1940, apontara para a ideia dos estudos da “imaginação geográfica”, o que denominava “Geosofia”. Na França também apareceram anteriormente ideias semelhantes com Eric Dardel⁴⁶ (1990) que exerceu forte influência sobre os geógrafos americanos, evidenciando as experiências vividas e a noção de valor nas indagações sobre a terra, criando o termo “Geographicité”. Para Dardel a tarefa da geografia consistia na compreensão do sentido que os homens davam as suas vidas na terra. Para Claval⁴⁷ (2007), Dardel enfocou na sua obra *L’homme et la terre* o sentido da presença humana na superfície da terra, com ênfase aos mitos, ao sentimento religioso, os quais tornaram-se aspectos centrais na análise geográfica.

Lowenthal (1982) procurou atentar para a importância da valorização da experiência vivida, da imaginação, insistindo nos sistemas de significação. Dardel propiciou a geografia uma maior compreensão dos lugares, a partir das experiências dos sujeitos. Entretanto, a obra de Éric Dardel passou despercebida na França,

⁴⁵ ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

⁴⁶ DARDEL, E. **L’home et la terre**: nature de la réalité géographique. Paris, Editions du CTHS, 1990.

⁴⁷ CLAVAL, P. **A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) Introdução à geografia cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

sendo valorizada na época apenas no Canadá, sendo posteriormente resgatada na década de 1990.

A abordagem de Lowenthal (1982, p. 141) considerava, “todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor o nosso quadro individual da realidade”. A experiência ganhou uma perspectiva de análise geográfica, possibilitando o conhecimento das percepções e conhecimento do mundo vivido das pessoas.

Esta geografia humanista privilegiou os temas da percepção, da subjetividade, criatividade, intuição, sentimentos, experiências, simbolismos e valores humanos, ressaltando a singularidade de cada indivíduo. O espaço é interpretado mediante as experiências vividas, a lógica prescinde na compreensão de mundo, atribuindo-se uma significação maior as categorias (paisagem e lugar) que passaram a fazer parte dos debates sobre objetividade e subjetividade na geografia.

Para tanto, nos trabalhos de Relph (1980, 1981) vê-se o estudo do mundo vivido cultural como sendo cheio de significados e repletos de intersubjetividade, diferindo-se do mundo natural que nos é dado e do qual se encontra pré-determinado antes de nascermos. Para Relph (1980) os espaços contêm lugares mais íntimos dos homens, advindo da existência e da percepção da experiência imediata.

Ainda, na década de 1970, em seus trabalhos Buttimer⁴⁸ (1982) se preocupou em enxergar as pessoas no seu mundo vivido, buscando perceber os valores significativos para o homem, bem como suas relações com uma geografia que não poderia continuar atrelada aos paradigmas neo-positivista e neo-marxista. Trouxe a discussão de espaço enquanto mundo vivido, apontando para um novo campo epistemológico dentro da geografia. Como a própria Buttimer (1982, p. 185) evidencia:

O mundo vivido, na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência. [...] A fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar a sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros. Necessitamos de uma linguagem e de um conjunto

⁴⁸ BUTTIMER, A. **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982.

de categorias que irão nos habilitar a investigar a experiência do mundo vivido e a comunicarmos a seu respeito.

O conceito de mundo vivido não remete ao universo dos fatos, mas o homem, na condição de ser, constrói o seu mundo e dá existência a ele. De certa forma, a geografia se preocupou com as experiências do homem no espaço, assim como a forma de reflexão do geógrafo quanto ao interrogamento da relação do homem com o lugar e o espaço. Da mesma forma, argumenta Buttimer (1982, p. 172):

A fenomenologia convida-nos a explorar algumas das condições e forças unificadoras na experiência humana do mundo. Supondo-se que tais condições unificadoras podem residir nas facetas rotineiramente dadas pela vida diária, esta noção oferece um bom início para um diálogo entre fenomenologia e Geografia.

Por sua vez, a contribuição de Gold e White (1974) se voltou para as imagens que os homens construíam sobre os lugares, sendo representadas nos mapas mentais de acordo com Kozel (2004, p. 172):

Os processos mentais iniciam-se, visualmente, através da representação de algo ao passar pela imaginação, sendo que um dos seus papéis principais é a conceituação do real, propiciando um agir, em princípio por intermédio do simbólico (desenhos), refletindo a imagem mental.

A geografia de cunho humanista-cultural tornou-se pertinente devido o fato de priorizar o estudo do homem diante do mundo, pois focalizava o lugar, o espaço como gesto vivido pelas experiências humanas, respeitando a individualidade de cada ser humano. Para Claval (2007, p. 82), “Uma das tarefas da geografia cultural é mostrar como os sistemas de valores se traduzem pelas articulações específicas do social”. Em outras palavras, a linguagem se destaca e tem papel essencial nessa articulação com o social, por isso a valorização da poética nessa investigação.

Desse modo, a geografia de cunho humanista volta-se para o universo das experiências dos homens e dos grupos em relação ao espaço, no sentido de compreender os valores, intersubjetividades, sentimentos, comportamentos, privilegiando as experiências vividas.

Buttimer (1982) destaca a ideia de intersubjetividade, a construção do diálogo entre a pessoa e o meio ambiente, no tocante à herança sócio-cultural e o papel de cada indivíduo diante do mundo vivido. A dinâmica da experiência pressupõe esse espaço da interação social, do convívio diário, corresponde ao

processo pelo qual os indivíduos criam os seus mundos sociais e produzem a experiência humana.

Como afirma Bonnemaison⁴⁹(2002) o espaço social é produzido, vivenciado, concebido em termos de organização e de produção, havendo nessa interação uma significação e relação simbólica, gerando sentidos. Este elo de ligação do homem com os lugares está carregado de afetividade e exprime essa relação cultural, simbólica no sentido amplo da palavra, ganhando significação na existência humana.

Destaca-se nesse contexto, o geógrafo Yi-Fu Tuan (1980,1983) que trouxe uma abordagem humanista aos estudos geográficos. Foi orientando de Sauer e seu foco era resgatar as percepções, a qualidade ambiental e os valores humanos na análise geográfica. Introduziu em sua abordagem os conceitos de topofilia e topofobia, os quais remetem ao sentimento, a percepção, atitudes e valores daquilo que fazemos em relação ao meio ambiente.

Tuan⁵⁰ (1983) adota o enfoque humanista ao atribuir o sentido ao lugar, atendo-se ao aspecto da afetividade do indivíduo ao manter e perceber o meio ambiente, mostrando que a percepção se dá através dos sentidos, mas a cultura influencia na forma de perceber, formar a visão de mundo e ter atitudes em relação ao ambiente encontrado. Em outras palavras, os laços afetivos do homem em relação ao meu ambiente diferem quanto à intensidade, sutileza e modo de expressão, podendo ser estética, o deleite ao sentir o que ver e o expressar dos sentimentos por um lugar.

Como afirma Tuan (1983, p. 3), “O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Lugar e espaço são conceitos que fazem parte da análise desse geógrafo chinês no qual procurou mostrar a influência das culturas nas atitudes humanas em relação ao espaço e lugar. Além disso, Tuan (1980) mostrou que as características culturais dos diferentes grupos humanos interferiam no modo de vida de perceber o ambiente, destacando o papel da sensibilidade biológica humana neste processo perceptivo. Nesse sentido, ressalta os fatos biológicos, as relações de espaço e lugar e a amplitude da experiência ou conhecimento.

⁴⁹ BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, R.L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs). Geografia cultural: um século. Rio de Janeiro: Ed. da EDUERJ/ NEPEC, 2002.

⁵⁰ TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

A experiência abrange as diferentes maneiras das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, podem variar desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa. Pelo exposto, a experiência se volta para o mundo exterior, implica nessa capacidade de aprender a partir da própria vivência, de acordo com Tuan (1983, p. 11), “A experiência é constituída de sentimento e pensamento”.

Revela-se a capacidade humana de criar símbolos, atrelados à percepção através dos sentidos, como maneira de organizar o espaço e o lugar, sendo que a percepção acontece de forma muito subjetiva, a partir do mundo vivido da experiência com a linguagem.

O papel desempenhado pelos geógrafos humanistas foi explicar o espaço e as relações, entender o comportamento e as atitudes do homem na sociedade. A ênfase se voltou para a sensibilidade de entender os valores intrínsecos construídos por determinado agrupamento humano, bem como suas contradições. Diante disso, Salgueiro (2001, p. 50) aponta:

[...] O conhecimento não depende apenas da dimensão científica mas incorpora a experiência vivida e os sentidos, integrando o infra-consciente [...] o espaço é um produto cultural imbuído de significações que traduzem as crenças e os valores da sociedade.[...]

Esses estudos tornaram-se uma virada epistemológica na geografia, pois propiciaram uma nova postura do geógrafo frente à compreensão teórica e objetiva de seu campo de atuação, conforme constatou Holzer (1992, p. 235):

[...] como a geografia radical foi uma síntese de idéias anarquistas, estruturalistas e marxistas, a geografia humanista foi uma síntese da fenomenologia e existencialismo com pinceladas do idealismo, do pragmatismo ou interacionismo e do estruturalismo. Destas, o idealismo e o pragmatismo serviram muito pouco para a criação ou desenvolvimento dos conceitos que seriam utilizados pelo campo. Esta base filosófica foi sintetizada e reelaborada pelos geógrafos, ou seja, dos postulados filosóficos originais, os geógrafos extraíram aqueles que lhes interessavam mais diretamente.

Nesse sentido, os geógrafos buscaram estudar os processos de experiências humanas subjetivas e os significados atribuídos à sociedade e a natureza, perpassando pelas questões ambientais e planejamento urbano.

Foi dessa maneira que os estudos de percepção tiveram a sua importância no Brasil, na década de 1980, e remeterem às pesquisas de cognição, de percepção

aliadas à de representação. Destacaram-se nessa época Livia de Oliveira, Lucy Machado, Lineu Bley, Vicente Del Rio, Oswaldo de Amorim Filho. Tais estudos visualizaram o comportamento humano, dentro da perspectiva psicológica, e seu deslocamento no espaço, as atitudes e condutas humanas, na valorização dos lugares e fundamentaram-se na contribuição da fenomenologia e do existencialismo.

Os estudos de percepção, com base no viés fenomenológico, valorizaram as atitudes e condutas resultantes das pessoas com o espaço, o qual agrega valores, significados e sentidos para o grupo. Como diz Xavier⁵¹ (2005), a percepção geográfica tem sido utilizada na tomada de consciência da população, na valorização das experiências que o homem constrói com a sua comunidade e com o meio ambiente, agregando o caráter ecológico e social.

2.3 O ENFOQUE CULTURAL

O britânico Dennis Cosgrove (1983) defendeu uma Geografia Cultural radical, com ênfase à experiência e ao mundo vivido dos agrupamentos humanos, estando a cultura no centro dessa reflexão. Para Cosgrove⁵² (2007) a geografia cultural tem a tarefa de apreender e compreender a dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. Defende que o marxismo e a geografia cultural compartilham pressupostos importantes referentes ao significado da cultura, apesar de ser um conceito incapaz de definição clara. Nesse contexto, Cosgrove⁵³ (1983, p. 1, *apud* HOLZER, 1992, p. 389), afirma:

[...] Uma Geografia marxista precisa reconhecer que o mundo vivido, ainda que simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade. O mundo vivido não é um mero produto de uma consciência humana libertada, mas é precisamente o encontro coletivo do sujeito com o objeto, da consciência com o mundo material. Sustentar a dialética da cultura e da natureza sem deslizar para o idealismo ou para o materialismo reducionista é o problema teórico central do materialismo histórico.

⁵¹ XAVIER, H. **Contribuição de Livia de Oliveira para a percepção geográfica do turismo**. In: Anais do Smpósio Nacional sobre Geografia, percepção e cognição do Meio Ambiente. Universidade Estadual de Londrina. Departamento de Geociências. Meio Digital. Londrina, 2005.

⁵² COSGROVE, D. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

⁵³ COSGROVE, D. **Towards a critical cultural geography: problems of theory**. *Antipode*, 15, 1, p.11-13, 1983.

A “New Cultural Geography” surgiu na Inglaterra como alternativa às correntes geográficas da Geografia Teórica ou Quantitativista e Geografia Crítica, ambas dominavam o pensamento geográfico na maior parte das universidades. Com pouco mais de vinte anos, a Nova Geografia Cultural tem se disseminado nos Estados Unidos, França, Brasil, Japão, Alemanha, entre outros países.

Diferencia-se da Cultural Geography de Carl Sauer, abrindo novo campo epistemológico e com ênfase à formação de identidades, significados e ações que se opõem aos processos da globalização hegemônica sob a influência de um modelo geopolítico e capitalista.

A Nova Geografia Cultural é uma corrente de pensamento da Geografia, permite maior diálogo com outras ciências sociais como a História, Antropologia, Sociologia, Filosofia e Psicologia, aproximando-se das tendências fenomenológicas e existencialistas. Possibilita leituras diversas em relação aos aspectos socioculturais e socioambientais, voltando-se para o contexto das práticas culturais.

Para Corrêa (1995, p. 3), essa Geografia é extremamente rica, pois abre e amplia os horizontes de abordagens como "espaço e religião; espaço e cultura popular; espaço e simbolismo; paisagem e cultura; percepção ambiental e cultural; espaço e simbolismo [...]". Esses horizontes consistem na forma de compreender a multiplicidade dos acontecimentos da vida, a partir dos valores e sentimentos das pessoas, evitando assim o esforço de reduzir o mundo a leis, a corpo teórico, mas dando significado de compreensão como quebra de paradigmas.

De tal modo, a Nova Geografia Cultural está baseada numa ordem flexível, progressiva, complexa, interdependente, tendo o discursivo vivencial, dinâmico e complexo; promove a aprendizagem através do sentido da própria vida cotidiana e a criação de novas e possíveis relações e concebe a perspectiva de uma geografia socioambiental.

A grandeza e representatividade da Nova Geografia Cultural estão no seu caráter de pós-modernidade, abrindo possibilidades de abordagens quanto à diferença teórica, temática, metodológica e técnica, permitindo reflexões a partir da multiplicidade de valores, crenças, abordagens e propostas de compreensão da sociedade atual. Isso constitui a pluralidade do campo de estudos da Geografia, segundo Amorim Filho (2007, p. 26), implica na certa unidade científica, visto que:

[...] as abordagens de um número significativo de temas geográficos tradicionais (ou aqueles que se situam nas zonas fronteiriças da Geografia) não podem, de um lado, ser simplesmente abandonadas pelos geógrafos ou então, ser estudadas apenas a partir dos pontos de vista neopositivista (cientificista) ou neomarxista (radical ou crítico) [...].

Com essa pluralidade de atuação, a Nova Geografia Cultural a nível internacional possui grandes estudiosos que colaboraram para o avanço das discussões geográficas em temáticas como religião, percepção, estética, representação, cultura popular, geografias pós-coloniais, entre outros. Desse modo, podem ser citados: Denis Cosgrove, James Duncan, Paul Claval, Joël Bonnemaison, Augustin Berque, Jean-Robert Pitte, João Sarmiento, e outros.

No Brasil, a chamada Nova Geografia Cultural congrega um número significativo de pesquisadores. Iniciou com a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura (NEPEC) em 1993, sob a liderança dos geógrafos Roberto Lobato Corrêa (UFRJ) e Zeny Rosendahl (UERJ).

Temos no ano de 1999, na Universidade Federal de Goiás, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre turismo e cultura no IESA/LABOTEC. Em 2006, surge o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - NEER, na Universidade Federal do Paraná, passou a ter um papel importante entre os pesquisadores desse tema, articulando uma rede de geógrafos e agregando várias instituições brasileiras.

O surgimento do NEER tem suas origens nas inquietações de um grupo de professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR⁵⁴ e da PUC Minas⁵⁵ quanto à falta de espaço para se discutir questões relacionadas à geografia e a sensibilidade humana em eventos geográficos. Assim, o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - NEER se consolidou no dia 19 de outubro de 2004⁵⁶, na Universidade Federal do Paraná em Curitiba.

O NEER⁵⁷ tem como objetivo ampliar e aprofundar a abordagem cultural na Geografia, focando nas questões relacionadas aos estudos sobre o espaço e suas representações, as quais fazem a mediação, no sentido de agregar o social e o cultural, além de contemplar nas discussões a temática do ensino de geografia no

⁵⁴ Geógrafos Salete Kozel e Sylvio Fausto Gil Filho.

⁵⁵ Professor Oswaldo Bueno Amorim Filho.

⁵⁶ Na reunião oficial contou-se com a presença do geógrafo Paul Claval (Universidade de Sorbonne, Paris IV), Prof. Dr. João Carlos Nucci (Departamento de Geografia- UFPR) convidado do grupo de pesquisa Planejamento da Paisagem; e dos demais membros Prof. Dr. Dario de Araújo Lima (Departamento de Geociências FURG), Prof^a Dr^a Salete Kozel (Departamento de Geografia - UFPR) e Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho (Departamento de Geografia - UFPR). A primeira reunião versou sobre as pesquisas que seriam apoiadas pelo NEER.

⁵⁷ <http://www.neer.com.br/home/> consultado em 05 de novembro de 2011, às 18h20min.

Brasil. Esse núcleo é composto por uma rede não-formal e não hierarquizada, de caráter interinstitucional, congrega núcleos, grupos, projetos de pesquisa, além de Programas de Pós-graduação e pesquisadores isolados.

O NEER articula, no momento, projetos e grupos de pesquisa de vinte (20) universidades brasileiras⁵⁸ e trabalha com as seguintes temáticas/abordagens: Nova Geografia Cultural; Geografia Humanista-Cultural; Estudos de Percepção e Cognição em Geografia; Geografia das Representações; Geografia Social; Geografia da Religião; Geografia Escolar: Representações e Ensino; Teoria e Método na Geografia Cultural e Social.

A articulação do NEER junto às universidades brasileiras tem consolidado um espaço de viabilizações de projetos em parcerias, resultando numa rede de trabalho interdisciplinar. Os colóquios do NEER surgem com o propósito de interlocução de pesquisadores e estudantes sobre as temáticas descritas. O I Colóquio aconteceu no ano de 2006, na Universidade Federal do Paraná, com o tema: Espaço e Representações: reconstruções teóricas do geográfico”. O II Colóquio se realizou na Universidade Federal da Bahia, em 2007, com o tema: Espaços culturais: vivências, imaginações e representações”. O III Colóquio aconteceu na Universidade Federal de Rondônia, em 2009, com o tema: Cultura, Espaço e Representações: Mundos em Transformação”. O IV Colóquio se realizou na Universidade Federal de Santa Maria, em 2011, com o tema: As múltiplas espacialidades culturais: interfaces regionais, urbanas e rurais.

Uma das parcerias estabelecidas se deu com o Programa Procad/Amazônia/CAPES, através do convênio de cooperação entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) o que colaborou com a formação de pesquisadores oriundos da Amazônia, culminou numa produção conjunta sobre a temática amazônica e ações de parcerias que continuaram na aprovação de um DINTER⁵⁹ em 2011.

Quando se trabalha com a Geografia Cultural vale lembrar a contribuição de Almeida (2009, p. 258) ao dizer, “O geógrafo é convidado a valorizar as diferenças e a diversidade, procurando explicar, interpretar as realidades concretas, as atividades

⁵⁸ As Universidades são UFRGS, UFSM, FURG, ULBRA-RS; PUC-MG, UFU-MG; UFAM- AM; UFBA, UNEB-BA; UERJ, UFF- RJ; UFMS-MS; UFG-GO; UFPR, UEPG-PR; UNIR-RO; UFPB-PB; UFMT-MT; UFCE-CE; UFTO-TO, tendo uma representatividade de destaque no cenário nacional.

⁵⁹ Programa de Doutorado Interinstitucional – DINTER oferecido pela CAPES em parceria com UNIR e UFPR.

mentais e as representações [...]”. É na busca pelos mundos culturais das pessoas se deve entender o sentido das representações que se expressam no espaço geográfico, procurando fomentar diálogos com outros campos do conhecimento.

A Geografia, partindo do campo da subjetividade humana, analisa o papel das experiências como objeto de representação do espaço e do lugar. Para tanto, busca-se realizar leituras acerca do universo simbólico e das paisagens que refletem nas espacialidades das pessoas.

As representações são tidas como expressões do mundo e refletem a dimensão simbólica presente no espaço de representação das pessoas. Através delas se busca as práticas simbólicas, os sentidos atribuídos aos lugares, lembrando que a linguagem media as representações. Enfatiza-se a valorização do ser humano e sua relação com o meio, sobretudo, os valores, costumes, tradições, simbolismos, signos e representações daquilo que o homem tem de seu mundo.

Almeida (2009), citando Claval (2008), destaca três grandes viradas nas ciências sociais de forte influência na ciência geográfica: virada linguística (o enfoque nas palavras e nas imagens), virada espacial da sociologia (prioriza os espaços e lugares concretos em detrimento dos abstratos); e a virada cultural da geografia humana na qual os processos de ordem social, econômica e política dependem das culturas onde ocorrem.

Sob uma abordagem semiótica, a geografia cultural tem privilegiado a relação do signo com o significado. Considera o símbolo como signo, faz parte do objeto da semiótica; sendo de interesse da Geografia analisar o universo simbólico dos lugares, dos espaços, considerando os valores que eles possuem.

Na Europa, há outra tendência conhecida como espiritualismo, surgiu visando trabalhar o aspecto do deslegitimar o Racionalismo como único procedimento de construção do conhecimento. De acordo com Almeida (2009, p. 250), “[...] o espiritualismo se articula com vários movimentos, leituras e, principalmente, dos modos de considerar a paisagem pelo viés da sensibilidade, mesmo que seja somente pelos aspectos estéticos”.

Essa abordagem é recente nos estudos geográficos, tendo Giuliana Andreotti, da Universidade de Trento, Norte da Itália, como uma das pesquisadoras de referência na área, pois trabalha com geografia e paisagem, inserindo valores espirituais, atuando em duas linhas de pesquisa: Geografia cultural e arquitetura da paisagem.

Um outro trabalho de destaque no cenário europeu tem sido àquele que vai além das representações, foca na operacionalização das práticas vividas no espaço, sobretudo, nas técnicas, nas práticas interlocutivas, nos instrumentos. É a Teoria Não-representacional cujo expoente de destaque é Nigel Thrift⁶⁰. Em Portugal, pesquisadores da geografia cultural tem trabalhado com esse autor, a exemplo de João Sarmiento, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, que trabalha numa perspectiva de entendimento das geografias pós-coloniais, sendo proposto uma reflexão sobre a experiência de colonização, os legados culturais e ideológicos, além de outros aspectos.

De maneira geral, percebe-se o avanço enriquecedor nas abordagens teóricas, com temas diversificados na ciência geográfica. A geografia cultural passa romper silenciamentos existentes até então no campo de investigação, através dela se busca a compreensão dos diferentes processos de significação no espaço, sem deixar de lado o compromisso social do geógrafo.

Na referência ao arcabouço teórico, privilegiou-se a geografia humanista, com enfoque cultural. A partir disso, trouxemos a contribuição de outros autores da linguística e filósofos que ajudam a pensar nos espaços do homem, considerando a linguagem, o imaginário, a poética, os mitos e os processos interlocutivos.

Daí decorre o nosso olhar voltado às práticas culturais, espaciais e poéticas, pensando o homem não como objeto do conhecimento, mas sujeito que produz e age no seu espaço, incluindo na sua lógica de sobrevivência diversas espacialidades. As significações encontradas colaboram na produção dos espaços dialógicos e interessa à geografia humanista cultural.

⁶⁰ THRIFT, N. **Non-Representational Theory**, Taylor & Francis e-Library, 2008.

2.4 O ENCONTRO COM BAKHTIN ATRAVÉS DA LINGUAGEM

O pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) nasceu em Oriol (sul de Moscou), era de uma família da velha nobreza arruinada, fez seus estudos em São Petersburgo, concluiu História e Filologia em 1918. Esse jovem pensador pertencia ao pequeno grupo de intelectuais e artistas chamado “Círculo de Bakhtin” o que proporcionou o conhecimento de temas ligados à arte e ciências humanas. A história de vida de Bakhtin foi marcada por grandes acontecimentos como nos afirma Faraco *et al.*⁶¹ (2007, p. 9):

As circunstâncias históricas pregaram várias peças nas relações do mundo acadêmico com Bakhtin. Primeiro, as trevas stalinistas o condenaram ao ostracismo. Alguns dados biográficos: um exílio no Cazaquistão de 1929 as vésperas da segunda guerra e, depois de um emprego de professor de russo numa pequena cidade a 100 km de Moscou, uma posição docente numa inexpressiva instituição universitária [...].

As situações difíceis vividas por Bakhtin o levaram a contar com o apoio dos discípulos e admiradores, os quais emprestaram os seus nomes a fim de tornar possível a divulgação de suas ideias e primeiras obras. Foi assim que Volochínov assinava a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e publicada em 1929. Não há uma exatidão de que partes do texto dessa obra tenha sido escrito por Volochínov. O conteúdo da obra é rico, trata das relações entre linguagem e sociedade, priorizando o conceito de linguagem como “enunciação, “interação”, o estudo do signo enquanto produto de natureza social. Nessa abordagem marxista da filosofia da linguagem, o signo e a enunciação são de natureza social.

Bakhtin (1999, p. 14) partiu da seguinte inquietação “[...] em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental; em que medida a ideologia determina a linguagem?.” O pesquisador russo tornou-se pioneiro ao abordar as questões da natureza social dos fatos linguísticos e as condições de comunicação ligadas às estruturas sociais.

As espacialidades serão descritas no capítulo 5 e contemplam os signos sociais, a linguagem, a estetização que fazem parte do espaço dos barqueiros e ribeirinhos. Há um espaço da materialidade das práticas simbólicas, da interlocução

⁶¹ FARACO, C. A.; CASTRO, G. de; TEZZA, C. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

entre os sujeitos estando mediados pela linguagem. Nesse sentido, buscou-se a contribuição de Bakhtin no entendimento da poética, das espacialidades e na composição dos espaços dialógicos.

Mikhail Bakhtin (1999) ao trabalhar com o tema da linguagem, evidencia as relações sociais, as formas de representação e de transmissão do discurso do outro, a heterogeneidade no cerne das relações humanas, os processos de significação veiculados socialmente. Na construção de suas contribuições Bakhtin critica duas grandes concepções de língua e de linguagem que dominavam os estudos filológicos, gramaticais e lingüísticos até sua época. Vale mencionar que historicamente, a Linguística sempre esteve atrelada em “monólogos mortos”, desconsiderando o homem na relação com o outro, segundo Faraco (2009, p. 76):

Bakhtin se posiciona contra qualquer tendência de monologização da existência humana, isto é, de negar a existência de um outro eu com iguais direitos e iguais responsabilidades. Uma atitude monológica ou um modelo monológico do mundo é autocentrado e insensível às respostas do outro.

Sobrepunhando esse monologismo, Bakhtin (1999) enfatiza em seus trabalhos, a linguagem viva, múltipla, resultado da criação humana acontecida na história, através das relações sociais, do diálogo vivo e significativo. O ponto de partida é a interação entre os sujeitos como sendo o viés fundador da linguagem.

Bakhtin trouxe a noção de dialogismo, mostrando que o eu e o outro estão intimamente ligados, tendo como elemento articulador a própria linguagem, isto é, a linguagem é o centro de suas investigações. Várias vozes se entrecruzam no processo enunciativo da palavra, gerando significados que ecoam no momento da fala. Nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

É exatamente no contexto da intersubjetividade, da criatividade que o ser humano constrói a linguagem, sendo esta um processo histórico e social, ocorre especialmente nas interações dos sujeitos onde o papel da linguagem é sempre destacado.

O método bakhtiniano de análise se torna relevante dentro dos estudos geográficos, sobretudo, de pensar o espaço dos homens sociais, pois a concepção de linguagem em destaque é dialógica, leva em conta o diálogo entre os interlocutores e entre os discursos, bem como a construção do signo social.

A lógica do signo é compreendida como fenômeno do mundo exterior, deriva do processo de interação verbal que ocorre entre os sujeitos de forma organizada e colabora para o entendimento das espacialidades.

É nesse sentido que essas contribuições possibilitam refletir sobre o sujeito barqueiro, considerando que a linguagem atravessa o indivíduo, provoca um processo dialético, uma forma de interação e, por isso, é preciso levar em consideração as linguagens, histórias, experiências e representações de mundo desses profissionais.

Bakhtin analisou duas linhas teóricas do pensamento filosófico-linguístico vigentes no seu tempo: **subjetivismo individualista ou idealista e objetivismo abstrato**.

Para Kramer (1994) é a partir dessa crítica a essas duas linhas teóricas que Bakhtin constrói a sua concepção de linguagem dialógica, trazendo essa perspectiva social dos sujeitos em relação à linguagem.

No **subjetivismo individualista ou idealista**, influenciado, sobretudo, pelo Romantismo, foi uma reação contra a palavra estrangeira e o domínio que ela exerceu sobre as categorias do pensamento. Para Bakhtin (1999, p. 110):

Os românticos foram os primeiros filólogos da língua materna, os primeiros a tentar reorganizar totalmente a reflexão linguística sobre a base da atividade mental em língua materna, considerada como meio de desenvolvimento da consciência e do pensamento.

Esta corrente se apoiou sobre a enunciação monológica, com ênfase ao ponto de vista do falante como ponto de partida da sua reflexão sobre a língua. Leva-se em conta a fala, a expressão e se tentava explicá-la a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. Em outras palavras, a língua era vista como atividade mental, sendo o psiquismo individual a fonte dessa língua.

Para Bakhtin (1999), qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, será determinado pelas condições reais da enunciação em questão e leva em conta a situação social mais imediata que se apresenta. Opõe-se ao subjetivismo individualista e supera essa corrente ao mostrar:

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se ao interlocutor". (BAKHTIN, 1999, p. 112).

Dessa maneira, descarta a perspectiva da figura de um interlocutor abstrato, lembrando, *“O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo tem um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc”*. (BAKHTIN, 1999, p. 112):

É relevante pensar na ocorrência da enunciação no âmbito social, nas relações afetivas das pessoas entre si e com os lugares. É nesse sentido o auditório social é estabelecido, pois agrega a interação verbal, as enunciações, vozes históricas e sociais.

A palavra tem um papel essencial, pertence ao território comum dos barqueiros e práticos, advém desse processo da fala que é ininterrupto, não tendo começo nem fim, mas revela o modo de organização do grupo. É o que escreve Bakhtin (1999, p. 113):

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.

A enunciação é um puro produto da interação social, quer se trate da fala ou de contexto amplo abrangendo as condições de vida de uma comunidade. Sua estrutura é de caráter social, logo, a realidade de uma língua é social, viva, assim como toda a dinâmica de sua evolução histórica.

De outro lado, os representantes do **objetivismo abstrato** consideram a língua como sistema linguístico de formas normativas, destacando-a como fato objetivo externo à consciência individual. Isto é, sistema de regras passíveis de descrição.

Desse ponto de vista, a língua, como produto acabado, se apresenta como sistema de normas rígidas, imutáveis e incontestáveis. É um sistema apostado na análise abstrata, nos elementos abstratamente isolados das unidades reais das enunciações. Entendem essa transmissão da língua como herança de um objeto, colocando a língua fora do fluxo da comunicação verbal a qual se transmite de geração a geração.

Bakhtin sempre expressou o seu interesse pela palavra, mostrando que a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, realiza nessa interação verbal

social dos sujeitos. Para ele, a fala se liga às condições da comunicação e as estruturas sociais. Mostra que a verdadeira substância da língua não é gerada por um sistema abstrato de formas linguísticas, mas pelo fenômeno social da interação verbal entre os sujeitos, constituindo a realidade fundamental da língua, com a construção de seus signos sociais.

Criticou Saussure no seu próprio domínio linguístico, mostrando as falhas no sistema de oposição língua/fala, sincronia/diacronia. Destacou a construção do signo dialético, dinâmico, vivo que se cria entre os indivíduos e resulta nesse consenso entre os sujeitos organizados no decorrer de um processo de interação social.

O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes, é ideológico por refletir as estruturas sociais. Portanto, essa linha teórica valoriza uma visão de mundo racionalista e mecanicista no domínio da língua. Rejeita a enunciação, o ato da fala, como sendo individual. E esse sistema não pode servir de orientação e de base para analisar a dinâmica dos fatos lingüísticos vivos e em evolução.

Contrariamente a essa ideia, Bakhtin diz que, “os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar”. (BAKHTIN, 1999, p. 108).

Além disso, o locutor utiliza a língua para suas necessidades enunciativas concretas (fala), o importante é permitir que a forma linguística figure num contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta. Tanto o locutor quanto o interlocutor devem utilizar o signo de maneira variável e flexível e não como sinal imutável.

A forma linguística se apresenta aos locutores no contexto de diversas enunciações, o que implica na eminência de um contexto ideológico preciso. Assim nos diz Bakhtin (1999, p. 95):

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais [...]. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

A língua se apresenta como sendo inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. O sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto, incluindo as variadas significações possíveis quantos contextos diversificados.

No objetivismo abstrato, os diferentes contextos em que aparecem a palavra qualquer estão num único e mesmo plano, dando origem a enunciações fechadas, imutáveis e apontam para uma única direção.

Bakhtin evidencia que os contextos não estão simplesmente justapostos, indiferentes uns aos outros, trazem sempre esta situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto. Por muito tempo, a palavra em função do contexto foi ignorada pela Lingüística e não encontrava nenhuma repercussão na sua doutrina da unicidade da significação.

Neste sentido, destacam-se os processos interlocutivos e dialógicos no espaço dos profissionais da navegação. As palavras se situam em todas as relações entre indivíduos, na vida cotidiana, e são tecidas a partir dos fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais nos mais diversos domínios. Afirma Bakhtin (1999, p. 123), “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta”.

Esta corrente de comunicação verbal se entrelaça aos outros tipos de comunicação, como por exemplo, as linguagens não verbais. Para Bakhtin (1999, p. 124), “[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar”. E nesse bojo Bakhtin (1999, p. 132) destaca:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro [...] Só a corrente de comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação.

Como se vê, a linguagem é muito importante para o entendimento desses novos espaços de representação, através dela é percebida a produção de sentidos, dos signos sociais no momento da fala, do encontro, da interação com o outro. Com base nisso, menciona Gil Filho⁶² (2007, p. 214):

⁶² GIL FILHO, S. F. **Geografia da religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico**. In.: KOZEL, S. COSTA SILVA, J, GIL FILHO, S.F. (Orgs.) **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

A linguagem de modo diverso apresenta uma função demonstrativa em termos espaciais. A linguagem enseja à representação, a posição espacial, as distâncias e possibilita ir além das determinações subjetivas das sensações quando estabelece premissas de objetivação de uma ordem espacial. Desde suas práticas primárias às mais complexas a linguagem permite a transposição de um espaço de expressões para um espaço de representações.

A convivência do homem amazônico com o rio é marcada pelo espaço de representação simbólica, o mundo vivido toma dimensão social à medida que se forma e a linguagem, o jogo social dos signos, participa desse processo de construção do espaço.

Sendo assim, os signos aparecem neste terreno interindividual, no encontro com o outro, exigindo de fato que os indivíduos estejam socialmente organizados. Da mesma maneira, o processo da linguagem pelo qual vivenciam os práticos na transmissão de saberes essenciais à navegação perpassa pela valorização das estratégias e práticas utilizadas.

Nesse espaço dialógico, é preciso resgatar as vozes, o dizer significativo, o saber do grupo, as subjetividades e emoções. As espacialidades operam no espaço do rio Madeira e dão ênfase às representações construídas coletivamente.

Não se pode esquecer, conforme Bachelard⁶³ (2008, p. 159), “a representação é dominada pela imaginação e é um corpo de expressões para comunicar aos outros as nossas próprias imagens”. Através dos processos dialógicos se percebe a dimensão imaginária representada nas “falas” dos interlocutores.

Na prática viva da língua, a consciência linguística dos interlocutores relaciona-se sempre com a linguagem, no sentido dos contextos possíveis de uso de cada forma particular de interlocução. Os sujeitos pesquisados se comunicam, interagem, cada narrativa, expressões ou mapa mental deles foram consideradas produtos de muitas vozes sociais e de muitos outros discursos que se entrecruzaram, se completaram, responderam umas as outras ou polemizaram entre si, no interior das espacialidade identificadas, evidenciando às práticas socioculturais do grupo. As contribuições de Bakhtin nos levam a compreender os participantes da pesquisa como sujeitos sociais, inacabados e singulares. A linguagem é uma forma de compreender o homem no seu espaço, verificando os signos construídos

⁶³ BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

dialogicamente e que, neste caso, orientam na navegação e na organização do seu modo de vida no interior da Amazônia.

2.5 ENCONTRO COM BACHELARD ATRAVÉS DO IMAGINÁRIO E DO DEVANEIO POÉTICO

Gaston Bachelard⁶⁴ (1884-1962) é filósofo, epistemólogo e crítico literário. Nasceu em Bar-sur-aube, na Champagne (França). Formou-se em Matemática, atuou como professor de física e química por um período de 10 anos e posteriormente dedicou-se ao estudo da filosofia, chegando ao doutoramento. Exerceu a docência na Universidade de Sorbonne, na cadeira de filosofia e filologia das ciências.

Esse filósofo é reconhecido como homem da ciência no qual contribuiu para a filosofia da imaginação entendida enquanto poética, no sentido da poiesis, da criação. Trabalhou com duas funções psíquicas embasadas no real e no irreal, propondo a psicanálise da razão e da imaginação. Bachelard é tido como o filósofo que conseguiu penetrar na dimensão humana, apontando conceitos importantes para análise geográfica: imaginário e devaneio na compreensão do espaço de representação dos homens.

As ideias filosóficas de Bachelard nos leva a buscar os conceitos de devaneio, o espaço que opera a poética e o imaginário. Tais conceitos servem para refletir sobre a poética construída sobre o rio Madeira tendo em vista que os devaneios poéticos segundo Bachelard⁶⁵ (2008) nascem das forças vivas da linguagem.

A experiência geográfica não se restringe ao viver ou agir no espaço. Ela se processa a partir do universo simbólico, da forma do expressar os sentimentos, do imaginário poético no qual envolve a experiência com os lugares, a dimensão humana. Diz, precisamente, Claval (2010, p. 57):

O imaginário que eles constroem dessa forma (e que é próprio de cada cultura) dá ao mundo uma dimensão poética, indica as regras a serem respeitadas, mostra para que direção deve tender a ação humana e confere um sentido à existência dos indivíduos e grupos.

⁶⁴ Id.

⁶⁵ Ibidem.

O estudo da poética se apresenta como uma possibilidade de olhar, de entender esse modo de vida das populações tradicionais da Amazônia. Tal dimensão faz parte da construção do imaginário e do espaço amazônico, logo, relacionam-se com as espacialidades encontradas no espaço de barqueiros e ribeirinhos. Como afirma Bailly⁶⁶ (1995, p. 179), “la géographie humaniste puise sa richesse dans l’analyse de ce mélange permanent de réel et d’imaginaire”⁶⁷. Na Amazônia, o real e o imaginário se inserem no espaço simbólico das pessoas e na construção da poética sobre o rio Madeira.

Muitas das comunidades ribeirinhas apresentam essa relação histórica e poética marcada com os rios e com as matas, apresentando forte dimensão simbólica associada às práticas socioespaciais. O termo ribeirinho é conceituado a partir da contribuição de Silva e Souza Filho (2002) que destacam como sendo o sujeito que mantém uma organização social diferenciada da urbana, possui uma cosmovisão marcada pela presença das águas, tendo sua economia baseada na pesca, pequena produção agrícola (mandioca, para a produção de farinha), pratica a coleta de produtos da mata (castanha-do-Brasil⁶⁸, açai⁶⁹, pupunha⁷⁰, etc), e desempenha o ofício de construir e/ou reparar embarcações de madeira (da canoa ao barco recreio).

As comunidades de ribeirinhos se formaram, segundo Silva⁷¹ (2000), a partir das divisões familiares, das relações de parentescos. Há diversos aspectos históricos relacionados à ocupação das comunidades ribeirinhas, principalmente àquelas advindas dos ciclos da borracha na região.

O modo de vida ribeirinho encontra-se implicado pela lógica do imaginário, como nos afirmam Silva e Nascimento Silva (2002, p. 73), “o ribeirinho possui um modo de vida com grande coerência com o ambiente amazônico [...] é o representante de um modo de vida formado anteriormente às grandes correntes migratórias para Amazônia”. Esse modo de vida ajudou a compor uma poética

⁶⁶ BAILLY. A. (Org.). **Les concepts de la géographie humaine**. 3.ed. Paris, 1995.

⁶⁷ “a geografia humanista tira sua riqueza dentro da análise dessa mistura permanente do real e do imaginário”.(tradução nossa).

⁶⁸ Fruto nativo da Amazônia, com alto teor calórico e bastante utilizada na culinária da Região Norte.

⁶⁹ Planta da família das Palmáceas, típica da Amazônia. Do seu fruto, é extraído um suco para bebida e consome-se com farinha de tapioca, açúcar ou farinha seca.

⁷⁰ Fruta da pupunheira, cozinha-se bem antes de consumir, a preferência é saboreá-la com café.

⁷¹ SILVA, M. das G. S. N. **O espaço ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

singular, baseada nas representações, nos processos interlocutivos e na construção imaginária.

Nos estudos sobre a poética do espaço, Bachelard (2008) enfatiza na dinâmica espacial a fenomenologia das imagens, chegando a se deter no “fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como produto direto do coração, da alma, do ser humano, tomado na sua totalidade”. (BACHELARD, 2008, p. 2). Isto é, o homem apresenta uma atitude contemplativa das imagens, constrói um olhar profundo, estético, mediante a sua sensibilidade de perceber o espaço e o lugar no qual vive e estabelece relações dialógicas.

A respeito disso, a imagem poética se caracteriza por ser variacional, possui um componente de essência material. E essa imagem põe em ação toda atividade linguística, nos remetendo ao mundo vivido das pessoas, às intersubjetividades humanas. Como se observa, a imagem poética evidencia as experiências dos homens com a linguagem vivida e transmitida.

Ademais, Bachelard (2008, p. 18) considera “a imaginação como potência maior da natureza humana”, sendo esta faculdade de produzir imagens. Nesse sentido, se destaca a criatividade do sujeito, o homem revela-se através da consciência imaginante e da linguagem no externar de seus pensamentos. O fazer poético torna-se mediado pela linguagem, criatividade humana e olhar humanizado do homem sobre o espaço.

Na obra *Poética do espaço*, Bachelard (2008) trabalhou a fenomenologia do homem e sua relação com os espaços íntimos participantes da vida humana. Ele explorou o significado dos espaços felizes, atrativos, defendidos e amados. Propôs um olhar mais humanizado no entendimento dos espaços íntimos do homem e na defesa da imaginação poética.

A topofilia bachelardiana tem a ver com os espaços louvados, seguros e ligados a valores imaginados e vistos de forma dominante. Congrega nesse espaço vivido todas as parcialidades da imaginação. Como afirma Bachelard (2008, p. 19), “a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens”. E essa riqueza é explorada em suas investigações e cabe na análise geográfica do espaço amazônico.

A partir disso, sua análise é dedicada aos espaços da intimidade, abordando a problemática da poética da casa, com ênfase às imagens e aos valores da

intimidade, pois apresenta “um corpo de imagem que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade”. (BACHELARD, 2008, p. 36).

A casa é o primeiro berço do homem no mundo. É o local da referência, do pertencimento, do abrigo, do reconhecimento e do aconchego. É o espaço da convivência, de receber as pessoas amadas. A imagem da casa representa o cosmos, o canto do mundo habitado e que pertence a todos.

Ela nos fornece imagens dos valores que remetem a casa da qual moramos, imaginamos ou sonhamos morar algum dia. No entender de Bachelard (2008, p. 23), “Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa” e as casas dos ribeirinhos estão impregnadas de significados:



FIGURA 12 – CASA RIBEIRINHA
FONTE: A autora (2011)

Para Bachelard (2008, p. 25), “Todo o espaço habitado traz a essência da nossa casa”, no sentido do abrigar, da função de proteção, permitindo o devaneio profundo sobre as experiências do reconhecimento, do sonhar em paz. Para Bollnow⁷² (2008, p. 140), “A casa tem a capacidade de recolher o que está espalhado. Com isso, acaba por trazer o próprio homem para um recolhimento”. O sentido de recolhimento pode ser entendido pelo habitar, pelo vivenciar não somente a casa, mas compartilhar experiências com os sujeitos habitantes da casa. Nesse sentido, poderíamos mostrar uma série de imagens das casas ribeirinhas, até um capítulo poderia ser destinado às casas encontradas às margens dos rios.

As casas da Amazônia, geralmente, se encontram sempre próximas ao rio e à mata. A casa representa o lugar humanizado, dos valores estabelecidos, do

⁷² BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schimid. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008.

habitar em várias pessoas, a casa previne a entrada dos possíveis invasores. A disposição das casas ribeirinhas, construídas em cima de estacas, oferece a descrição da função da casa no espaço. A experiência do homem amazônico destaca que a casa construída dessa maneira oferece segurança em relação à entrada de possíveis animais, acentua a habilidade de conviver com as cheias dos rios e traz a noção do aconchego familiar.

A casa faz parte desse espaço arquitetônico e se encontra rodeada pelas matas e águas, o homem percebe o quanto esse espaço habitado transcende o geométrico. Bachelard (2008) mostra a casa como espaço de conforto, de intimidade e de enraizamento. Aparentemente, as casas dos ribeirinhos podem evidenciar uma leitura de estarem “isoladas”, mas na perspectiva da contribuição bachelardiana o sentido da casa refere-se aos valores da intimidade humana.

Os ribeirinhos constroem o mundo simbólico e repleto de significações culturais. Através dos processos interlocutivos falam de suas intimidades, do habitar tranquilo na Amazônia, da transmissão de saberes, do viver em contato com a natureza, a ideia da abundância na busca diária pelo alimento e a riqueza das várzeas. De acordo com o relato do passageiro Luizão (2011): “Tira melancia, tira feijão, tira o milho. É rica em vitamina, não precisa de adubo, ela é adubada por tudo [...] as várzeas são favorável a produção”. São aspectos reveladores do modo de vida ribeirinho e a produção dos significados é mediatizada pela linguagem.

Essa relação dialógica presente no espaço é marcada pelo devaneio que se alimenta de processos interlocutivos variados. Para Bachelard⁷³ (1988, p. 144), “o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza da consciência. O sonhador do devaneio está presente no seu devaneio”. Corresponde ao estado constituído do instante, da contemplação, sendo que mergulha-se no mundo da imensidão das imagens. A imensidão é uma categoria da imaginação poética e não somente remete à contemplação de espetáculos grandiosos, mas a poética é destacada por Bachelard como produto das profundezas do ser, do coração, da subjetividade.

O imaginário é um componente da cultura amazônica, não significa desprezar a realidade, pelo contrário, através dele se compreende as práticas do saber, do perceber e do agir do homem no espaço. Tanto que a poética se faz muito

⁷³ BACHELARD, G. **A poéticado devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

presente nas narrativas míticas. São diversos os contadores que aparecem e registram a sua singularidade na prática do contar, no ato de intercambiar as suas experiências.

De acordo com Bailly⁷⁴ (1995), o homem, de uma maneira consciente ou inconsciente, inventa os seus universos imaginários, compõe as suas representações e seus sonhos. No espaço das narrativas na Amazônia, vê-se a manifestação do imaginário e da poética refletida nas espacialidades. O “espaço de sentido” compreendido pela ótica da poética, nos propicia enxergar não apenas o mundo vivido das pessoas, mas práticas que definem seu espaço e lugar no mundo, constituindo-se enquanto sujeito social.

A casa permite o devaneio, essa atitude em repouso, simboliza a proteção, permite sonhar. Como diz Bachelard (2008, p. 26), “Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade. Devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização”. E, dessa maneira, a compreensão da poética é permeada por ações, valores e significados. O próprio rio, a casa, os mitos, os ritmos das águas favorecem a construção das imagens dos lugares, perpassando pelo diálogo dos homens com o imaginário, com os animais e entidades sobrenaturais e povoadoras dos lugares por onde andam, pescam ou caçam.

As narrativas míticas falam de diferentes espaços e lugares, organizam as regras do grupo, a maneira de agir e são (re)criadas dentro do espaço onde os indivíduos atribuem novos significados, trazendo uma carga simbólica situada no interior de cada grupo. E estas regras são repassadas através de diferentes linguagens, constituindo-se como estratégias de sobrevivência coletiva.

As imagens poéticas surgem a partir dos sentidos e são recriadas em um contexto maior de espacialidades, sobretudo, dentro de um viés cultural e social.

Sob essa perspectiva, Claval (2007, p. 153) diz, “As relações que os indivíduos estabelecem com os outros lugares que dão um sentido a sua vida, dão origem a comportamentos relativos ao espaço que nenhuma análise funcional pode dar conta”. O entendimento da poética e das espacialidades passa pelas relações dos indivíduos, a compreensão do universo cultural.

⁷⁴ BAILLY. A. (Org.). **Les concepts de la géographie humaine**. 3.ed. Paris, 1995.

As viagens no rio Madeira, a imensidão das águas, as paisagens provocam devaneios e a imagem poética opera nesse espaço. Como diz Bachelard⁷⁵ (2008), o devaneio contempla a grandeza, sendo a imensidão uma característica dinâmica do devaneio tranquilo. A convivência do homem com o rio provoca estados de devaneio em diversas situações.

Nas narrativas, encontram-se a pluralidade de vozes anônimas e históricas que interpretam a Amazônia, especialmente o modo de vida das populações tradicionais. Os mitos evidenciam a paisagem encontrada, revelando traços íntimos e importantes no espaço. O espaço é mediado pela linguagem, pelo devaneio poético, pelas narrativas orais, que compõem o imaginário e a história da população amazônica, sendo componentes agregadores de significados.

Como afirma Bachelard⁷⁶ (1988, p. 156), “O devaneio que trabalha poeticamente nos mantém num espaço de intimidade que não se detém em nenhuma fronteira – espaço que une a intimidade de nosso ser que sonha a intimidade dos seres que sonhamos. É nessas intimidades compósitas que se coordena uma poética do devaneio”. O mito participa do modo de vida, como ressalta Silva⁷⁷ (2000), as práticas míticas são, muitas vezes, formas de interpretar, classificar, selecionar as espécies animais e vegetais, os lugares, a natureza, de preservar as relações sociais tradicionais, vindo a ser condições básicas para a existência, por exemplo, dos mitos do boto, do curupira, da cobra grande, entre outros.

Essas narrativas expressam maneiras de sentir, viver, dizer, observar e estranhar se misturando na heterogeneidade encontrada no espaço ribeirinho da Amazônia. Para Loureiro (1995, p. 101), “É a surrealidade de que fala Bachelard, que faz brotar das profundezas do ser um poético que tem sentido ontológico. Em meio ao imenso silêncio que tudo envolve, esta surrealidade vai despertando realidades na realidade”. Assim sendo, o estado poético do homem necessita ser comunicado, ser expresso no espaço. Isto é, o viver necessita ser dialogado com os

⁷⁵ BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

⁷⁶ BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

⁷⁷ SILVA, J. C. **O rio, a comunidade e o viver**. Tese (Doutoramento em Geografia), Setor de Ciências da Terra, Universidade de São Paulo, 2000.

outros homens e aí entra em cena a perspectiva do dialogismo bakhtiniano na concretização dessas interlocuções.

Para Gonçalves (2002), o sujeito evidencia a sua experiência poética através de três maneiras: sujeito, objeto estético e a relação entre eles. O sujeito entra no estado poético, na maioria das vezes, sem ter a consciência do mesmo, se transporta e vive a experiência estética da obra. Há o tempo psicológico onde habita a poética e sempre é acionado pelo objeto estético produzido.

A poética se configura como sentido de pertencimento ao lugar, de reconhecer o que há nesse lugar e principalmente do respeito que se tem ao lugar. Para Cruz⁷⁸ (2007, p. 106), “É a partir dessa relação dialética entre “o espaço vivido” e o “espaço concebido” que se constroem a consciência socioespacial de pertencimento e as identidades territoriais”. Nessa convivência histórica do homem com o espaço, na Amazônia foi mantida essa estreita relação humanizada com os componentes dos rios e das matas, encontrando a sutileza do encantamento ou maravilhamento nas coisas.

Desta maneira, destaca-se a contribuição de Loureiro⁷⁹ (2005) nesse diálogo com Bachelard e Gonçalves. Ele analisou a cultura amazônica, sob o enfoque da esteticidade dominante, entendida como função essencial ao homem, vetor de identidade numa sociedade dispersa e fortalecedora dos entrelaçamentos da comunidade. Na sua contribuição, destacou o caráter da esteticidade nutrida pelo devaneio, da fecundidade imbutida na cultura amazônica e do olhar significativo de pertencimento a um espaço cultural.

Loureiro⁸⁰ define a cultura amazônica como originária e influenciada pela cultura do caboclo, sendo um produto de acumulação cultural com a contribuição nordestina. Os nordestinos migraram no Ciclo da Borracha, por sua vez, aprenderam com os caboclos os segredos da floresta e dedicaram-se à extração do látex, tornando culturalmente caboclos.

A cultura amazônica traz a dimensão da produção humana, da subjetividade dos sujeitos, dos aspectos simbólicos os quais resultam em criações que marcam as relações dos homens com a natureza, ressaltando a emoção que essa cultura

⁷⁸ CRUZ, V. do C. “**Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia**”. In: HAESBAERTH, R.; ARAÚJO, F. G. B. de (Orgs.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*, Rio de Janeiro: Access, 2007.

⁷⁹ LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Cejup, 1995.

⁸⁰ *Ibidem*.

desperta. Comparou a cultura amazônica a uma viagem que se abre à emoção e não perdendo de vista a *racionalidade compreensivo-interpretativa* de novas realidades, revelando um *conhecimento maravilhado* no campo da literatura de viagens.

Ao abordar a temática, Loureiro recorreu a duas Obras: *Tristes Trópicos*, de Claude Lévy-Strauss e *Eros-Tecelão de Mitos*, de Joaquim Brasil Fontes, referendando a poética do imaginário no âmbito amazônico. Mostra a esteticidade nutrida pelo devaneio, cuja análise empreendida resgata a função poética da cultura amazônica. A própria circunstância cabocla de Loureiro (1995) “ver maravilhas nas coisas” influenciou-o no refletir sobre a cultura amazônica, interpretando o modo ribeirinho de conviver e de “estranhar a sua realidade cotidiana, transfigurada tantas vezes pelo devaneio”.

De acordo com Bachelard (1988, p. 144), o “[...] o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência”, valores que marcam o homem em sua profundidade, tendo o privilégio a autovalorização.

Loureiro (1995) se apoiou nas seguintes noções para tratar da função poética da cultura amazônica:

1.ª noção de imaginário: tendo Gaston Bachelard e Gilbert Durand⁸¹, como aporte ressaltando o valor estético. Durand, cuja concepção de imaginário se aproxima de Bachelard, trabalhou com a hipótese de que o imaginário poético estetizante expressa o sistema cultural na Amazônia.

2ª conjugação de dominante vinculado ao de função: buscou as contribuições de Roman Jakobson e Jan Mukarowsky (linha de pensamento sobre a matéria). Jakobson vê a dominante como sistema, organização que converte os demais elementos em subordinados, em maior ou menor medida. Tem a função, no campo das artes, de governar, determinar e transformar outros elementos. Mukarowsky, por conseguinte, considera a relação entre signos e significações no contexto das relações humanas.

3ª sfumato: conceito-chave na obra de Loureiro na qual recorreu a palavra italiana sfumato que significa esfumado, zona indistinta, difusa ou esbatida no sombreado de um desenho. Este conceito tem sua origem na teoria e prática artísticas de Leonardo da Vinci sobre a pintura. O sfumato é a fusão dos

⁸¹ DURAND, G. **O imaginário**. Tradução Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

personagens do quadro com a natureza, conferindo a unidade profunda, interativa entre a natureza humana e cósmica. Para Loureiro o sfumato é o recurso de beleza pictórica, provoca a vibração emotiva propícia ao estado poético. Como afirma o autor (1995, p. 38):

[...] através do espaço sfumato que se abre ao imaginário, que se ocupa de preenchê-lo. Uma espécie de ponte imaginal para a fusão de todos os fenômenos particulares do mundo concreto, em representações que sintetizam e absorvem a infinita variedade de imagens da natureza. Síntese de luz e sombra que envolve a realidade, o sfumato é uma ponte que permite a passagem para o lugar da dimensão poética.

Esse espaço do sfumato define-se como espécie de passagem do mundo físico para o imaginário; transição do real para o poético. Na cultura amazônica, o sfumato encontra-se representado através do devaneio, essa atitude sem repouso, mas tranquila do imaginário. Como argumenta Loureiro (1995) o homem amazônico navega *num mundo sfumato que funde os elementos do real e do irreal numa realidade única, na qual o poético vibra e envolve tudo em sua atmosfera.*

4ª estranhamento ou distanciamento: o ato de compreensão torna particular e significativa aquilo que é habitual e ameaçado pelo desinteresse. O distanciamento possibilita ao homem ver a “cotidianidade” banal como algo novo, carregado de significados e informações. O tomar distância das coisas vistas ou que o cercam permite ao homem refletir, ver novidades, atribuir significados até então desconhecidos. É uma forma de manter-se distante na busca pela compreensão das coisas, assim, o homem participa da criação da cultura e da lógica do desvendar os fenômenos espaciais e culturais.

A partir dos conceitos supracitadas, Loureiro propõe o de *conversão semiótica* como movimento de passagem pela qual as funções se reordenam e se exprimem em outra situação cultural. O autor buscou, na cultura amazônica, a conversão semiótica para o estético, quando as funções se reordenam e se exprimem pela forma ressimbolizada recaindo na contemplação.

A cultura amazônica traz uma origem rural-ribeirinha que expressa, de maneira viva, as manifestações decorrentes do imaginário refletidas nos mitos, nos processos interlocutivos e no saber tradicional. Segundo Loureiro (1995, p. 57), “Sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase como que absorvido pelo tempo, assumindo uma leveza que compensa as duras fainas e jornadas na floresta

ou nos rios. São inúmeras essas envolventes atitudes de contemplação operativa, em que o real e o imaginário se interpenetram livremente”.

O devaneio é elemento do espaço vivido de barqueiros e ribeirinhos. Os indivíduos possuem essa consciência do deparar-se com esse estado de contemplação ou de estranhamento diante de algo que não se consegue explicar, apenas ver e sentir. A experiência é produzida em determinado espaço geográfico, transmitida através da linguagem, mediante os processos interlocutivos dos sujeitos.

Nesse espaço, encontram-se os mitos, as imagens constituidoras da poética. Tanto o mito quanto a poesia sempre assumiram papéis históricos na memória estética dos homens. Por sua vez, as relações culturais com o mundo são reguladas pelo poético que emana do devaneio do imaginário cuja mediação é feita através da linguagem, da arte e das representações simbólicas.

No mundo amazônico se faz presente uma afetividade cósmica cujo homem promove a conversão da estetizante da realidade em signos originários da vida diária, é o mundo real-imaginário. Foi-se constituindo nele a poética do imaginário e o seu alcance interfere nas complexas relações sociais.

O imaginário estetizante acentua a passagem do banal para o poético, é gerador de sentidos, recria-se na interação dos sujeitos. O estético só adquire sentido no âmbito das relações entre os homens, com base na cultura.

Nas relações estetizantes do homem ribeirinho ou visitante com a natureza, há dois aspectos marcantes no cotidiano dos mesmos: estranhamento e encantamento. Estar diante de algo imenso, podendo ser a floresta, ora algum rio, evidência a dimensão do maravilhamento e do encantamento pelo que se vê. Como diz Fraxe (2004, p. 306), “Nada substitui o estar diante dela ou ter estado nela”, o que nos motiva na busca do entendimento do imaginário poético contido na cultura amazônica que perpassa as narrativas míticas.

Diante da pluralidade de conceitos que envolvem a palavra cultura e se completam, optou-se pelas contribuições de Loureiro (1995, 2008) e Claval⁸² (2007) que nos permitem refletir na perspectiva da análise geográfica.

Para Claval⁸³ (2007), a cultura corresponde aos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores transmitidos e recriados pelos indivíduos nas

⁸² CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3.ed; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

⁸³ Ibidem.

diversas etapas da vida humana, ou seja, a cultura é a mediação entre os homens e a natureza. Não se pode negar que seja uma herança transmitida de geração a geração, por seu intermédio, os homens socializam os seus aprendizados, as suas práticas interlocutivas, mediatizam as suas relações com o meio natural assegurando a sobrevivência do grupo. Como afirma Claval (2007, p. 89), “A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem”.

Nesse sentido, Cosgrove⁸⁴ (2004) reforça que a cultura é algo constantemente reproduzido pelos seres humanos através de suas ações, sendo determinada e determinante da consciência e das práticas humanas.

Essa ideia da recriação cultural se faz presente na cultura amazônica, tendo a existência de elementos mitológicos, estéticos, poéticos e imaginários os quais fazem parte do espaço investigado.

Por sua vez, a cultura é entendida a partir de uma construção que se dá através dos processos de socialização das experiências e a linguagem adquire sua relevância nesse contexto. Como argumenta Claval (2007, p. 89):

A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e a dos seres que o circundam e forma a sociedade da qual se sente membro.

A cultura é feita de processos interlocutivos, do externar da palavra ao outro, articula-se no discurso e realiza-se na representação. A geografia humana considera a importância da cultura, dos valores atribuídos pelo homem ao espaço. A geografia da natureza humana para Claval (2007) assume o papel relevante em vista das transformações sociais, pois os grupos resistem aos choques culturais, às pressões que são submetidas.

No espaço amazônico, as vozes dos barqueiros costumam ser “silenciadas” por não se apresentarem como categoria social e histórica, isto é, enquanto grupo diante das políticas públicas. No entanto, suas vozes trazem aspectos culturais de grande importância na organização espacial da região. Resistem aos espaços marginais impostos pelas políticas públicas e imprimem as marcas de suas histórias,

⁸⁴ COSGROVE, D. **A geografia está em toda a parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: LOBATO CORRÊA; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. da EdUERJ, 2004.

compõem os seus imaginários, as suas experiências, fazendo uma incursão pela cultura, salientando a riqueza dos signos sociais e dos processos interlocutivos.

Estudar a cultura amazônica significa visualizar os aspectos da transmissão da experiência, das práticas espaciais e que expressam o ato, a representação e o dizer, a própria ação do sujeito no espaço desveladora dos segredos de seu mundo, recorrendo à poética, aos mitos e estetizações. A cultura constitui-se através dos signos sociais, da dimensão simbólica e dos aspectos simbólicos. Na interlocução de Claval (2007) com Loureiro (1995) há de se destacar o quanto a cultura amazônica está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada e reflete a relação do homem com a natureza.

A oralidade é um dos traços marcantes no cotidiano das populações da Amazônia. Percebe-se de forma muito acentuada quando se visita alguma comunidade ribeirinha, a manifestação da fala, dos desejos, ouvir as narrativas míticas e nos ensinamentos ou pedidos transmitidos. O homem sente a necessidade de falar do seu cotidiano, de contar as suas experiências sobre as pescarias ou andanças pelas matas, conforme observado no relato da passageira Nira, 61 anos:

Quando morava no seringal, de madrugada ouvia pá, pá, pá, no igarapé, parecia uma pessoa batendo roupa. Sempre ouvia a batida e decidimos ir atrás de quem tava derrubando o patoazeiro de machado, aí disse para minha mãe vamos descobrir esse danado. Eu era menina afoita. Mamãe vamos atrás desse homem. Mamãe dizia minha filha isso não é gente não, digo é. Fomos atrás, quando nos chegemos pertinho acabou, acalmou tudo, ninguém via mais barulho e esperamos um pouquinho, quando o barulho surgiu em outro lugar. Vamos embora, isso não dar resultado, foi gente que morreu na derrubada de pau. Escureceu e a gente procurando o Batedor, talvez até a gente fosse se encantar por lá e pelo Batedor.

Existe uma produção humana valiosa, agregadora de subjetividade, a qual incorpora as peculiaridades próprias da região amazônica, bem como as motivações simbólicas que resultam em tensões ou apegos com os espaços das matas e dos rios. Em relação ao modo de vida amazônico, considera-se as experiências das pessoas, as percepções e atitudes com o ambiente devem ser pensadas as representações e os processos interlocutivos, enquanto processo de (re)criação da cultura amazônica.

As contribuições de Claval e de Loureiro trazem essa assertiva do homem enquanto sujeito cultural, enxergando a sua presença num espaço de situações de

interação, onde a palavra é determinada pelo contexto social, através do encontro com o outro, com base na experiência cultural das pessoas.

Há outros pesquisadores que vêm trabalhando com a temática amazônica e um dos trabalhos pioneiros tem sido o de Silva (2007) que discute o modo de vida ribeirinho, trazendo elementos constitutivos da cultura amazônica, mostrando o quanto o espaço incorpora e traz marcas vividas das pessoas. O mito participa da organização desse espaço e é organizador das representações imaginárias e míticas da população.

Silva (2007) discute aspectos do viver e do perceber o espaço em áreas ribeirinhas para pensar o homem, com seus mitos e esse modo de vida singular dentro dos estudos geográficos, sendo uma referência da geografia cultural produzida na Amazônia. A partir dos trabalhos de Silva, surgiram novas abordagens do campo geográfico, com essa perspectiva de valorização do mundo vivido das pessoas e embasam a nossa reflexão.

Galvão da Silva (2008) analisou o processo histórico do seringal em Lábrea, no Amazonas, bem como o trabalho e o viver dos ribeirinhos, visualizando a dinâmica da configuração do seringal no contexto atual. O estudo desse pesquisador permitiu conhecer o mundo vivido das pessoas que contribuíram para a formação do espaço-cultural dos seringais, evidenciando a vida e a lógica dos seringueiros.

Cavalcante (2009) analisou as transformações territoriais ocorridas no espaço do rio Madeira, em Porto Velho, tendo em vista a construção das hidrelétricas que potencializa as conversões de floresta para ampliação da escola de produção (pecuária e grãos). Todavia, essa área do rio Madeira é tida como grande potencial energético em nível nacional. O trabalho de Cavalcante não é voltado para a abordagem cultural, mas traz elementos de reflexão sobre os impactos desses empreendimentos e que são associados ao processo de organização de comunidades ribeirinhas.

2.6 POR UM ENCONTRO DAS VOZES

As contribuições de Bakhtin, Tuan, Bachelard, Claval, Loureiro, Kozel se inter-relacionam, pois permitem pensar na compreensão do sujeito que se constitui a partir do encontro com o outro, considerando as várias dimensões culturais e sociais. Como afirma Bakhtin⁸⁵ (2003, p. 13), “[...] avaliamos a nós mesmos sob o ponto de vista do outro”. Ou seja, é o olhar para si mesmo com os olhos do outro, sendo que cada sujeito se situa num lugar privilegiado do espaço e através dos seus olhares revelam modos de ver, perceber o mundo e o outro. Nesta perspectiva, se considera as vozes, as experiências, as representações e significados espaciais e culturais dos sujeitos pesquisados.

Uma das formas de entendimento do espaço se volta para as tonalidades dialógicas as quais levam-se em conta as relações sociais, as situações concretas de comunicação discursiva e o papel do homem como sendo sujeito social da e na história. Tais autores destacam a importância da cultura, da linguagem, do imaginário nos espaços de representação.

O fio que une essa trama histórico-social é a linguagem que proporciona a interlocução, a interdisciplinaridade marcada por várias vozes que contribuem no âmbito da cultura, da geografia, da linguística e do imaginário. A contribuição de cada autor possibilitou entender os espaços de representação dos barqueiros do rio Madeira, considerando a diversidade e riqueza da cultura amazônica. Nesse diálogo chegou-se ao estudo do homem amazônico e a dimensão do seu viver, atrelado ao universo das águas e das matas.

Nesta interface da geografia com a linguística, chegou-se ao papel do outro e do diálogo na transmissão da cultura no espaço e no entendimento da poética do imaginário. A possibilidade de semelhança entre os autores reside na permanente busca de compreender o homem e as suas relações com o meio social, com o outro e meio ambiente. O ponto de partida é o sujeito com a sua experiência, linguagem, sendo ator no espaço social e produtor de significados espaciais.

Claval mostrou a importância da cultura enquanto processo de transmissão das experiências; Loureiro da dimensão da cultura amazônica e das relações do

⁸⁵ BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

homem com a natureza; Tuan falou dos espaços topofílicos e topofóbicos; Kozel da representação e dos mapas mentais como produtos da enunciação; Bakhtin da importância do signo social e do dialogismo nos processos interlocutivos; Bachelard dos modos poéticos de construir a natureza, o lugar e o tempo, considerando os lugares amados e felizes e do imaginário poético percebido no campo das representações. Retoma-se a afirmação de Bachelard⁸⁶ (2008, p. 159), “A representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens.

Os seis autores trouxeram contribuições importantes, vozes e tons que se complementam, o dialogismo colabora com a diversidade de olhares sobre o homem que participa do espaço, criando formas de representação e de transmissão da cultura. O importante é que essas diversas formas de interação, de comunicação nos leva a constatar o quanto o homem constrói experiências significativas no espaço. A linguagem é essencial na produção de representações espaciais porque ela é acontecida na história, através das relações sociais, dos diálogos vivos e dinâmicos, com múltiplos sentidos.

Há uma dimensão expressiva no espaço de representação dos barqueiros e ribeirinhos. Construir esse diálogo com os autores significou um desafio epistemológico, principalmente porque apesar da riqueza do espaço de representação dos barqueiros, há um espaço mediado pelos conflitos, pelas contradições das políticas públicas empreendidas no rio Madeira. Convém ressaltar a forma de enxergar o homem, a noção de que é sujeito que age, toma atitude no espaço, produz a sua experiência. Nesse entrecruzamento, tem-se uma leitura que transita na interface das ações humanas.

Bakhtin evidenciou a natureza dialógica da linguagem tida como central nos seus estudos. Enfatizou a existência do signo como sendo dialético, vivo, movente e procurou ater-se às estruturas sociais e ideológicas. A língua é uma atividade social, feita pela interação, pelo diálogo. Logo, a natureza da língua é dialógica, a enunciação, por sua vez, não existe fora do contexto social, há sempre o interlocutor mesmo que seja potencial.

⁸⁶ BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

A contribuição de Bakhtin aos estudos geográficos tem sido muito importante, tendo em vista a concepção de linguagem e de sujeito que colabora com o entendimento das condições de produção dos espaços de representação, da produção dos signos, dos processos de significação do espaço e que evidenciam os territórios e os espaços vividos das pessoas. Nesse sentido, a linguagem não é falada no vazio, mas dentro de uma situação social e histórica.

Nesta interface dialógica do conhecimento, considera-se segundo Bailly e Scariati⁸⁷ (1999, p. 87), “la géographie humaniste prétend ainsi relever le défi d’une recherche fine et approfondie des liens qui unissent l’homme à l’espace et au lieu, liens aussi bien concrets (habitat, déplacements, travail) que plus abstraits (“topophilie” ou amour du lieu, déracinement, exclusions, etc)⁸⁸.

⁸⁷ BAILLY, A.; SCARIATI, R. Voyage em géographie. Ed. Economiquica, Anthropos, Paris, 1999.

⁸⁸ A geografia humanista busca o desafio da pesquisa fina e aprofundada dos laços que unem o homem ao espaço e aos outros, laços assim mais concretos (habitação, viagem, trabalho) que mais abstratos (topofilia ou adorar um lugar), desenraizamento, exclusões, etc). (Tradução nossa).

CAPÍTULO III
ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO:
O CONTEXTO DAS ÁGUAS

Encontro das águas (Rios Negro e Solimões)



"Hoje sou um profissional do rio, conheço tudo, desde Manaus a Porto Velho conheço tudo. Eu trabalho dia e noite, qualquer hora do dia e da noite, conheço onde a gente vai passando, as passagens ruins..."

*Solano, 62 anos
Comandante e prático*

CAPÍTULO III

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO: O CONTEXTO DAS ÁGUAS

A região da Amazônia tem um extenso complexo hidrográfico. É constituída pelas bacias dos rios Amazonas, Madeira e Tocantins, tendo, segundo Nunes (2004) 28.000 km de rios navegáveis, com cerca de 6.900.000 km², dos quais aproximadamente 3.800.000 km² estão no Brasil.

A navegabilidade é um fator integracionista e desenvolvimentista regional, apesar dos fatores restritivos que vão desde as condições adequadas de navegabilidade, sendo que muitos dos rios existentes não apresentam profundidades propícias ao tráfego de embarcações de médio e grande porte, os obstáculos naturais (intrusões graníticas conhecidas como pedrais pela população local e os bancos de areia) surgem tanto no leito quanto às margens dos rios e infraestrutura portuária adequada.

Dentro desse contexto está a Amazônia Legal no território brasileiro estabelecida pelo Artigo 2º da Lei nº 5.173, de outubro de 1966, abrange os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, parte do Maranhão e cinco municípios de Goiás segundo dados do IBGE (2011). Esta área representa 59% do território brasileiro, com uma população de 25,5 milhões, tendo uma grande diversidade étnica, social e cultural.

3.1 BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO

A organização do espaço amazônico se deu a partir de vários processos históricos, sociais e culturais. Há um percurso histórico de reflexão, partindo da lógica de trabalho, das políticas públicas empreendidas, do conhecimento da geografia cultural da Amazônia, os quais colaboraram para uma nova configuração espacial na região.

A política de ocupação da Região Amazônica, iniciada pelos portugueses nos séculos XVI e XVII do período colonial brasileiro, se voltou para a defesa militar

e para ocupação produtiva, sendo construídos fortes ao longo do rio Amazonas, os quais remetem as primeiras marcas da civilização ocidental na Amazônia.

Os fundamentos dessa política, o estabelecimento de Missões e Ordens Religiosas como as dos jesuítas e das carmelitas visavam “ocupar para explorar” a região amazônica, mediante autorização do Estado Colônia, no sentido de favorecer a conquista das almas indígenas, garantindo para os portugueses os territórios; logo, a exploração dos recursos naturais por meio do extrativismo das drogas do sertão.

Foram através das canoas que os missionários investiram na conquista dessas “almas” indígenas, na exploração dos recursos naturais, o que representava a coleta de especiaria vegetal conhecida como a “droga do sertão” como cravo, cacau, entre outras variedades de espécies.

A circulação das drogas do sertão se davam exclusivamente através das vias fluviais, sendo construídos pequenos estaleiros sob técnicas indígenas para o transporte dessas drogas. O rio foi o grande meio de comunicação e o provedor de novos recursos. Todavia, o acesso dos europeus, limitado à navegação fluvial devido aos vários obstáculos existentes permitiu, que todo o período colonial tivesse como palco a várzea, pois foi a partir do contato com as nações indígenas ali situadas que a ação dos colonizadores se iniciou.

Dentro dessa ocupação espacial, duas dificuldades se fizeram presentes neste período de expressa necessidade de utilização da canoa, como argumenta Ximenes⁸⁹ (1992, p. 3):

[...] a ausência de uma quantidade suficiente de canoas, que correspondesse às necessidades de então, e a escassez de mão-de-obra para realização das longas viagens fluviais. Os empreendedores que vinham de outros países sentiam a falta de canoas públicas ou barcos de carreira, só havia canoas particulares.

A exploração dos indígenas foi visível na região, deixando-os à mercê dos serviços braçais, fato que os tornou, segundo Ximenes (1992), remadores forçados, soldados de infantaria, caçadores, coletores de drogas do sertão, pescadores, lavradores. No que diz respeito à navegação, o número de índios disponível era insuficiente para atender à demanda das longas viagens, feitas com frequência, onde de nada adiantaria a canoa se não houvesse braços para manejá-la, além do conhecimento dos prático-indígenas.

⁸⁹ XIMENES, T. A (Org.) **Embarcações, Homens e Rios na Amazônia**. Belém: UFPA, 1992.

Em fins do século XIX a história da região foi marcada pelo Ciclo da Borracha, fase áurea da vida econômica e social, caracterizada pelo monopólio natural e dinamização do potencial exportador da economia amazônica.

O Ciclo da Borracha promoveu investimentos na construção de infraestrutura de portos e compra de embarcações, as quais percorriam os mais diversos rios, viabilizando o escoamento da produção para os grandes centros urbanos da região, de acordo com Benchimol (1995). Nesta fase, muitos nordestinos se dirigiram à Amazônia em embarcações conhecidas como “gaiolas” e descrita por Moraes⁹⁰ (1987, p. 124) como:

[...] o bonde, ele é o carro, ele é a locomotiva. Veio da ubá indígena através de cem feitios, ao navio regional de hoje, elegante, forte, veloz, manobreiro, com fábrica de gelo, luz elétrica, dois mastros, pequeno calado. Da elevada superestrutura, desenvolvidas obras mortas, dois, três conveses, camarotes nas amuradas, adveio-lhe o apelido irônico e pitoresco de gaiola.

Os gaiolas eram os preferidos pelos armadores particulares, os quais não tinham subvenções e subsídios como os navios de outras companhias. Benchimol⁹¹ (1995, p.12) caracteriza os gaiolas como “vapores menores, destinados a viajar naqueles rios menos profundos e que não necessitavam de grande capacidade de carga”.

Através deste transporte os nordestinos começaram a ocupar o vale do rio Madeira ainda na primeira corrente migratória, prevalecendo segundo Nascimento Silva (2000) uma migração familiar e sertaneja.

Mas, lembra Tocantins⁹² (1972) que o processo de adaptação do nordestino na Amazônia foi de certa forma lento, embora a sociedade dos seringais apresentasse espírito um tanto aventureiro, sem características de fixidez, conseguiu, portanto, realizar a tarefa social de ocupação do solo, favorecendo os vértices do triângulo sociológico do seringal.

A presença de migrantes de várias partes do Brasil, principalmente de nordestinos que, ao chegarem na região amazônica, mantiveram contato com os índios e caboclos, possibilitou a construção de um sistema de vida e trabalho baseado no extrativismo de acordo com Loureiro (1995).

⁹⁰ MORAES, R. **Na planície amazônica**. 7. Ed. São Paulo: Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1987.

⁹¹ BENCHIMOL, S. **Navegação e Transporte na Amazônia**. Edição Reprográfica, Manaus, julho, 1995.

⁹² TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida**,: uma interpretação da Amazônia, Companhia editora americana, 1972.

De acordo com Sousa⁹³ (2007), este sistema de vida e de trabalho integrava pescadores, seringueiros, indígenas, isto é, todos os sujeitos que viviam em função de produtos da floresta e do rio, sendo fecundada uma cultura de profundas relações com a natureza e com o rio, perfazendo o imaginário dos indivíduos dispersos às margens dos rios. A cultura amazônica foi se constituindo, a partir da influência cultural do caboclo que, por sinal, absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos, sendo agregado a esta cultura o valor da subjetividade, constituindo amplo vitral mítico e repleto de experiências.

A experiência com o espaço é marcada pelo dialogismo, pela relação intersubjetiva com o outro. De acordo com Silva & Souza Filho (2002) a organização do espaço ribeirinho contempla o modo de pensar do grupo, sobretudo, o conjunto de valores, estratégias de sobrevivência, revelando um espaço vivido e repleto de significados coletivos e que delineiam as espacialidades.

O histórico da existência das comunidades e cidades localizadas às margens do rio Madeira tem muito dessa ligação com o Ciclo da Borracha, quando os rios proporcionavam o grande fluxo comercial, havia comércio forte e atrativo ao mercado internacional. Depois da crise comercial da borracha, durante a Segunda Guerra Mundial, muitas dessas vilas desapareceram ou ascenderam a condições de distritos. Após a derrocada da borracha, as pessoas permaneceram nesses espaços, construíram modos de vida integrados à natureza e permaneceram na Amazônia.

A população habitante das margens do rio Madeira ocupou de maneira dispersa várias partes desse rio, formando inúmeras comunidades ribeirinhas e construíram um modo de vida peculiar e colabora com a sustentabilidade da vida na Amazônia.

Ao longo das viagens no rio Madeira se observa a presença de várias comunidades ribeirinhas, o cotidiano das crianças é marcado pelo trabalho, lazer e aprendizado sobre o espaço amazônico. Imagens de crianças brincando ou pescando, mulheres lavando roupas ou louças no jirau, pescadores jogando as suas tarrafas, famílias atravessando o rio nas pequenas canoas ou nas rabetinhas são constantes.

⁹³ SOUSA, L. F. **Barqueiros do rio Madeira: narrador do viver ribeirinho e da cultura amazônica.** In: AMARAL, N. G. do; TEZZARI, N. (Orgs.). *Cultura, leitura e linguagem: discursos do letramento.* Porto Velho: Ed. da EDUFRO, 2007.

3.2 ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo situa-se no Estado de Rondônia (FIGURA 13), cujo território, segundo IBGE⁹⁴ (2011) é de 237.590,864 Km^a, dividido em 52 municípios e com população de 1.560,501 (dados do Censo de 2010).

A história de povoamento do Estado de Rondônia se configura por um conjunto de transformações sociais e históricas, advindas dos projetos de colonização do governo federal e gerenciados pelo INCRA na década de 1970, com a abertura da BR 364, o que atraiu grande fluxo de migrantes em busca de terra e melhores condições de vida. Associam-se a esse contexto a exploração garimpeira do ouro, da cassiterita, dos conflitos relacionados a exploração do diamante em reserva indígena e a viabilização da Hidrovia Madeira Amazonas.

Na Amazônia, os rios se apresentam como essenciais no transporte da região. O recorte espacial de nossa pesquisa é o Madeira, principal rio do Estado de Rondônia, sendo afluente da margem direita do rio Amazonas. Os rios Beni e Mamoré são identificados como formadores do rio Madeira, cujas águas são de cor barrenta no período das cheias e claras nas vazantes, ambos juntam-se em frente ao antigo povoado de Vila Murinho, hoje município de Nova Mamoré, pertencente ao Estado de Rondônia, a cerca de 260 Km de Porto Velho, via BR 364, sentido Rio Branco, estado do Acre.

O rio Madeira tem 1.700 km de extensão, nem sempre apresenta profundidades propícias ao tráfego de embarcações, haja vista a presença de trechos com corredeiras e afloramentos rochosos onde requer maior cuidado na navegação. É tido como um dos rios mais perigosos à navegação na Amazônia devido a essas peculiaridades e na época da vazante a navegação costuma, muitas vezes, ficar prejudicada.

Em seu percurso, há planícies e terraços contrapondo trechos encaixoeirados, observa-se a sinuosidade do mesmo, há presença de acentuada declividade nos leitos com corredeiras e quando chegam aos terrenos planos são tortuosos e não apresentam condições favoráveis e adequadas ao tráfego de embarcações. Mesmo assim, essas elevações pequenas no terreno (baixa

⁹⁴ (Fonte: IBGE, Censo 2010), acesso em 22.03.2011, <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ro>

declividade) não são impedimentos à ocupação antrópica e os trechos encaichoerados que inviabilizam a navegação de grandes embarcações se constituem pontos de interesse para a instalação das hidrelétricas.

Mais recentemente o fluxo migratório se intensificou por ocasião da construção das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau o que alterou o planejamento urbano de Porto Velho, sendo visível um conjunto de impactos ambientais e problemas como a prostituição, violência e remanejamento de famílias ribeirinhas.



FIGURA 13 – MUNICÍPIO DE PORTO VELHO NO ESTADO DE RONDÔNIA

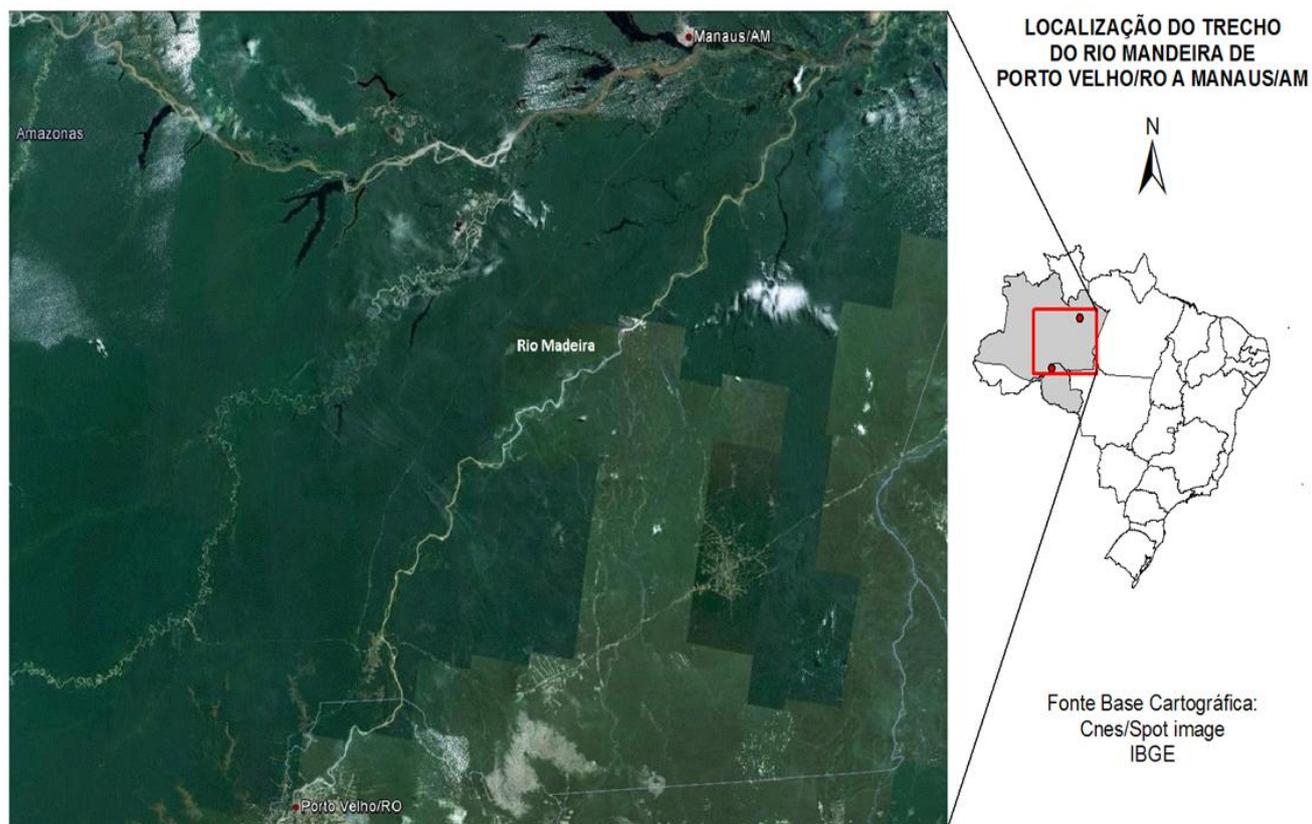


FIGURA 14 – ÁREA DE ESTUDO

3.3 TRANSPORTES/EMBARCAÇÕES NA ÁREA DE ESTUDO

As embarcações sempre tiveram um papel importante na história da humanidade. Na Amazônia, com a sua vasta rede hidrográfica, os barcos têm sua importância econômica e social. Os transportes existentes na área de estudo variam desde o de passageiros e cargas, escoamento da produção local, como transporte de soja ou derivados de petróleo.

Nogueira⁹⁵ (1994) ao estudar o transporte fluvial no estado do Amazonas, destacou três segmentos básicos: transporte de passageiros e cargas regionais (barcos recreios), o de derivados de petróleo e, por último, o de carga em comboio integrado que forma uma ou mais balsas e são denominados de “empurradores”, os quais transportam desde contêineres à soja. Incluiremos nessa discussão outros meios de transporte existentes na área pesquisada tais como: motor rabeta, voadeira, canoa e regatão.

Os ribeirinhos e barqueiros utilizam essas embarcações para singrarem os mais diversos rios, levando e trazendo mercadorias, além de pessoas. Muitos dos habitantes do espaço ribeirinho são de origem nordestina ou amazônica. Esses homens no decorrer de suas viagens e nas paradas às comunidades ribeirinhas constroem múltiplas relações sociais.

Vivendo e trabalhando no rio Madeira, assim barqueiros mergulham na cultura amazônica, construindo-a e constituindo-se discursivamente ao assimilarem a palavra do outro e revelando um conjunto de signos significativos no rio Madeira e que agregam valores aos saberes espaciais.

De acordo com Faraco⁹⁶ (2009, p. 84), “[...] nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes”. Logo, é no interior do barco que os profissionais da navegação constroem esse “mirante” de muitas vozes em permanente movimento, tendo em vista a dinâmica de pessoas que circulam, visitam e viajam nas embarcações.

Os barqueiros constroem signos sociais que são expressos através dos processos interlocutivos e marcam as relações dialógicas dos homens no espaço.

⁹⁵ NOGUEIRA, R. **Amazonas: um estado ribeirinho**. Manaus, Ed. da UFAM, 1994.

⁹⁶ FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Como afirma Sarmiento (2004, p. 45), “Os discursos podem ser compreendidos como práticas de significados, fornecendo quadros para compreender o mundo. Eles representam a luta ou negociação sobre o significado”.

As interlocuções dos barqueiros com os passageiros são práticas sociais que revelam muito do viver, do agir e do relacionar-se com pessoas e lugares. A produção do espaço poético passa pela construção de significados atribuídos aos lugares da navegação e do viver amazônico.

Os transportes existentes no rio Madeira participam da organização social e econômica da região amazônica. Nesse universo, a alta tecnologia se faz presente em alguns transportes como é o caso das embarcações que transportam soja. De forma breve, mostraremos os transportes existentes na área de estudo e dar-se-á o início com o transporte de carretas e de contêineres:



FIGURA 15 – TRANSPORTE DE CARRETAS E CONTÊINERES
FONTE: A autora (2010)

Os empurradores/rebocadores são embarcações robustas com poder de força, para empurrar e rebocar balsas. Essas embarcações são construídas de ferro e muitas são provenientes de estaleiros de Manaus ou Belém. Na figura 16, a soja e seus derivados são transportados em comboios até Itacoatiara, no Amazonas e de lá segue aos portos europeus:



FIGURA 16 – TRANSPORTE DE SOJA
FONTE: A autora (2010)

Os empurradores/rebocadores são considerados os mais equipados, no rio Madeira, em termos da tecnologia. Na sua maior parte, possuem Radar, Ecobatímetro e Carta Náutica. Por outro lado, há embarcações que transportam essencialmente derivados de petróleo que também são equipadas com Radar, Ecobatímetro, Carta Náutica e os trabalhadores atuantes nesses meios de transporte detêm conhecimentos sobre uma tecnologia diferenciada que requer maior grau de escolaridade.



FIGURA 17 – TRANSPORTE DE DERIVADOS DE PETRÓLEO
FONTE: A autora (2010)

A canoa é indispensável à população amazônica, apresenta inúmeras utilidades e os ribeirinhos se deslocam nela com muita facilidade. Utilizam-na em atividades lúdicas, pescarias, transporte da produção local (sacas de farinha, frutas

nativas, utensílios domésticos, etc). Esse transporte feito de madeira é tido como elemento do patrimônio imaterial do grupo:



FIGURA 18 – CRIANÇAS RIBEIRINHAS
FONTE: GALVÃO, A. (2007)

Inclusive as crianças utilizam a canoa de forma lúdica, no transporte de pequenas mercadorias ou como meio de chegar à escola.

O motor rabeta ou rabetinha é uma embarcação tipo canoa e muito utilizada no rio Madeira e seus afluentes. Pode ser um motor de 6 a 12 Hps, poderá ser a diesel, gasolina ou gás, dependendo de sua adaptação. A rabeta conhecida pelos ribeirinhos não é só viável financeiramente, é útil a medida que entra em lugares de difícil acesso onde a voadeira não consegue entrar. Os motores acoplados na rabeta, quase sempre, são de refrigeração a ar. Esta adaptação tornou-se inovadora no espaço ribeirinho e a foto 19 destaca a rabeta no transporte da população local:



FIGURA 19 – MOTOR RABETA OU RABETINHA
FONTE: A autora (2010)

Através do motor rabeta pode-se viajar, pescar, passear e transportar a produção local. O que diferencia o motor rabeta da canoa é a agilidade do mesmo, é motorizada e favorece vencer as distâncias dos rios em menor tempo comparando com a canoa.

A voadeira é um barco mais veloz, com potência superior ao da rabetinha, costuma ser utilizada para dar apoio aos tripulantes da embarcação Recreio e viabiliza o deslocamento rápido de pessoas em situações de emergência. A aquisição da voadeira é inviável para muitos ribeirinhos. Na foto abaixo, o momento de buscar os passageiros a beira das barrancas:



FIGURA 20 – TRANSPORTE DE PASSAGEIROS NA VOADEIRA
Fonte: A autora (2010)

O regatão é uma forma de comércio ambulante, vende mercadorias, gás de cozinha diretamente nas comunidades ribeirinhas. Como em todos os lugares não há regularidade de frequência de embarcações Recreio, os regatões aparecem ao longo dos rios amazônicos, conforme o período das safras, pois os proprietários vendem ou trocam mantimentos pela produção dos ribeirinhos. A contribuição dessa forma de comércio precisa ser mais resgatada nos estudos geográficos.

A balsa colabora na travessia de carros, caminhões e passageiros para o outro lado do rio Madeira, indo em direção ao município de Humaitá, no Estado do Amazonas.



FIGURA 21 – BALSA DE TRAVESSIA
FONTE: A autora (2010)

3.3.1 Transporte de Passageiros e cargas (barcos Recreios)

Os barcos fazem parte da visualidade amazônica, possuem variadas tipologias, usos e funções distintas. De modo especial, os barcos transportam a produção local, passageiros, cargas diversas e colaboram com o envio de mensagens escritas ou faladas. Toda a dinâmica do trabalho dos barqueiros acentua a importância do transporte fluvial na Amazônia, considerando a realidade de quem vive e depende desse transporte no seu cotidiano e na organização do seu espaço.

O nosso recorte pautou-se em trabalhar com o transporte de passageiros e cargas no rio Madeira, com as embarcações chamadas de Recreio, e fazem linhas regulares para as diversas comunidades e cidades ribeirinhas da Amazônia, especialmente no trecho escolhido Porto Velho-Manaus-Porto Velho.

O barco Recreio tem um papel social e econômico na sociedade amazônica, tendo em vista a sua funcionalidade. Através desse meio de transporte, as pessoas tem a oportunidade de se deslocarem, de viajarem, de escoarem a sua produção. Esse tipo de embarcação garante a mobilidade de passageiros e o transporte de cargas no interior da Amazônia.

As embarcações Recreio são tidas como adequadas às condições fisiográficas da região amazônica, tendo em vista o custo do barco de ferro ser muito maior, é inacessível a boa parte dos donos de embarcação. O saber naval representa o conhecimento regional valioso, sustentável e de grande utilidade na

Amazônia. Sua construção ocorre nos estaleiros ou oficinas localizadas às margens do rio Madeira ou em outras partes da Amazônia:



FIGURA 22 – CONSTRUÇÃO DO BARCO RECREIO
FONTE: A autora (2008)

Os barcos “Recreios” são construídos de madeira, em sua maioria, têm em média de 15 a 32 metros de comprimento e de 5 a 12 metros de largura, com capacidade para transportar 60 a 200 passageiros, dependendo do tipo de embarcação. A voadeira é utilizada no barco recreio para dar apoio ao trabalho do barqueiro que é o de embarcar e desembarcar cargas e passageiros durante a viagem, além de fazer a sondagem do rio quando este se encontra na época da vazante:



FIGURA 23 – BARCOS RECREIOS
FONTE: A autora (2011)

Esses barcos são construídos com base numa engenharia “artesanal” e apropriada para a realidade local. Podem transportar cargas de duas a doze carretas tanto no convés como no porão, dependerá da capacidade do calado (acima de 2 metros).

Como a capacidade de transporte é grande, muitas famílias fazem as suas mudanças, levam mercadorias e até animais. Algumas empresas utilizam o transporte fluvial para escoar a produção para ser comercializada no Estado do Amazonas, a exemplo de batatas, tomates, cebolas, mamão produtos de Rondônia e de outros lugares destinados ao mercado consumidor de Manaus:



FIGURA 24 – MERCADORIA TRANSPORTADA NA EMBARCAÇÃO
FONTE: A autora (2011)

Quando os barqueiros realizam suas viagens começam pela leitura do tempo, da dinâmica das águas (cheias e vazantes), o olhar sobre os desbarrancamentos acontecidos no próprio rio Madeira, chamados de “terras caídas”. Eles põem em prática seu saber, sua geografia da ação, recorrem a sua experiência ou a dos outros para navegar com segurança. O agir no espaço é repleto de estratégias que envolve o trabalhar, o convívio, a sociabilização do conhecimento entre os barqueiros e a interação da tripulação com os passageiros.

No rio Madeira, pode-se considerar, basicamente dois trajetos de viagens que são regularmente nas embarcações Recreio:

1) **Porto Velho-Calama-Porto Velho:** os barqueiros realizadores dessas viagens navegam no Estado de Rondônia, fazem atracções em algumas comunidades e Distritos pertencentes ao município de Porto Velho. Hoje existem cerca de quatro a cinco embarcações que oferecem viagens semanalmente e

passam em aproximadamente 100 comunidades ribeirinhas ligadas à estrutura administrativa de Porto Velho.

2) **Porto Velho-Manaus-Porto Velho:** corresponde ao segundo trajeto e costuma ser realizado por embarcações de médio a grande porte que saem de Porto Velho com destino a Manaus. A capacidade de atendimento aos passageiros costuma ser maior, com média de 200 passageiros.

Saindo de Porto Velho com destino a Manaus a viagem costuma durar em torno de três a quatro dias, pois é descendo o rio Madeira. O barco mantém o itinerário de atracar nas cidades ribeirinhas de Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã, Borba. No retorno à Porto Velho, a viagem costuma ser realizada de cinco dias até exageradamente oito dias, desde que não hajam imprevistos.

Em ambos os trajetos, o barco navega no encontro das águas dos rios Negro e Solimões, adentra ao grande Amazonas, até chegar ao rio Madeira. Às margens desses rios há densa vegetação, presença de praias formadas ao longo das margens e leitos do rio, postos de gasolina flutuante e variedade de animais como os botos vermelhos e tucuxis. Os barcos que realizam o trajeto Porto Velho - Manaus são oferecidos camarotes, variando de preços, muitas vezes, inacessíveis financeiramente à maioria dos usuários.

Os barqueiros com os quais trabalhamos costumam realizar os dois tipos de viagens. A faixa etária desses profissionais varia de 19 a 71 anos. São homens nascidos em áreas ribeirinhas, com experiência profissional em navegação há mais de dois anos, exerceram também outras atividades ligadas à garimpagem de ouro, pescaria, extração da borracha, entre outros.

Na organização do viver amazônico, o barco garante a saída e a chegada de pessoas dos mais diversos espaços, tendo em vista que o transporte aéreo não é acessível a população ribeirinha. Em decorrência das longas distâncias, o barco passa a ser visto como espaço habitado, pois colabora com a troca de experiências, favorece ao passageiro conhecer e intercambiar as suas experiências, podendo ser negativas ou positivas. É o espaço de convívio e de conflitos, de práticas espaciais, do apreciar a natureza em todas as suas nuances.

É tido como lugar de moradia de alguns tripulantes e mesmo do proprietário do empreendimento. O sentido de habitado passa pelas experiências práticas e subjetividades que vão sendo construídas. Como diz Claval (2010, p. 39), “Viver é

estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos, com a visão, a audição, o olfato, o tato”. Morar no barco se torna uma atratividade, pois remete ao sossego, ao convívio direto com a natureza e com as águas. O habitar no barco tem o sentido de encontrar pessoas, de trabalhar em prol de um grupo social, de exercer uma atividade profissional, como é o caso dos barqueiros para os ribeirinhos, de ter a possibilidade de uma vida social, apesar dos grandes desafios. Os encontros que ocorrem no barco são variados, podendo ser com parentes, amigos, desconhecidos, turistas, enfim como diz Claval (2010, p. 41):

Ao acaso dos deslocamentos, as relações se entrecruzam, a gente pára um instante quando o tempo não nos apressa, a conversa começa. Ela discorre sobre o tempo que está fazendo, sobre a rapidez com que os meses desfilam ou sobre a família [...].

O barco Recreio colabora com a produção das espacialidades porque se estrutura no conjunto das relações sociais estabelecidas e esse espaço coletivo se torna habitado. A própria forma de colocação das redes, uma ao lado da outra, como observado na figura 24, evidencia a predisposição de começar um diálogo com o vizinho e de partilhar experiências:



FIGURA 25 – ESPAÇO DAS REDES
FONTE: A autora (2010)

Além de transportar passageiros e cargas, o barco se torna o lugar do encontro entre as pessoas mais distantes e próximas, proporciona através de seus deslocamentos pelas diversas comunidades, o evocar da reação emotiva, diante do ver, ouvir, lembrar, ou seja, da vivência cotidiana. Passa por lugares que podem ser

agradáveis, belos, impressionantes ou ameaçadores. Tais sensações provocam reações emotivas nas pessoas diante dos lugares avistados do barco.

Também é considerado como objeto estético flutuante dada a criatividade dos artesãos que constroem essas embarcações com tecnologia adequada à região, riqueza de detalhes, cores e formas. Os barcos Recreio são dotados de significação, pois simbolizam o espaço de integração, de intimidade para os barqueiros, tendo em vista que alguns vivenciam a solidão por estarem longe da família; outros aproveitam as viagens para encontrar pessoas e compartilhar experiências.

Os meios de transporte citados fazem parte da dinâmica amazônica das comunidades ribeirinhas. Famílias se deslocam nessas embarcações, viajam distâncias para receber salários, pensões, participar de festejos religiosos, dos torneios de futebol, buscar atendimento médico e visitar parentes e amigos.

Com a experiência de um bom prático, os barcos percorrem a imensidão de águas na Amazônia, ultrapassam cada obstáculo de acordo com a tecnologia disponível e fazem uma navegação singular na região. Porém, quando os barqueiros ficam algum tempo sem viajar, se sentem angustiados, com aquela vontade de descer o rio, mesmo que seja somente de voadeira. Para o grupo, viajar no rio Madeira significa vivenciar estado de felicidade, de liberdade, sobretudo, de garantir a subsistência da família e trabalhar no que gosta.

3.4 DELIMITAÇÃO DAS CATEGORIAS DOS SUJEITOS

Os estudos qualitativos baseiam-se na observação, com base na interpretação dos fenômenos sociais e culturais. É preciso considerar a mediação entre o individual e o social e, dessa maneira, o pesquisador encontra-se junto com os sujeitos da pesquisa, produzindo sentidos e espaços dialógicos na interação com o outro e com o espaço amazônico.

Nesse sentido, é preciso levar em conta, neste encontro com o outro, a esfera social, a diversidade dos discursos e os contextos possíveis de interação no barco, no espaço, o qual se constitui no encontro de muitas vozes as quais realizam movimentos de intersubjetividades, se manifestam de formas diferentes, expressam discursos surpreendentes, polêmicos, inovadores, contraditórios, excêntricos. Tais

diversidades segundo François⁹⁷ (2009, p.14) remetem à “heterogeneidade dos modos de significação (segundo as situações, as pessoas, os objetos, as expectativas, os desafios, a gestão do dito e do não dito e sua articulação [...]”.

Essa dimensão do espaço, como componente dialógico, deve ser considerada uma vez que se trabalha com os discursos efetivos, autênticos e dinâmicos dos sujeitos e refletem determinado espaço geográfico, com experiências socioespaciais diversificadas das quais fazem parte a tessitura da vida social.

Durante a realização do trabalho de campo se teve o cuidado e o compromisso de informar aos entrevistados o objetivo da investigação, a contribuição da pesquisa ao grupo, principalmente a de mostrar a dinâmica do trabalho dos barqueiros com toda a problemática encontrada na área pesquisada. Priorizou-se a observação, realização de viagens com o grupo pesquisado, entrevistas e aplicação de mapas mentais com base no aporte metodológico escolhido.

A vivência na Amazônia, o fato de ter sido professora dos barqueiros nos levou a uma atuação mais engajada com o grupo. Nessa interação, teve-se a oportunidade de realizar muitas viagens e nos diversos rios⁹⁸, conhecer comunidades ribeirinhas, visitar oficinas destinadas ao reparo de embarcações, o que nos possibilitou construir percepções sobre os lugares, na busca pelo entendimento de um modo de vida muito desconhecido por quem habita os espaços urbanos da Amazônia.

Na concretização da pesquisa de campo conseguiu-se entrevistar: quatro passageiros, dois comandantes/práticos, um tripulante/conferente de carga, um prático, um dono de barco/prático, um tripulante marinheiro fluvial de máquina, sendo total de dez pessoas na realização das entrevistas. Na parte da aplicação dos mapas mentais participaram doze pessoas (nove passageiros e três tripulantes, considerando que uma delas havia concedido entrevista). O universo total de participação de sujeitos resultou em 21 pessoas.

Em campo, não se teve a preocupação de fechar o número exato de sujeitos da pesquisa. As entrevistas e aplicação dos mapas mentais desenrolaram-se aos poucos, sendo estendido o convite a outros barqueiros para participarem da

⁹⁷ FRANÇOIS, F. **Crianças e narrativas**: maneiras de sentir, maneiras de dizer. Tradução de adaptação de Ana Lúcia Tinoco e Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Humanitas, 2009.

⁹⁸ Rios amazônicos: Madeira, Preto, Maicy, Amazonas, Solimões, Negro, Purus, Ituxi, Juruá

investigação, mas percebeu-se um silêncio, reserva ou inibição de alguns ao falarem do trabalho de maneira gravada. Nessa situação, procurou-se manter o diálogo informal seguido do acompanhamento do trabalho no barco.

A busca pela compreensão sobre a reserva ou mesmo o silenciamento de alguns tripulantes nos levou ao conhecimento dos “linhas de fora”, citados pelo comandante Solano (2011):

Os linhas de fora são aqueles que não tem carteira e estão a bordo trabalhando por um pequeno salário e chama-se linha de fora. Continua tendo muitos linhas de fora, eles viajam pra tá na bagunça, é bebendo, fumando droga, só querem pra isso. Quando eles chegam no porto da cidade eles pulam tudo em terra e vamos beber. É só pra isso que eles viajam. Viajam pra ganhar essa mixaria só pra isso. É um problema viu.

Os linhas de fora não possuem qualquer habilitação, fazem parte do cotidiano do barco e se passam como pessoas habilitadas em diversas funções. Isto é, na liberação do barco, os profissionais habilitados possuem o nome na lista oficial da embarcação junto ao órgão fiscalizador, mas na prática quem costuma assumir, ocasionalmente, determinadas funções são os linhas de fora.

Essa situação vivenciada pelos linhas de fora não é nova, faz parte do contexto da navegação no rio Madeira e pode ser um grande problema na embarcação em se tratando da segurança coletiva do transporte, do profissional que encontra trabalhando por valores irrisórios e não sendo habilitado, além do crime de falsidade ideológica, pois pessoas se passam como sendo outras. Ao longo do trabalho tornou-se fácil a localização dos linhas de fora, o que revelou o motivo da não aceitação da gravação das entrevistas. Foi respeitada essa condição e consideramos os “linhas de fora” como sujeitos atuantes no barco e aceitaram conversar sobre o trabalho realizado desde que não fossem identificados.

Considerou-se a pessoa investigada como sujeito, no sentido de trazer à tona a voz reveladora de saberes espaciais e culturais sobre determinada realidade, sendo um interlocutor atuante no processo da pesquisa. Dentro da abordagem aqui escolhida, levou-se em conta as vozes dos sujeitos, tanto a participação ativa do pesquisador quanto do entrevistado. Partindo dessas premissas, trabalhou-se com as seguintes categorias de profissionais destacadas por Sousa (2004):

Comandante: é o sujeito responsável pelo comando da embarcação, pela tripulação e passageiros. Encontra-se habilitado pela Capitania dos Portos (Marinha

do Brasil) para exercer tal função a bordo. Possui Caderneta de Inscrição e Registro – CIR. Como diz um barqueiro: “O comandante é o que despacha a embarcação, toda a documentação tem que passar pela mão dele pra ele poder levar na Capitania e despachar a embarcação”. Mas esse profissional, nem sempre é o sujeito que pilota o barco, como acontece, geralmente, nos barcos Recreio.

Prático: sujeito que conhece, tem experiência no rio, navega, orienta e pilota os barcos com segurança nas duas épocas: vazantes e cheias, mas não é uma categoria reconhecida no âmbito da navegação em Rondônia. Como diz Sousa (2004), não é habilitado para exercer qualquer função a bordo das embarcações. Nogueira (2001) menciona que o prático é o morador local que navega nos rios e que orienta os comandantes quando começam a navegar em percursos novos. A função do prático não fica apenas na orientação, mas chega a conduzir a embarcação.

Barqueiro: há dois perfis de barqueiros nas embarcações: o primeiro mais experiente na navegação, pode ser jovem ou adulto, é habilitado para exercer tal função a bordo do barco. A maioria deles só concluiu o 5º ano do ensino fundamental; outros possuem o ensino fundamental completo ou ensino médio (incompleto e completo). Ainda há o grupo dos não-alfabetizados, os quais se encontram também habilitados e costumam trabalhar mais na embarcação recreio.

O segundo perfil de barqueiro é experiente, detém um nível de conhecimento diferenciado, possui maior escolaridade, chegando a ter curso superior.

Esse profissional mais habilitado faz parte do grupo de outros segmentos de transporte, com atuação em grandes empresas de navegação, as quais procuram investir na formação e qualificação. Sabe-se que as empresas de navegação têm investido na qualificação permanente desse navegador porque a tecnologia disponível exige o profissional melhor qualificado.

Sousa (2004) ainda identificou outras três atividades realizadas pelos barqueiros quando estão navegando:

Barqueiro-informante: comunicam aos ribeirinhos notícias diversas de utilidade pública como e quando se dará a Campanha de Vacinação, atendimento da equipe médica e Justiça Rápida, entre outras informações. Como muitos dos ribeirinhos não são alfabetizados, as informações são transmitidas oralmente, sendo

reforçadas e confirmadas através de cartazes deixados pelos barqueiros ao longo das comunidades.

Barqueiro-mensageiro: Em diversas situações, os barqueiros levam e trazem mensagens dos ribeirinhos, podendo ser escritas ou faladas. Ocorre situação em que o ribeirinho diz ao tripulante: “Tião, esse bilhete é para Constantino”. E quando o barqueiro olha não tem o nome “Constantino” escrito no pequeno pedaço de papel. Para não ficar constrangido diante de tal situação e manter a cortesia, o favor com o ribeirinho, o barqueiro precisa ter boa memória como muitos dizem porque são muitas mensagens repassadas às comunidades.

Os conteúdos dessas mensagens variam desde o pedido de mercadoria, fruta, música como notícias de alguém. Também é frequente os barqueiros levarem junto com o bilhete algum dinheiro. Às vezes, o próprio tripulante, pelo fato de não ter tido a oportunidade de vivenciar o processo de escolarização, dada à condição econômica e social, costuma fazer confusão na hora de entregar algum bilhete, repassando equivocadamente bilhetes com dinheiro aos ribeirinhos em comunidades distintas.

Barqueiro-carregador: Além do serviço de competência dele que é o transporte de cargas e passageiros, costuma carregar e descarregar a produção dos ribeirinhos. E o transportar a carga significa subir e descer íngremes barrancos diariamente. O cotidiano de trabalho é intenso e exige força, sobretudo, preparo físico. O esforço é enorme, levando ao aparecimento de problemas físicos como a *escoliose*⁹⁹ nos barqueiros e ribeirinhos.

Dono ou fretante do barco: sujeito que, geralmente, viaja na embarcação e exerce atribuições pertinentes para esta investigação. No cotidiano do barco quem determina as ordens é o dono do barco ou fretante, apesar da autoridade do comandante a última palavra é sempre a do proprietário.

Passageiros: Esta categoria é essencial na embarcação, apesar de ser mencionada, geralmente, em segundo plano pelo dono do barco porque o que gera lucro é a carga transportada, o passageiro permanece em segundo plano na questão do lucro final.

Os passageiros podem ser diversos, desde turistas, moradores da cidade de Porto Velho, de Manaus e a própria população ribeirinha se desloca constantemente

⁹⁹ Desvio lateral da coluna vertebral.

nas embarcações. Os motivos do deslocamento podem variar desde visitar parentes, problemas de saúde, busca por empregos, compras e recebimento de salários ou aposentadorias em Porto Velho ou Manaus.

Há situações percebidas nas quais os passageiros são amigos, compadres e compartilham histórias de vida, de amizade sobre os donos de barcos, além dos outros tripulantes. Por isso, privilegiou-se dentro da categoria de passageiros trabalhar com os sujeitos moradores das cidades ou comunidades ribeirinhas pelo conhecimento do espaço geográfico amazônico. Dessa forma, o ribeirinho é o sujeito que mantém uma organização social diferenciada dos sujeitos urbanos. Sua sobrevivência é baseada, principalmente, na pesca, na pequena produção agrícola como a farinha, pratica a coleta de produtos da mata como a castanha, açaí, patuá nativos [...] possui um modo de vida coerente com o ambiente em que vive, inserindo em sua estratégia de sobrevivência o universo das águas e das matas segundo Silva (2002).

As categorias supracitadas foram trabalhadas, considerando o grau de hierarquia dentro do barco, a tecnologia disponível, a transmissão dos saberes, os conflitos existentes, a percepção dos passageiros sobre a viagem e as particularidades de olhares sobre o rio Madeira.

Os barqueiros e práticos navegam nos diversos rios, conhecem quando chega o período das cheias e das vazantes, percebem as minuciosas mudanças na paisagem e sabem o significado de cada lugar e como devem se prevenir ou ultrapassar os obstáculos ao longo do rio. Compreender tais olhares sobre o rio Madeira tornou-se uma oportunidade de pensar sobre os espaços dos homens da Amazônia que constroem saberes espaciais e signos sociais.

No trabalho de campo, tornou-se relevante observar, ouvir, acompanhar o trabalho dos sujeitos da pesquisa. Foi observado o maior número possível de manifestações concretas dos fenômenos diários: a organização e as condições do trabalho dos barqueiros, o aspecto da segurança, as dificuldades do grupo, as práticas interlocutivas, o grau de hierarquia a bordo do barco, as orientações transmitidas nas viagens, os conflitos existentes e as interações mantidas com os passageiros.

A efetiva vivência da pesquisadora em campo exigiu atenção, disponibilidade para viajar horas ou dias, geralmente, em torno de 3 a 5 dias ou mais até Manaus. De início, não se tornou tão operacional a realização da entrevista na

embarcação em virtude da jornada intensa de trabalho dos tripulantes, sobretudo, pela condições da navegabilidade. O tempo disponível do grupo era voltado ao descanso, isso significativa em torno de duas horas, o que levou a pesquisadora agir com bom senso e não sacrificar o precioso tempo dos tripulantes.

Além disso, a realização de uma entrevista gravada pode ficar prejudicada devido ao barulho do motor. É preciso buscar um local mais adequado a bordo do barco para a realização da entrevista. Mas as dificuldades que se encontram muitas vezes não podem vir a desanimar o trabalho do pesquisador. Certamente, as conversas informais com os passageiros permitem uma apreensão do espaço, mas é preciso que o pesquisador se lance ao diálogo com o entrevistado e isso exige tempo.

Para Sarmiento (2004, p. 164), “[...] para compreender certos aspectos das atitudes e percepções dos participantes, deve ser construída uma confiança entre o investigador e os entrevistados [...] este processo é bastante moroso”.

O processo de entrevista exige tempo, é moroso. O pesquisador precisa manter um posicionamento ético, mesmo que venha a ser mal interpretado em suas ações no campo, diante do que observa, escuta e vivencia nas viagens. Nem sempre o pesquisador se encontra numa situação favorável, pode haver situações desfavoráveis e dependendo da sua postura poderá prejudicar totalmente o trabalho de campo. A prudência é tida como aspecto importante, o saber relevar situações conflituosas, evitar a interferência desnecessária no cotidiano do grupo, todos esses aspectos colaboram com o êxito da pesquisa de campo.

As viagens são longas devido às distâncias. O desafio não é passar muito tempo navegando, mas existe a perspectiva de viajar todo o trajeto, chegar ao destino desejado e não realizar o que se planejou. Realizar uma boa entrevista exige tempo, certo grau de confiança no entrevistador, postura de cooperação, de comprometimento e de valorização do saber do outro.

Ser aceito no grupo não é tarefa tão fácil, exige persistência por parte de qualquer pesquisador. Quando se pretende realizar entrevistas, é necessário levar em consideração a disponibilidade do entrevistado, do grupo para conceder a entrevista, haja vista às atividades voltadas a subsistência que variam desde a produção de farinha como a pesca.

É preciso compreender o ritmo do entrevistado, do grupo, saber o momento e o local ideal para realização da entrevista. O pesquisador precisa ter paciência e

esperar. Não se faz e não se consegue fazer pesquisa de campo da noite para o dia. É preciso construir, observar as mudanças, ritmos, deslocamentos das pessoas no espaço.

Ao longo de toda a pesquisa de campo, os fatos observados, juntamente com as entrevistas, mapas mentais e a vivência da pesquisadora na área contribuíram para o amadurecimento do olhar sobre os barqueiros, a importância do trabalho do grupo junto às populações amazônicas. Os procedimentos metodológicos ajudaram na organização, execução e dinamização do trabalho.

3.5 O LUGAR SOCIAL DOS ENTREVISTADOS

Os entrevistados são sujeitos que se constroem nas vivências e nos encontros com outras pessoas. Fazem parte de um contexto social e histórico na Amazônia e produzem espaços dialógicos, permeados pelas experiências, pelas buscas, esperanças e valores transmitidos diariamente no encontro com o outro. Os sujeitos escolhidos para essa investigação são atores sociais que vivem ou navegam no espaço do rio Madeira.

Neste subitem são destacados os entrevistados, sendo utilizados nomes fictícios por questões de segurança, conforme acordado com eles e com ampla divulgação dos conteúdos. As entrevistas trazem a experiência vivida, revelam a memória do grupo, chegam a ter a dimensão testemunhal do desabafo, do dizer, apresentam a leitura do espaço ribeirinho e das representações relacionadas ao rio Madeira.

Entrevistador 1

Nome: Lopes Categoria: Comandante Função: Prático

Tempo de navegação: 20 anos

Duração da entrevista: 21 minutos e 34 segundos

O barqueiro Lopes é de origem nordestina, mencionou na entrevista o início do aprendizado como prático: “Me tornei um prático através do descarregamento, do carregamento, através de outros parceiros que conheciam o rio e foi me dando aquela oportunidade de me colocar no comando, dormir do meu lado [...] através disso aí fui fazendo as minhas balizas e hoje em dia sou o que sou, tento demonstrar nada pra ninguém e não ser nada mais que ninguém.”, além do trabalho diário e as belezas do rio Madeira. Fez questão de destacar os obstáculos encontrados nas viagens, lembrou duas situações que culminaram em naufrágios. A primeira delas o barco bateu no toco e naufragou porque a tábua se despreendeu. A outra situação correspondeu à imprudência do dono do barco em realizar uma ultrapassagem errada desencadeando no naufrágio, mas salvaram-se os passageiros. Lopes enfatizou as características do rio Madeira, chamando atenção para os perigos existentes, o canal indefinido, o trabalho levado a sério. Mencionou as passagens difíceis: “[...] a gente evita muito de passar pelos pedrais. A gente passa pelos pedrais só quando tá seco, mas quando tá cheio a gente passa pela boca dos paranás¹⁰⁰ [...]”. Teceu comentários sobre a construção das usinas hidrelétricas quanto ao aspecto do represamento da água a qual afeta a navegação: “Ficou dificultoso porque prendeu toda a água lá pra cima, a água não tá correndo igual corria antes, sempre dava passagem boa pra nós e agora não [...]. Acho que a construção das usinas vai melhorar pela parte elétrica para muitos que precisa, agora pela parte da navegação vai ser uma situação precária, porque a cada ano vamos ter uma situação surpresa. A gente enfrenta várias praias e pedras”. O entrevistado citou de um lado a escassez de animais como a tartaruga e o tracajá¹⁰¹ no rio Madeira e por outro lado, a abundância de jacarés. Terminou o relato com o desencantamento sobre o rio Madeira, mas ao mesmo tempo referiu-se ao Canta Galo, lugar à margem do Madeira e pertencente ao imaginário poético da população ribeirinha.

¹⁰⁰ Braço de rio, separado deste por uma ilha.

¹⁰¹ Quelônio encontrado na Amazônia e apreciado na culinária regional.

Entrevistador 2

Nome: Luizão Categoria: Passageiro Profissão: agricultor

Duração da entrevista: 30 minutos

O passageiro Luizão tem 72 anos, é cearense, mas migrou com a família pequena para o estado do Pará. Atualmente, mora na cidade de Oriximiná com uma família grande, composta por 66 pessoas. Na entrevista, falou muito do ambiente da terra firme e da várzea: “Na várzea dá para plantar tudo, dá melancia, dá o milho, o feijão. O que plantar. A terra de várzea é a melhor terra que tem para o agricultor [...]”, apesar da fatura comentou da dificuldade do agricultor em obter ajuda por parte do poder público, das omissões e fiscalizações existentes. Como diz: “É grande a numeração de embarcação [...] quando dar fé chega oito, dez embarcações de fora. Embarca lá, desembarca, é coisa da Marinha do Brasil, acho que é difícil. Não tem fiscalização, não tem. Eles deixam logo aí, é o empurra, empurra e viva quem puder. É uma situação deles e de todo país chega, de todo o Brasil chega, de todo lugar chega, a Marinha só tem a obrigação dela mesma cultivar os barcos de onde ele vem e pra onde vai”. Além disso, mencionou o excesso de pessoas numa embarcação de Manaus: “Rei Davi muito grande aquele barco. Aqui no Amazonas. Ele é recreio, muita gente demais como que dar pra um barco embarcar tanta gente daquele jeito. Quando chega a hora do barco sair não tem mais o quer”. Fez referência a melhoria do transporte de passageiros em outras áreas da Amazônia. No Madeira, as embarcações ainda são construídas de madeira, com exceção de uma de ferro. Fez menção às mulheres paraenses vítimas de escaltelamento: “Aconteceu comigo uma vez, eu virando a máquina a menina estava esgotando a água, pegou o cabelo dela, enrolou e arrancou com tudo. Ficou o couro limpo, limpo, limpo. Quase morreu a mulher”. Essa situação melhorou na região, mas as vítimas lutam pela sobrevivência: Na continuação trouxe temas relacionados à exploração dos produtores na Amazônia: “Nós temos uma exploração muito grande na zona rural, nós colonos, agricultores, por perversidade dos políticos”, da atuação do INCRA e dos conflitos por terra. Finalizou a entrevista com emoção e disse: “Minha luta é grande, mas é por isso não quero deixar a minha família na mão de muitos que se trocam por R\$ 10,00. Nunca me troquei por dinheiro nenhum porque tenho uma família muito grande e quero deixá-los como cidadãos e não como ladrões”.

Entrevistador 3

Nome: Waldir Categoria: Dono de barco Função: Prático

Tempo de navegação: 20 anos

Duração da entrevista: 1 hora e 10 minutos

O barqueiro Waldir tem 71 anos, nasceu no Paraná da Eva (Amazonas) em janeiro de 1940. Navega há 40 anos no trecho Manaus a Porto Velho e na ocasião da entrevista encontrava-se trabalhando na produção de café e cupuaçu. A embarcação que viajava estava parada para reforma. Como diz: “[...] a viagem de Manaus a Porto Velho talvez seja a viagem mais difícil do rio brasileiro, da Amazônia, mas é uma viagem muito boa, muito rica, em todo canto que você encosta tem a fruta, tem o peixe, tem a caça”. Fala do orgulho de morar na Amazônia, da importância da biodiversidade para o planeta: “[...] o Amazonas é o pulmão do mundo, nós somos o pulmão do mundo isso desperta nas nações pobres e ricas uma coisa muito favorável para o Brasil [...], a Amazônia é riqueza tem desde o cipó até a fruta que nós necessita para o dia a dia e se nós derrubarmos a mata, a mata acaba”. A entrevista seguiu com temas ligados à preservação de espécies, à fartura de peixes, de frutas, das viagens no rio Madeira, dos naufrágios ocorridos, a importância do trabalho do prático, das passagens perigosas, a vida do homem amazônico: “eu sou caboclo e nasci no interior, é uma vida digna, a gente é humilde desde nascença, mas uma vida muito difícil assim porque as autoridades não olham para nós [...]”. Uma parte da entrevista revelou a afetividade com o rio: “O rio Madeira é um jardim florido. Nós temos em cada região dessas tem uma coisa diferente, tem a riqueza da castanha, tem a riqueza do cupuaçu, tem a riqueza da fruta nativa, que aqui tem tudo, nunca tinha visto isso no Brasil, aqui tem tudo nessa mata”. No discurso entrou a questão da biopirataria que se faz presente na região, da falta de conhecimento dos órgãos públicos sobre o modo de vida da população ribeirinha. Fez questão de dizer: “Eu admiro muito você ser uma moça nova que tem grande interesse no nosso trabalho, talvez através de você vai chegar até as nossas autoridades. Que eles cuidem de nossa riqueza e que cuidem do povo porque não adianta ter riqueza sem o povo. Porque o povo é riqueza e o povo vai extrair a própria riqueza para o Brasil [...] E o mundo inteiro tá infiltrado dentro da bacia amazônica tirando riqueza [...]. Nós temos muita riqueza. Talvez vai sair daqui da Amazônia o remédio para o câncer, curar o câncer e outras doenças da

humanidade”. Segue falando do desmatamento, da atividade garimpeira, da falta de fiscalização na defesa da floresta, das histórias sobre o imaginário da população local, a exemplo da cobra grande. De modo geral, o conhecimento do entrevistado revela a importância da biodiversidade da Amazônia, as políticas empreendidas, a valorização cultural e o saber tradicional dos profissionais da navegação.

Entrevistador 4

Nome: Mundico Categoria: barqueiro Função: Prático

Tempo de navegação: 15/16 anos

Duração da entrevista: 16 minutos

O barqueiro Mundico tem 46 anos, é paraense e mora em Manaus há cinco anos. Na entrevista falou da família, do tempo de navegação, das primeiras funções exercidas a bordo do barco: “Quem me ajudou a conduzir embarcação foram os meus amigos, marinheiros, comandantes, eles vêem a vontade da gente, a inteligência e dão oportunidade”. Esse prático viajou muito na região amazônica, citou as dificuldades, as passagens difíceis e como enfrenta: “A gente navega assim, tem o ponto de referência na seca, a gente usa o luminoso, foca aqui no holofote de noite, tá na posição tal, atravessa faz aquela passagem com segurança. Já estou com seis anos no rio Madeira, é difícil. A cada ano o canal muda. O rio enche quando vem a seca, onde era canal, as vezes já tá praia”. Falou da construção das usinas hidrelétricas no rio Madeira, chamando atenção para o represamento da água que incide diretamente no trabalho dos barqueiros: “a construção das usinas hidrelétricas acho que vai prejudicar a navegação, vai afetar muito, mas eles passando toda a água no verão já fica difícil e represando um pouco vai ficar mais difícil ainda”. Seguiu com os processos de comunicação nesse espaço, os medos enfrentados, a questão salarial do prático, volta a falar dos trechos difíceis e perigosos na navegação: “Nesse trecho Manaus Porto Velho os pontos mais perigosos daqui para Humaitá, as passagens mais próximas, Tamanduá, Capitari, Curicacas, Papagaio. É os trechos mais difíceis [...] Lá pra baixo tem 3 Casas, Pedral do Marmelo, tem a praia lá em Manicoré e tem o Vencedor. São os pontos mais críticos do rio Madeira”. Um aspecto importante é a diferença do turno de trabalho do prático: “Há diferença no turno do trabalho do prático, pois normalmente são dois práticos na embarcação. Um trabalha seis horas por dia e outro trabalha

seis horas da noite. Cada um divide os plantões [...] assim vamos reversando”. Citou o tempo de viagem de Porto Velho à Manaus (quatro dias na vazante), no inverno (três dias), contando dia e noite. Terminou falando da importância do trabalho do prático e da família que deixou em Manaus: “Quanto ao meu trabalho digo só é que eu aprendi fazer, é que tiro o meu sustento, da minha família e gosto do que faço [...] não pretendo mudar de profissão, pois gosto do que faço e de ficar na companhia de minha família”.

Entrevistador 5

Nome: Edivaldo Categoria: barqueiro Função: Conferente de barco

Tempo de navegação: 6 anos

Duração da entrevista: 6 minutos e 17 segundos

O barqueiro Edivaldo nasceu em Manaus, mas com 10 anos de idade se mudou para Manicoré, no Amazonas. É separado, teve três filhos em Manicoré. Os pais são nascidos na Amazônia. Navega há seis anos no rio Madeira, gosta de trabalhar em barco, exerce a função de conferente: “Eu recebo e entrego a carga. Gosto de trabalhar no rio Madeira, apesar de não ser um rio tranquilo, ainda mais agora nesse tempo que tá seco, é um perigo por causa das pedras, praias [...]. Chegou a presenciar acidentes que resultaram em naufrágios. Começou a trabalhar na navegação por influência de amigos que tinham balsa e no início achava ruim porque só enxergava “água e mato”, mas depois se acostumou. Quando falou do trabalho, percebeu-se a afetividade mantida com o rio: “Quando a gente fica um tempo sem viajar já dá vontade de voltar pro rio. É uma paixão de tá no rio. É uma maravilha quando fica em casa, mas passa uma semana você já quer voltar para o rio. A gente conhece muitas pessoas, conhece bastante [...]”. Seguiu falando da interação mantida com a população ribeirinha, das condições de moradia do grupo e finalizou sobre a experiência vivida com os índios de Tabatinga, no Amazonas.

Entrevistador 6

Nome: Ana Categoria: Passageira Profissão: agricultora

Duração da entrevista: 18 minutos

A passageira Ana tem 66 anos, nasceu em Ressaca, comunidade ribeirinha. Tem 12 filhos, mas com ela mora apenas um casal de filhos. Teve o primeiro filho com 16 anos. Durante a viagem no rio Madeira estava na companhia de sua neta e um bisneto. Trabalhou na produção de feijão, tabaco, milho e produção de farinha. Citou a carestia dos fretes para transportar essas produções locais: “Para comercializarmos temos que depender do barco, o frete agora tá R\$ 3,00 reais cada volume e em qualquer barco recreio”. Fez questão de mencionar: “Eu me desloco uma vez por mês para ver parente, para receber meu salário e ver o meu filho, eu tenho um filho no presídio, se envolveu com drogas [...] estou viajando nesse barco cedido pelo governo do estado, mas não tem toda vez. Lá para o rio Preto só vai de mês em mês”. Gosta de viajar pelo rio Madeira, apesar do sentimento de medo quando se depara com barco carregado de mercadorias e de pessoas, além dos problemas ambientais existentes: “Eu sempre gostei de viajar no rio Madeira, tem muita coisa para ver nesse rio. Há barcos bons e outros não... tenho medo quando o barco vai demais carregado [...]”. Citou histórias de pessoas “encantadas do fundo”, dos botos, dos animais da mata, das cobras grandes. Outros temas da entrevista se voltaram para o consumo de drogas entre os jovens ribeirinhos, alimentação da população local, com ênfase aos tabus alimentares relacionados a peixes e frutas.

Entrevistador 7

Nome: Solano . Categoria: Barqueiro Função: Comandante e prático de barco

Duração da entrevista: 45 minutos

O barqueiro Solano tem 62 anos, nasceu no estado do Amazonas, no município Eirunepé e se criou em Porto Velho, Rondônia. Tem um casal de filhos e mora em Porto Velho. Exerce a função de comandante de barco e possui 38 anos de serviço na área fluvial: “Nesse período de 38 anos, já trabalhei na maioria dos barcos do rio Madeira, já trabalhei muito, em muito barco e muita balsa. Lembro que a minha primeira viagem de barco nesse rio Madeira foi em 1971”. Conhece bem o trecho Manaus-Porto Velho-Manaus. É um profissional do rio, trabalha de dia e de noite,

conhece as passagens mais perigosas. No decorrer da entrevista falou da situação de trabalhar sem carteira assinada, da diferença salarial da tripulação, dos donos de barco, das viagens realizadas, das paisagens, das histórias compartilhadas com os passageiros. Seguiu falando rapidamente da garimpagem de ouro, de como prejudica à navegação em algumas partes do rio por causa da areia que a draga puxa e onde despeja acumula, aparece praias. O ponto importante da entrevista se deu com o desabafo sobre a perseguição que sentia da própria tripulação do barco: “Eu sou o comandante, sou muito perseguido deles. Ninguém gosta de mim porque o comandante tem que ter autoridade e eles não querem obedecer a autoridade do comandante. [...]. Então muitas coisas aqui no barco eu não me meto para ajudar, combater, dá uma força porque ninguém me obedece como comandante. Se eu disser alguma coisa eles não vão fazer de jeito nenhum. É por isso que não me meto em nada [...] e o dono do barco não diz nada. Ele não diz coisa nenhuma [...]. Em outro canto, como comandante, todo mundo me ouvia, mas aqui não. Aqui tem muito bagunceiro, fumador de maconha, bebedor de cachaça tem tudo aqui. Eu digo logo que é para gravar, para sair isso aí [...]”. Na sequência, falou das histórias do imaginário amazônico, da importância da jibóia no porão do barco, dos botos, dos naufrágios, do reparo da embarcação e das situações de ameaças de morte recebidas por um tripulante e relacionadas à questão de drogas. Como afirma: “Tenho que ir na polícia fazer uma ocorrência e pedir pra ele (tripulante que ameaçou), vai ter que assinar uma responsabilidade como segurança da minha vida [...]. Eu vivo aqui não é passeando no rio. Eu vivo trabalhando. Eu preciso trabalhar. Se eu parar de trabalhar eles não vão me sustentar em casa com a minha família. Eu vivo aqui trabalhando para ganhar o meu dinheiro e sustentar minha família”.

Entrevistador 8

Nome: Nira Categoria: passageira Profissão: dona de casa

Duração da entrevista: 21 minutos e 24 segundos

A passageira Nira nasceu no Ceará, tem 61 anos e se mudou para o Acre com apenas cinco anos de idade. Foi criada por pais adotivos, a história relatada é de muita luta, esperança. Quando estava com 13 anos de idade o pai adotivo faleceu e deixou-a aos cuidados da mãe: “Antes do pai morrer ele entregou a minha mãe e disse minha filha vá se embora, não fique aqui, volte e tinha uma canoinha pequena

de remo, pegue essa canoa, bote os seus quase nada com o de sua mãe e vai até onde Deus for servido. Fiquei encafifada com aquele negócio. Deus for servido, eu não sabia onde, como não sei”. Aos 17 anos, decidiu casar-se e como afirma: “inventei de arranjar um marido e foi o fim da minha vida. Arrumei um marido e minha mãe não queria, então fui morar com ele, fugir com ele, passei dois anos de sofrimento, ele vivia me batendo sem eu merecer”. A entrevistada sofreu muita violência doméstica no interior do Acre, em seguida casou-se novamente. O seu maior sofrimento hoje em dia foi não ter reencontrado a sua família biológica: “eu sofro, ainda hoje eu sofro porque não sei onde tá a minha família, tenho três irmãos homens e uma irmã do meu conhecimento. Eu saí de lá com idade de cinco anos do Ceará, mas eu já conhecia os meus irmãos [...]. Eu queria muito, olhe minha filha de Deus, o maior prazer que tenho na minha vida maior alegria é descobrir onde tá os meus irmãos. Eu acho que eles ainda são vivos, eles são tudo mais velho do que eu. Eu tô com 61 anos e ele deve ter quase 70 anos”. Outros temas vieram à tona na entrevista, tais como as viagens no rio Madeira, o atendimento aos passageiros, a beleza das paisagens como menciona: “A primeira vez que vim com meu velho eu fiquei na varanda assim do barco descendo e aí falei para ele assim ele nasceu lá, se criou lá e casou lá (Acre). “— Meu velho, um dia você sonhou viajando nesse rio Madeira? Ele disse não, nunca, pois é agradeça a Deus e me agradeça, pois através de nosso filho estamos passeando por aqui, nesse rio. Já fizemos umas oito viagens, eu acho que já mais, nós viemos e voltamos, duas viagens, viemos embora três, quatro, cinco e fomos de novo seis, e agora oito, eu já tô com dez viagens. Gosto de ver essa cor de água, eu acho bonita”. Fala das histórias da mata, a exemplo do Batedor, da vida sofrida que levou no interior da Amazônia. Encerra a entrevista dizendo: “Às vezes eu vejo alguém botar sofrimento ah!!, meu Deus eu também sofri muito. A minha vida é um romance, se eu for contar do começo de minha vida um dia e noite ainda é pouco. Mas a minha vida começou assim [...] minha história é essa”.

Entrevistador 9

Nome: Elton Categoria: Passageiro Função: garimpeiro

Duração da entrevista: 1 hora e 15 minutos

O passageiro Elton é natural de Paranavaí, estado do Paraná. A entrevista concedida resultou num material valioso de informações sobre o rio Madeira, garimpagem de ouro e diamante em Rondônia. O entrevistado iniciou seu relato dizendo: “Em 27 anos de garimpo já tive no céu e no inferno”. Trouxe a sua percepção sobre a economia ribeirinha voltada desde a atividade de extração do ouro, produção de farinha à pescaria. Começou no mundo do garimpo em 1984, com todo aquele espírito aventureiro que persiste na caminhada de um garimpeiro. A chegada na balsa foi completamente estranha, pois o garimpo era muito violento, havia muita morte, assalto, era uma briga pelo ouro quanto por mulheres, ninguém andava desarmado, mas se acostumava com que era bom e ruim. Nessa época, o rio Madeira era virgem da atividade garimpeira: “A minha experiência em mergulhar pela primeira vez no rio Madeira foi terrível por causa da visão. O que mais complicava tudo era visão. Não sabia quando estava chegando no fundo, não sabia o quem estava do seu lado, se era um bicho, se era um peixe, se era um ser humano. O garimpeiro mergulhava em torno de 28, 27, 30, 42 metros por causa dos buracos. O perigo ninguém percebia, a busca pelo ouro era o que importava”. De 1984 para cá, o processo de extração do ouro mudou muito de porque a tecnologia avançou demais e os garimpeiros passaram a ter mais consciência dos impactos ambientais, a começar pela saúde dos garimpeiros. O entrevistado teve problemas de saúde: sentia fraqueza, perda de memória, insônia, tudo, ele (mercúrio) causa um monte de distúrbios no corpo da pessoa. Além disso, detalhou o dia a dia do trabalho no garimpo e as consequências diretas no meio ambiente: “Olhando agora para o rio Madeira e pelo tempo de garimpagem que tem nesse rio muita coisa foi devastada, nossa, totalmente, arrasado mesmo, acabado. O rio Madeira tá aqui, mas não existe mais. Não era o rio Madeira de jeito nenhum. O rio Madeira de antes a água era limpinha, limpinha que você tomava banho, bebia, cozinhava, a água ficava azulzinha e agora esse lamaçal. [...]”. Por exemplo, acima de Porto Velho, no período de 1985 a 1995 havia 10 mil dragas operando, o fundo do rio está cheio de cabo de aço, de draga velha, de mergulho, de tudo que você imaginar, de ser humano é a história do fundo desse rio Madeira. Destacou com minuciosidade a

experiência na garimpagem de diamante junto aos índios de Rondônia: “Os índios fazem com os garimpeiros tome caldo de mocotó com leite de magnésia e fique defecando quatro dias para terem certeza de que não foi engolida nenhuma pedra de diamante”. Apesar da ilegalidade desse garimpo, há um funcionamento ativo: “... não tem como um garimpo daquele funcionar sem as autoridades saberem minha nega. Uma cidade toda iluminada daquela no meio da mata se torna uma cidade. É motor alemão, o gerador dar pra fazer energia para uma cidade como Porto Velho. Não tem como as autoridades não verem aquilo [...] as autoridades de lá acredito eu que tá tudo envolvido naquilo lá”. A entrevista seguiu com ênfase as dificuldades encontradas na região amazônica, o encontro com animais peçonhentos e o enunciado que marca a vida de um garimpeiro: “O diamante e o ouro minha querida tem 3 D, significado para gente garimpeiro antigo é: dia, dono e data...Não adianta ser o mais profissional, mas se não for o teu dia, principalmente no diamante. Aquilo que é para ser teu, tá ali guardado. Eu passo em cima dele 10 vezes e não vejo, mas se ele for para ser seu ele vai ficar lá. Não sei qual é o mistério da coisa”.

Entrevistador 10

Nome: Claudinei Categoria: barqueiro Função: marinheiro fluvial de máquina.

Tempo de navegação: 11 anos

Duração da entrevista: 15 minutos e 43 segundos

O barqueiro Claudinei tem 27 anos, navega há 11 anos no rio Madeira. É nascido em Porto Velho e evidenciou as passagens críticas do rio, as dificuldades encontradas, os acontecimentos marcantes e trágicos como a morte do Comandante, advinda de furada de prego enferrujado no pé e causador de tétano. No momento do acidente não havia vacina antitetânica disponível no local (Humaitá) vindo em seguida a se agravar levando o comandante a óbito em Manaus. Outros temas vieram à tona na entrevista, tais como: o consumo de bebida alcoólica: “a bebida ultrapassa muito o limite”, sendo um risco eminente a bordo das embarcações. Ouve o relato de acidentes no rio Madeira resultante de bebida, seguida da falta de informação do uso dos equipamentos de salvatagem. O barqueiro espera a conclusão das obras das usinas hidrelétricas para avaliar melhor o impacto gerado na área de seu trabalho. Outras questões vieram surgir como a situação da navegação: “A cada ano que passa a navegação no rio Madeira tá

piorando mais. A formação de rio tá ficando mais larga, mas compensação o leito do rio tá ficando da forma mais restrita ainda, tá ficando cada vez mais baixo, conforme tá caindo terra da lateral, das margens tá aterrando mais o rio. No caso, tá ficando mais difícil. Cada ano que passa não tem melhoria não”. Além dos medos no rio Madeira, os naufrágios ocorridos, a fiscalização dos órgãos governamentais, a imprudência dos donos de barco, a maquiagem realizada na tentativa de driblar a fiscalização, a falta de manutenção adequada aos barcos, a garimpagem de ouro e a esperança de melhoria da navegação no rio Madeira.

Os sujeitos da pesquisa, através de suas próprias vozes, trouxeram a dimensão da experiência e da vivência na Amazônia. A riqueza dessas falas reside na possibilidade de expressar-se para o mundo e para os outros, com base nos elementos do mundo vivido que lhe soam peculiares à história de vida, à família, o trabalho, o aprendizado sobre o rio, a experiência do navegar, as dificuldades diárias, os conflitos, olhar sobre as belezas e mistérios das águas e das matas, os encantados do rio com suas peripécias, problemas ambientais existentes e aspectos culturais e sociais diversos.

Há o lugar da dialogia, da relação estabelecida com os outros e que dá expressão à vida, ao mundo poético e social dos homens, com ênfase à organização de suas espacialidades.

3.6 FORMAS DE COMUNICAÇÃO NO ESPAÇO VIVIDO DO MADEIRA

Os processos de comunicação no espaço do rio Madeira envolvem interlocuções diversas. O espaço vivido das pessoas acaba sendo resultado das experiências adquiridas nos garimpos, nos seringais, na construção naval, na pescaria, chegando ao trabalho nas embarcações. Tais experiências nos levaram a perceber o quanto barqueiros e passageiros acompanharam o processo de modernização das embarcações, o auge e a decadência dos seringais na Amazônia, o sistema de garimpagem no rio Madeira e as mudanças atuais na paisagem e resultantes da construção das usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio no rio Madeira.

Desta forma, os barqueiros estabeleceram formas de comunicação com os ribeirinhos e demais atores presentes no espaço do rio Madeira. Por exemplo, pode-

se afirmar que a comunicação se amplia com as redes de rádios comunitárias, com a divulgação do calendário dos torneios de futebol e dos festejos religiosos, além dos diálogos estabelecidos com os garimpeiros, construtores navais, profissionais de outras embarcações, visando à transmissão de conhecimento sobre a leitura do rio, da cultura, trocas de informações a respeito dos obstáculos e das passagens perigosas e das interações ocorridas nesse espaço.

Os barqueiros vivem as experiências de transmissão da cultura, mediante as práticas dialógicas ocorridas fora e dentro da embarcação. O ato de navegar, de enveredar-se pelas curvas dos rios e de seus afluentes possibilita o olhar para a paisagem e a imensidão das águas. O tempo, o ritmo, a música na viagem permitem o apreciar a paisagem, suscitam imagens mentais, lembranças, provoca o externar dos lugares amados e indesejáveis.

A comunicação ocorre de duas formas: uma de maneira interna que envolve diretamente os passageiros e tripulantes e outra de maneira externa e com outros atores relevantes. Essa comunicação ocorre tanto com a utilização do rádio amador, canal 16, a qual ocorre com 4 milhas de distância, quanto pessoalmente.

O barco percorre lentamente ou rapidamente o rio Madeira, dependerá da potência do motor, atraca nas comunidades ribeirinhas quando é para deixar ou pegar carga; não sendo possível pegá-la, deixa-se o passageiro à margem do barranco de voadeira, não importa a hora e o turno de trabalho, conforme fotografias abaixo:

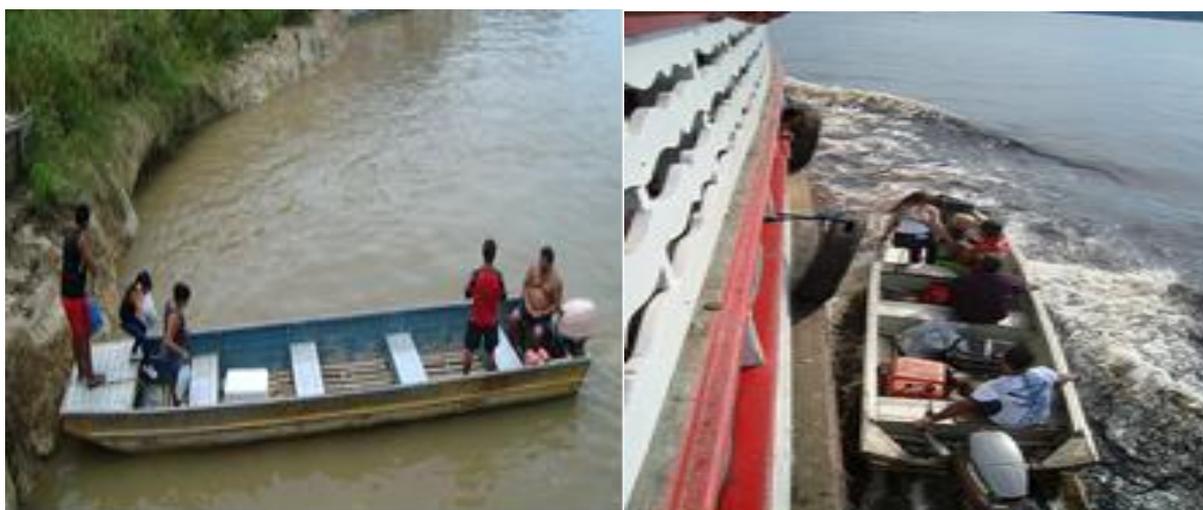


FIGURA 26 – TRANSPORTE DE PASSAGEIROS NAS VOADEIRAS
FONTE: A autora (2011)

Na fotografia da esquerda, registra-se o momento de pegar os passageiros às margens do rio e na foto à direita, os passageiros saem do barco em movimento e passam para a voadeira para serem deixados à beira do rio, sendo apenas reduzida a velocidade do barco. Este procedimento é muito praticado no rio Madeira, o que chama atenção é que os coletes salva-vidas dificilmente são utilizados na situação de transportar pessoas, sendo um fator de risco em vista de crianças e idosos viajaram com frequências nos barcos.

Em outros contextos, o comandante do barco opta em não levar diretamente o passageiro até a margem do rio devido aos seguintes motivos: torna-se perigoso atracar em trechos com afloramento rochoso (pedral), quando o barco está muito lotado e a atracação do barco em todas as localidades altera demais o tempo de viagem. A solução encontrada pelo grupo é buscar e deixar o passageiro na voadeira mediante a sua solicitação.

Existe a prática do barqueiro, estando na voadeira encostá-la ao lado do barco no qual continua em movimento, sendo arriscada a passagem do passageiro da voadeira para o barco grande. Há comandantes que reduzem a velocidade do barco, enquanto o passageiro entra pela lateral da embarcação e outros não, o que leva a possibilidade de risco de vida aos passageiros.

No rio Madeira não se passa barco de passageiros todos os dias e a mobilidade da população acaba sendo muito restrita. Em muitas viagens, o barco viaja com excesso de passageiros e cargas. Os comandantes sabem dos riscos, mas, geralmente, se sujeitam a essa prática. Existem horários e dias alternados, tendo dia que não passa nenhum barco de passageiro.

Através dessa movimentação de passageiros vai sendo produzido um conjunto de espacialidades em torno do barco. Durante a prática da navegação no rio Madeira, há signos sociais que evidenciam a forma de comunicação, de interação que ocorre entre passageiros e barqueiros.

No período da noite o passageiro que aguarda a embarcação a margem do rio “costuma dar o sinal de luz” com o uso da lanterna, fazendo movimentos circulares, de forma que o comandante o aviste de longe. Em seguida, o tripulante se desloca na voadeira até a beira do barranco para buscar os passageiros com suas mercadorias. Quando há uma quantidade maior de pessoas, o barco procura atracar na comunidade ribeirinha.

Observou-se, na maioria das situações, que a voadeira se desloca a noite para fins de buscar passageiro, o barqueiro experiente ou não na navegação, dificilmente utiliza lanterna, celebrim ou colete salva-vidas a bordo da voadeira, tanto para ele como para o passageiro, recorrendo à experiência (quando se tem). É arriscada a navegação praticada dessa forma, tendo em vista a dificuldade de se enxergar à noite, pois a escuridão é reinante e os obstáculos (afloramento rochoso, bancos de areia, cerração, troncos submersos, dependendo da época), são constantes no Madeira.

Durante o dia é utilizado pano branco, linguagem gestual, assobio a fim de chamar a atenção do barqueiro para que o barco ou mesmo a voadeira se aproxime do barranco com a finalidade de buscar algum passageiro. A interlocução com o passageiro pode ser rápida ou demorada, devido a movimentação intensa de gente entrando e saindo em diversos lugares. Sem dúvida irá depender do percurso navegado e da abertura estabelecida para o diálogo.

A música, especialmente o forró e/ou brega, faz parte do contexto das viagens realizadas, principalmente para Manaus quando o tempo de viagem é maior e se torna uma opção de lazer para o passageiro. A música aproxima os passageiros, consolida os espaços de socialização nas viagens.

Em muitas embarcações, há antena parabólica e os passageiros podem assistir reportagens ou filmes quando estão navegando próximos às cidades ribeirinhas.

Vale mencionar que o trabalho realizado pelos barqueiros exige dedicação, responsabilidade. Há riscos constantes, a começar pelas condições das embarcações. Muitas delas viajam ainda em condições precárias, apresentando número insuficiente de coletes salva-vidas, madeiras em péssimo estado de conservação; problemas quanto às luzes de navegação. Mesmo os barqueiros sabendo dessa situação se arriscam, os próprios proprietários “*obrigam-nos*” a navegarem. Como a fiscalização de alguns órgãos responsáveis é ineficiente em muitas áreas ribeirinhas os passageiros acabam viajando na sorte mesmo.

Nesse caso, os barqueiros se silenciam e mantêm a prática da viagem porque não querem perder o trabalho. Como não há estabilidade profissional e nem Carteira Assinada, muitos sabem dos problemas da embarcação e se arriscam nas viagens. É preciso melhorar as condições do transporte de passageiros e cargas no rio Madeira. Há um cenário de instabilidade profissional, de falta de investimento

nesse transporte fluvial e as pessoas carecem de serviços de qualidade e principalmente de segurança.

A alternância de funcionários nas embarcações tem sido constante nos barcos Recreios. Os barqueiros convivem sempre com a situação de instabilidade profissional. Podem viajar duas ou três viagens num barco e no mês seguinte já começam a trabalhar em outras embarcações ou em diferentes rios amazônicos. Quando não estão navegando procuram exercer outras atividades profissionais desde a pescaria, a construção de embarcações até a garimpagem de ouro no próprio rio Madeira.

Os barqueiros reconhecem a importância social do trabalho desenvolvido junto às comunidades ribeirinhas, apesar de não serem remunerados dignamente. Muitos não chegam a receber nem um salário mínimo por mês. Como afirma o comandante Solano (2011):

Não existe um bom dono de barco, todos eles puxam apenas pra si. Não tem um bom!! É difícil o dono de barco que bate o salário completo ao funcionário. Ao longo de todo esse meu serviço nunca trabalhei com carteira assinada, apenas com a carteira da Marinha [...] a gente trabalha porque precisa e a gente se assujeita a uma coisa e as outras não, salário pela metade, muita dificuldade, então a gente tem que se assujeitar.

A maioria dos barqueiros entrevistados começou a viajar e a trabalhar em barcos nas épocas da infância e da adolescência, passando a adquirir o conhecimento prático do rio e uma das grandes dificuldades da tripulação do barco é saber lidar com a ausência da família. Existem barqueiros privilegiados porque o trabalho permite contar com o apoio e participação da família; é o caso dos barcos Recreios; outros barqueiros precisam realizar o trabalho, administrar a ausência da família e se torna uma das tarefas mais difíceis na vida profissional deles.

Nas viagens, a comunicação pode começar com a chegada do passageiro no barco, no sentido da solicitação de ajuda para amarrar adequadamente a rede. Nesse momento, aparece sempre alguém para ajudar, fazer o nó adequado na corda, de preferência alguém habilidoso. A tripulação costuma ajudar os passageiros quando estes tem dificuldade para armar as suas redes ou transportar as bagagens mais pesadas.

Os passageiros chegam de diversos lugares, negociam o valor da passagem diretamente com o proprietário, comandante ou encarregado dessa função a bordo.

É costume o passageiro chegar, com bastante antecedência, e ficar aguardando a partida da embarcação. Em algumas situações conta-se com o imprevisto dos exorbitantes atrasos e relacionados à manutenção da embarcação, o não abastecimento do barco em tempo hábil, sempre há motivos para os atrasos. A saída do barco atrasa, geralmente, devido a chegada da carga vinda de diversas partes e demora a ser descarregada, ora a demora do pagamento do frete ao dono do barco. Sempre há um aspecto levado em conta no atraso da saída do barco, podendo ser atribuído ao ritmo local, ora intolerável e desumano aos passageiros.

No mais, a experiência geográfica do viajar revela ritmos, tempo diferenciados. As pessoas acabam se adequando ao ritmo das águas, o tempo de viagem é dividido de maneira mais lenta, haja vista que os percursos variam de um a cinco dias ou mais, dependendo do trajeto navegado. E, geralmente, as pessoas depois de viajarem de barco ainda costumam fazer caminhadas, cerca de 1 a 2 quilômetros para chegarem nas suas residências às margens dos rios ou no interior da floresta. As pessoas se espalham ao longo das várzeas e das terras firmes.

A dinâmica interna de trabalho a bordo prevê a organização dos preparativos para a viabilização da alimentação, da revisão da parte mecânica, do abastecimento do barco com água, refrigerantes com certa antecedência, podendo até ser um dia antes da viagem. A alimentação é essencial durante a viagem, não podendo ter atrasos abusivos quanto ao horário de servi-la, sobretudo, porque há muitas crianças e idosos viajantes que precisam da alimentação dentro de horário conveniente.

A passagem no barco dá direito aos passageiros terem as principais refeições do dia: café da manhã, almoço e jantar, dependendo do destino da viagem. O café da manhã é servido por volta das 7 às 9 horas, sendo oferecido sempre cedo. Costuma-se oferecer café puro, café com leite, pão ou bolacha acompanhada de manteiga aos passageiros.

Nessa pausa entre café e almoço, começam os preparativos para a próxima refeição. Geralmente o almoço é servido por volta das 11h30min, no máximo às 13 horas. É uma refeição importante e preserva-se o seu oferecimento dentro do horário estabelecido. São servidos arroz, feijão, macarrão, carne ou frango, e uma salada com pepinos, repolhos, tomates.

O cardápio é escolhido pelo dono do barco e procura oferecer uma refeição que agrada ao passageiro. O frango e carne de gado são refeições atrativas no

barco, tendo em vista que os ribeirinhos consomem tais alimentos em dias especiais como afirma Fraxe (2004, p. 188):

É importante ressaltar que a galinha, revelada pela grande maioria dos caboclos como partícipe da dieta alimentar, faz parte das refeições em dias especiais, como: aniversário, batizado, casamento, entre outros. O produto não compõe comumente, a mesa das famílias ribeirinhas, como o peixe e a farinha. Muitas vezes, o peixe e a farinha são servidos no café da manhã, na merenda, no almoço e no jantar. No período de escassez do peixe, os ribeirinhos são obrigados a recorrer às mercearias locais, ou passar noites e noites atrás de caça.

A equipe destinada à refeição costuma trabalhar muito e realiza um verdadeiro malabarismo ao preparar a refeição no pequeno espaço da cozinha. Não há o cuidado de se fazer uma alimentação balanceada, prioriza-se uma refeição gostosa, cheia de *sustância* como dizem os ribeirinhos. Em seguida, a equipe da cozinha serve o almoço a cada passageiro, há uma pausa para o descanso e depois recomeçam os preparativos para o jantar.

No jantar, prioriza-se o oferecimento de sopas a base de frango ou de carnes e como acompanhamento o pão. O peixe é raro ser servido no barco, tendo em vista que a maioria dos passageiros é sempre a população ribeirinha que se alimenta constantemente do peixe. De modo geral, os passageiros têm a oportunidade de saborear, geralmente, boas refeições no barco, com sabores e cheiros regionais, além do café disponibilizado aos tripulantes e passageiros.

Cabe retomar aqui a importância do rio Madeira e dos saberes espaciais dos barqueiros no transporte de passageiros e cargas, existindo diversidade tecnológica, mas os saberes dos práticos são indispensáveis na navegação.

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA KOZEL PARA O ENTENDIMENTO DOS ESPAÇOS DIALÓGICOS DOS SUJEITOS

Cenas do viver e do viajar no rio Madeira



“Dos rios que andei, o Madeira é o mais perigoso na região amazônica [...] é preciso ter boa praticagem, força de vontade, pedir ajuda de Deus que ilumine o seu caminho [...]”.

Mundico, 46 anos
Prático

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA KOZEL PARA O ENTENDIMENTO DOS ESPAÇOS DIALÓGICOS DOS SUJEITOS

4.1 UM APORTE COMUNICACIONAL

A Metodologia Kozel (2007; 2009), organizada pela geógrafa Salete Kozel do Núcleo de Estudos em Espaço e Representação, da Universidade Federal do Paraná, constrói a partir da Teoria Enunciativa da Linguagem de Bakhtin um aporte teórico-metodológico, conceituando os mapas mentais como forma de linguagem que colabora no desvendar dos significados e valores sociais atribuídos pelo homem ao espaço.

Desta forma, Kozel (2007; 2009), ao definir os mapas mentais como forma de linguagem, permite ir além da referência ao lugar e ao mundo vivido do sujeito, pois proporciona uma análise das relações entre linguagem e sociedade, estando em destaque os signos sociais criados pelo homem, o indivíduo no contexto social e cultural em que está inserido. Propõe-se interpretar os signos sociais contidos nos mapas mentais, permitindo a compreensão de determinado espaço geográfico.

Kozel¹⁰² (2007) recorre aos conceitos de dialogismo, de signo, de enunciação, de interação em Bakhtin para interpretar os signos ou imagens que constituem os mapas mentais, contribuindo para o estudo das representações e das pesquisas de cunho qualitativo na geografia, enfocando a linguagem no entendimento dos processos espaciais e culturais. A essa abordagem ressalta o mapa mental como uma forma de linguagem que representa o mundo dos sujeitos a partir de uma contextualização.

Os sujeitos construtores dos mapas mentais são sociais, históricos e dialógicos, são compreendidos no contexto de suas relações sociais, sendo seres múltiplos, heterogêneos e que carregam consigo toda uma singularidade.

¹⁰² KOZEL, S. **Mapas Mentais**: uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. COSTA SILVA, J, GIL FILHO, S.F (Orgs.). Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

A noção de espaço presente nos mapas é o das experiências vividas pelos sujeitos.

O signo contido nos mapas mentais é social, vivo, dinâmico e encontra-se em construção e representa uma determinada realidade social.

A enunciação é de caráter social, logo os mapas são tidos como ENUNCIADOS, pois estabelecem relações entre as esferas sociais e as formas de comunicação.

As imagens dos mapas expressam a coletividade dos sujeitos, a própria atividade de confecção dos mapas favorece essa interatividade com outras vozes sociais.

Os mapas mentais são “textos” por se tratarem de enunciados constituídos de uma totalidade coerente, apresenta a diversidade de vozes que representa a heterogeneidade. Apresentam uma natureza social cuja essência é intersubjetiva. Como afirma Bakhtin¹⁰³: (2003, p. 307), “O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências)”. Não dá para pensar a construção do texto sem o sujeito que imprime as marcas da oralidade e os acontecimentos de sua vida.

O dialogismo insinuado nos mapas mentais permite compreender as relações de sentido vividas historicamente e socialmente pelos sujeitos. Instaure-se no interior desses mapas o permanente diálogo e nem sempre simétrico e harmonioso e reflete o viver de um grupo, a sua cultura, história e a compreensão da significação do espaço ribeirinho.

A partir dessas considerações se situa a Metodologia Kozel como aporte metodológico interdisciplinar que se abre à análise de entendimento das representações presentes no espaço. Há uma espacialidade dos “textos mentais” ou “textos” que circulam no espaço material do grupo. Como afirma Maingueneau¹⁰⁴ (2008, p. 81), “[...] todo texto constitui em si mesmo uma imagem, uma superfície exposta ao olhar”. Nesse processo, afirma Kozel (2009) que os signos são construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém, seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

¹⁰³ BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

¹⁰⁴ MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Cabe evidenciar que os mapas mentais são enunciados advindos das relações dialógicas estabelecidas entre os sujeitos nos mais diversos contextos sócio-culturais. O dialogismo foca na interação verbal como centro das relações sociais. Nessa perspectiva, através dos mapas mentais temos a oportunidade de mergulhar no mundo cultural dos sujeitos envolvidos na pesquisa, de conhecer suas histórias, representações simbólicas que fazem parte da organização e do espaço do grupo pesquisado.

Temos de início a possibilidade de refletir sobre a concepção de homem que estamos trabalhando, quem são os profissionais que atuam nos rios amazônicos? Como constroem experiências sobre o espaço? Há dois aspectos a considerar nessa argumentação: o primeiro é a concepção de homem enquanto sujeito social que se relaciona com o outro, é o que constrói e produz signos sociais. Como delinea Faraco¹⁰⁵ (2009) os signos são sociais, criados e interpretados no interior das relações sociais que lhes dão significação. O segundo argumento: o espaço passa a ser entendido como entidade verbalizada pela linguagem cujos signos são construídos socialmente.

E nesse conjunto de vozes e espaços dialógicos, busca-se inserir nos estudos geográficos o sentido de compreender a poética do rio Madeira, que congrega signos sociais, imagens, a serem representadas pelos barqueiros nos mapas mentais. Como argumenta Jakobson¹⁰⁶ (2008, p. 122), “A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. Antes de discutir a função poética, devemos definir-lhe o lugar entre as outras funções da linguagem”.

Assume-se, desse modo, que a poética do rio Madeira e as espacialidades geradas por ela trazem muitos traços poéticos que não pertencem apenas à ciência da linguagem, mas a teoria dos signos, isto é, à Semiótica de forma geral. Portanto, o mapa mental é o enunciado que advém das relações dialógicas estabelecidas entre os interlocutores no contexto socioespacial.

Através da linguagem, o sujeito se expressa, compreende e interpreta o seu mundo vivido. Através do registro mental, o sujeito tanto aprende quanto ensina e isso se dá na interação social dos homens, estando mediatizada pela linguagem. E,

¹⁰⁵ FARACO, C. A.. **Linguagem & diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

¹⁰⁶ YAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.

sem dúvida, os mapas mentais são de suma importância no campo das representações e no entendimento dos significados espaciais.

Daí resulta a utilização da Metodologia Kozel (2007) como possibilidade de interpretar e de conhecer a poética do viver na Amazônia, sobretudo, ligada ao rio Madeira, levando em conta o mundo cultural dos barqueiros e as linguagens que refletem o modo de vida desses profissionais, as representações sobre esse ambiente amazônico repleto de mitos e estetizações. Através dessa metodologia buscou-se o universo das interlocuções entre os sujeitos e das representações ligadas ao espaço ribeirinho.

Ou seja, as representações evidenciam o papel da linguagem, da imaginação, as quais remetem ao universo cultural das pessoas, gerando uma rede de significados. Além disso, os mapas mentais divulgam os enunciados das pessoas, sendo produtos de vozes dialógicas dos sujeitos. Tal ênfase nos mostra a importância do dialogismo bakhtiniano na análise proposta. O dialogismo trouxe essa perspectiva de várias vozes que se cruzam nesse meio social amazônico, proporcionando o conhecimento de novas espacialidades e das poéticas do viver amazônico.

Sob essa perspectiva, Castro¹⁰⁷ (2007) mostra que a contribuição mais instigante de Bakhtin se volta para as discussões sobre a linguagem, pensando no interlocutor e na sua atuação no mundo. A partir desse contexto, consideram-se as marcas da subjetividade humana, as relações afetivas e poéticas dos homens com os lugares.

Como afirma Sarmiento¹⁰⁸ (2004, p. 17), “Os lugares nunca são estáticos e estão constantemente a ser mediados e negociados através de práticas espaciais, representações e discursos”. Os ribeirinhos e barqueiros mantêm uma interação que, pode ser afetiva ou não com os lugares longínquos, sendo marcantes o respeito ao lugar do trabalho, da casa, da pescaria, e principalmente as lembranças e experiências ligadas às águas e aos mitos que remetem ao lugar.

¹⁰⁷ CASTRO, G. **Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática**. In: FARACO, C. A. *et al* (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba, Ed. da UFPR, 2007.

¹⁰⁸ SARMENTO, J. **Representação, imaginação e espaço virtual: geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos açores**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

Enfim, tais aspectos são importantes pistas no sentido da caracterização da poética sobre o rio Madeira, considerando as práticas espaciais, as representações e interlocuções em relação à problemática ambiental encontrada, além da dinâmica socioespacial do homem amazônico. Podemos citar alguns trabalhos que utilizaram a Metodologia Kozel como forma de analisar a percepção e representação dos homens no espaço.

Quanto aos trabalhos, trouxemos inicialmente a contribuição de Kashiwagi¹⁰⁹ (2004) que utilizou pela primeira vez essa metodologia com comunidades marginais urbanas, sob o enfoque da geografia humanista para interpretação dos mapas mentais aplicados aos moradores. Analisou a Favela do Parolin, na cidade de Curitiba, procurando compreender o processo de percepção e apropriação do espaço pelos moradores. Como enfatiza Kashiwagi (ibidem, p. 116):

A utilização dos mapas mentais como instrumento de pesquisa foi de fundamental importância, tendo em vista a diversificação de elementos que proporcionaram, com a percepção e a apropriação do lugar e seus significados, valores socioculturais e construções sógnicas, constituindo-se no referencial para as reflexões e as abordagens propostas.

Para a mesma autora, a metodologia demonstrou eficácia pelos resultados obtidos e pelo desvelamento dos elementos sógnicos topofílicos e topofóbicos expressos na paisagem, sendo essenciais para orientar os processos de intervenção urbana.

Kashiwagi¹¹⁰ (2011) continuou a recorrer à utilização da Metodologia Kozel na identificação das homonímias sógnicas da paisagem que subsidiem as políticas públicas de planejamento do Parque Nacional de Superagui, no estado do Paraná. Como afirma Kashiwagi (op. cit., p. 202):

[...] a metodologia Kozel tem sido referência para diversos pesquisadores brasileiros, tendo em vista suas perspectivas metodológicas interdisciplinares que consolidam os mapas mentais como eficiente instrumento científico [...].

¹⁰⁹ KASHIWAGI, H. M. **O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas:** o caso da favela Parolin em Curitiba. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2004.

¹¹⁰ KASHIWAGI, H. M. **Representações da paisagem no parque nacional de Superagui:** a homonímia sógnica da paisagem em áreas preservadas. Tese (Doutoramento em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2011.

Um outro contexto de aplicação dos mapas veio de Galvão (2007)¹¹¹ que investigou as representações que os alunos do 7º ano, de uma escola pública de Curitiba, construíram acerca da geografia vivida ao longo de um ano de estudo. Para Galvão¹¹², “[...] o trabalho com os mapas mentais pode ser amplamente utilizado em pesquisas nas áreas didático-pedagógicas”. Os resultados das análises dos mapas construídos pelos alunos segundo Galvão¹¹³ foram significativas, sendo constatada a importância dessa metodologia como ferramenta na construção de diagnósticos relacionados à educação.

Nitsche¹¹⁴ (2007) fez uma análise do significado do turismo para os moradores que recebiam os visitantes em suas propriedades. Recorreu a um estudo de caso sobre o roteiro de turismo rural: “Caminhos de Guajuvira”, no município de Araucária, no Paraná. Para essa mesma autora, os mapas mentais são apropriados para se compreender os significados do turismo no mundo vivido das pessoas que recebiam turistas em suas casas. Argumenta Nitsche¹¹⁵ que a utilização dos mapas mentais desenhou representações ligadas à atividade turística nas propriedades rurais, sendo evidenciados aspectos do mundo vivido em que o turismo se faz presente.

Ainda no âmbito dessa discussão, Correia¹¹⁶ (2009) trabalhou com os alunos do ensino médio, na cidade de União da Vitória, no Paraná. Buscou analisar a música nas aulas de geografia e com ênfase à utilização da Metodologia Kozel (2007). Como apontado por Correia¹¹⁷, “Quanto à adaptação da Metodologia Kozel às atividades didático-pedagógicas, pudemos notar grande grau de pertinência em sua execução, servindo aos interesses do trabalho, pois além de sua validação acadêmica, ocorreram facilidades nas ações pedagógicas e nos procedimentos, facilitando a sistematização das concepções e produções dos educandos”.

¹¹¹ GALVÃO, W. **Que geografia se ensina?** Um estudo sobre representações de geografia segundo alunos da 6ª série do Ensino Fundamental. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

¹¹² (op. cit. p. 74)

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ NITSCHKE, L. B. **O significado do turismo no roteiro “Caminhos de Guajuvira”**. Araucária/PR. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2007.

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ CORREIA, M. A. **Representação e ensino: a música nas aulas de Geografia: emoção e razão nas representações geográficas**. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

¹¹⁷ Ibid.

Torres¹¹⁸ (2009) também utilizou os mapas mentais para analisar a relação entre a cultura caiçara da Ilha de Valadares, localizada no município de Paranaguá, no Paraná, e sua paisagem sonora, tendo utilizado a Metodologia Kozel na tentativa de evidenciar o universo simbólico dos moradores desse lugar. Torres¹¹⁹ destacou que os mapas mentais oportunizaram explorar as memórias recentes e antigas de seus entrevistados, bem como as representações espaciais existentes e a paisagem sonora percebida na Ilha de Valadares.

Nesse processo, Sousa¹²⁰ (2009) recorreu à utilização dos mapas mentais para fins de entendimento do processo educativo numa escola ribeirinha de Porto Velho, a qual será afetada diretamente com a construção de usinas hidrelétricas no rio Madeira. Seu foco de análise consistiu na reflexão sobre a utilização dos mapas mentais como maneira do aluno do 6º ano perceber o espaço vivido e aprender geografia, com ênfase à valorização dos aspectos geográficos contidos no espaço ribeirinho.

A mesma autora delineou que os mapas mentais apresentados pelos alunos expressaram formas de comunicar, interpretar esses saberes e impactos ambientais, sendo uma metodologia que muito colabora com o trabalho docente e incentiva o aluno a fazer novas buscas na geografia. E nesse sentido Sousa (2009, p. 59) assinala, “O mapa mental, como auxílio didático, possibilita mecanismo de percepção visual que traduz a mensagem de seu autor, e que, por sua vez, sugere novos dados e desenvolvimentos. Ressaltamos que eles estão repletos de valores, do reflexo da cultura”.

Como se vê, o conjunto diversificado de trabalhos que utilizou os mapas mentais gerou significativos resultados e apontou novos caminhos do fazer geográfico e de modo interdisciplinar, dando a oportunidade aos sujeitos de suas pesquisas comunicarem às suas experiências de vida.

Na aplicação do aporte metodológico, buscou-se a identificação dos elementos significativos (signos sociais) presentes nos mapas mentais e que

¹¹⁸ TORRES, M. A. **A paisagem sonora na Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço.** Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ SOUSA, D. L. F. **Espaço vivido e mapas mentais em escola ribeirinha.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2009.

produziam o campo de significação poética para o grupo. Como evidenciam Kozel e Sousa¹²¹ (2009), “Nessa perspectiva, os seres humanos escrevem a sua história, produzem a sua própria geografia; e, esse fazer geográfico, muitas vezes, se manifesta por meio de diferentes linguagens, representações e signos sociais provenientes da percepção e apreensão do espaço cultural e social”.

O espaço ribeirinho traz muito das representações mediatizadas pela linguagem e mitos, bem como as relações sociais que se dão entre as pessoas. Desvendar essa realidade amazônica através dos mapas e das entrevistas consistiu num desafio.

4.2 APLICAÇÃO E ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DOS MAPAS MENTAIS

A utilização da Metodologia Kozel (2007; 2009) possibilita refletir sobre os espaços das práticas dialógicas, com signos socialmente construídos e reveladores do modo de agir e viver das pessoas no espaço.

A aplicação dos mapas mentais possibilitou o encontro da pesquisadora com os sujeitos pesquisados, permitindo a interação verbal entre ambos. Os elementos identificados nos mapas podem ser analisados a partir da contribuição da Teoria Enunciativa de Bakhtin. Significa perceber a dimensão dialógica da linguagem, o mundo vivido dos sujeitos e a intencionalidade dos significados contidos nos textos imagéticos.

Na aplicação dos mapas mentais, após o consentimento dos entrevistados, foram entregues uma folha em branco, lápis, caneta ou lápis de cor para que representassem o rio Madeira, com base nas suas percepções e leituras sobre o rio.

No universo total de 12 mapas, nove deles foram construídos a bordo das embarcações e três no espaço do Cai N’água, na cidade de Porto Velho. O tempo de aplicação variou de 10 a 40 minutos, respeitando a individualidade dos entrevistados e foi possível realizar uma conversa sobre algumas impressões representadas. Levou-se em conta a disponibilidade da tripulação e dos

¹²¹ KOZEL, S.; SOUSA, L. F. **Parintins, que espaço é esse?** Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. In: KOZEL, Salete *et al.* (Orgs.) Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas. “A festa do boi bumbá”: um ato de fé. Curitiba: SK Ed., 2009.

passageiros, pois algumas vezes, os horários disponibilizados não eram suficientes, principalmente os barqueiros que mantinham a jornada intensa de trabalho.

Cada entrevistado, partilhou do momento de introspecção, de produção do signo interior, visando o expressar do signo exterior materializando-o através da imagem representada. Para Bakhtin¹²² (1999, p. 61):

[...] a própria introspecção é dotada de um caráter expressivo. Ela constitui, para o indivíduo, a compreensão e seu próprio signo interior. É isso que a distingue da observação de um objeto ou de qualquer processo físico. A atividade mental não é visível nem pode ser percebida diretamente, mas, em compensação, é compreensível. O que significa que, durante o processo de auto-observação, a atividade mental é recolocada no contexto de outros signos compreensíveis. O signo deve ser esclarecido por outros signos.

A introspecção mencionada por Bakhtin foi percebida durante a construção dos mapas mentais, sendo que essa atividade mental proporcionou esse “mergulho” na busca pelo oceano dos signos interiores. Ainda Bakhtin afirma (1999) que todo signo ideológico exterior, não importa a sua natureza, banha-se no universo dos signos interiores, na consciência e continua a viver, pois os signos se renovam a partir da compreensão, da emoção, da assimilação, sendo reiterado pelo contexto interior dos signos. Em outras palavras, pode ser considerada como ato de compreensão, dotada de caráter expressivo, integra-se na unicidade da experiência objetiva. Como diz Bakhtin (1999, p. 62):

[...] é impossível traçar uma fronteira precisa entre os signos interiores e exteriores, entre a introspecção e a observação exterior, que fornece um comentário ininterrupto, tanto semiótico quanto concreto a respeito dos signos interiores, na medida em que eles são decodificados.

O poder da introspecção passa pelo filtro perceptivo, resultante da experiência com o outro nos diversos espaços representativos, o que explica que cada signo, sendo interior ou exterior, liga-se a uma situação em que ele toma forma, é decodificado, a partir do contexto social. Mesmo no caso da introspecção há o acompanhamento e esclarecimento do signo interior, que exprime a experiência exterior que é sempre uma situação social.

A operacionalização da atividade mental não pode ser separada do contexto social. Isto é, o signo e a situação social estão ligados indiscutivelmente. Bakhtin

¹²² BAKHTIN. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

(1999)¹²³ afirma que o signo interior constitui um dos problemas essenciais da filosofia da linguagem, pois esse tipo de signo por excelência representa a palavra, o discurso interior. Em síntese, a palavra nasce e se desenvolve no processo de socialização entre os indivíduos para, em seguida, tornar-se uma fala interior, o signo torna-se vivo e dinâmico.

Nesse contexto, Kozel (2007) propõe que os conteúdos dos mapas mentais sejam analisados a partir dos seguintes aspectos:

1º Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem: serão observadas nesta etapa se há ícones diversos, letras, mapas, linhas ou figuras geométricas; nessa interpretação exigirá o olhar atento do pesquisador sobre as formas representadas;

2º Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem: serão observadas a disposição dos elementos na imagem, verificando como as formas aparecem dispostas, exemplo horizontal, dispersas, em perspectiva, isoladas ou reunidas. Cabe também observar os espaços vazios e a distância entre os elementos;

3º Interpretação quanto à especificidade dos ícones: analisar o significado de cada ícone. Kozel propõe: representação dos elementos da paisagem natural, os da paisagem construída, os elementos móveis e os humanos;

4º Apresentação de outros aspectos ou particularidades: neste último aspecto Kozel deixa em aberto as possíveis particularidades relacionadas ao lugar ou mensagens, ressaltando aspectos sublinhados no espaço ribeirinho da Amazônia. Apareceram elementos míticos e poéticos ligados ao universo das águas (boto, cobra grande, etc) e das matas (curupira, cobras, etc) nos mapas mentais, uma vez que o mito é uma linguagem que transmite mensagem originada de muitas vozes históricas e sociais.

A população ribeirinha se comunica através das narrativas míticas e essas representações vinculam-se ao conhecimento espacial do grupo. Dessa forma, o espaço (rio Madeira) e o lugar (a própria embarcação) evidenciam a riqueza de experiências valorativas transmitidas, por meio do diálogo, da contação de histórias

¹²³ BAKHTIN. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

da própria população ribeirinha nesse processo dialógico mantido com os barqueiros.

O aporte metodológico escolhido possibilitou a materialização do pensamento dos sujeitos pesquisados sobre o rio Madeira. Na análise empreendida, há representações ligadas à dimensão afetiva quanto topofóbica, com destaque para o conhecimento espacial do homem na vivência com o espaço. De acordo com Kozel & Sousa (2009) o aporte dos mapas mentais possibilita refletir sobre os homens históricos e sociais que, ao longo de suas vivências e experiências de vida, incorporam diferentes vozes e as lançam aos seus interlocutores.

Os mapas mentais trouxeram imagens subjetivas, registro dos signos socialmente construídos e reveladores do modo de vida e das espacialidades dos habitantes da Amazônia, as quais operam no agir, no pensar e no viver dessas populações, fazendo com que a riqueza cultural esteja sempre no processo de recriação do espaço.

Pode-se incluir o conceito de sfumato na análise dos mapas mentais, com base na definição de Loureiro¹²⁴ (1995, p. 38):

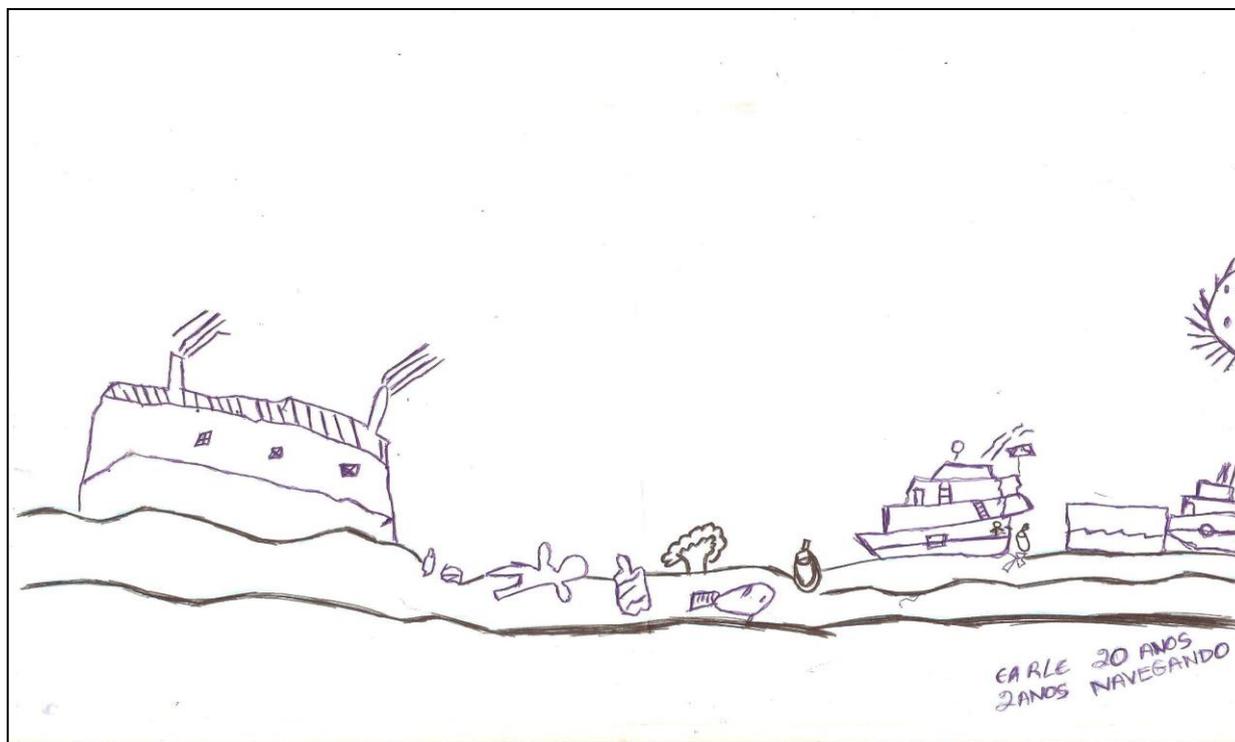
[...] é uma espécie de ponte imaginal para a fusão de todos os fenômenos particulares do mundo concreto, em representações que sintetizam e absorvem a infinita variedade de imagens da natureza. Síntese de luz e sombra que envolve a realidade, o sfumato é uma ponte que permite a passagem para o lugar da dimensão poética.

O sfumato é uma espécie de passagem do mundo físico para o imaginário, sendo a transição fenomênica do real para o poético. O homem amazônico recorre ao mundo do sfumato, sendo que o poético vibra, tensiona e envolve tudo na atmosfera do devaneio.

¹²⁴ LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário, Belém: CEJUP, 1995.

4.3 AS INTERFACES DE TEMAS NOS MAPAS MENTAIS

Mapa Mental 1¹²⁵



Na interpretação dessa imagem, considera-se a situação discursiva proporcionada pela sequência de signos sociais representada por meio de linhas, objetos, figuras geométricas. Os ícones evidenciam a poluição ambiental, a contaminação da água. As condições materiais (lixo lançado do barco, garrafas, etc) da representação, conforme o mapa mental, apontam um dos sérios problemas ambientais na Amazônia que varia desde o lançamento de dejetos tóxicos industriais no rio aos óleos de combustíveis. A fonte poluidora dos resíduos aparece ao lado esquerdo da imagem.

A disposição dos elementos presentes no mapa mental aparece de forma dispersa, o que reflete a falta de cuidado com o rio, sendo de grande importância para o grupo estudado. Esse mapa possui particularidades de denúncia, tendo em vista que a fonte poluidora mencionada se encontra às margens do rio Negro, ao lado do posto de fiscalização de um órgão governamental e o lançamento de dejetos tóxicos é uma constante, segundo o autor que, mesmo no início de sua carreira como

¹²⁵ Autoria de Earle, 20 anos, tripulante do barco, tempo de confecção: 15 minutos, 2011.

profissional habilitado, começa a desvendar os contextos de crimes ambientais cometidos na sua área de trabalho.

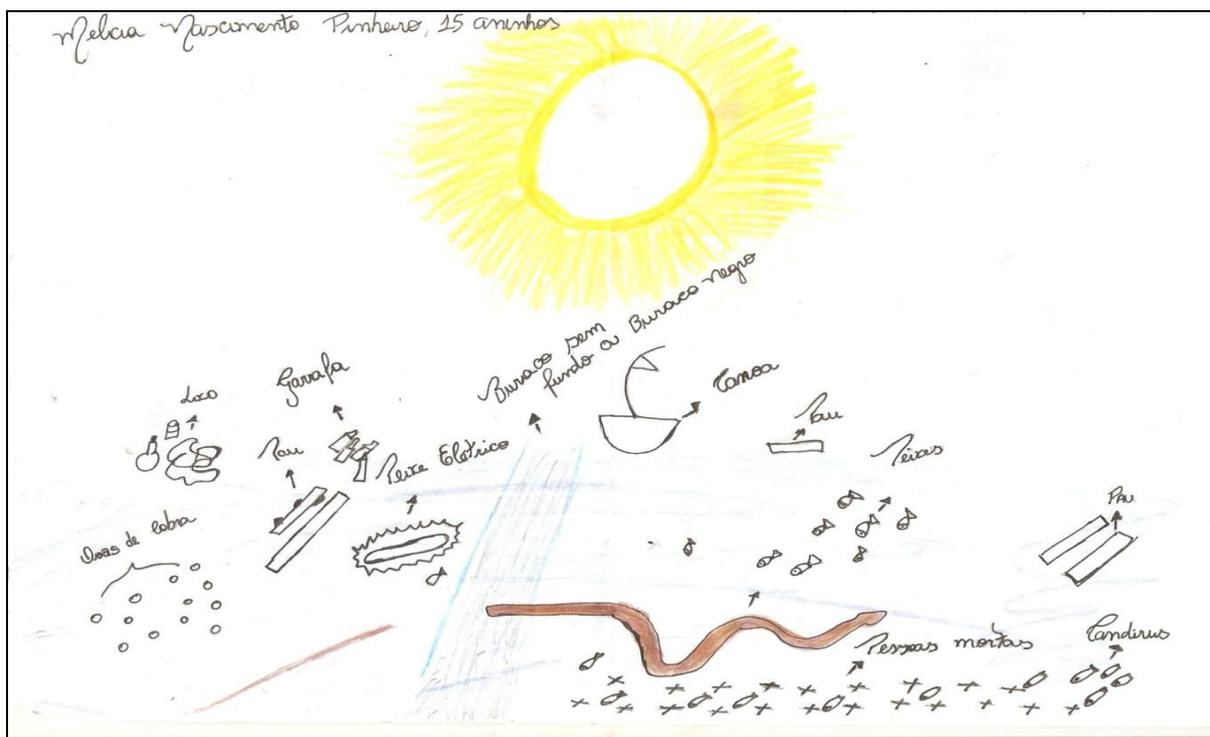
O mapa mental enfatiza a poluição que agride o rio, prejudica os peixes, assim como os barcos que, certamente, mantêm a prática também de lançar lixo no rio. O autor mostra sua atitude de insatisfação quanto a essa realidade vivida. Para Bakhtin (1999, p. 112), “O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo tem um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc)”.

Por sua vez, essa reflexão não deixa de expressar as relações cotidianas e os problemas ambientais encontrados. Há o exercício da esperança, no sentido de querer dias melhores, tanto que o autor recorre à imagem do sol, como elemento da paisagem, mostrando o seu brilho.

Esse contexto imagético, a nosso ver, constitui uma situação social de denúncia presente no cotidiano do barqueiro. Com isso, chama atenção para que as autoridades competentes possam agir quanto a solução e/ou minimização desse problema.

O fato é que os elementos contidos no mapa mental evidenciam o mundo vivido do autor, as condições de trabalho, demonstrando a preocupação com os problemas ambientais encontrados e os efeitos adversos e devastadores da degradação ambiental na Amazônia.

Mapa Mental 2¹²⁶



Nessa imagem, a autora dispõe de vários elementos dispersos, ícones, letras e frases significativas. Traz enunciados que apontam o problema da degradação ambiental, a exemplo dos resíduos sólidos lançados no rio Madeira, o que favorece a contaminação da água, os naufrágios ocorridos e associados aos ataques de muitos candirus, além de outros animais (peixe elétrico, outras espécies de peixes, a cobra grande, fazendo referência ao local de sua moradia (buraco sem fundo ou buraco negro).

Este mapa mental evidencia a riqueza de elementos da paisagem natural, tais como: os troncos de árvores que descem o rio Madeira na época das cheias, a riqueza dos animais; a imagem do pôr-do-sol e do grande volume de água.

Quanto aos elementos da paisagem construída há destaque para a canoa sem a figura do elemento humano. O contexto no qual aparece o elemento humano é simbolizado pela cruz e destacado na frase: “Pessoas mortas” e uma observação interessante é que ao lado das pessoas estão os peixes carnívoros (candirus).

Há uma particularidade nesse mapa mental quando a autora se refere a Cobra Grande, o elemento do imaginário se faz presente, sendo mostrado o local de

¹²⁶ Autoria de Melícia N. Pinheiro, 15 anos, passageira, tempo de confecção: 25 minutos, 2011.

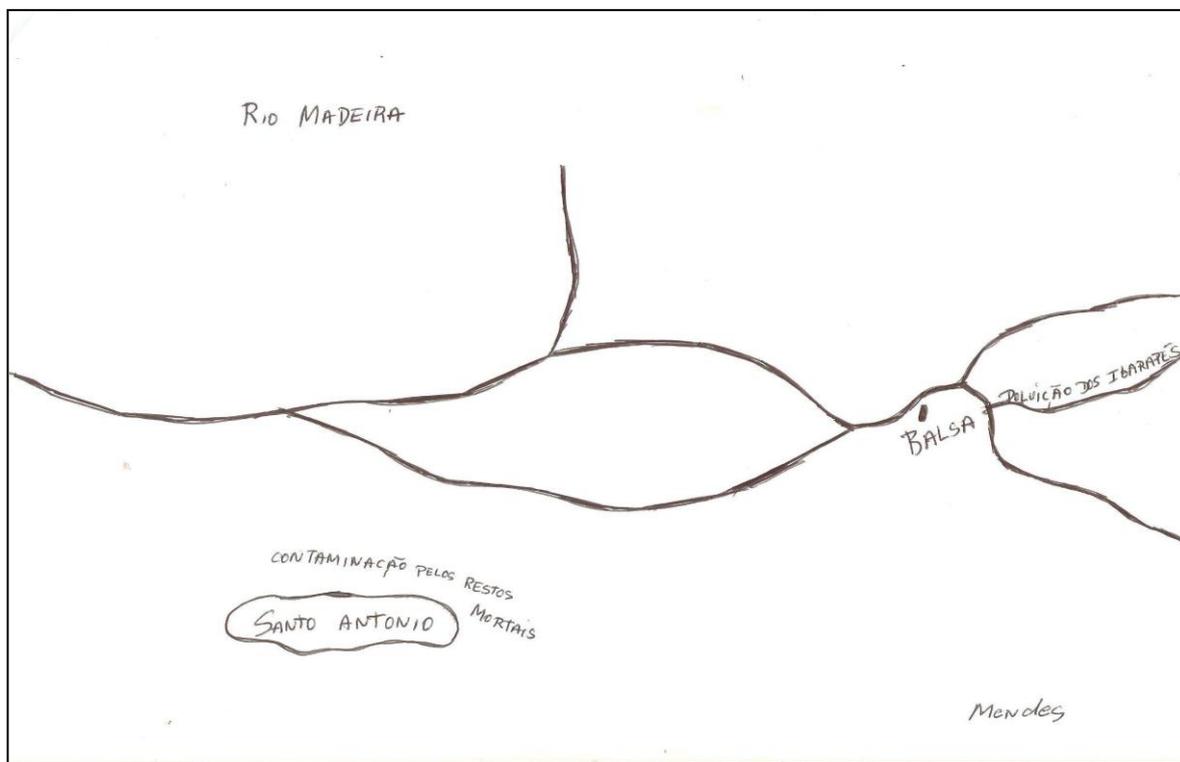
habitação da Cobra Grande ou Boiúna (buraco sem fundo) e a sua saída desse local. Para Loureiro (1995, p. 231), “Um dos lugares de morada ou refúgio da Boiúna são as ilhas. Componentes importante da paisagem amazônica, elas desempenham os mais diversos papéis do imaginário [...]”. A cobra desliza pelo rio, ela prende a atenção da autora, do homem ribeirinho, pois é tenebrosa, associa-se tragédias e melefícios. É a serpente maldita que brota das profundezas do rio, mata e devora quem encontra, o que fora representado anteriormente.

A elaboração do mapa mental evidencia denúncias e reflexões diferenciadas que correspondem a firmeza do dizer, do protestar, através desses enunciados. Para Bakhtin¹²⁷ (1999, p. 114), “[...] a estrutura da atividade mental é tão social como da sua objetivação exterior. O grau de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social”.

Enfim, na leitura desse mapa mental se percebe o quanto a autora destaca o seu universo social e simbólico, com a riqueza de signos, tendo essa consciência do seu mundo vivido. São informações sociais e espaciais impregnadas de significados coletivos.

¹²⁷ BAKHTIN. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

Mapa Mental 3¹²⁸



Nesta imagem, o autor procura destacar por meio de ícones e letras a dinâmica predatória ligada à urbanização de Porto Velho. O autor anuncia a contaminação que ocorre no rio Madeira advinda do necrochorume do Cemitério de Santo Antonio quando a cheia do rio chega atingir próximo desse espaço. Esse cemitério se encontra localizado aproximadamente 400 metros de distância do rio Madeira. Além disso, o esgoto da cidade de Porto Velho é lançado no rio Madeira sem qualquer tipo de tratamento, começando pela poluição dos igarapés que deságuam nesse rio.

As relações de disposição dos elementos no mapa se dão a partir do trajeto do rio (mapas) sendo relacionados a parte de palavras, frases. Como diz Bakhtin (1999, p. 113), “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade”. Explica-se, dessa maneira, a interlocução do autor em denunciar essa realidade encontrada na cidade de Porto Velho e nisso se reporta a um contexto amplo de denúncia envolvendo vozes da coletividade.

Ao elaborar esse mapa mental, o autor retratou a relação do homem com o rio, denunciando os problemas ambientais e a necessidade de maior eficiência dos

¹²⁸ Autoria de Jeferson Mendes, 23 anos, passageiro, tempo de confecção: 10 minutos, 2011.

órgãos governamentais. O autor destaca que o peixe consumido em Porto Velho boa parte vem do rio Madeira e a população utiliza-se dessa água. Vê-se uma das particularidades como a denúncia do rio sendo maltratado, o descaso da política do Estado de Rondônia não ter o planejamento para cuidar desse rio de grande importância social e econômica na Amazônia.

O mapa mental proporciona o espaço de diálogo com a sociedade, os sujeitos têm a oportunidade de comunicar, de expor suas representações sobre o seu espaço vivido. Em síntese, traz a perspectiva de muitas vozes, de denunciar situações relacionadas à contaminação da água, do lençol freático, do tratamento inexistente do esgoto e da água consumida pelas populações ribeirinhas. Como diz Melo (2008, p. 71):

A verdade é que da água de quem vem a vida vem a morte também. Não apenas a morte que ronda os naufrágios, a temível agonia dos afogados. Mas a morte provocada pela doenças adquiridas na convivência constante do homem com água. A água poluída das beiradas de rio nas cercanias dos barcos atracados. A água contaminada de vermes e protozoários. A água que o homem suja e, em seguida, usa. Mas há algumas doenças oriundas da própria água [...].

E essa água, apesar de contaminada, continua sendo utilizada pelas populações ribeirinhas do Madeira. Em síntese, o mapa do autor ressalta o quanto o rio Madeira é maltratado, mostrando o engajamento do autor e o descaso do poder público.

Nesta imagem, o autor se preocupa em retratar o espaço da navegação, referindo-se aos lugares, obstáculos enfrentados, ilhas imaginárias, as estratégias de trabalho no rio Madeira. No mapa mental, progressivamente vão surgindo informações que atestam esse conhecimento vivido e produzido no espaço geográfico amazônico.

A representação revela esse olhar particular do sujeito envolvido e relacionado às lembranças, memórias, aos nomes dos lugares, destacando o processo dialógico.

A imagem é composta por ícones diversos, letras e palavras cujos elementos estão dispersos e de forma horizontal. Há os que remetem a paisagem natural tais como: afloramento rochoso (conhecido pelo grupo como pedral) que é perigoso à navegação, as árvores que colaboram na marcação do canal, os bancos de areia, o rio, as ilhas; e quanto aos elementos da paisagem construída as cidades e comunidades ao longo do rio, o barco como elo de ligação no espaço ribeirinho e tem grande importância na Amazônia.

O autor faz representação sobre o espaço, refletindo sua percepção. Num mesmo contexto, destaca o desafio enfrentado em navegar no Madeira e a importância do barco na vida das pessoas. Ressalta ao interlocutor a riqueza de detalhes, a relação do conhecimento estabelecido com o espaço.

Há uma consciência espacial representada e que evidencia o modo de vida na Amazônia, com destaque para a paisagem cultural, o sentido da experiência, a própria preservação da memória do autor em relação as peculiaridades existentes no rio Madeira.

O seu olhar se torna fonte valiosa para desvendar o mundo, o espaço, destacando aspectos importantes da navegação e interesses e gostos pessoais. Nesse percurso, segundo Loureiro (1995, p. 134) há, “Uma trajetória do olhar tornando-se um ato de leitura do seu mundo. A leitura das páginas de um mundo adornadas pelas iluminuras do imaginário”

Mapa Mental 5¹³⁰



O autor desse mapa mental constrói sua representação com base na importância da navegação no rio Madeira. Inicialmente, destacou ícones, de maneira dispersa e horizontal. O conteúdo expressa elementos da paisagem natural (duas árvores) no lado esquerdo, de grande representatividade na área pesquisada porque são utilizadas na marcação do canal do rio, aparecendo os obstáculos naturais (pedrais).

Dentro dessa perspectiva de análise, aparece o barco tentando fazer manobras para driblar os pedrais (afloramentos rochosos) e isso exige o conhecimento e a habilidade do Prático. Há destaque para os pássaros da Amazônia que acompanham as viagens dos barqueiros no rio Madeira.

O autor reforça, com conhecimento espacial, os obstáculos existentes no rio Madeira e, na condição de passageiro, percebe o saber do barqueiro ao conduzir com segurança a embarcação, tanto que representa o trajeto do barco desviando os obstáculos. Diante da presença estreita do rio com a floresta, o passageiro evidencia a relação de vida e trabalho dos barqueiros no espaço ribeirinho.

¹³⁰ Autoria de Domingos Xavier, 58 anos, passageiro, tempo de confecção: 15 minutos, 2011.

Esse olhar particular enfatiza o grau de conhecimento que o barqueiro precisa ter para navegar com segurança, tanto que o percurso do barco evidencia a lógica do livrar-se dos pedrais (no canto direito do mapa). Há destaque para os elementos materiais (árvores utilizadas na navegação como elementos de marcação do canal no rio Madeira, os pedrais, as aves e o elemento construído (barco).

A percepção do passageiro é uma forma de comunicar a importância do barco na Amazônia e do trabalho de quem o conduz. Como afirma Lynch (1997, p. 5), “Um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e as reminiscências coletivas da comunicação de grupo”.

Neste sentido, caberia dizer que o autor reforça a experiência humana nos rios amazônicos, especialmente no Madeira, procurando evidenciar o saber tradicional, as práticas espaciais dos barqueiros em Rondônia.

Mapa Mental 6¹³¹



Neste mapa mental, o autor destaca a escola como espaço do conhecimento e de construção social. Os elementos icônicos se encontram de maneira dispersa, de forma horizontal, tendo ênfase na palavra *escola*. Como elementos da paisagem natural destacam-se o sol, a estrela, o rio e a vegetação. Como elemento da paisagem construída o centro é a escola.

A imagem representada da escola pode indicar a possibilidade de uma Instituição mais acolhedora, viva, que possa considerar a realidade sócio-cultural amazônica representada através do conhecimento, da construção de leitores críticos e cidadãos. Como diz Silva (1998, p. 22):

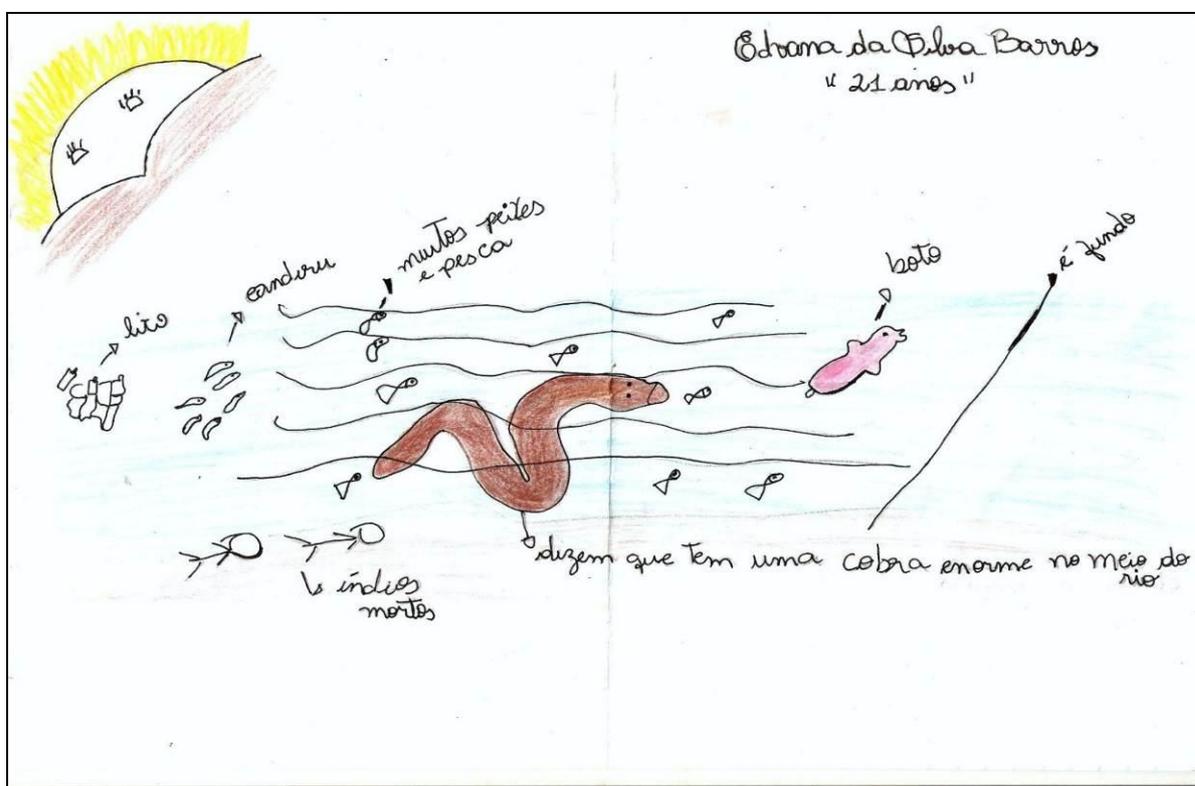
É exatamente dentro do quadro de contradições da sociedade brasileira que a leitura crítica encontra o seu significado primeiro. Vista de outra forma, a leitura crítica encontra a sua principal razão de ser nas lutas em direção à transformação da realidade brasileira, levando o cidadão a compreender as razões históricas das contradições e a buscar, pela ação concreta, uma sociedade onde os benefícios do trabalho produtivo e, portanto, da riqueza nacional não sejam privilégios de uma minoria.

¹³¹ Autoria de Pedro, 45 anos, passageiro, tempo de confecção: 20 minutos, 2011.

Que a escola possa atuar no cerne das contradições existentes no espaço ribeirinho, que o ensino oferecido contemple o entendimento do viver amazônico. A educação oferecida, por exemplo, às crianças ribeirinhas carece de mais preparo do corpo docente e melhores condições de trabalho na escola.

Portanto, este mapa mental nos leva a refletir sobre a educação oferecida em áreas ribeirinhas da Amazônia e como se relaciona com o aspecto social e cultural dos envolvidos.

Mapa Mental 7¹³²



O mapa mental em destaque evidencia os signos icônicos diversos, letras, linhas, figuras geométricas e aparece de forma horizontal. Há destaque para os elementos da paisagem natural (espécies distintas de peixes, cobra, boto, água, pôr-do-sol) e para o elemento humano é retratado o aspecto da morte, representada através dos índios. Um aspecto significativo é a presença da cobra grande com a sua morada no meio do rio.

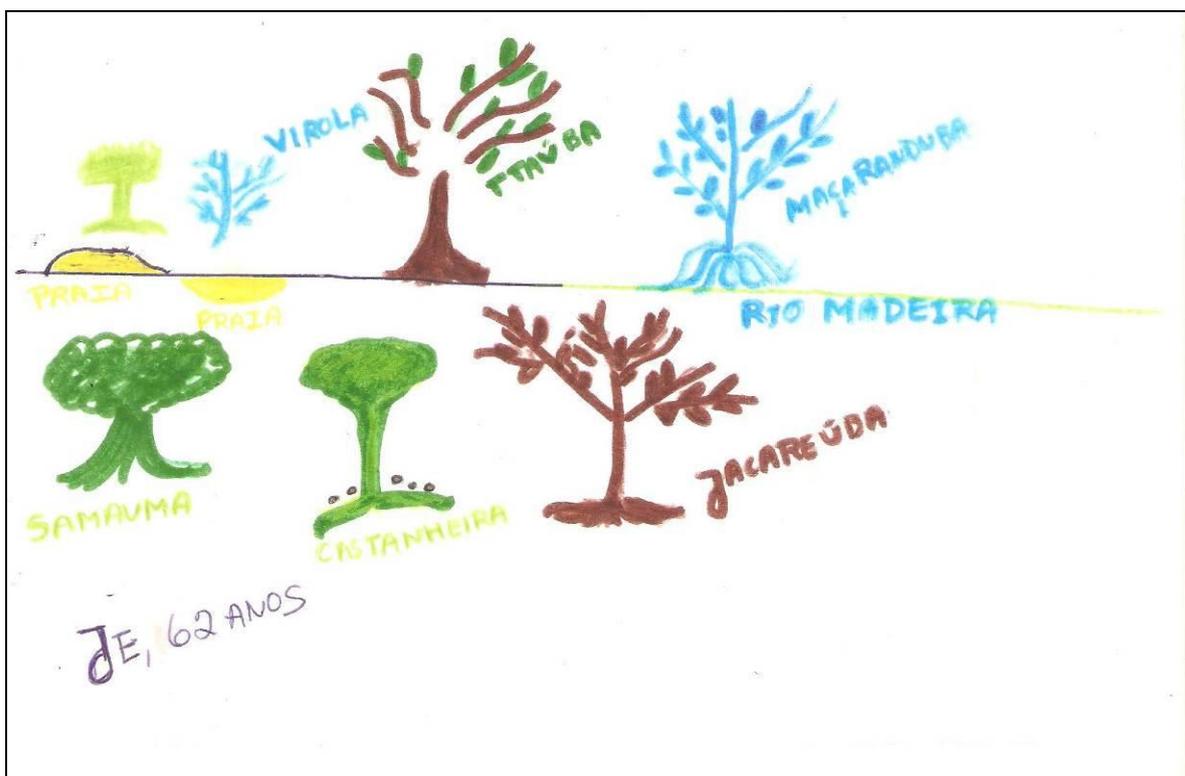
¹³² Autoria de Edvana da Silva Barros, 21 anos, passageira, tempo de confecção: 20 minutos, 2011.

A percepção da autora converge nas questões de poluição da água, da falta de educação ambiental, associada à colaboração dos moradores envolvidos. A representação destacada volta-se para o espaço físico do rio Madeira e as sequências dos ícones desde o lixo, o peixe carnívoro (candiru), os índios mortos trazem um contexto situacional do medo, da insegurança, da denúncia, da falta de planejamento voltado ao cuidado com o rio Madeira.

Apesar do Madeira ser considerado um rio de grande fartura, parece que os animais resistem aos grandes impactos. As mortes dos índios poderiam estar relacionadas a situações de conflitos por terra, riquezas minerais, naufrágios ou remanejamento forçado do grupo para fins de construção de usinas hidrelétricas. O mapa mental se torna esclarecedor de possibilidades de olhares sobre o espaço amazônico.

As temáticas presentes no mapa mental contribuem para evidenciar o conhecimento sobre o mundo vivido da autora. Conseqüentemente, os elementos em destaque constituem-se em feixes de significações, que remetem ao entendimento dos signos sociais no espaço investigado, os quais expressam valores contraditórios relacionados ao rio quanto ao aspecto da beleza (boto, pôr-do-sol, água barrenta, fartura de peixes) e da degradação ambiental (lixo, contaminação da água).

Mapa Mental 8¹³³



O contexto apresentado nesse mapa traz os elementos: ícones, linha, letras, apresenta de forma dispersa várias árvores, com seus respectivos nomes, as quais ajudam os barqueiros e práticos na marcação exata do canal do rio. A ideia de fazer referência aos elementos da paisagem natural (árvores e o rio Madeira) se deu de maneira criativa e com conhecimento desse espaço vivido. O autor representa as peculiaridades de cada árvore, com detalhes de suas copas e tamanhos das folhas e frutos da castanheira¹³⁴.

Uma questão a ser observada no mapa mental diz respeito à preservação de espécies vegetais, no caso das árvores citadas (jacareúba, samaúma, itaúba, virola) apresentam valor simbólico e de estratégia voltada à localização do barqueiro no rio. Essas grandes árvores, além da beleza, se destacam na paisagem amazônica e colaboram com o trabalho desses profissionais da navegação. Podemos chamar essas árvores de marcos, conforme Lynch (1997, p. 88) que são “pontos de referência considerados externos ao observador, são elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável”. Prevalece um tipo de referência externa, os marcos podem ser vistos de muitos ângulos e distâncias e servem como referenciais de localização.

¹³³ Autoria de Solano Tobias, 62 anos, comandante de barco, tempo de confecção: 25 minutos, 2011.

¹³⁴ Árvore de grande porte e cujo fruto, a castanha, se come cru ou cozido.

A utilização de marcos implica em escolhas dos elementos dentre a variedade de possibilidades existentes na navegação praticada pelos barqueiros. Na ordem de maior importância, destacam-se as árvores e os barrancos íngremes que ajudam na marcação do canal e na localização da embarcação.

Mapa Mental 9¹³⁵



O autor desse mapa evidencia ícones, letras, linhas, que se apresentam de forma horizontal, com a presença da paisagem natural, a imagem de três grandes rios na Amazônia: Madeira, Amazonas e Tapajós (pertencente ao espaço de moradia do autor), além das árvores, do pôr-do-sol marcante no rio e dos barrancos situados às suas margens.

No mapa mental, a experiência estética do autor enfatiza a sua viagem no rio Madeira, na condição de passageiro, testemunhando a contemplação pelas águas, desde o seu volume como as tonalidades: barrentas e escuras. Tanto que chama atenção do passageiro as águas barrentas do Madeira quanto do Amazonas, diferente do lugar onde vive às margens do rio Tapajós.

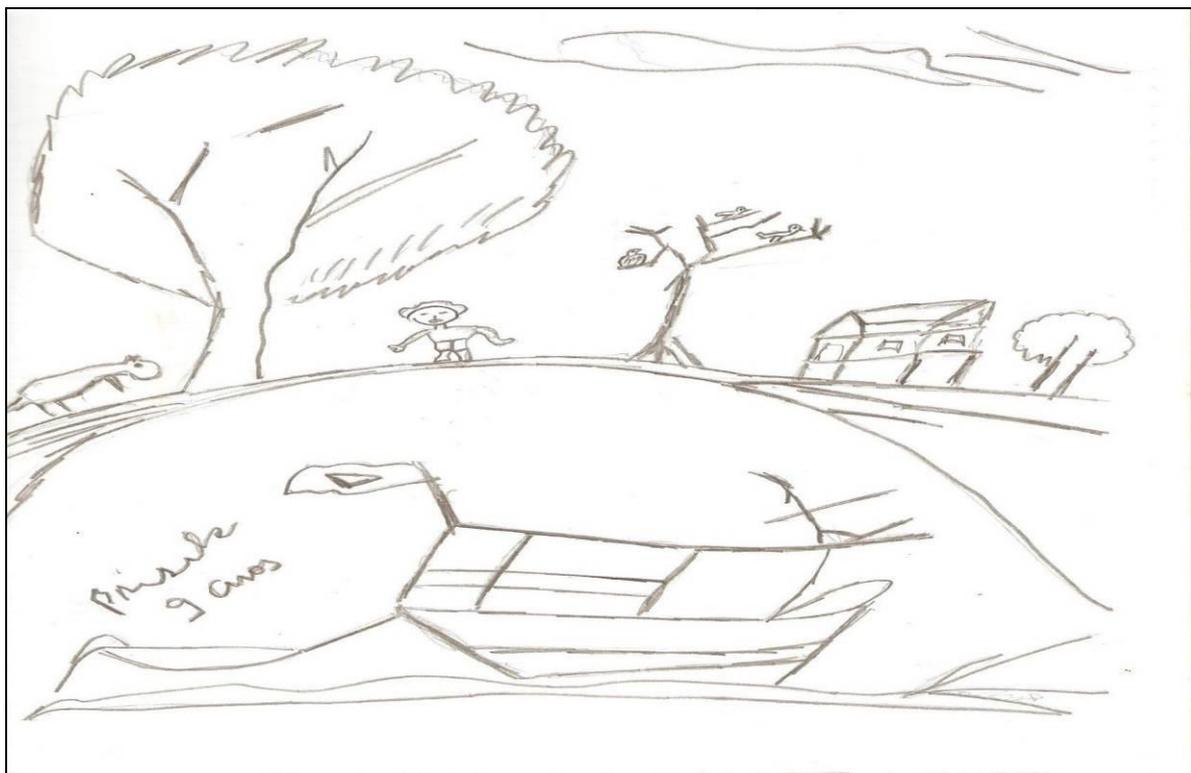
¹³⁵ Autoria de Daniel, 26 anos, passageiro, tempo de confecção: 17 minutos, 2011.

Essa forma de perceber o espaço acaba expressando a experiência íntima e do maravilhamento de se deparar com águas barrentas, logo, a vivência do autor é oportunizada através do barco que singra os rios amazônicos. O mesmo vive a experiência de estar na Amazônia, de percorrer o rio Madeira, de ver-se pelo lado de dentro do espaço. Como afirma Loureiro (1995, p. 85), “Uma experiência por dentro, acima e superadora do cotidiano, que é marcada por vaga e contemplativa atitude de prazer face à realidade”.

A atitude contemplativa e a experiência vivida permitem ao autor refletir sobre a sua presença no espaço amazônico, expandir o olhar a outros rios, compreender o sentido da vida nos espaços longínquos. Ainda Loureiro afirma (1995) que é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem aprofunda o conhecimento de si mesmo e do seu espaço. De todo modo, a convivência delineada pela presença das águas e das matas oportuniza o desenvolvimento da sensibilidade estética, remete ao experienciar da força da natureza.

Por fim, o universo das águas acaba deflagrando o processo do devaneio poético, no sentido da realidade de grande estetização que o homem acaba encontrando ao longo do convívio diário com a floresta amazônica.

Mapa Mental 10¹³⁶



Este mapa apresenta imagens diversas da vivência da autora no espaço ribeirinho, constando ícones, linhas, figuras geométricas. As formas aparecem dispersas, possuindo elementos da paisagem natural (rio Madeira, animais, aves, árvores, nuvens) e das paisagens construídas (casa, barco) sob o olhar atento de uma criança que fica no alto do barranco.

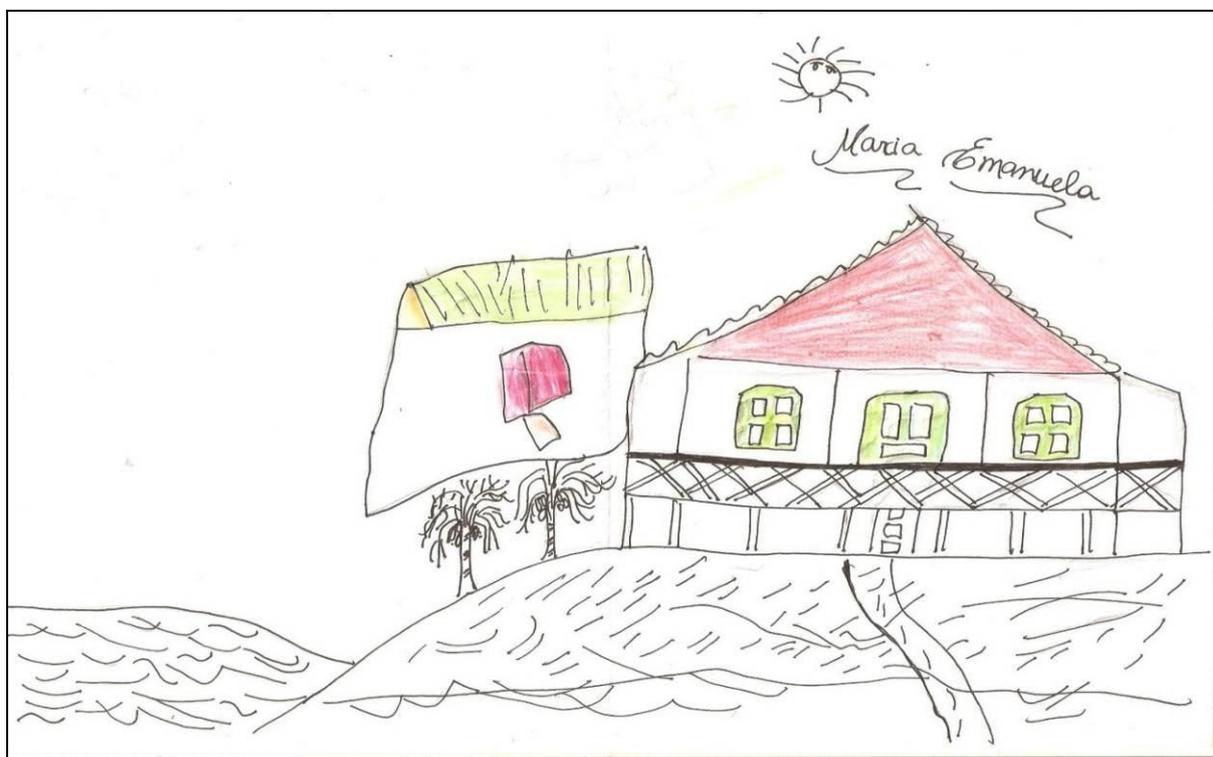
É importante considerar o sentido de lugar atribuído pela autora, marcado pela convivência partilhada e representada através da casa, do barco (como elementos construídos), dos animais e da figura humana que compõem a vida social na Amazônia. O espaço de convivência é marcado pela própria paisagem, com a presença de animais, evidenciando o mundo vivido da autora.

A valorização da percepção visual do espaço torna-se lugar pela afetividade, reconhecido pelo caráter harmonioso das relações do homem com a natureza. Nesse sentido, as imagens retratadas podem levar a criança a projetar um futuro melhor, no sentido de sair de sua comunidade para estudar e depois retornar ao convívio com os pais, tendo em vista que não há destaque para a presença de escola próximo à residência da criança.

¹³⁶ Autoria de Priscila, 9 anos, passageira, tempo de confecção: 15 minutos, 2011.

O mapa apresenta um significado vivo, dinâmico, interlocutivo da existência humana à beira das barrancas da Amazônia. É a representação do espaço da experiência criadora de sentidos e contém significados culturais e espaciais.

Mapa Mental 11¹³⁷



O mapa mental traz uma multiplicidade de elementos dispersos, na forma horizontal, com destaque para os signos icônicos diversos, linhas, figuras geométricas e cores. Este mapa aparece de forma horizontal e a autora trouxe elementos da paisagem natural (rio, árvores, sol e barrancos íngremes) e, quanto à paisagem construída, o destaque principal é a casa na qual acaba sendo motivadora de devaneio.

A imagem da casa simboliza o espaço vivido repleto de valor, de elementos topofílicos. A associação da casa ao espaço da floresta e do rio acaba trazendo um conjunto de significações, a começar pelo caráter estético da casa, na qual se encontra numa localização privilegiada à margem do rio. A casa representa o espaço de convivência, do bem-estar, é o abrigo e o aconchego diante das intempéries da natureza.

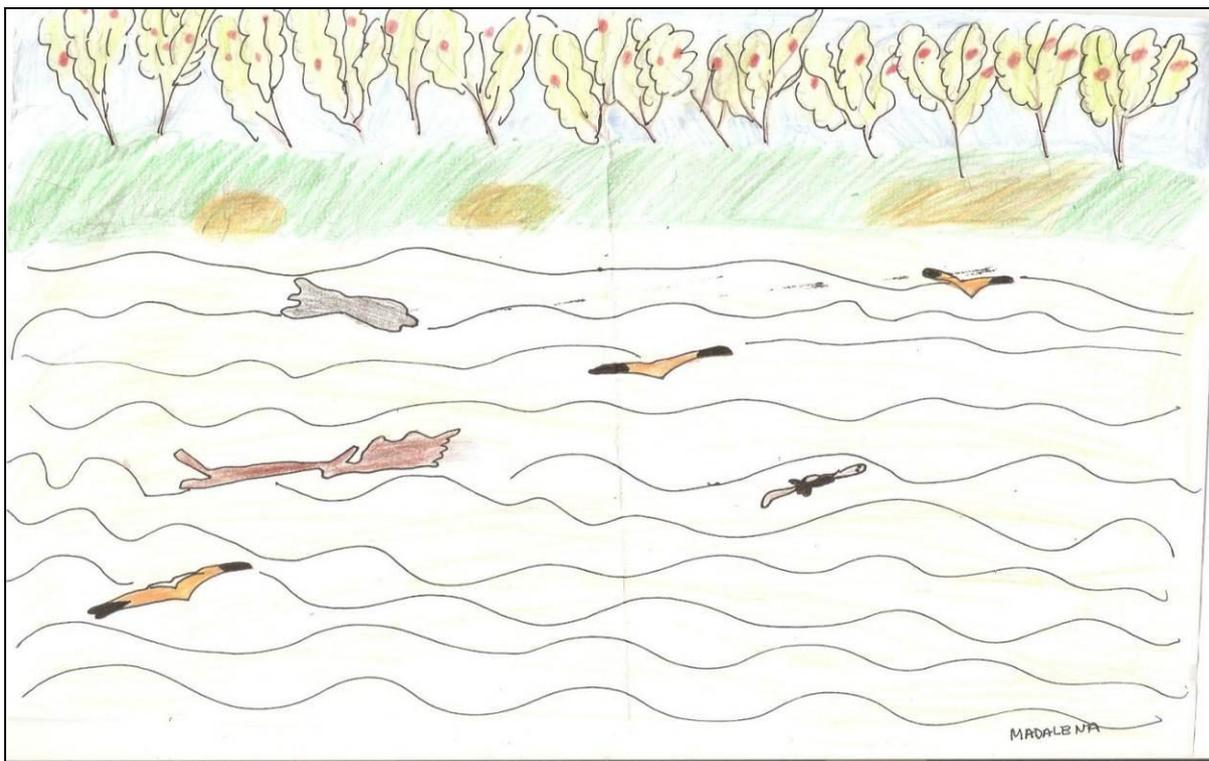
¹³⁷ Autoria de Marcia Emanuela, 13 anos, passageira, tempo de confecção: 18 minutos, 2010.

Observa-se a construção da casa sobre estacas de madeira, sendo forma de proteção na época das cheias e dos animais peçonhentos (cobras, aranhas, etc). No convívio do homem com o rio e a floresta, ele constrói uma moradia possibilitadora de aconchego e segurança.

Pelo cenário da imagem, a casa aparece como o espaço afetivo, amado, da convivência, da segurança e da interação entre as pessoas e com o meio ambiente. Como afirma Bachelard (2008, p. 36), “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade”. A casa é concebida como signo que colabora na recriação de uma realidade, nascida do devaneio por onde o imaginário se expande, ultrapassa a dimensão da solidão. Portanto a noção de espaço, não é vista como fechada, mas aberta e traz a ideia de pertencimento, liberdade e trocas simbólicas.

Nesse sentido, como afirma Loureiro (1995), há um devaneio provocado pela casa que precisa ser comunicado ao outro e a casa é o espaço das interações, do receber pessoas, do convívio social e da transmissão da cultura.

Mapa Mental 12¹³⁸



Neste mapa mental, a autora destaca a representação de um espaço proveniente das relações com a floresta e o rio. Situa o espaço vivido e dinâmico, enfatiza a ideia da movimentação, através dos elementos: tronco de árvore descendo o rio, assim como, o voo dos passáros e o navegar dos animais dão a ideia da mobilidade, do deslocamento percebido no espaço.

Na imagem, há destaque para linhas, figuras geométricas, os elementos se encontram de maneira dispersa e na forma horizontal. Dentro de sua percepção, a autora evidencia a noção de preservação das matas ciliares, trazendo um conjunto de paisagem, sem que tenha havido depredação ambiental. O volume da água é destaque no mapa mental.

Os elementos da paisagem natural em destaque são aves, boto tucuxi, tronco de árvore boiando no rio, cobra, evidenciando, principalmente a paisagem preservada à margem do rio Madeira. Uma ideia importante no mapa mental corresponde à fecundidade das várzeas.

O mapa mental expressa a sutileza de encontrar maravilhas nas coisas, o sentido da imensidão, as cores dão destaque aos signos sociais e estéticos

¹³⁸ Autoria de Madalena, 10 anos, passageira, tempo de confecção: 20 minutos, 2010.

produzidos e representam o espaço vivido da autora. O cotidiano da vida social é marcado pelo compartilhamento de emoções frente à natureza e a cor barrenta do rio Madeira simboliza vida e presença da biodiversidade existente.

4.4 MAPAS MENTAIS: SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ANÁLISE DA POÉTICA

Os mapas mentais analisados evidenciam a composição das experiências dos sujeitos, tidos como objetos de significação, produzem discursos, evidenciam as interações dos sujeitos, suas peculiaridades culturais. Através dessa dimensão cultural, tornou-se possível perceber as especificidades do grupo e as práticas simbólicas existentes no espaço do rio Madeira.

Pelo demonstrado, os mapas mentais são dialógicos, definem-se pelo diálogo entre os interlocutores, nesse caso pesquisador e entrevistado, além de trazerem as marcas do contexto social amazônico. Dentro dessa perspectiva, são textos dotados de significação e evidenciam a relação do homem com o mundo e as suas ações no espaço.

Os conteúdos dos mapas mentais aqui estudados remetem aos signos sociais representados através dos ícones, das letras, das linhas, das formas geométricas, das cores, das disposições na imagem, do universo das suas particularidades contidas de influências sociais e culturais do grupo.

Cada imagem foi analisada de maneira singular, pois trouxe olhares representativos sobre o rio Madeira e variando entre os sujeitos pesquisados. Aparecem os lugares de convivência social e de trabalho desde o barco, a casa, a escola, a indústria, as cidades e comunidades ribeirinhas. O sujeito da pesquisa foi compreendido a partir de sua singularidade, dos seus processos subjetivos, o qual se encontra situado num contexto social e espacial.

O conhecimento espacial e cultural dos participantes da pesquisa foi representado através dessas imagens, construídas na trajetória de suas vivências, na interação com o outro e com o meio ambiente. As imagens expressaram o espaço vivido dos sujeitos, os quais são possuidores de vozes e trouxeram leituras de seu espaço, especialmente o conhecimento sobre uma parte da Amazônia que se orienta através dos rios.

Essa possibilidade de entendimento das representações tornou-se possível associando aos mapas mentais, isto é, à realização das entrevistas cujas vozes se evidenciam ao longo do texto. A abordagem metodológica, de caráter humanístico, construiu-se nessa mediação entre o individual e social, trouxe reflexão e entendimento dos espaços representados. O pesquisador é parte do processo, no sentido da interlocução mantida com os sujeitos pesquisados, ambos produzem espaços significativos e reveladores do modo de vida amazônico.

Os mapas mentais mostraram o aspecto do dialogismo como espaço interacional entre o eu e o tu (nessa relação com o espaço e o lugar, no caso o rio Madeira). Os barqueiros e passageiros trouxeram suas concepções de mundo, representadas através da linguagem e um dos aspectos que chamou atenção remeteu praticamente à ausência do elemento humano ou quando apareceu estava na situação de “isolamento”, ora no barco viajando na companhia de outros passageiros, ora morto no rio.

O homem parece se sentir participante do espaço representado tanto que não percebe que precisa ser mencionado no mapa mental. Uma hipótese é a de que ele não passa a estar mais na relação do eu nem do tu, mas no espaço criado entre ambos. E isso significa que as pessoas constroem imagens impregnadas de significados, vivências, lembranças e emoções. As imagens trazem à construção simbólica que colabora no desvendar do mundo vivido e das intencionalidades, evidenciando a poética dos sujeitos no espaço.

Os mapas mentais, como representação do mundo vivido do sujeito e principalmente das relações sociais estabelecidas no espaço, podem colaborar com a compreensão dos processos subjetivos, das práticas espaciais, dos valores, dos diálogos culturais e sociais no espaço das representações.

Os signos sociais passam a ter sentido dentro do quadro de referência da linguagem, das práticas interlocutivas, dos sistemas de referência das pessoas e da maneira de interpretar o mundo e de se posicionar no espaço. As representações são dialógicas, marcadas pelo universo das trocas simbólicas e vozes sociais das pessoas e de temas interdisciplinares sustentadores do conjunto das espacialidades do grupo investigado.

Nesse processo de interação, mediada pelas representações, a linguagem tem seu papel de destaque no entendimento das práticas culturais dos homens e nas interpretações do mundo vivido dos sujeitos.

O próximo capítulo se volta para a dimensão humana das experiências, no evidenciar das espacialidades existentes no espaço do rio Madeira, sendo significativas no universo cultural amazônico.

CAPÍTULO V:
ESPACIALIDADES DAS EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO
RIBEIRINHO

Cenas do mundo vivido dos habitantes da Amazônia



"O rio Madeira é um jardim florido. O Madeira pertence a bacia amazônica, é um jardim florido, só que as autoridades não cuidam disso. O trabalho que desenvolvemos nos barcos as autoridades não sabem como funcionam, não dão valor não".

*Waldir, 71 anos
Comandante e práctico*

CAPÍTULO V: ESPACIALIDADES DAS EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO RIBEIRINHO

As espacialidades encontradas no âmbito do rio Madeira fazem parte do modo de vida dos habitantes da Amazônia e não são entendidas pela lógica da funcionalidade econômica, produtiva, mas pelas significações e representações que os sujeitos sociais atribuem ao espaço.

Trata-se das intenções humanas que se realizam espacialmente, logo, é formatando as espacialidades que o ser humano expressa e se constitui como sujeito social. Assim, há uma dinâmica dialógica no espaço que corresponde ao viver e agir no espaço, as relações sócio-espaciais que expressam a condição humana. Sob esta égide, as espacialidades devem ser entendidas pelo viés da linguagem, considerando os signos sociais e a arquitetura sócio-espacial que expressa o espaço vivido das pessoas, os significados e o conhecimento produzido e representado no espaço.

Nesse percurso de análise, enfatizam-se as espacialidades das experiências vividas, das práticas dialógicas da linguagem, das paisagens do medo, do universo das águas e das matas, além dos sabores amazônicos. Essas espacialidades carregam a relação simbólica do homem com o rio, com o espaço habitado e trabalhado. Segue uma análise pautada nos sentidos das espacialidades que correspondem aos espaços particulares e, ao mesmo tempo, coletivos reveladores do modo de vida amazônico ribeirinho. É o espaço das interações sociais, da construção dos signos e do externar das práticas interlocutivas.

5.1 SEM PRÁTICO, COMO NAVEGAR? DO VIVIDO NA INFÂNCIA À CONSTITUIÇÃO DO PRÁTICO

O Prático é tido como homem essencial no transporte fluvial, pois o trabalho realizado a bordo das embarcações varia desde a condução da embarcação em trechos difíceis de navegabilidade à orientação ao comandante. É categoria pouco estudada na região amazônica, tendo a sua relevância no universo pesquisado porque é o sujeito que conhece o rio de forma atenta e minuciosa, orienta e pilota os barcos nas épocas das cheias e vazantes, sendo considerado pelos próprios barqueiros o homem-chave na segurança da navegação, principalmente na vazante quando os acidentes são freqüentes devido ao aparecimento de diversos obstáculos¹³⁹ e a habilidade do prático é indispensável na navegação da Amazônia.

Sousa¹⁴⁰ (2004), nas suas pesquisas nos rios amazônicos, identificou *dois* perfis de práticos: o primeiro é o profissional habilitado pela Marinha Mercante, sendo marítimo ou fluvial, e exerce a função de Prático nos grandes navios, cabendo-lhe o conhecimento do porto no qual irá fazer atracação. É possuidor de curso superior e domínio de tecnologia diferenciada.

O segundo perfil de prático é identificado como sendo o homem nascido ou criado em áreas ribeirinhas, não possui o reconhecimento do órgão fiscalizador nessa categoria, pois não tem habilitação reconhecida para a função e nem registro profissional. Optou-se em trabalhar com o segundo perfil de Prático pelo trabalho realizado no Madeira porque detém conhecimento aguçado do rio.

Os práticos são jovens e adultos, possuidores do ensino fundamental incompleto, ora não alfabetizados, dominam uma tecnologia mais artesanal e com muita vivência no espaço amazônico. E o próprio prático reconhece a importância do seu trabalho no rio Madeira, conforme entrevista do Comandante-prático Solano, 62 anos:

Na embarcação sou comandante prático, conheço todo o rio, o prático do rio Madeira é pra conhecer o rio, levar o barco, só trabalha no comando do barco o prático que tem que conhecer o rio. Se ele não conhecer o rio ele

¹³⁹ Bancos de areia, praias, pauzadas, afloramentos rochosos (pedrais).

¹⁴⁰ SOUSA, L. F. **Barqueiros do rio Madeira: cultura, resistência e sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2004.

não pega na direção, é assim o prático. Então de Porto Velho a Manaus, de Manaus a Porto Velho, passagem por passagem, eu conheço tudo. Tô muito tempo nessa vida, eu tenho muito tempo nessa vida, eu conheço tudo.

Considera-se de suma importância o trabalho do Prático nas embarcações na Amazônia. Os próprios profissionais do transporte de passageiros e cargas reconhecem a importância da experiência do prático no rio Madeira. A habilidade espacial desse profissional é significativa e colabora com a segurança do transporte coletivo de passageiros. Mesmo uma embarcação de grande porte, possuindo bússolas, ecobatímetros ou cartas náuticas, esses equipamentos podem dar pane, sendo indispensável o trabalho do prático.

Todavia, busca-se ao longo do texto trazer a dimensão geográfica dos saberes e habilidades desses profissionais “Práticos”, com ênfase às experiências construídas no espaço do rio Madeira e no convívio com as populações ribeirinhas.

Trabalhar com a dimensão das experiências dos sujeitos no espaço, procurar saber das práticas corresponde a tentativa de mergulhar na cultura ribeirinha e de participar dos processos interlocutivos com o grupo. Ou seja, nos interessa a dimensão do espaço vivido e compreender essa dimensão humana construtora de significados espaciais.

Nesse sentido, Tuan¹⁴¹ (1983) colabora ao trazer o conceito de experiência, através do estudo das percepções, valores e atitudes do homem com o meio ambiente. Esse autor apresenta duas categorias de análise: o espaço e o lugar como componentes da experiência do sujeito, atendo-se à experiência a partir dos sentidos. O pensamento de Tuan alicerça-se no homem enquanto ser perceptivo ou perceptual. A contribuição desse geógrafo é essencial no entendimento do conhecimento produzido pelos práticos, mas por outro lado, a nossa meta é a de chegar na dimensão social desse homem que tece relações dialógicas no espaço.

Dentro dessa perspectiva, o prático aqui em destaque é *o nascido ou criado em áreas ribeirinhas: na fase da infância aperfeiçoa os seus sentidos na interação com o meio ambiente e espaço ribeirinho, bem como trocas de experiências com outras crianças. Como afirma Claval¹⁴² (2010, p. 26), “Uma parte importante dos saberes geográficos diz respeito à vida das relações e ao modo como essa é*

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

¹⁴²CLAVAL, P. **Terra dos Homens: a geografia,** São Paulo: Contexto, 2010.

estruturada”. A interação verbal corresponde ao aspecto positivo da transmissão da cultura, dos saberes geográficos relacionados ao espaço ribeirinho.

Nessa relação dialógica com o mundo, por exemplo, as crianças amazônicas, começam a perceber esse espaço amazônico através das brincadeiras, da ludicidade, do viver e percorrer cada rio dentro de uma canoa ou simplesmente fazer caminhadas às margens do rio Madeira e de seus afluentes com familiares e/ou amigos. Nesta idade entre os sete a dez anos, as crianças também começam a acompanhar seus pais, parentes e amigos nas pescarias, participam dos trabalhos domésticos, sendo uma realidade das famílias ribeirinhas.

No convívio com os pais e irmãos, as crianças aprendem muito sobre as estratégias de sobrevivência e de socialização acontecidas no cerne da cultura ribeirinha, começando pelo espaço da própria casa. Concomitantemente a toda essa “responsabilidade” de casa, as crianças aproveitam para brincar com miniaturas de embarcações, de esconde-esconde, apreciam dançar forró, gostam de banhar-se à beira de rios e igarapés.

No espaço ribeirinho, podem-se destacar atividades lúdicas que contribuem para a interação social e aguçamento da percepção sobre o espaço geográfico. Por exemplo, durante a época da vazante surgem as praias às margens do rio Madeira. Nesta ocasião é comum a prática do banhar-se, de refrescar-se nos dias de intenso calor, do mergulho, das brincadeiras entre amigos e de preferência saboreando algum peixe ou fazendo churrasco a beira da praia.

São as praias, igarapés e lagos que proporcionam o desfrutar de atividades de lazer ligadas às águas no espaço amazônico. E nas idas das crianças a esses lugares acabam aguçando e praticando a habilidade de cada órgão sensorial, pois experienciam o espaço, mediante o despertar da curiosidade, do estranhamento, da afetividade e do sentido da descoberta mantido com o lugar. As fotos abaixo ilustram o momento de convivência e da ludicidade que ocorre nos rios amazônicos:



FIGURA 27 – PRAIA À MARGEM DO RIO AMAZONAS E CRIANÇAS NO MOMENTO DE LAZER
 FONTE: A autora (2011)

Depois disso, essas crianças começam ajudar em outros afazeres, tais como, retirar a água acumulada no fundo da canoa, ajudar a desenrolar a malhadeira¹⁴³, pegar o material da pesca ou simplesmente acompanhar o pai em alguma pescaria ou passeio, sendo o processo imediato de interação com o meio ambiente e com o outro.

No acompanhamento dos pais à pescaria, as crianças aprendem a descobrir os segredos da mata e das águas, ouvem histórias sobre os perigos eminentes. Essas trocas simbólicas são formas de aprendizado que os pais transmitem, socializam e ensinam aos filhos, sendo respaldadas por saberes tradicionais.

De acordo com Tuan¹⁴⁴ (1980, p. 65), “[...] à medida que a criança cresce, aumenta a sua consciência das relações espaciais, às expensas da essência dos objetos que os definem”. Neste sentido, a criança começa a estar ciente de elementos importantes que começa a encontrar no seu espaço vivido, a exemplo do banheiro¹⁴⁵ diferente que poderá significar o surgimento inesperado de uma cobra grande ou do boto, um tronco de árvore descendo o rio poderá significar obstáculo para quem rema. Todos esses fenômenos permitem a expansão do olhar da criança em relação ao seu espaço vivido.

¹⁴³ Rede de pesca.

¹⁴⁴ TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

¹⁴⁵ Agitação das águas dos rios, podendo ser provocada pelas chuvas, animais ou passagem dos barcos.

Os sentidos humanos evidenciam que a percepção, a atitude e o valor, ambos na interação com o meio ambiente, podem variar de indivíduo para indivíduo, a própria atribuição de significados e a forma de organizar o espaço geográfico e o lugar é explicada a partir da cultura, pois ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos segundo Tuan¹⁴⁶.

Vale a pena reforçar que na interação ocorrida entre pais e filho(s), entre as próprias crianças, há uma geografia das práticas sendo delineada e mediatizada pela interação dos órgãos sensoriais quanto pela relação dialógica e valores advindos da cultura ribeirinha. Todos esses fatores vão remeter ao universo da experiência, das habilidades e conhecimentos espaciais que sustentam o viver do homem amazônico.

A capacidade de perceber o espaço, de aprender e de socializar conhecimento numa região como a Amazônia, implica na capacidade de fazer mediações sógnicas, alicerçadas pela interação com o outro e baseada nos sentidos.

A pessoa pode conhecer um lugar através da habilidade do olhar, podendo ser de forma íntima ou conceitual (símbolos), buscando captar imagens que revelam o ambiente, a paisagem nas diferentes nuances. De acordo com Loureiro¹⁴⁷ (1995, p. 132), “O olhar, ação de ver pelo órgão da visão, é essencial para a percepção das qualidades plásticas do mundo exterior”.

O homem é predominantemente um animal visual, depende mais da visão do que dos demais sentidos, segundo Tuan (1983), tendo o mérito da visão ser uma faculdade valiosa e essencial no campo da percepção e apreensão do espaço. Nessa argumentação, Bailly¹⁴⁸ (1979, p. 82) enriquece dizendo:

El sistema visual no es sólo un instrumento de registro, sino que también permite escoger, de entre la serie de imágenes que van desfilando, aquellas que son más atractivas [...] la percepción visual es selectiva y el observador capta unas características que le parecen importantes¹⁴⁹.

¹⁴⁶ Ibidem

¹⁴⁷ LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário, Belém: CEJUP, 1995.

¹⁴⁸ BAILLY, A. S. **La percepción del espacio urbano**. Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid, 1979.

¹⁴⁹ O sistema visual não é apenas um instrumento de registro, mas também permite escolher dentre a sucessão de imagens que vão desfilando àquelas que são mais atrativas (...). A percepção visual é seletiva e o observador capta algumas características que lhe parecem importantes. (Tradução nossa).

Claval¹⁵⁰ (1999, p. 83) afirma, “O olho não é um instrumento neutro. O que nós vemos nos agrada, nos incomoda ou nos faz medo. O olhar participa da experiência emotiva e, por vezes, estética, que temos dos lugares”. Como se observa, através dos sentidos e das práticas interlocutivas os homens criam a si próprio e o seu mundo, decifram os lugares, trocam experiências espaciais, se interrogam sobre a vida e o desconhecido.

Os olhos obtêm determinadas informações, algumas mais precisas e detalhadas, mas sem desconsiderar a função dos demais sentidos colaboradores na percepção do espaço, na composição da poética dos lugares vividos, respeitados, amados e indesejados. Os sentidos colaboram nessa produção social da qual faz parte a linguagem. Como afirma o prático Mundico, 46 anos, sobre o trabalho no rio Madeira:

A maioria eu falo com convicção é só o olho que Deus deu e o conhecimento. Quando navego durante a noite costumo marcar o canal do rio Madeira pela posição das árvores, dali você sabe que não pode ir mais pra frente, já tem que cruzar pro outro lado. Tem que saber por onde estar navegando senão se perde. Isso aí é conhecimento, procuro conversar com outros práticos do rio Madeira também, conheço muitos.

Muitos dos práticos possuem a habilidade perceptiva aguçada no processo de conhecer e estudar os rios da Amazônia. São capazes de marcar a localização do canal através das sombras e posições das árvores, dos barrancos íngremes e movimento das águas. A acuidade visual é um elemento importante utilizado pelos práticos na navegação, com os olhos percebem o que está perto e distante, se antecipando a determinada situação de imprevisto.

Nas fotos abaixo temos exemplo de árvores e barrancos íngremes que colaboram com a marcação exata do canal nos rios Madeira e Amazonas. O Práticos, por exemplo, costumam marcar a localização do canal com a árvore samaúma ou sumaúma (*Ceiba pentandra*), por ser alta, e chega até 50 metros de altura e diâmetro de tronco superior a dois metros.

¹⁵⁰ CLAVAL, P. **A geografia cultural: o Estado da Arte**. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. da EdUERJ, 1999.



FIGURA 28 – ELEMENTOS NATURAIS (ÁRVORES) COMO LOCALIZAÇÃO
 FONTE: A autora (2011)

Há um refinamento no olhar do profissional da navegação que permite observar melhor as características naturais do ambiente amazônico. O prático estuda o que o cerca, o que possibilita navegar com mais segurança no rio. Ademais, faz acontecer um saber geográfico construído através da experiência e do convívio com os rios amazônicos, especialmente o Madeira.

Como afirma Loureiro (op. cit., p. 133), “O olhar é fonte de observação, percebe os aspectos delicados e diferenciais das coisas, estabelece vias de gosto e do julgamento”. Isto é, o olhar chega a ser descobridor de mundos, no sentido de ir além das questões da materialidade, mas percorre de modo sereno o universo simbólico do imaginário.

Além do olhar, o sentir, o toque é capaz de transmitir emoções difíceis de expressar com palavras. O toque pode ser usado para demonstrar o quanto amamos alguém. Com as mãos os pais tocam e acariciam os filhos quando estes fazem travessuras, colocam os filhos no colo para contarem histórias diversas, plantam a mandioca, fazem a farinha e ensinam os seus filhos a manejaram com habilidade o remo. Como afirma Bailly¹⁵¹ (1979, p. 83):

El contacto sirve para recibir informações sobre el entorno em relación com su cuerpo, puesto que, para este sistema, casi todo el cuerpo es receptor. Las sensaciones cutâneas, las articulaciones y los músculos (percepción cinéstica) facilitam el registro de choques, pressiones, aplastamientos, movimientos y calor¹⁵².

¹⁵¹ BAILLY, A. S. **La percepción del espacio urbano**. Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid, 1979.

¹⁵² O contato serve para receber informações sobre o ambiente em relação com seu corpo, uma vez que, para este sistema, quase todo o corpo é receptor. As sensações cutâneas, as articulações e os

As crianças ao exercitarem a prática do remo, da coleta de frutos (açai¹⁵³, cupuaçu¹⁵⁴, abacada¹⁵⁵, patoá¹⁵⁶, etc) trabalham de forma habilidosa com o tato, fazendo acontecer esta experiência direta com o meio ambiente, e a forma de extração dos frutos perpassa pela questão cultural e transmissão de saberes tradicionais. Ainda destacam-se muitas habilidades com as mãos e tato vão desde à pescaria com diversos tipos de instrumento de pesca, confecção e/ou conserto das redes de pesca, construção de embarcações de madeira (canoas) e transmitidas através do registro oral dos pais.

A habilidade de jogar os instrumentos de pesca (tarrafa, malhadeira, caniço ou a linhada) durante a pescaria revela a importância do tato no espaço ribeirinho. Através das mãos se constroem barcos e canoas, se escolhe a madeira certa para fazer o barco veloz, seguro e que flutua bem, sendo um ofício relevante, apesar da existência de poucos construtores navais ribeirinhos.

A foto abaixo traz representação do universo infantil, com a construção de miniaturas de embarcação, associadas aos mapas mentais de alunos ribeirinhos:



FIGURA 29 – CRIANÇA RIBEIRINHA
 FONTE: SILVA, J. C. S. (2001)

Como se vê, o interesse por barco, pela vida de navegador se inicia na infância através da convivência com o rio como meio de lazer, trabalho e sobrevivência. Faz parte do cenário das viagens presenciar crianças brincando às margens dos rios, ajudar os pais na pescaria, permanecer em frente de casa simplesmente brincando, a exemplo da foto, com miniaturas de embarcações.

músculos (percepção cinestésica) facilitam o registro de choques, pressões, esmagamentos, movimentos e calor). (Tradução nossa).

¹⁵³ Fruto amazônico e saboreado tradicionalmente com farinha de tapioca, açúcar ou farinha seca.

¹⁵⁴ Conhecido como cupu, é um fruto muito apreciado na Amazônia.

¹⁵⁵ Fruto da Amazônia, tem sabor semelhante ao do abacate.

¹⁵⁶ Fruto saboroso, mas sem valor comercial na Amazônia.

Esses aspectos dão conta de mostrar a ligação iniciada da criança com o rio através das embarcações e de outros aspectos geográficos. E o contato se amplia e pode se consolidar ou não na escola, quando o aluno tem a oportunidade de expressar através da arte, do desenho a sua paixão pelos barcos. Um aspecto importante é que a escola não é o único lugar de transmissão de saberes no espaço ribeirinho. Um espaço de destaque é onde se constrói embarcações de madeira (tilheiros ou carreiras) e localizam-se às margens dos rios e igarapés.

Os construtores navais ribeirinhos colaboram na transmissão desses saberes tradicionais aos filhos e parentes, sendo enfatizados através da oralidade. O ouvir é importante na aquisição do aprendizado sobre construção de embarcações, nas informações sobre o mundo, na busca por ensinamentos diversos. Os sons podem aguçar a percepção do medo ou da segurança no ambiente em que vive. De acordo com Bailly¹⁵⁷ (1979, p. 75):

La percepción auditiva no sólo implica el hecho de oír, sino también el de escuchar, lo que supone un trabajo de los oídos y de los músculos y la dirección del origen del sonido. El sistema auditivo recoge el sentido y la naturaliza de las vibraciones; em médio de um conjunto de ruídos, el hombre se orienta, ajusta su situación para escuchar y selecciona determinados sonidos.

A audição é um elemento importante na navegação, pois através dos sons dos banzeiros o prático faz a leitura das águas, pode-se perceber se há rebojo¹⁵⁸ diferente, por onde se encontra o canal ou mesmo passagens perigosas e tais registros se dão através do estímulo auditivo e a transmissão desse conhecimento se dá pelas interlocuções com outros profissionais da navegação. Através da audição se percebe o barulho do motor do barco, o canto dos pássaros, os grunhidos dos botos vermelhos e tucuxis, os animais que andam pela mata, o som das águas, os diferentes banzeiros no rio significam muito na vida dos ribeirinhos.

A experiência do espaço é aumentada gradativamente pelo sentido auditivo conforme Tuan¹⁵⁹, assim, destacam-se os “barulhos” dos barcos recreios que de longe os ribeirinhos percebem a sua aproximação ou distanciamento mesmo havendo a escuridão reinante às margens dos rios.

¹⁵⁷ BAILLY, A. S. **La percepción del espacio urbano**. Instituto de Estudios de Administracion Local, Madrid, 1979.

¹⁵⁸ Redemoinho causado pela sinuosidade de rio ou por acidentes de suas margens. Dicionário Barsa, 2009

¹⁵⁹ Ibid.

E no interior do barco nos deparamos com a variedade de sons desde o intenso barulho do motor, o forró que geralmente toca na maior parte do dia, a televisão ligada, as conversas diversas, além das músicas apreciadas pelos práticos e tripulantes durante a pilotagem do barco, principalmente à noite quando o som musical (na maioria das vezes forró, brega e/ou sertanejo) ajuda a espantar o sono, sendo momento de lembrar da família, dos amores próximos ou distantes.

O nariz humano é o órgão eficiente para farejar informações, o cheiro evoca lembranças variadas e traz consigo uma perspectiva forte de muita emoção. Como se observa, o olfato tem uma característica distinta de outros sentidos pois remete ao universo das emoções nas quais influenciam a percepção do indivíduo no seu espaço. Segundo Tuan (op. cit., p. 11), “[...] o odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas”. O odor pode remeter tanto ao espaço afetivo, seguro e familiar quanto ao espaço do medo.

Nesse sentido, Bailly (1979) evidencia a intensidade do odor perpassando pela dimensão da sensibilidade, pois cada pessoa percebe o odor de uma maneira diferenciada. De fato, é preciso o desenvolvimento de uma sensibilidade que se aperfeiçoa mediante a sua prática, sendo que o odor é capaz de orientar se determinado lugar é ou não agradável, pois lugares com odores desagradáveis tornam-se repudiados e provocam sentimentos negativos no ser humano. Além disso, o odor evoca lembranças, sensações subjetivas, experiências com o espaço e preferência pelos lugares.

Todavia, o olfato é o mais sutil dos nossos sentidos. O cheiro propicia reação emocional que pode ser agradável ou desagradável para um grupo ou indivíduo. Segundo Claval (1999, p. 84), “A lembrança mais tenaz que guardamos dos lugares está, frequentemente, associada aos odores dos quais eles são portadores”. Sem dúvida, o olfato fornece informações a respeito daquilo que não somos capazes de ver ou de ouvir. Cada percepção é afetada pela mescla das experiências passadas, das emoções e experiências vividas.

No cotidiano das comunidades ribeirinhas, prevalece aromas e odores. Há cheiros marcantes, a exemplo da mata, do peixe frito ou cozido, da farinha de mandioca, do pé de moleque, das frutas como cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), açaí (*Euterpe oleracea*), castanha do pará (*Bertholletia excelsa*), tucumã

(*Astrocaryum aculeatum*), pupunha (*Bactris gasipaes*) que tem os seus aromas fortes e marcantes.

Os sabores e os cheiros estão intimamente ligados à experiência que cada um possui dos lugares vividos ou dos quais visitamos. O viajante gosta de experimentar sabores diferentes e exóticos, a exemplo dos peixes amazônicos. Entretanto, muitos donos e fretantes dos barcos costumam privilegiar o oferecimento de carne de gado e frango aos passageiros que, em sua maioria, são ribeirinhos, haja vista que o peixe é o alimento básico dessas populações locais. O peixe é consumido no barco, na forma de caldeirada ou frito, mas o oferecimento de outros cardápios se torna atrativo e agregador de novos passageiros.

Para Claval (1999, p. 84), “A geografia da alimentação não é importante apenas para compreender as atitudes a respeito dos corpos e as condições nas quais eles se desenvolvem. Ela nos introduz a uma das formas mais ricas das interações humanas”. As fotos abaixo ilustram o momento da refeição no barco:



FIGURA 30 – MÃE ALIMENTANDO SUA FILHA E DETALHES DA ALIMENTAÇÃO
FONTE: A autora (2011)

O momento da refeição no barco propicia interação com a tripulação e demais passageiros. A refeição poderá ser servida no refeitório ou cada passageiro busca o seu alimento e come sentado na sua rede. Qual seja a situação, os passageiros tem a oportunidade de interagir, de conversar e de saborear a culinária regional. Numa próxima parte do texto estaremos dando mais ênfase a gastronomia amazônica servida nos barcos.

5.2 A GEOGRAFIA DAS PRÁTICAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS PRÁTICOS

As experiências dos práticos evidenciam a maneira de agir, de viver, de trabalhar e de construir o espaço de navegação no rio Madeira. Como diz Claval ¹⁶⁰ (2010, p. 12):

As práticas, as habilidades, os conhecimentos e dos discursos geográficos também dizem respeito ao tecido social no qual evoluem as populações e às redes que o estruturam; eles tratam das representações do além que dá sentido às suas vidas. Esses saberes estão ligados intimamente ao modo de agir, aos processos e às estratégias que cada um desenvolve [...].

No partilhar das experiências vividas no espaço e das práticas discursivas se tornam significativas interpretar esse modo de vida amazônico. Um dos elementos notáveis no rio Madeira e nos diversos igarapés é a presença da canoa, sendo indispensável no cotidiano das populações ribeirinhas, como meio de locomoção tal como as bicicletas no meio urbano.

A canoa é um meio de transporte que apresenta diversas funções essenciais aos ribeirinhos e práticos. É fácil o deslocamento na canoa, basta a habilidade de saber manejá-la. As crianças, sobretudo a utilizam para realizarem brincadeiras. Costumam apostar corridas nas canoas e percorrem as mais diversas curvas dos rios e igarapés. Nesse momento, o medo parecer ficar distante do grupo. De brincadeiras lúdicas ao transporte de parentes, amigos ou pequenas mercadorias, eis a missão também dessas crianças que estão na faixa etária acima de 10 anos de idade.

E pouco a pouco esses pequenos ribeirinhos vão aprendendo a conhecer o seu espaço vivido, buscando pontos de referências no ambiente e que ajudam a se localizarem, a se deslocarem conforme o ritmo das águas. A paisagem passa ser melhor percebida ao longo dos pequenos trajetos realizados pelas crianças. Como já dito, os pais ajudam a orientar as crianças em relação aos perigos eminentes nas águas, tais como jacarés, candirus, cobras e botos.

¹⁶⁰ CLAVAL, P. **Terra dos Homens**: a geografia, São Paulo: Contexto, 2010.

Tanto as crianças quanto os jovens aprendem a olhar, observar a prática de quem pilota rabeta, voadeira e canoa. Não é tida como uma prática sofrida, mas algo que adquire uma espontaneidade e produção de significados para o grupo.

É no convívio do homem com o rio que o prático tem início a sua caminhada como navegador. O trabalho do Prático resulta dessa experiência iniciada na infância, na adolescência ou mesmo na vida adulta. Cada situação é singular e depende da forma como esse homem se lançou ao desafio de estudar o rio, de construir a sua experiência espacial. Com base nisso, afirma o comandante-prático Waldir, “Tem que ter um prático especialista no rio porque o rio tem muita praia, tem muito toco, muito pau, a mudança de canal, muda muito o canal, cada enchente muda o canal”.

O conhecimento do rio Madeira não é entendido somente a partir de uma ótica individual. Há um espaço simbólico de trocas de experiências que acontece no próprio barco. Quem deseja tornar-se um prático é preciso estudar de forma curiosa o rio e trabalhar com a capacidade de observação.

O segundo prático é o ***não nascido em área ribeirinha***: Este sujeito já na condição de adulto, precisa estudar, conhecer o rio Madeira como forma de conseguir emprego ou se manter nele; significa um trunfo profissional, é a oportunidade de melhorar o salário, pois determinadas empresas de navegação dependem da experiência do Prático no transporte de mercadorias.

Os navegadores mais experientes são os responsáveis pela transmissão do conhecimento aos mais jovens, é preciso ter um senso de observação aguçado, em se tratando da identificação dos pontos de referências móveis ou fixos, tais como: afloramento rochoso (pedral), banco de areia, pauzada e existem sinais como a forma do banzeiro que denuncia a presença de tais obstáculos, identificá-los é uma das estratégias de navegar bem e com segurança, conforme o prático Lopes (2010), “O rio Madeira é diferente dos outros rios da região porque é um rio que engana muito todos os práticos porque cada ano o canal muda pelo, pelo outro e a gente às vezes tá navegando num sentido, o canal já muda”.

É notável que nem todos os tripulantes identificam esses pontos descritos, cabendo aos comandantes, embora não sejam todos, e práticos conhecer, identificar e mapeá-los em cada viagem. Para Claval (op. cit., p. 17):

A orientação nunca é um assunto meramente individual: enquanto se baseia no reconhecimento de itinerários já percorridos e na utilização de pontos de referência ou de marcadores distantes, todos dependemos de nossas capacidades de observação e da memorização para não nos perdermos.

Todavia para os barqueiros, o Prático do rio Madeira é a pessoa que conhece a navegação nos dois períodos: cheias e vazantes; demonstra segurança, experiência e responsabilidade naquilo que faz a bordo; trabalha com dedicação, respeito e gosta muito do que faz.

O prático que constrói a geografia do rio, com base na experiência vivida ou transmitida, precisa viajar, pilotar o barco nas épocas das cheias e das vazantes, com realização de viagens tanto de noite quanto de dia. Isso ajudará no melhor processo de conhecimento do rio, das localidades ribeirinhas. De acordo com Nogueira¹⁶¹ (2001, p. 105), “Os práticos possuem informações que são atualizadas a cada vez que novas paisagens surgem. Localizam facilmente uma nova ilha, que se forma na dinâmica da subida e descida do rio”.

Mas para obter tais informações, o prático precisa viajar de dia e de noite para conhecer minuciosamente o rio, o fato de viajar somente durante o dia não significa que realmente conheça o rio. Se por ventura for solicitado que este prático, acostumado a viajar durante o dia, viaje à noite ficará perdido, pois não memorizou as árvores e nem o canal. Só conhece o canal durante o dia. Como se ver, existe a distinção em relação ao turno de trabalho do prático. Precisa viajar constantemente no rio, caso fique sessenta dias sem viajar e, ao retornar ao trabalho, ficará desorientado, terá que voltar a estudar o rio novamente, pois o canal muda sempre.

Os demais tripulantes costumam reconhecer o prático como sendo o homem que conhece a navegação no período das cheias e vazantes. Demonstra segurança, experiência e responsabilidade naquilo que realiza a bordo do barco, trabalha com dedicação e gosta muito do que faz. As fotos ilustram a atuação dos práticos de diferentes faixas etárias no rio Madeira:

¹⁶¹ NOGUEIRA, A. B. **Percepção e representação gráfica**: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Tese (Doutoramento em Geografia), USP, 2001.



FIGURA 31 — PRÁTICOS DO RIO MADEIRA
 FONTE: A autora (2009)

A atenção é um requisito essencial no trabalho desses profissionais. Na época da vazante, marcada inicialmente pela mudança da água, a qual adquire uma coloração clara ou mesmo esverdeada conforme relato dos barqueiros, se encontram facilmente expostos ou não os bancos de areia, o afloramento rochoso (pedral). É de fundamental importância a análise das duas épocas (vazante e inverno), tendo em vista os obstáculos encontrados durante as viagens como afirma o barqueiro e prático Lopes, 45 anos:

Os pedrais enganam a tripulação que não tem o conhecimento do rio. Nessa caso ai por causa quando o rio tá secando as pedras vão aparecendo né e senão tiver a baliza das pedras mesmo pode ir até bater e ir ao fundo, pode naufragar, um naufrágio. Eu já vivenciei uma situação de naufrágio no rio Madeira.

O prático evidencia os obstáculos, a importância da baliza e do conhecimento do rio. Quem acompanha a viagem desses profissionais da navegação percebe o quanto é desgastante e perigoso viajar na época da estiagem e no período da vazante no rio Madeira. As duas épocas (cheias e vazantes) precisam ser conhecidas no âmbito da navegação, tornando-se uma estratégia profissional para prática de uma navegação segura e sem grandes transtornos.

Muitos dos entrevistados disseram que o ribeirinho, futuro prático, já nasce dentro da canoa, devido à facilidade que detém ao manejá-la; os que nasceram na cidade e passaram a morar em áreas ribeirinhas aprende a manejar a canoa, mas sem grande traquejo. Mario de Andrade¹⁶² (1976, p. 141), ao percorrer o rio Madeira,

¹⁶² ANDRADE, M. **O turista aprendiz**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

já registrara o trabalho desse profissional: “o prático acorda assustado, dá uma guinada no leme, e o navio se salva”.

Como observado, o saber tradicional dos práticos é questão de segurança a bordo das embarcações, só para se ter idéia grandes empresas de navegação utiliza muito o trabalho do prático nos empurradores que navegam no rio Madeira, nos Estados de Rondônia e Amazonas.

Para navegar no rio Madeira não é necessário ter somente equipamentos sofisticados de navegação. É necessária, sobretudo, a experiência de alguém que conheça bem o rio. É um trabalho que exige responsabilidade, tendo em vista as pessoas e cargas transportadas que desde os produtos alimentícios, motos, entre outros.

A entrevista do barqueiro Mundico trouxe a dinâmica do trabalho e a falta de reconhecimento por parte de muitos donos de embarcação: “É um trabalho muito valioso no rio Madeira. Com certeza, muito valioso, muitos donos de embarcação reconhecem, mas muitos não reconhecem [...]. Nem todos da tripulação estudam o rio Madeira com esse olhar do prático com certeza”.

O entrevistado aponta a dificuldade da categoria de ser reconhecida não somente pelos donos de embarcação, mas pelos órgãos governamentais que atuam na área de jurisdição do rio Madeira.

Através dos sentidos e das práticas interlocutivas esses homens expressam elementos importantes para pensarmos como se dá a construção da poética, o elo afetivo e as topofobias que mantem com o lugar e com o espaço. De acordo com Tuan (1980), o homem percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos, havendo uma gama de informações, as quais colaboram com o entendimento da geografia dos práticos.

Para Claval (1999), as pessoas experienciam ou experimentam parcialmente o espaço, considerando uma época, os lugares conhecidos ou visitados e as redes de contatos nas quais estão inseridas, as quais acontecem a partir da dinâmica, do ritmo e do deslocamento do barco contribuindo para a socialização e trocas de saberes geográficos entre práticos, barqueiros e ribeirinhos.

O barco percorre itinerários conhecidos, próximos ou distantes os quais permitem o convívio, o diálogo com o habitante ribeirinho, com o passageiro, pois o barqueiro transporta não somente o passageiro com suas mercadorias, objetos

peçoais, mas com o seu trabalho colabora com a manutenção da vida material e simbólica do ribeirinho.

Em síntese, o espaço dos práticos é dinâmico, marcado pela interação, pelos valores e subjetividades. A interpretação que se faz do trabalho desses práticos em relação ao rio Madeira traz muito da dimensão humana das pessoas, das emoções, dos conflitos que mantem com o espaço. O valor da experiência não pode ser renegado a um plano inferior e, sobretudo, de exclusão social. Há um trabalho sendo executado há anos no rio Madeira, há uma convivência do homem com o lugar. Ele muitas vezes, faz questão de contar as suas experiências e práticas, o que reforça o entendimento de um espaço mediatizado pela linguagem, pela presença de signos sociais que nomeiam os lugares, exprimem as estratégias de sobrevivência do grupo e produzem espacialidades que alicerçam a sua poética.

5.3 A ESPACIALIDADE DO MEDO: UMA VISÃO HUMANA NA CONSTRUÇÃO DA POÉTICA

A cartografia do medo encontrado no espaço ribeirinho e que contempla a prática da navegação dos barqueiros. O medo corresponde a uma experiência individual de cada sujeito mediante os seus valores, cultura e experiências vividas. A poética expressa essa dimensão do medo, através dos processos interlocutivos, projetando toda a dimensão humana, carregada de signos sociais, pelo agir, pensar e viver no espaço.

A problemática do medo tem inúmeros fatores e causas, a exemplo da sensação de abandono, do desconforto pelos assaltos, prisões e violências. De uma maneira ou de outra o homem experimenta a sensação do medo. Anda-se sempre desconfiado de alguma coisa, vive-se enclausurado na própria casa muitas vezes e isso reflete nas relações sociais. Parece que o medo é um componente da vida diária.

Para Tuan¹⁶³ (2005), há diferentes paisagens do medo que o homem enfrenta nas fases da vida. Para esse autor (op. cit., p. 7), “Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um ambiente ameaçador”.

¹⁶³ TUAN, Y. **Paisagens do Medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.

O conceito de medo é aqui destacado com base na contribuição de Tuan¹⁶⁴ no tocante à subjetividade, aos ambientes ameaçadores, mas acrescenta-se o componente social. O próprio convívio resulta em situações de medo entre as pessoas deve ser considerado no âmbito da espacialidade humana. Essa discussão expõe a preocupação com o estudo do medo no espaço ribeirinho, no âmbito do rio Madeira.

O fato de o rio Madeira ser considerado perigoso por quem navega ou trabalha suscitou o desejo de investigar melhor esse fenômeno social. O impacto do medo está presente nas representações que os homens constroem com o rio, com a mata e com o outro. O barqueiro Waldir, 71 anos, destaca um dos medos:

O que causa mais medo na água é o jacaré, tem muito e o IBAMA não deixa matar. Ele é muito perigoso, o jacaré tem agarrado muitas crianças indo pra escola no Amazonas. Ainda tem o candiru muito perigoso porque é um peixe que come e entra rápido, é muito perigoso o jacaré e o candiru.

Castro¹⁶⁵ (1967) também registrara o Madeira como sendo “*rio da morte*”. Entretanto, por estar em formação, não possui canal definido, proporciona desafios aos barqueiros e práticos que tem como objetivo ao longo de cada viagem superar os obstáculos que a “*estrada líquida*” oferece e reserva.

O profissional da navegação tem um trabalho árduo, precisa conhecer e marcar a localização exata do canal, saber o local de maior profundidade para se navegar com segurança. O canal é sempre identificado pela parte que apresenta maior correnteza e, geralmente, encontra-se paralelo a um pedral (afloramento rochoso).

É no cenário de leito indefinido, que se destaca o prático como homem-chave na embarcação, cabendo-lhe duas funções: orientar o comandante e a tripulação quanto a melhor forma de navegar em trechos de difícil navegabilidade; segundo conduzir a embarcação com segurança e responsabilidade.

Pode-se mencionar a existência do medo presente nas narrativas míticas, no cotidiano da navegação, nos possíveis conflitos existentes a bordo do barco que são geradores de medo. Além disso, o medo da criança cair no rio, o medo do temporal em viagem, do naufrágio. Certamente, há outros olhares sobre o medo, as quais remetem a produção dessas paisagens mencionadas por Tuan (1995).

¹⁶⁴ Ibid.

¹⁶⁵ CASTRO, F. **A Selva**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

Deste modo, os autores sociais (barqueiros e ribeirinhos) convivem com esse cenário do medo em suas viagens. Na verdade, o medo é um fenômeno social de muitas facetas, pois pode se apresentar como ameaçador, devastador, assustador e imensurável, sendo refletido no espaço vivido das pessoas, conforme relato da passageira Ana, 66 anos:

Quando estou viajando tenho medo dos rebojos, das cobras. Quando o meu avó era vivo a gente viu ela, começou a assobiar e a gente tava na casa do meu avó. Meu pai desceu e quando chegou lá viu ela baixando e foi chamar nós tudinho pra gente ver e a gente viu. A gente viu o tamanho dela. Muito grande e muito grossa também. Ela era da largura de um tambor de 200 litros e dava para naufragar uma embarcação.

O medo expressa esse componente que faz parte da paisagem amazônica e a consciência dele é coletiva. A noção de perigo, de medo, de estranhamento, uma vez registrada na memória da coletividade, parece contemplar umas das representações vividas no ambiente dos práticos, ribeirinhos e passageiros, perfazendo o percurso dessa análise.

Uma outra situação vivida revela o quanto o rio Madeira é ambiente ameaçador, conforme o passageiro Elton:

A cobra no rio pode te pegar, já aconteceu de tirar uma pessoa de dentro da cobra. Ela tem duas esporas atrás do ânus e se enrola em qualquer galinha pra agarrar e laçar. Ela te abocalha e depois dar a laçada. Ela vai te observar primeiro, vai ver a melhor posição dela, esse menino que ela pegou tava calafetando há dois dias a canoa dentro do rio, tava com dois dias que ele tava calafetando. Ela não sai te ver e te ataca assim não. Primeiro ela vai ver a posição dela. Ele tava muito tempo batendo com a marreta, todo barulho chama atenção dela. Era mais ou menos cinco e meia da tarde. E a gente sabia que era cobra porque ficou a talhadeira mais na frente, se ele tivesse pegado a talhadeira ele furava ela, não deu tempo de nada. Foi passando as horas, chegou de noite, e já veio o pensamento o jacaré, a cobra ou a onça. Ela mata, engole e tem que vir a superfície. Com dois dias ela boiou lá perto da gente e percebemos o volume, matamos ela e tiramos ele. Todo triturado [...]. Esse rapaz que tiramos de dentro da cobra tinha 26 anos. Agora mulher lavando roupa em flutuante, cachorro chama ela todo tempo, tem audição muito grande ai ela vem. Ela programa tudo e quem tiver lá, se o cachorro não tiver e ela vem o humano, é a caça dela. Ela vem e puxa, depois que ela abocalhar, meu Deus do céu!! A não ser uma faca, ela te solta, é uma pressão, na primeira hora vem a primeira laçada. A segunda laçada prende os teus braços e não tem como mais, só esperar a morte. É terrível mesmo [...].

Ademais, o rio Madeira produz fascínio pela sua extensão, pela coloração de suas águas (barrentas), pela altura dos barrancos e das árvores encontradas à margem desse rio, revelando, de certa maneira, um ambiente ameaçador e ao

mesmo tempo encantador, quem sabe uma sensação de medo, em virtude do passageiro se deparar com o possível desconhecimento dos perigos iminentes e encontrados no meio ambiente amazônico. Em Loureiro (1995, p. 59) se percebe:

É graças a esta forma peculiar do olhar do homem da região que a Amazônia, que sempre constituiu-se para os viajantes e estudiosos um espaço delimitado de geografia e cultura, tornou-se também uma extensão ilimitada às investigações do imaginário. Por essa via prazerosa, o homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rios ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontáveis tonalidades verdes [...] da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime.

O rio Madeira desperta olhares curiosos e estranhos diante da grandiosidade da paisagem encontrada, da presença de ilhas imaginárias, dos lugares sagrados e da diversidade de animais. Nesse rio, há medos diversos, advindos da vivência, do imaginário que confere à categoria da experiência. Trata-se da realidade dos barqueiros, práticos e como os passageiros percebem esses medos.

Segundo Tuan (2005), há uma dialética em se tratando dos medos que aparecem e desaparecem em diferentes fases da vida. O medo é um sentimento complexo, no qual se distingue dois componentes: sinal de alarme e ansiedade.

O primeiro componente é o sinal de alarme relacionado a um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente; e a resposta instintiva é enfrentar ou fugir. Na área ribeirinha, o prático ao saber da vinda de um temporal não procura enfrentá-lo, mas desloca-se para a beira do rio Madeira e diminui a velocidade do barco. Caso contrário, se insistir em permanecer no meio do rio poderá vivenciar um possível naufrágio devido à velocidade do vento, a força dos banzeiros e a estabilidade do barco poderão ficar ameaçadas, sendo risco para passageiros e tripulantes.

Esse desconforto trazido pelo medo culminou numa situação vivida por pesquisadores na Amazônia, segundo Kozel *et al.*¹⁶⁶ (2009, p. 17):

A intensidade do vento nos lançou num verdadeiro “banzeiro”. O balançar cada vez mais forte do barco jogava uma rede contra a outra. Com a habilidade de quem conhece o rio e os humores do tempo, nosso Capitão João e sua tripulação, tão logo perceberam os riscos, trataram de amarrar o

¹⁶⁶ KOZEL, S. COSTA SILVA, J, GIL FILHO, S.F. **Da percepção e cognição à representação:** reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

barco aos troncos de algumas árvores à margem do rio Madeira. O susto foi grande, agravado pela escuridão da noite.

A resposta instintiva do prático foi deslocar-se para a beira do rio, amarrar o barco ao tronco de árvores e esperar o temporal passar um pouco, correspondendo a um procedimento de segurança. Como se vê, o prático usufruiu de sua leitura do espaço, da valorização de seu conhecimento empírico para agir em relação ao temporal.

O segundo componente descrito por Tuan¹⁶⁷ consiste na ansiedade, tida como sensação difusa de medo e pressupõe a habilidade de antecipação. O prático procura ler os sinais escritos pelas nuvens, a imagem do céu nublado denuncia o que vem pela frente; marca o canal pelo movimento das águas durante o dia, a noite pela sombra das árvores, assim, antecipa um procedimento de segurança ao fazer a leitura desses signos lingüísticos: nuvens escuras, céu nublado, movimento das águas, sombras das árvores e banzeiro forte.

Ao utilizar o seu conhecimento vivido, os barqueiros pressentem os perigos iminentes, procuram não se arriscar totalmente ao enfrentarem um temporal ou demais perigos que fazem parte da navegação. Vê-se um pouco desse medo no depoimento do comandante Solano (2011):

Nesse rio Madeira a gente tem medo [...] se Deus defenda aconteça algum acidente e que a embarcação afunde porque tem muito jacaré, cobra e mesmo de noite a pessoa pode se atrapalhar e não poder sair, morrer afogado, isso ai pode acontecer.

Desta maneira, esta ansiedade leva a busca por segurança, uma vez que na região amazônica, geralmente, os naufrágios ocorrem devido a motivos variados indo desde as intempéries da natureza, como a falta de manutenção adequada aos barcos de madeira. Outro aspecto destacado por Tuan¹⁶⁸ diz respeito a imaginação que aumenta os tipos e a intensidade do medo no mundo dos homens. Lembra ainda que as paisagens do medo remetem aos estados psicológicos como ao meio ambiente real.

Na ênfase à espacialidade do medo, instaura-se um ambiente de situações imprecisas, de estranhamentos, de maravilhamento que se convertem nas sensações de medo e de devaneios. O homem pode encontrar-se diante de algo

¹⁶⁷ Ibidem

¹⁶⁸ Ibid.

sublime e que ao mesmo tempo causa medo, angústia pela grandiosidade de fenômenos encontrados.

Há ambientes ameaçadores no rio Madeira, há olhares curiosos e estranhos diante dos lugares desconhecidos e/ou pouco visitados como o Canta Galo, no Amazonas. As representações encontradas nesse espaço são carregadas de símbolos e signos, as narrativas são recriadas ao longo das viagens e evidenciam a convivência com o outro. Não há limites entre o imaginário e a realidade, ambos confundem-se nessa interação, formando um conjunto cultural extremamente rico.

Sem dúvida, mostrar as paisagens do medo não é fácil, a medida que o homem tenta esconder os seu próprios medos, não gosta de falar deles porque poderá dar margem para a dúvida em relação ao trabalho nos barcos. No trabalho dos práticos há situações diferenciadas de medo, as quais produzem sensações diversas: o medo de perder o trabalho, de deixar de alimentar a família, de naufragar, das ilhas imaginárias, dos temporais, dos animais e da mata, em algumas situações o medo dos conflitos internos tendo em vista a possibilidade de gerar violências desnecessárias a bordo da embarcação.

Estudar os medos na área ribeirinha significa partir da lógica individual e chegar ao âmbito da coletividade, procurando identificar traços parecidos que congregam a memória coletiva do grupo e sob esta égide, surge uma relação dialógica do homem com a natureza que promove a criação de signos, representado através dos diálogos dos homens com os animais, com a mata.

Como afirma Loureiro¹⁶⁹, “É como se aquele mundo fosse uma só cosmogonia, uma imensa verde cosmo-alegoria. Um mundo único real-imaginário. Foi-se constituindo nele uma poética do imaginário, cujo alcance intervém na complexidade das relações sociais”.

¹⁶⁹ op. cit. p. 63

5.4 ESPAÇO DO TRABALHO DIÁRIO: RISCOS E POSSIBILIDADES DE NAUFRÁGIOS

O medo se apresenta no trabalho diário dos profissionais da navegação, sobretudo, relacionado aos naufrágios no rio Madeira. As causas poderão variar desde as razões do ambiente (mudança de canal, questões de visibilidade, obstáculos naturais, temporal) quanto às razões sociais (falta de atuação preventiva e constante de fiscalização, superlotação de passageiros e excesso de carga, falta de manutenção adequada às embarcações, consumo de bebida e inexperiência da tripulação).

Sousa (2004; 2011) destaca possíveis causas apresentadas pelos barqueiros em relação aos acidentes envolvendo embarcações no rio Madeira. Esta é uma situação peculiar ao rio estudado, mas serve para estender aos demais rios amazônicos:

Superlotação de passageiros e excesso de carga: o proprietário do barco nem sempre é o comandante, mas costuma, geralmente, viajar com este. Quando o piloto assume o comando da embarcação se sujeita, às vezes ou quase sempre, mediante o consentimento do proprietário do barco ou do fretante em superlotar a embarcação, principalmente com cargas. São as cargas que proporcionam mais lucro ao dono/fretante da embarcação, de modo que o tripulante permanece viajando e ganhando quantias irrisórias para trabalharem nos barcos.

O barqueiro, estando ciente da superlotação de passageiros e excesso de cargas, continua alimentando esse desconforto a bordo, pois a questão da sobrevivência soa mais alto no seu universo familiar. Como vive em situação de instabilidade profissional, opta em calar-se e fazer o que o dono ou fretante solicita, mesmo que venha a por em risco a vida dos passageiros.

A superlotação de barco significa o excesso de cargas e passageiros, sendo mais visíveis cargas como: caixas de tomate, cebola, banana, sacas de farinha, entre outros. A tripulação do barco, dificilmente, não realiza mais do que três viagens na mesma embarcação e, muitos desses profissionais, trabalham sem carteira assinada.

Mudança de canal e obstáculos naturais: o rio Madeira não apresenta canal definido, há o processo de desbarrancamento de suas margens. Isto é, o canal

muda sempre e, possivelmente, poderá estar relacionada à atividade garimpeira que causa grandes impactos ao meio ambiente e a saúde humana.

O processo de desbarrancamento seria uma das causas de mudança do canal e os barqueiros costumam marcar a localização exata do canal, dos bancos de areia, por meio das árvores mais altas como a castanheira, seringueira, sumaumeira ou através das sombras das árvores, principalmente a noite, para navegarem com segurança.

Não existem placas de sinalização no rio Madeira, tendo que ser eficiente o trabalho do prático. Quando este e o comandante não têm certeza da passagem em algum trecho difícil costumam enviar uma equipe na frente para realizar a sondagem do rio, solicitam auxílio a outras embarcações, através do rádio amador, para se assegurarem de informações a respeito dos trechos difíceis. Driblar esses obstáculos naturais, principalmente os bancos de areia, faz parte do cotidiano dos tripulantes. Há trocas de experiências e de orientações que ocorrem entre os tripulantes de outras embarcações e o motivo principal é a informação segura sobre os trechos difíceis.

As fotos abaixo ilustram a etapa de sondagem do rio feita frequentemente por dois ou três tripulantes:



FIGURA 32 – SONDAAGEM NO RIO MADEIRA
FONTE: A autora (2011)

A foto à esquerda evidencia os barqueiros fazendo a verificação da profundidade do rio Madeira, com o objetivo de verificar o canal para passagem segura da embarcação. Durante as viagens, esses profissionais fazem quantas sondagens forem necessárias, podendo ser tanto de dia quanto de noite.

Em relação aos **obstáculos naturais** encontrados no rio Madeira existem os bancos de areia, os quais podem surgir tanto às margens do rio ou em qualquer outro lugar, afloramento rochoso (pedral) e os tocos/pauzadas (paliteiros). Quando a embarcação bate em um deles é arriscada ao tombamento. Tais obstáculos foram mencionados nas entrevistas e nos mapas mentais, gerando a cartografia do medo, conforme entrevista do barqueiro Claudinei, 26 anos:

O que me causa medo no rio Madeira são as pedras que geralmente a gente tá em comboio de balsa, quando bate no comboio desse aí, os cabos de aço voam que nem se fosse um palito de dente, quebra de uma forma onde tá pegando mesmo ou coisa assim, geralmente acontece um acidente, se a pessoa tiver ali na frente na hora. Esse ano a gente viu acontecer com cabo de aço já de um marinheiro nosso lá perder dedo devido falta de atenção também.

Falta de manutenção adequada às embarcações: as embarcações recreio são construídas com madeira, matéria prima predominante nas embarcações utilizadas na Amazônia, de forma artesanal em oficinas e estaleiros às margens dos rios.

O carpinteiro naval geralmente é um ribeirinho que se dedicou à arte de construir embarcações, porém, a manutenção dos cascos tem que ser constante, o que não ocorre na maioria dos casos, pois muitos proprietários alegam não fazerem a manutenção constante devido a falta de estaleiros próximos a Porto Velho, até a saída da embarcação da cidade provocaria a descontinuidade na prestação de serviços aos passageiros.

No caso do barco recreio, o carpinteiro naval constrói primeiro o barco e depois pensa em registrá-lo, mas, às vezes, fica sem registro. Não há a preocupação imediata de chamar o engenheiro naval para assinar o projeto de construção das embarcações em lugares conhecidos como oficinas (Carreira), tendo em vista os altos custos operacionais e a falta de subsídios por parte do poder público. As embarcações permanecem irregulares, não sendo reconhecidas pela Capitânia dos Portos, devido à falta de registro e documentação.

Aos olhares dos órgãos oficiais, quase todas as oficinas existentes às margens do rio Madeira são irregulares e clandestinas, mas para o ribeirinho prevalece outra visão: a sobrevivência. Durante a realização da pesquisa, estivemos visitando uma das oficinas destinadas à construção e reparo de embarcações, em funcionamento há mais de 25 anos. Seu dono, carpinteiro naval, emprega pessoas

sem assinar Carteira de Trabalho. O vínculo se dá de maneira informal, cada trabalhador faz o ofício de construir e reparar a embarcação, sendo o lucro dividido em partes iguais com o patrão, não havendo nada comprobatório de vínculo empregatício entre esses trabalhadores.

É um trabalho arriscado, exige bastante força e muitos dos trabalhadores não utilizam nenhum tipo de equipamento de segurança, levando seis meses para construir uma embarcação. Nos períodos de agosto a outubro esses profissionais ficam sem trabalhar em virtude da vazante, o nível da água baixa, e as embarcações não entram no rio onde localiza-se o estaleiro.

Na construção e reparo das embarcações de médio porte são utilizadas as seguintes árvores:

Itaúbas amarela e preta: a primeira dura em torno de 7 a 8 anos e encontra-se em processo de extinção; a segunda dura aproximadamente 20 anos, sendo a mais requisitada pelos proprietários de barcos, por causa da durabilidade apresentada. Tal árvore também se encontra em processo de extinção, ambas estão sendo substituídas por outras árvores como Piquiá e Ipê; ainda há a Jacareúba, utilizada para fazer o acabamento do barco e as Maçarandubas, Mulateiros e Piquiás são utilizadas na construção do forro da embarcação.

Quando a embarcação está muito velha e sem manutenção adequada, a probabilidade de bater em algum afloramento rochoso (pedral) e ficar desgovernada é muito grande. O choque com o pedral costuma-se ser forte, abrindo logo buraco na estrutura da embarcação em vista de ser feita de madeira ou esta se desprende das outras, favorecendo o tombamento imediato do recreio, dependendo da quantidade de cargas e passageiros transportados. Muitas vezes, a bomba de esgoto deixa de funcionar ou não dá conta de retirar a água acumulada no porão do barco.

Em 1999, ocorreu um acidente de grandes proporções próximo ao município de Humaitá, no Amazonas, envolvendo a embarcação Ana Maria VIII, e nas entrevistas realizadas os barqueiros informaram que o barco bateu em uma pedra, deslocando uma tábua e, como estava muito carregado de mercadorias e passageiros, foi imediata a entrada de água segundo o depoimento do barqueiro Claudinei:

O Ana Maria VIII se quebrou no meio por excesso de carga, saiu com peso de Manaus, mas quando chegou em Humaitá excedeu o peso, botou carro dentro, botou não sei quantas toneladas de carga alimentícia. Ele

tinha emenda e quebrou o cabo de aço. Naufragou, no caso foi imprudência do dono também.

Durante o trabalho de campo encontrou-se um sobrevivente desse naufrágio. Ele afirmara que o barco estava carregado de mercadorias, inclusive com carro a bordo, havia superlotação de passageiros. O barco apresentava problemas na sua estrutura de madeira e quando bateu na pedra foi fatal, não houve tempo de salvar as pessoas. O entrevistado ficou mais de uma hora boiando no rio Madeira a espera de socorro médico. O drama vivido pelos passageiros foi imensurável, sem falar nas vítimas que não tiveram tempo e nem equipamentos de salvatagem suficientes para garantirem a sua sobrevivência. De acordo com os dados oficiais morreram cinquenta e duas pessoas, mas para a população local chegou a ser em torno de 80 pessoas.

O acidente dessa embarcação indignou muita gente, saíram reportagens nos jornais da cidade e em nível nacional sobre o naufrágio. Aparentemente pensou-se no início de um processo de discussão em relação ao transporte de cargas e passageiros no rio Madeira, principalmente em relação ao aspecto da segurança coletiva desse transporte fluvial. Mas pouco se falou depois, restou a política do esquecimento e do silêncio. Ainda hoje, famílias das vítimas nunca tiveram acesso ao atestado de óbito de seus parentes porque os corpos nunca foram encontrados no rio Madeira. Esse drama continua vivo na memória de muitas famílias.

As causas oficiais do acidente do Ana Maria VIII nunca vieram à tona na imprensa, silenciou-se o debate na sociedade portovelhense. Ou seja, durante a realização da pesquisa de campo em 2011 tentou-se marcar uma entrevista gravada com o Delegado da Delegacia Fluvial de Porto Velho sobre os dados obtidos em campo, na tentativa de ouvir “a voz do poder público” e foi em vão. Tentou-se cinco vezes e não foi concedida a entrevista.

Não há transparência, publicidade e interesse da Capitania dos Portos em divulgar as causas dos naufrágios à sociedade. Isso fere os princípios da administração pública. Os resultados poderiam desabonar a conduta dessa Instituição na Amazônia e temem a divulgação dos resultados dos inquéritos, sobretudo, dos naufrágios de grandes proporções.

Na opinião dos barqueiros, o naufrágio do Ana Maria VIII tornou-se exemplo de imprudência do dono da embarcação que sabia da superlotação e do excesso de

cargas e autorizou o embarque de novos produtos. Trouxe à tona o descaso que ocorre no transporte fluvial na Amazônia.

A superlotação dessas embarcações no rio Madeira ocorre de maneira descarada, comprometendo a vida de quem viaja e não havendo respeito pela vida dos passageiros.

Muitas vezes, a carga viaja em locais inadequados, como na parte destinada aos passageiros, sem haver a sua amarração. A entrevista do comandante Solano, 62 anos evidencia essa situação:

Há muitos problemas que enfrentamos no rio Madeira, mas só endireita se tiver fiscalização, se não tiver não endireita. Estamos olhando essas cargas no convés, não é correta porque podem virar e estão soltas... essa carga não é pra vir aqui. Essa carga é para ir lá embaixo no porão. Mas botaram aí, amanhã já vai chegar ao destino final. Mas assim mesmo não era para tá aí. Isso aqui é só para passageiro. Isso aí é um risco. É um erro [...] a carga pode se deslocar, não tá amarrada. Isso aí é um erro.

A foto evidencia a condição do armazenamento da carga na parte destinada aos passageiros.



FIGURA 33 – CARGA SEM AMARRAÇÃO
 FONTE: A autora (2011)

O rio Madeira continua sendo cenário de naufrágios, da falta de valorização da vida humana. Um aspecto identificado quanto a esse tópico envolvendo a manutenção desses barcos diz respeito a “maquiagem” que o dono e fretante do barco fazem para fins de driblar a fiscalização. Por trás dessa ação criminoso, há a deficiência de uma fiscalização mais atenta e rigorosa no tocante à segurança desse transporte coletivo. Na entrevista do barqueiro Claudinei, há detalhes do funcionamento dessa *maquiagem*:

No rio Madeira há embarcações que navegam de forma inadequada. Isso aí é mais dificultoso porque aqui não tem estaleiro também, nem um dique apropriado pra isso aí. Tem que levar pra Manaus, o cara tem que ter a consciência de levantar dinheiro e parar para fazer a manutenção todos os anos e não como, muitas vezes, só faz a recauchutagem meio lá e meio cá da vistoria e já diz que fez o serviço certo da embarcação, sendo que não foi feito. Foi feito meio serviço. Às vezes, as partes principais não estão sendo avaliada como deveria ser. Exemplo, sala de máquina, o calafeto tem que ser trocado todinho, não pode ser trocado só pela metade, a massa também, tudo isso aí, a pintura não pode ser feita só meio lá e meio cá, tem que ser feito de forma geral e com revisão. Tem que levar um especialista lá pra avaliar tudo isso aí, avaliar todo tipo de tábuas que não tá prestando, os pregos que estão enferrujando dentro da madeira lá. Às vezes não pode tampar com massa aquilo ali. Geralmente a cabeça do prego eles tampam só com massa. E dizem que já tá feito o serviço. Às vezes não tá trocando as tábuas que já tá danificada já. Não tá sendo eficiente a reforma, o cara tá se enganando a si mesmo. Tá sendo deficiente. A fiscalização simplesmente vai ver a pintura da embarcação, a madeira podre vai tá, muitas vezes, coberta pela pintura. Não vai dar pra se perceber isso aí. Isso é um defeito que somente um profissional muito bom pra reconhecer um negócio desse aí. Não vai inspecionar com o material pra enfiar na madeira pra ver se tá podre ou não. Geralmente passa na *vistoria* (grifo nosso) assim mesmo, como se tivesse bom, sendo que muitas vezes só tá a pintura, maquiado no caso. Já vivenciei essa situação da maquiagem do barco, já vi com certeza, já presenciei esse negócio aí.

A entrevista do barqueiro mostra uma problemática relacionada a segurança das embarcações de madeira. A maquiagem reflete o descaso dos órgãos fiscalizadores, como diz o próprio barqueiro: “Geralmente passa na *vistoria* (grifo nosso) assim mesmo, como se tivesse bom, sendo que muitas vezes só tá a pintura, maquiado no caso”.

Não se pode deixar de evidenciar o quanto essa *vistoria* pode estar sendo falha, é preciso investigar em que condições são feitas as *vistorias* pela Delegacia Fluvial de Porto Velho e o período realizado.

Apesar de não haver argumentação para justificar tal ação criminosa, chama-se atenção também do poder público, no sentido de mostrar as dificuldades dos donos dessas embarcações terem acesso às linhas de créditos. Conforme relato dos próprios proprietários de barcos, há muita exigência e vários documentos nada facilitadores à obtenção do crédito, sendo que optam por agirem, muitas vezes, dessa maneira maquiando e navegando.

Falta de visibilidade: os acidentes envolvendo embarcações, cerca de 95%, acontecem à noite. A falta de visibilidade e os equipamentos nas embarcações recreio não contribuem no processo de superação dos obstáculos supracitados, no qual a figura do Prático é indispensável.

É difícil acontecer acidentes durante o dia, pois além da falta de visibilidade advinda de riscos ambientais (queimadas, cerração, nevoeiro), há problemas de vista dos próprios barqueiros, sendo aspectos relevantes para quem pilota alguma embarcação.

Sousa¹⁷⁰ (2004), no período de 2000 a 2004, identificou um significativo grupo de barqueiros que apresentava problemas de visão. Os anos se passaram e os mesmos problemas persistem, isto é, tanto os mais idosos quanto os jovens apresentam a mesma dificuldade; alguns nunca fizeram exames de vista, sendo elemento preocupante porque é indicador de risco a segurança dos passageiros e da própria embarcação.

A situação elencada traz à tona não somente os obstáculos ao longo do rio Madeira, mas os profissionais das voadeiras e das embarcações maiores apresentam problemas de vista ou cansaço visual e navegam de dia e de noite.

Inexperiência da tripulação: quando se refere à falta de experiência da tripulação não se limita ao desconhecimento da função a bordo da embarcação, pois a tripulação é habilitada pela Capitania dos Portos e/ou Delegacia Fluvial, mediante oferecimento de cursos, portanto, nos referimos a falta de conhecimento do rio. Não basta apenas ser habilitado, o barqueiro precisa observar, estudar o rio, marcar os pontos difíceis de navegabilidade e exige esforço, responsabilidade e atenção.

O conhecimento prático do rio é enfatizado nos cursos da MARINHA, mas de maneira insuficiente, sendo priorizado mais o conhecimento teórico em detrimento do prático, pois os próprios militares ministrantes desses cursos alegam que o barqueiro detém o conhecimento prático do rio. Mas de que forma é conferido esse conhecimento? Sabe-se que o barqueiro interessado em ascender na sua carreira profissional precisará estudar o rio da melhor forma possível, caso contrário, não conseguirá trabalho e renda para a sua família.

As intempéries causam medo, temor quando o barco está navegando, pois a intensidade dos ventos pode chegar da maneira repentina e pegar a tripulação desprevenida. Essas intempéries são as tempestades rápidas e violentas e tem sido perigosas à navegação por causa da redução da visibilidade, os ventos são fortes e podem chegar a virar o barco, caso não dê tempo atracá-lo à beira de algum

¹⁷⁰ SOUSA, L. F. **Barqueiros do rio Madeira:** cultura, resistência e sustentabilidade. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2004.

barranco ou “porto improvisado”. Costumam se iniciar nos meses de agosto e, nessa época, os barqueiros tem a preocupação com os temporais. Como afirma Mello¹⁷¹ (2008, p. 49) em relação aos temporais:

Os homens respeitam, temerosos, as forças do temporal, que verga e derruba árvores imensas, arrastadas pela natureza, troncos que se chocam contra os barcos, estraçalhando quilhas e calados. Quando o temporal se anuncia, e muitas vezes ele se arma de um instante para o outro, canoas, batelões e até embarcações das grandes logo procuram refúgio numa enseada das margens ou penetram, assustadas, pela boca de um igarapé.

A embarcação é obrigada a encostar, pois a intensidade dos ventos pode chegar de 60 a 70 quilômetros por hora e corre o risco de virar a embarcação. Outrora, ocorreram situações em que embarcações naufragaram devido às intempéries. Nas entrevistas, os barqueiros mencionaram que a posição do barco contra o vento pode ser fatal. A leitura visual propicia a identificação das nuvens, pois quando carregadas anunciam a tempestade.

A chuva faz parte do contexto das viagens dos barqueiros tanto nos meses de inverno ou verão. A chuva pode repentinamente surgir como pancada d’água, em forma de temporal como chuva torrencial. A força dos ventos e dos banzeiros joga a embarcação contra o pedral, contra outros barcos e nesse momento exige atenção e responsabilidade redobrada de quem pilota o barco.

Os temporais no rio Madeira são considerados perigosos pelo ribeirinho porque ocorrem situações em que, estando no meio do rio pescando, vem de repente o temporal e costuma alagar a canoa, chegando virá-la repentinamente. Muitos dos entrevistados disseram que morreram muitas pessoas, vítimas de temporal, no rio Madeira, segundo relato dos ribeirinhos mais idosos.

Falta de atuação preventiva e constante de fiscalização: Quanto ao aspecto de fiscalização por parte dos órgãos públicos existe uma Legislação que não condiz com a realidade vivida pelo grupo investigado. A participação desses órgãos fiscalizadores, no caso diretamente da Capitânia dos Portos (MARINHA DO BRASIL/Delegacia Fluvial de Porto Velho) e ANTAC atuam mais na condição de “repressores” do que na questão da prevenção. Quanto aos demais órgãos (IBAMA, Vigilância Sanitária, Delegacia do Trabalho, etc) se desconhece ações pontuais e de atuação com os barqueiros e quando acontecem problemas de grande gravidade os

¹⁷¹ MELLO, T. **Amazonas: pátria das águas**. Rio de Janeiro. 3. ed. Bertrand Brasil, 2008.

órgãos fiscalizadores delegam as responsabilidades a outras Instituições, culminando na ausência e na omissão de muitas situações vivenciadas por esses profissionais da navegação. Poderia ter trabalhos mais integrados para a clientela embarcada, ainda falta melhorar e ter mais ações preventivas em diversas áreas e contando com a participação da Universidade Federal de Rondônia e faculdades.

De modo especial, temos acompanhado desde 1998 as atividades de inspeção naval realizadas pelos militares da MARINHA de Porto Velho, as quais são intensivas ou não e dependem das prioridades do Comandante da Delegacia Fluvial. Durante o trabalho de campo para a obtenção de dados empíricos não apareceu nenhuma equipe de fiscalização da MARINHA, com a finalidade de fazer a inspeção no barco, no trecho Porto Velho-Manaus-Porto Velho. Falta eficiência no trabalho de muitos desses órgãos governamentais em Porto Velho e quem padece por essa omissão, corrupção e manutenção da impunidade é a população viajante desses barcos. As entrevistas realizadas destacam esses aspectos, a exemplo do passageiro Luizão, 72 anos:

A fiscalização não é boa, praticamente não tem fiscalização nesse rio, não tem. Eles deixam logo ai, é o empurra, empurra e viva quem puder. É uma situação deles, de todo país chega barco, de todo o Brasil chega, de todo lugar chega, a Marinha só tem a obrigação dela mesma cultivar os barcos de onde ele vem e pra onde vai. Nessa viagem por exemplo não apareceu um fiscal da Marinha visitando esse barco que a gente tá. Eu não vi não. É um empurra, empurra, viva quem puder. Se não puder vá morrendo, até que eu concordo com isso por esse dizer. Se dissesse assim é uma margem que só chega barco só até aqui, dali. É controlado aqui, mas é todo canto chega barco, pode ninguém dar jeito, a administração deve sair da Marinha. Cada lugar tem a sua Marinha, Santarém, Belém, aqui tem, acolá tem e o barco são despachado pra chegar qualquer hora, chegar no porto e a MARINHA não se preocupa com isso [...] Ontem saiu aquele o barco Rei Davi, o número de pessoa que eu não sei como é que pode andar aquele tanto de gente, barco grande. O cara viu e já chegou a hora deles saírem, bateram o portão, ai chegando gente ai foram pegar lá no meio do rio, muita gente ia pra lá de 400, 500 pessoas.

Esse barco saiu de Manaus numa base 10 pra 11 horas, entra. Ele sai na segunda aqui fazendo tipo um recreio. Rei Davi muito grande aquele barco. Aqui no Amazonas. Ele é recreio, muita gente demais como que dar pra um barco embarcar tanta gente daquele jeito. Quando chega a hora do barco sair não tem mais o quer. Ai as voadeiras foram pegar gente mais lá na frente, as voadeiras chegando e embarcando todo mundo.

Além disso, o universo cultural de barqueiros e ribeirinhos é desconhecido pelo poder público, a começar que esses atores não são ouvidos e/ou não participam de reunião com as Instituições implicadas, tendo em vista a dificuldade da organização do grupo, pois os donos de barcos trabalham de maneira

individualizada. Com isso, falta na área pesquisada o intercambio cultural e social maior dos órgãos governamentais junto aos profissionais da navegação. Não existindo, muitas vezes, tal diálogo abrem-se “brechas”, “atalhos” para a realização de práticas inadequadas e de descaso à vida dos passageiros e tripulantes. Tal situação é destacada pela passageira Nira, 61 anos:

Eu não quero prejudicar ninguém, não tenho essa natureza. Vou lhe falar tem muitos barcos que as pessoas até trata a gente até mais ou menos, mas tem uns que a gente é maltratado [...] agora eu tenho medo de viajar no rio Madeira a noite porque a gente não tá vendo nada, aí o barco carregado demais. Eu tenho medo! Eu tenho visto muito desastre nesse rio Madeira mesmo e já vi pela televisão. Eu tenho medo porque a vida da gente é pior do que uma luz. Nós tamos aqui conversando hoje e amanhã a gente não sabe se temos a oportunidade de conversar. A viagem é mais ou menos confortável porque cada um tá na sua rede.

A passageira Nira reforçou a situação de maus tratos devido a condição de ser idosa, o medo de viajar em barcos lotados. De fato, há situações desfavoráveis ao longo das viagens e os passageiros ficam à mercê dessas péssimas condições de segurança, conforto e acessibilidade. É evidente que esse cenário não poderá continuar, inclusive porque envolve a segurança de um transporte coletivo de grande importância na Amazônia e cabe ao poder público resguardar a salvaguarda da vida humana.

Consumo de bebida alcoólica a bordo do barco: o consumo de álcool na embarcação começa com o próprio passageiro quando sai de Porto Velho. Muitas vezes, termina de beber somente quando chega ao destino final. São praticamente quatro dias direto bebendo, caso o trecho navegado seja de Porto Velho a Manaus. Se o trecho consistir de Manaus a Porto Velho será, possivelmente, mais tempo viajando e bebendo.

O consumo de bebida atinge a própria tripulação embarcada. Conforme observado, em todas as viagens de campo, há consumo alto de bebidas a bordo do barco e a tripulação, nem todos, convivem com essa dinâmica e depois pilotam a embarcação, o que contradiz a Resolução nº 912, da ANTAQ, que refere à Seção IV - Dos Deveres quanto à segurança, item V - “não permitir que funcionários trabalhem sob efeito de bebida alcoólica ou qualquer substância tóxica durante a prestação de serviço”.

A Lei não é somente infringida, mas pode trazer sérias conseqüências como acidentes, culminando nos naufrágios, como detectados nas entrevistas com os

barqueiros. Sem dúvida, precisaria aprofundar esse estudo para ver os indicadores de consumo de álcool entre o grupo estudado. O consumo das drogas lícitas ou ilícitas podem levar a questão da violência na própria embarcação, é um risco que qualquer passageiro embarcado corre durante a viagem à Manaus ou no retorno à Porto Velho.

A entrevista do barqueiro Claudinei retrata a problemática do alcoolismo aumentada nos últimos anos e colabora com os acidentes:

A bebida ultrapassa muito o limite, às vezes, quando vai seguir viagem aproveita aquele tempo quando tá em terra pra tá se alcoolizando e quando vai na viagem já vai embriagado muito das vezes porque na viagem não é permitido. Sempre tem alguém monitorando pra ninguém beber bebida a bordo [...] Então quando chega nas viagens em terra é o momento que eles aproveitam pra se embriagar seguindo viagem. Aí ocorre um grande erro, que geralmente acontece acidentes em alborramento em pedras ou em praias devido isso aí [...] ocasionado por bebida. Estava chovendo no dia, e no caso nós descendo pra Manaus, uma viagem da CUT. Estamos seguindo o nosso rumo reto. Eles foram no rumo da margem, voltou e cruzou na nossa frente fazendo com que proa com proa batesse uma na outra né. Chegou a até parar o motor de luz deles, ficaram no escuro, no nosso abriu uma parte da estrutura do barco, ficou metendo água. Os passageiros ficaram apavorados, nunca tinham visto uma coisa dessa. No caso, eu pulei logo da rede pra acalmar o pessoal. Fui lá pra trás avisando o pessoal que não tava metendo água na embarcação. Já tinha uns puxando os coletes, enfiando pela cabeça de tudo quanto era jeito, de forma errada. Geralmente as embarcações não passam nenhuma forma de informação para os passageiros. Nem o dono da embarcação passa para os tripulantes passarem para os demais para as informações servirem para os passageiros. Navega de qualquer jeito!! Essas informações faltam muito mesmo. Na hora do acidente, na hora do sinistro, as pessoas não sabem nem o que fazer. Ficam apavoradas na hora, querem usar o equipamento da forma incorreta. Esse acidente foi devido a bebedeira, passaram pra nós que eles (tripulantes) estavam se embriagando. Foi bebedeira, passaram pra nós que tava sendo consumido cachaça pura mesmo no comando. Eles estavam se embriagando no dia do acidente.

O consumo de drogas lícitas e ilícitas, muitas vezes, também estão relacionadas a jornadas intensas de trabalho e às condições adversas vividas por esses profissionais. Além disso, os barqueiros recorrem ao encontro com mulheres de diversas idades e muitas encontram-se vivendo no mundo da prostituição ao longo das barrancas dos rios e igarapés amazônicos.

De modo geral, esses barqueiros são invisíveis diante das políticas públicas empreendidas na região e os órgãos fiscalizadores atuam nas condições de repressores, sem desenvolverem projetos de prevenção envolvendo diferentes temas pertinentes ao trabalho dos profissionais da navegação. Enfim, a desorganização da categoria reflete no atendimento deficitário aos passageiros.

Com a construção do terminal hidroviário de passageiros em Porto Velho espera-se melhorar o atendimento aos passageiros, principalmente no aspecto do conforto e da acessibilidade. O que há são discursos e práticas vazias sobre a problemática encontrada. Por isso, a população continua convivendo com o medo ao longo das viagens e despertam alarmes diversos, variando à medida que o homem passa a conhecer melhor o rio Madeira.

Certamente os passageiros tem consciência desse convívio constante com o medo. Considerando a importância do transporte fluvial na Amazônia, inexpressivas ações são realizadas na melhoria desse transporte no Estado de Rondônia, especialmente na cidade de Porto Velho.

5.5 A ESPACIALIDADE DAS ÁGUAS E DAS MATAS

A organização desse item prevê a compreensão de dois espaços pertencentes ao modo de vida amazônico: águas e matas. As suas especificidades estão carregadas de significados, construções coletivas, de vivências e aprendizados. Destacam-se as representações simbólicas do imaginário presente nas narrativas míticas e a dinâmica expressa na cultura amazônica.

De acordo com Silva¹⁷² (2007), essa dinâmica passa pela função que o homem ribeirinho atribui ao espaço, a partir das diferentes formas de interação que delineiam o convívio com o outro e com o espaço.

Todo esse processo de representação espacial se dá pela interação verbal, no encontro com o outro, estando a linguagem inserida nessa produção social. O conjunto dessas representações revela espacialidades vivas, dinâmicas e dialógicas. Como afirma Silva (op. Cit., p. 232):

O espaço com todas as suas representações é a expressão viva do homem, torna-se humanizado, aliado ao seu projeto de sobrevivência; é o seu lugar de liberdade, de segurança, seu lar, seu 'lugar'. O mito como elemento participante na construção desse espaço é o "organizador" das representações imaginárias e míticas da população, que através de sua percepção coletiva ou individual, elabora o conjunto de explicações de seu "mundo", de seus valores, de sua organização.

¹⁷² SILVA, J. da C. **O mito e as crenças como constituintes do espaço ribeirinho na formação do modo de vida amazônico.** In: KOZEL, S. COSTA SILVA, J, GIL FILHO, S.F. **Da percepção e cognição à representação:** reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

Na Amazônia, o espaço ribeirinho é humanizado, é caracterizado por um modo de modo de vida imbricado em valores, manifestações culturais e o mito colabora com a sustentação das representações imaginárias. O modo de pensar do grupo leva ao entendimento de uma das inúmeras amazônias existentes. Não é nossa ambição estudar todas essas “amazônias”, uma vez que poderíamos se tragados pelo próprio “banzeiro” provocado pelas interpretações simplórias e nos perderíamos, o que de fato não colaboraria com o conhecimento sobre as populações da Amazônia.

Dentro dessa perspectiva, a espacialidade das águas revela a existência da poética, traz os espaços evocativos, com a profundidade de vozes, de ecos que repercutem na relação estabelecida do ribeirinho e do barqueiro com o lugar, com a cultura e meio ambiente amazônico. Há o dinamismo presente nos espaços das águas e das matas e permitem que as relações sejam sempre mediatizadas pela produção de signos sociais e pelo imaginário.

5.6 EM BUSCA DO SENTIDO DO IMAGINÁRIO DAS ÁGUAS: COBRAS, BOTOS, ENCANTADOS...

Nas diversas comunidades ribeirinhas pertencentes aos Estados de Rondônia e Amazonas, localizadas às margens do rio Madeira¹⁷³ existem vários seres e entidades constituidoras do imaginário das águas. Para Silva¹⁷⁴ (2007), corresponde ao núcleo embrionário das concepções míticas dos ribeirinhos que compõem o seu mundo vivido.

Nas viagens nos barcos recreios, as narrativas orais apresentam conteúdos estéticos, com significados fascinantes. São histórias que evidenciam as peripécias dos botos, rumores das cobras mergulhando, pessoas “encantadas” até pedidos

¹⁷³ Trouxemos algumas comunidades com base nas entrevistas realizadas com os barqueiros: São Sebastião, Ilha Maravilha, Belmont, São Miguel, Cujubim, Cujubzinho, Santana, Porto Shuelo, Mutum, Ilha dos Mutuns, Bom Jardim, Ilha dos Veados, Aliança, Nova Aliança, Itacoã, Bom Serazinho, Ilha dos Maruins Grande, Ilha dos Maruins Pequena, Capitari, Brasileira, Itapirema, **São Carlos**, Primor, Terra Caída, Guarani, Santa Luzia, Curicaca, Canarana, Ilha dos Periquitos, Bom Será, Ponta ou Vista Alegre, Boca do Lago do Cuniã, Boa Hora, Boa Vitória, **Nazaré**, Pombal, Ilha de Iracema, Santa Catarina, Tira Fogo, Conceição da Galera, Igarapé do Caranã, São José Da Praia, Santa Rosa, Monteiros, Ressaca, Papagaio, Ilha de Assunção ou Ilha Nova Assunção, Firmeza, Nova Esperança, Limoeiro, Boca do Rio Machado, **Calama**, Lago do Cuniã no Estado de Rondônia.

¹⁷⁴ Ibidem

peçoais de músicas, envio de mensagens escritas ou faladas que ribeirinhos solicitam aos barqueiros.

O processo de construção do narrador é contínuo, histórico, prevê o momento das trocas simbólicas e o compartilhar de experiências. Por isso, no cotidiano ribeirinho há lugar privilegiado para as narrativas míticas que produzem imagens, capazes de levar o ouvinte à imaginação, ao encantamento e devaneio bachelardiano. Como diz Miotello¹⁷⁵ (1996, p. 32), “Verdadeiramente esse povo (ribeirinho) sabe narrar uma história com jeito, com gosto, com sabor, com música, com efeitos especiais. E os ouvintes também são fantásticos, ao propiciar o clima necessário ao contador”.

Os conteúdos, por exemplo, das muitas narrativas contadas a beira dos rios amazônicos remetem a lembranças, a interrogação sobre o outro que some misteriosamente ou é levado por algum “animal”. Além disso, são histórias que tentam explicar os conflitos, as tensões, os estranhamentos, as descobertas, o modo de viver das populações locais.

O encontro do homem com o mito, com o imaginário não se dá de forma harmoniosa, há uma tensão em constante interação e resignificada a medida que o homem passa a conhecer mais o ambiente no qual se insere e depende para a sua sobrevivência. Assim, pergunta-se: quais são os traços comuns nessas narrativas míticas? As histórias narradas são ouvidas, contadas ou vividas? A dimensão da oralidade é marcante no universo ribeirinho, as narrativas contadas recriam espaços do medo, do fascínio, do estranhamento.

A convivência com o imaginário, com o sobrenatural é um dos traços marcantes na cultura amazônica. Os práticos, por sua vez, recorrem à dimensão simbólica para representar este espaço por eles navegado e materializado através dos signos de natureza social e dos processos interlocutivos. A população ribeirinha encontra-se em contato direto com as narrativas míticas, pois fazem parte do cotidiano deles narrar, ouvir e recontar histórias, tendo como base a experiência dos outros e a dimensão do mito, do imaginário. A respeito disso argumenta Sarmiento¹⁷⁶ (2004, p. 74):

¹⁷⁵ MIOTELLO, V. **Um mito amazônico em narrativas de roda: repetição e mudança nos processos enunciativos**. Dissertação (Mestrado em Linguística), IEL, 1996.

¹⁷⁶ SARMENTO, J. **Representação, imaginação e espaço virtual: geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos açores**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

[...] um mito pode ser compreendido como uma representação da realidade uma história largamente partilhada que muitas vezes é suficientemente ampla para abarcar muitas formas diferentes de crenças e valores e, que atribui significados a várias experiências.

Os rios e as florestas são cenários de contação dos mitos amazônicos. Do rio depende a vida, a fertilidade das várzeas, a inundação, a sobrevivência. O rio participa de toda a construção humana das pessoas, revelando as suas formas diferentes de crenças, valores e significados coletivos do grupo.

No espaço ribeirinho se apresenta o imaginário poético que remete à convivência do homem com os rios, igapós e várzeas, matas, sendo deflagrado nas narrativas míticas encontradas. Foi-se formando uma Amazônia percebida e contemplada, tornando-se um campo fértil da poética contida no espaço dos barqueiros e carregadas de tons, de formas, de ritmos, cheiros, sabores e signos sociais.

Para Loureiro (1995) há uma poética que emana do compartilhar o espaço com o outro e as narrativas incorporam subjetividades do mundo vivido das pessoas, se tornam instâncias privilegiadas dentro da cultura amazônica. A água expressa a simbologia da vida, traz a idéia de fertilidade, evoca imagens poéticas. Como afirma Silva (2007, p. 234), “A influência que as águas exercem depende de fatores decorrentes da simbologia de onde provém o grupo, já que pelas suas propriedades magnética, as águas se carregam de certas energias por onde quer que passem e da mesma maneira as dissipam”.

Como exemplo dessa influência imaginária poética das águas, destaca-se o mito da **Cobra Grande ou Boiúna**. Essa história faz parte da geografia das narrativas do povo amazônico. É contada com vivacidade ao longo dos diversos rios, no espaço familiar, nas viagens de barco e faz parte das músicas regionais, no caso as toadas de boi-bumbá. Prevalece no universo ribeirinho representações da Cobra Grande. É permeada de grande beleza estética, efetivada pelo entrecruzar do real com o imaginário. Uma das versões mais contadas é a encarnação da cobra na figura de um rapaz chamado **Norato ou Honorato**.

A Cobra Grande ora se apresenta, na vida dos moradores, como uma guardiã de seus destinos. É visível para alguns, irreal para outros, porém, reverenciada com respeito pela maioria. Em outra circunstância, aparece na condição de transfiguração de um navio iluminado, escondido sob a pele de uma cobra e que, com o seu brilho, possui o poder de ofuscar e de atrair, sendo

considerada uma conversão semiótica na cultura amazônica. De acordo com Fraxe¹⁷⁷ (2004, p. 345), “A luz é um componente essencial da lenda da Boiúna – mãe de todas as águas”. Queremos esclarecer que, ao contrário de Fraxe, não consideramos o mito da cobra como “lenda”, pois as pessoas com as quais entrevistamos acreditam na existência da cobra e não a consideram lenda.

A Cobra Grande costuma fixar morada nos rios de águas barrentas ou escuras da Amazônia, em local determinado onde ninguém faz idéia da profundidade e muitas pessoas respeitam esse local e fazem questão de avisar ao visitante desatento. A cobra é o elemento poético presente no espaço, apresenta-se com grande projeção nos mapas mentais dos entrevistados. De acordo com Gonçalves¹⁷⁸ (2002, p. 197), “O elemento poético faz uma ancoragem material no espaço, porque a poética se estrutura de uma experiência com o objeto poético”.

Assim como Gonçalves, Loureiro (1995) afirma que o poético e o mítico sempre apresentaram constantes afinidades, lembrando que o mito expressa a poética das coletividades humanas e as espacialidades aqui descritas advém desses mitos amazônicos.

No universo da navegação, a cobra grande também é temida, pode naufragar uma embarcação e os barqueiros a descrevem-na como animal grande, que costuma boiar, mora nos lugares profundos oferecedores de perigo ao barco.

Na interpretação dos práticos, a cobra se apresenta como animal temeroso, devido a possibilidade de colisão com a mesma. É captada pelos sentidos, o seu movimento no rio assusta, causa estranhamento ou medo como se observa no relato do Comandante Waldir, 71 anos:

Eu já vi cobra grande lá no meu lago. Eu moro dentro do lago Jamarizinho e na frente de minha casa tem várias serpentes. Eu já vi ela muitas vezes no meu porto. Olhe, a gente acha graça às vezes a gente até bagunça com os colegas. Eu tinha um amigo meu que morreu no ano passado aqui em Calama, ele é filho daqui. Ele morreu com quase 100 anos e ele dizia da cobra com chifre. Aí quando a gente tava reunido naquela bagunça a gente dizia chifre é na tua cabeça, tu já viu cobra com chifre? Mas olha eu não vou dizer porque nunca peguei uma cobra assim porque a gente tem medo de chegar perto dela. Ela é uma ilha. A gente teme ela, Ave Maria!! Eu tava tarrafeando no lago, tarrafee em cima de uma cobra grande, mas ela não

¹⁷⁷ FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004

¹⁷⁸ GONÇALVES, T. M. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-sócio-ambiental do Bairro Renascer/ Mina quatro de Criciúma – SC)**. Tese de doutoramento, Curitiba, 2002.

fez nada comigo não, Graças a Deus. Tenho visto ela no meu porto, coisa horrível, é uma ilha. Mas acho assim pra minha experiência eu já vi era de noite, eu tava com um colega meu e ela boiou bem perto, ela tava comendo jacaré numa ressaca, tava comendo jacaré, ela gosta muito de jacaré, ela come jacaré inteirinho. O que for ela engole inteirinho. Ela veio de lá, mas como tava com bucho cheio de comer o jacaré, não fez nada comigo, ela boiou perto da canoa, mas olha uma coisa horrível, ela estralava os dentes, sabe que eu tirei uma conclusão não é chifre que a cobra tem, a gente brinca com os outros, o chifre tá na sua cabeça. Acho que ela é tão enorme, uma serpente muito velha que o chifre dela já passou e aí ela dar aquele ráá,ráá, ráá, ráá, ráá eu acho que o dente virou chifre. E aí o pessoal pensa que é chifre, mas eu acho que não é chifre não, é o dente tão enorme que passa e fica um chifre. Você não ver um animal quando é criado na selva, o queixada quando é velho passa o chifre, os dentes ficam um chifre pelo lado de fora. Eu acho que assim é a cobra grande e o pessoal pensa que é chifre. Acho que não é chifre não, é o dente que passa. Fica muito velha e o dente cresce. Passa da boca dela e fica tipo um chifre. O barulho: ráá,ráá, ráá, ráá, ráá . Eu me assustei com o barulho dela, mas tava lá em terra, lá no baixo, eu tava com colega meu e ela chegou perto de nós. Não fez nada com nós não, só fazia aquele estralo, depois ela resolveu ir lá pra piscina dela que ela tem lá, e ia levando boto, peixe, aquele estrondo, e quando chegou lá na piscina dela, parou [...].

A entrevista do senhor Waldir revela a interatividade do homem mantida com o lugar onde vive e trabalha. O lugar assume uma posição de destaque, pois evidencia o grau de familiaridade, de interação verbal, de temor, estranhamento desenvolvido nas práticas espaciais cotidianas. A explicação se a cobra tinha ou não chifre, levou-o, juntamente com o amigo, a observação e a leitura do espaço. Isso requereu tempo para experienciar essa realidade. Na busca, no diálogo com o outro o entrevistado construiu sentido e transformou a sua vivência em enunciados significativos.

Para Kozel¹⁷⁹ (2008, p. 74), “A linguagem aparece como uma semantização que os sujeitos fazem de seu espaço vivido ou uma modalidade privilegiada de representação. Essa linguagem é referenciada por signos que são construções sociais”. A linguagem permite o externar das representações socioculturais, conhecer a forma como as pessoas apreendem a sua realidade e como ocorre a comunicabilidade dessas experiências no espaço amazônico.

Dessa maneira, não se considera o homem apenas enquanto ser perceptivo e que usa os filtros sensoriais resultantes de experiências com diversos espaços representativos nos quais eles se relacionam. A experiência é algo que resulta do dialogismo, da vivência com o outro, pois a vida é dialógica por natureza.

¹⁷⁹ KOZEL, S. **Representação e ensino**: aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos. In: SERPA, A. (Org.). Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

Enfim, há várias versões contadas sobre o mito da Cobra Grande. Nas viagens de barco ou nos diversos estados da Amazônia se tem a oportunidade de ouvir algumas dessas versões. Não dá para afirmar a existência de uma única versão sobre o mito, é preciso reconhecer a diversidade de narrativas, navegar pelos rios e estar com as pessoas que contam essa e outras histórias.

Segundo Fraxe (op. cit., p. 326), “O mito da Cobra Grande aparece seja como uma representação da mãe-d’água seja como a encarnação de um rapaz de nome Norato, que se transforma em barco, engole embarcações e pessoas”.

O mito do Norato se insere na prática discursiva dos ribeirinhos, fazendo parte da relação do homem com o universo das águas e do espaço de representação dos barqueiros. Inclui-se nesse trabalho uma versão da história do Honorato Cobra Grande, contada pelo barqueiro Waldir, 71 anos:

Diz que existia o Honorato Cobra Grande, diz que uma mulher teve dois filhos: uma fêmea e um macho. Eram cobras e viraram serpentes. Só que Honorato era pacífico né, mas a irmã dele era medonha, afundava as embarcações no rio, ela era perigosa. Eu ouvi dizer que por fim até ele matou ela, mas é história.

A leitura dessa narrativa apresenta traços comuns em relação as demais versões: Norato ou Honorato é um rapaz encantado, fez um pedido para que alguém o desencantasse, gostava de participar de festas e proteger as pessoas que viajavam nas embarcações, entre outros aspectos. Já a sua irmã, costumava ser mal, gostava de paralisar outros animais, devorava o que via pela frente, alagava as embarcações.

Nessa história do Honorato, destaca-se a memória do barqueiro, o reportar a outros interlocutores que sabiam da narrativa do Norato Cobra Grande. Para Loureiro (1995) uma característica da poética é ter a dimensão do mito, que desembocam no campo da representação permeada pela linguagem. A poética representa o estado coletivo re-inocentado, pois as relações culturais com o mundo são reguladas pelo poético que emana do devaneio e do imaginário. Isto é, a poética de ação se instaura no cerne da cultura amazônica.

Os ribeirinhos possuem uma relação afetiva com o rio construindo conceitos e representações que se entrecruzam na construção da poética aqui estudada. É a topofilia junto com a poética, aliando-se esse sentimento de afeição ao lugar, considerando as experiências vividas ou imaginadas pelos sujeitos pesquisados.

Certamente, o mito, assim, como o rio fazem parte do viver amazônico, sendo uma convivência delineada pela presença do imaginário, a poética, do estranhamento, das encantarias, da coerência e respeito com esses dois espaços: rio e a mata. Prevalece a cultura de profunda relação com a natureza, há uma dinâmica no espaço e evidenciada através dos signos e mitos, das trocas simbólicas, das crenças e interlocuções que ocorrem nesse processo da interação social entre os sujeitos.

O ouvir a história da cobra grande fascina pela forma que é contada e recriada, mas causa medo, topofobia ao povo ribeirinho pela possibilidade de encontrá-la em algum ponto dos rios amazônicos. Para Fraxe (2004, 346), “O caboclo é atraído pelos olhos luminosos da Boiúna ou pelas luzes do navio em que ela se transformou. Essa fascinante atração contemplativa torna-se fatal”. A fascinação pela cobra se estende às toadas dos bois Garantido e Caprichoso no Estado do Amazonas. No trecho da música “Boitatá”, do compositor e levantador de toadas Arlindo Jr, se percebe a descrição da cobra:

Um brilho no rio/em noite escura é fogo fátuo/gênio protetor dos campos e das águas/cobra grande, boiaçú/boiúna, boiúna, sucurijú/a fera que surge do nada/corre no corpo o arrepio/o sangue nas veias fica frio/o fogo que a água não apaga/um facho de luz ilumina a escuridão/seus olhos de fogo incandeiaram/tapando furos, singrando rios/a dona da noite à boca da noite/a dona da noite vai chegar/boitatá, boitatá/fogo no ar, fogo no ar/cobra de fogo, boiaçú/boiúna flutua.

A cobra transmite a imagem poética de vagar sem destino pelos rios amazônicos, procurando adentrar ao mistério da floresta e dos igarapés. A cobra devaneia, metamorfoseada no navio, em busca de outras realidades, tanto que viaja de forma serena e em estado de repouso. O seu facho de luz ilumina a escuridão que permeia às margens dos rios amazônicos, denunciado a sua chegada ou passagem.

O mito da cobra grande põe em ação toda a atividade linguística presente na Amazônia sobre a comunicabilidade de histórias e quem ouve se emociona com a exuberância da arte de contar e se reporta ao devaneio. Como nos diz Bachelard ¹⁸⁰ (2008, p. 6), “[...] o devaneio é uma instância psíquica que muitas vezes se confunde com o sonho. Mas quando se trata de um devaneio poético, de um devaneio que frui

¹⁸⁰ BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

não somente de si próprio, mas que prepara gozos poéticos para outras almas, sabemos que não estamos mais no caminho fácil das sonolências”. Na cena do devaneio, o homem se mantém nesse estado de contemplação, de vigília em relação a imagem da cobra e ao que acontece no universo das águas.

As narrativas contadas se inserem no processo histórico do homem, partem da simbolização do espaço associada à imagem, às diversas experiências com o lugar, com a natureza e com os outros. Por conseguinte, os ribeirinhos ao contarem as suas histórias produzem a sua própria geografia das narrativas, desvendando os espaços inimagináveis, expressando diferentes linguagens, provenientes da percepção e da apreensão do espaço cultural e social que vivem.

Desta forma, não dá para fazer uma leitura do mito da cobra grande sem pensar no homem amazônico que, muitas vezes, tenta se deslocar para outros lugares e não tem acesso fácil ao barco. Será que, a cobra metamorfoseada em navio, não seria essa busca do homem por percorrer os inúmeros rios e descobrir cada vez mais a essência do viver na Amazônia, de forma devagar e serena.

Há outras representações significativas e ligadas ao universo das águas. Menciona-se o Boto como personagem misterioso das águas apresenta a característica de se metamorfosear em namorador/encantador, perseguidor, curador de doenças não-naturais, protetor e outras representações. Por fim, o que essas representações nos ensina? O que se pode aprender com o mito do boto?

5.6.1 O Boto Encantador, namorador, perseguidor...

As narrativas orais falam de um animal que tem o poder de se transformar em homem, encantar, engravidar as mulheres solteiras e namorar as casadas. O mito do boto é cercado de grande estetização, de beleza capaz de atrair sobre si a contemplação. De acordo com Loureiro (1995, p. 219), “O amor do Boto é um amor de perdição. Mas, ao mesmo tempo, transparece o sentido de amor mitificado- amor dos encantados - intemporal, que não tem antes nem depois. Acontece num momento de revelação, de esplendor dos sentimentos, como uma forma de destino”.

Há muitos relatos sobre o poder de encantamento desse animal na Amazônia. O boto encantador tem a sua importância dentro das representações espaciais e míticas. Esse mito é um dos mais contados a beira dos rios amazônicos

segundo Sousa (2004) e favorece o evocar das imagens poéticas, do compartilhar experiências espaciais e de conhecer a cultura ribeirinha.

Silva (2007) destaca o quanto o mito do boto recorre à questão de valores da cultura tradicional, em particular do homem ribeirinho, do seu viver em diferentes regiões da Amazônia. No entendimento do mito do boto namorador, Silva¹⁸¹ menciona a criação de um tempo e espaço superados na Amazônia.

É importante considerar a origem cultural formada pelo nordestino, índio e caboclo amazonense. Para o nordestino, na condição de chefe de família, era inconcebível ter uma filha grávida e sem estar casada. Os discursos voltavam-se para honrar o nome da família, “lavar a honra da filha” e o pai fazia expulsando-a de casa ou levando-a para um meretrício. O desafio imposto era como fazer isso em áreas margeadas por rios e florestas na Amazônia.

Nesse contexto que o Boto entra em cena, pois possuindo poderes de encanto e a mulher tendo o espírito fraco, não haveria possibilidade de resistir aos assédios e encantos do ser amoroso (boto). Com isso, entende-se que não teria culpa e a filha não precisaria ser expulsa grávida de casa. Logo o seu filho era aceito pelo grupo social sem qualquer discriminação.

A narrativa sobre o boto evidencia a heterogeneidade dos mitos existentes na Amazônia. Há uma relação conflituosa do homem com o animal boto, mas também uma relação de gênero, sendo destacado o papel da mulher em sofrer das consequências do “encante”. Muitos ribeirinhos não gostam de malinar com o boto. Essa expressão significa tanto fazer travessuras quanto maldades, perversidades. Quem tem a intenção de malinar com o boto, ora praticando a zoofilia com as fêmeas dos botos, poderá acabar quebrando um código de conduta e sofrer repressão por isso.

Uma prática discursiva viva na Amazônia é o boto associado a questão sexual. Por exemplo, Wagley¹⁸² (1988) destaca nos seus escritos relacionados à comunidade de Itá que o pênis e o olho esquerdo do boto podem ser secos, ralados e utilizados pelo homem como poderoso afrodisíaco. Em relação ao boto, Wagley (op. cit., p. 238) afirma:

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**. 3. ed. São Paulo: Itatiaia, 1988.

Acredita-se que o próprio animal tenha grande potência sexual e poderes mágicos e corre que certos pescadores tem relações sexuais com fêmeas de boto que matam na praia. Os órgãos sexuais da fêmea são notavelmente semelhantes aos da mulher e proporcionam prazer tão intenso ao homem [...].

Em uma das entrevistas realizadas, houve referência a possibilidade da existência de relação sexual do homem com esse animal. Como afirma o barqueiro Waldir:

A bota cheguei a pegar, era vermelha, mas é besta na tarrafa. E fica assim chorando, sei lá, se movendo dentro, ela não sabe sair não, precisa abrir a tarrafa porque senão morria, mas ela é tola demais, mansinha, vira o peito assim coitada. Eu já ouvir falar que os homens da beirada do rio se aproveitam dela para ter relação sexual. Não vou dizer que é verdade porque nunca vi, mas o pessoal dizem que pegam por ela ser mansinha. Eu já ouvir falar muito nisso. Agora ela é tipo uma mulher, o jovem tem muita potência sexual e ver aquilo tipo uma mulher e fica glorioso. A bota tem seio, tem peito, é bicho mamífero e se parece muito com mulher.

Nesse depoimento, o barqueiro destacou a situação da mansidão da fêmea do boto, o que facilita a proximidade do homem e, assim, pode culminar no ato sexual com a mesma. Participar desse universo das narrativas significa compreender as representações do homem nessa relação com o sobrenatural, imaginário e estranhamento. Há um espaço simbólico do rio, com todo um referencial de respeito ao animal boto.

Essa e outras narrativas dão sustentação aos elementos míticos encontrados no espaço da pesquisa, fazendo com que os homens não pesquem e nem *malinem* com o boto, pois correm o risco de receberem um "encante" dos botos, podem ser vítimas do *panema*, ou seja, falta de sorte na pescaria, "o cara não é feliz no trabalho".

A narrativa do boto é uma das mais contadas na Amazônia. As representações nesse espaço estão associadas a elementos simbólicos diversos. Nesse sentido, conforme Kozel (2007, p. 120) no espaço ocorre:

[...] essa apreensão do espaço relaciona-se às diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão de mundo de cada ser humano. As experiências que os seres humanos tem dos elementos do espaço se constituem diferencial no momento de sua representação. E representação se faz através dos signos.

O espaço de representação contempla a dimensão da experiência, dos valores, crenças, elementos de subjetividade do homem. É uma visão de mundo que colabora no entendimento do viver no espaço amazônico.

5.6.2 O boto protetor...

No universo da navegação praticada no rio Madeira, os barqueiros apresentam um respeito grande pelo boto. Não é costume, geralmente, comê-lo, matá-lo por brincadeira porque os moradores acreditam que o animal possa ser vingativo. Como descreve Galvão¹⁸³ (1976, p. 71):

Os botos são evitados, nunca perseguidos ou arpoados, ou sua carne utilizada para alimento. Mas se encontrados mortos, o que acontece algumas vezes nas armadilhas de pesca, praticamente todas as partes de seu corpo são retalhadas para uso medicinal ou de mágica. Os olhos servem de espécie de talismã para despertar o amor [...].

Essa prática do uso medicinal ou da magia amorosa ainda é utilizada na Amazônia, sendo os órgãos genitais e olho do boto preparados para serem utilizados nos rituais de sedução. Nessa incursão, priorizou-se a representação do boto como protetor dos barqueiros. Na entrevista com o barqueiro Elton, o Boto é apresentado como protetor:

Pra gente que vive, na área de navegação, o boto é um protetor da gente. O boto não ataca a gente. Se a gente chegar a se alagar, naufrágio alguma coisa, bicho nenhum chega perto e ele não sai de perto da gente, mas ele fica cercado e nenhum bicho não encosta porque o boto em si ele é, pra outros bichos, agressivo [...] a gente acha que ele é o protetor da gente, protege a gente nesse tempo [...]

Loureiro (1995) mostra o quanto o homem responde simbolicamente através da cultura, os apelos e desafios da realidade espacial vivida, revelando nesse processo a identidade de suas relações com a vida.

No rio Madeira segundo relato dos entrevistados há duas espécies de boto: o vermelho e o tucuxi. O boto vermelho é tido como agressivo, adora perseguir as mulheres em fase menstrual.

¹⁸³ GALVÃO, E. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

Tal aspecto é mencionado por Galvão¹⁸⁴, “O boto tem especial atração pelas mulheres menstruadas. Durante esse período as mulheres devem evitar viagens em canoa ou aproximar-se do rio ou dos igarapés”. As mulheres costumam atrair um número razoável de botos e dizem ser possuidoras de ímã para botos. Algumas delas evitam viajar de canoa ou aproximar-se do rio na fase menstrual; outras afastam esse animal com cipó ambé. Como destaca a passageira Ana, 66 anos:

Uma vez o boto tentou me perseguir, aconteceu comigo, meu irmão e minha irmã. A gente saindo e eles começaram a ir atrás, pegar no remo, um pouco mais começaram a pegar debaixo da canoa, se a gente não encostasse na beira eles tinham alagado mesmo a canoa. Era o boto vermelho, o tucuxi não mexe com ninguém. Agora se mexer com ele pode contar que chega muito. O boto vermelho é o principal na perseguição da canoa.

O boto vermelho é maior que o tucuxi e movimenta-se com lentidão. Costuma comer em torno de 30 kg de peixe por dia. Gosta também de perseguir o pescador e furar a sua malhadeira, a fim de carregar os peixes. Muitas vezes, chega a deixar o pescador sem a malhadeira e peixe.

O boto tucuxi é cinza e menor, costuma fazer brincadeira próximo das canoas, não costuma perseguir a malhadeira. Ao tucuxi, além de gostar de andar em grupo, é atribuído a capacidade de salvar náufragos e proteger os barqueiros de outros animais, tais como: arraias, candirus, cobras. Contam que quando a canoa afunda, ele vai empurrando a pessoa com o focinho até a margem, fato acontecido e presenciado por alguns barqueiros e práticos. A foto evidencia o quanto o boto tucuxi anda em grupo:



FIGURA 34 – BOTOS TUCUXIS
FONTE: A autora (2010)

¹⁸⁴ op. cit., p.68

Muitos moradores da região não gostam de “malinar” com os botos, isto é, arpoá-los por brincadeiras ou mesmo persegui-los de forma irresponsável, podem trazer conseqüências nada agradáveis ao homem, tais como: ficar enfeitiçado, com febres, calafrios, dores no corpo, quebranto, perder o sentido das coisas e não ter sorte no trabalho que fazem.

Enfim, matar ou perseguir um boto causa transtornos ao homem que insiste na perseguição ou matança, muitas vezes, tais conseqüências são estendidas aos familiares.

O encontro do homem com o rio ocorre com muita liberdade, quando se ouve as narrativas se visualiza essa dimensão do encontrar-se livre. Há uma cumplicidade nesse encontro, muitas vezes, o próprio barqueiro mantém esse silêncio, nem sempre compartilha tudo que ver pela frente. A relação é humanizada, é cogitada pelo segredo e pela livre expressão do imaginário, permeado pelo ambiente dos rios e da floresta de acordo com Loureiro (1995, p. 59):

[...] o olhar do homem da região (que a Amazônia , que sempre constituiu-se para os viajantes e estudiosos e um espaço delimitado de geografia e cultura), tornou-se também uma extensão ilimitada às instituições do imaginário. Por via prazerosa, o homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rios, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontáveis tonalidades de verdes, da linha do horizonte que parece confinar com o eterno, da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime [...].

Os olhares tecidos sobre a Amazônia são míticos, vagos, próximos-distantes, sejam para os que habitam às margens dos rios, os moradores das cidades e os visitantes desse espaço.

5.6.3 Os “encantados do rio”

A população ribeirinha mantém uma relação humanista com o rio, o qual vai desde o estranhamento, maravilhamento, sendo o medo um dos componentes presentes nesse espaço. Um dos aspectos que nos chamou atenção, viajando nas embarcações e fazendo entrevistas com passageiros, refere-se ao espaço dos “encantados do rio”.

Para Galvão¹⁸⁵ (1976), o conceito de encantado significa uma força mágica atribuída aos sobrenaturais, há uma influência indígena na composição desse conceito e que tanto os seres humanos, animais, objetos podem ficar sob os efeitos do encantamento de um sobrenatural. Menciona-se que esse conceito não se aplica aos santos e divindades cristãs. No universo das águas, os encantados do fundo do rio são pessoas que morreram em algum naufrágio ou também animais.

O espírito das pessoas falecidas passa a ser “vivente”, isto é, ter vida própria. No mais, tais pessoas tiveram uma vida tranquila, ajudaram os outros, eram possuidores de boas qualidades e viraram “seres encantados” e tentam se comunicar com os que ficaram. Há um domínio simbólico nessa relação de interação dialógica que ocorre com os encantados. E esses espíritos habitam o rio Madeira, moram segundo Maués¹⁸⁶ (1990), em cidades subterrâneas e sub-aquáticas. O relato da passageira Ana revela muito desse espaço de representação:

Eu acho que tem demais pessoas encantadas no rio Madeira. Lá na Ressaca onde morava só oito que conheço que era de minha família. Várias vezes a gente viu quando ele veio, ela e os filhos porque foi uma família toda que sumiu e se encantou. Eles iam pra uma festa, aí veio aquela maresia e a canoa alagou e sumiu tudo. E passaram a voltar atrás de alguém. Nesse retorno a pessoa tava conversando com outra pessoa e quando da fé desmaiava e já mudava a voz. E já falava que era o nome daquela pessoa que tava encantada. Para se tornar uma pessoa encantada é necessário ter o dom especial. Essa família tinha dom de gente boa mesma, família especial. A gente era parente e eles gostavam muito de todo mundo e foi de uma hora para outra que eles sumiram no rio. Isso aconteceu há muito tempo, aí eu fui jeito partir pro Senhor né porque senão eu acho que já não tava mais por aqui também, já tava aí pelo rio Madeira. Esses encantados buscam outras pessoas para se tornarem encantados. As vezes causam medo nas pessoas que vivem as margens do rio, no caso quem é mais fraco de espírito que se deixam levar facilmente e que tem o corpo aberto. Os encantados gostam de aparecer durante a noite. Uma vez eu gostava muito de pescar assim na beira de um igarapé, na margem de igarapé e a gente ia pescar de noite, quando tava sentada assim quando dei fé (um toque) no meu ombro e disse ei, não gosto disso não. Aí de novo mais forte no meu ombro aí minha mãe mais na frente e o meu irmão mais lá. Eu pensei que fosse o meu irmão. A gente no escuro apagava a luz. Quando o peixe figava a gente acendia a luz. Daqui a pouco de novo, disse te manca e ele pegou no meu cabelo, você não sabe nem com quem você tá falando, perguntei com quem é. Ele disse é com o teu tio. Esse homem encantado é o meu tio. Então me solte... pelo amor de Deus me solte. Ele disse quero só conversar um instantinho contigo, só o que eu te peço, você tá noiva, mas não vai passar dois anos com o seu marido, você tá na véspera de se casar, e você não vai brincar comigo, não

¹⁸⁵ GALVÃO, E. **Santos e Visagens**. Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2. ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

¹⁸⁶ MAUÉS, R. H. **A ilha encantada**: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém : NAEA/UFPA, 1990.

tô brincando com ninguém não. Então quero que solte o meu cabelo e aí pronto, ele deixou e foi embora. Ele era um tio muito especial, era uma pessoa muito bondosa.

A entrevista contém a diversidade de elementos pertencentes à cultura amazônica, sendo evidenciado os encantados do rio, os quais se associam aos que morreram naufragados. Como eram pessoas de boa índole tornaram-se “encantadas”, isto é, seus espíritos permanecem entre nós. O encantamento atinge crianças que naufragaram e não tiveram os seus corpos localizados poderá se tornar encantada, ou segundo Maués¹⁸⁷, “Os encantados por serem seres humanos possuem matéria e espírito como os não-encantados. Como não podem morrer, enquanto viverem no encanto, seus espíritos serão sempre encarnados”.

Esse caráter simbólico da cultura caracteriza um modo de vida singular na Amazônia, que leva em consideração a lógica do viver, da relação do ser humano com o espaço, com os encantados em vastas áreas entrecruzadas pelos mais diversos rios, furos e igarapés. De acordo com Silva e Abreu Silva¹⁸⁸ (2009, p. 98), “O ser humano não se relaciona com o seu meio e delinea a sua trajetória de vida somente através de suas características racionais. As emoções permeiam, constantemente, muitas de nossas decisões e são, conseqüentemente, geradoras de ação e de espacialidade”. Desta maneira, não se pode considerar o espaço ribeirinho como homogêneo, mas detentor de espacialidade que surgem desde os mitos, das contribuições indígenas e nordestinas, das emoções, dos estranhamentos, estando a linguagem como papel de destaque no bojo dessa discussão.

É preciso considerar as temporalidades existentes, as representações construídas coletivamente, sobretudo, no encontro com o outro. O lugar torna-se marcado por essa rica simbologia das águas e das matas. Essas experiências humanas dizem muito como é o viver amazônico, como as pessoas protegem os animais, como produzem as suas práticas espaciais culturais, como sobrevivem, muitas vezes, com a parca assistência do poder público. Em outras palavras, essa

¹⁸⁷ (op. cit. p. 92):

¹⁸⁸ SILVA, J.C.; ABREU SILVA, G. **A música dos bois bumbás: um forte elemento na caracterização do lugar parintinense**. In: KOZEL, S. *et al.* Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas. “A festa do boi bumbá”: um ato de fé. Curitiba: SK Ed., 2009.

geografia das narrativas revela muitos aspectos da dimensão humana e das estratégias de sobrevivência da população.

5.7 EM BUSCA DO SENTIDO DO IMAGINÁRIO DAS MATAS: CURUPIRA, JIBÓIA, CANTA GALO...

No espaço amazônico, as narrativas revelam uma mata ora familiar, temerosa, cheia de mistérios, encantamentos e estranhamentos. Nem todas as vezes predomina o clima harmonioso do homem com o espaço. A floresta amazônica é diversa, através dela o homem imprime o labor de seu trabalho: seringueiros extraem a seringa, castanheiros a castanha do Brasil, ribeirinhos fazem as suas plantações, barqueiros adentram a mata para pescarias.

Todos esses fatos expressam a dinâmica do espaço da floresta, ou seja, constitui-se esse através do mundo dos encantados, dos lugares sagrados dos santos e dos perigos iminentes. De acordo com os entrevistados, a mata é perigosa, é preciso saber percorrê-la com atenção, pois aparecem muitos animais peçonhentos como as cobras. A passageira Ana, 66 anos, ressalta essa situação:

Na mata, o que se costuma ver assim às vezes, não é toda vez, é uma onça, maracajá, macacos é o que a gente ver mais, veado, cutia, cobra. As cobras mais perigosas são surucucu, pico de jaca, salamanta, papagaio, todas são venenosas [...].

Como apontado pela entrevistada, equivale dizer que o espaço da mata é propício à paisagem do medo. Outra situação da vida diária remete às caçadas mal sucedidas que podem culminar nas ameaças de febre, no adoecer após uma tentativa de caçar além do necessário. De qualquer forma, há sempre alguma explicação para tais episódios e o Curupira faz parte desse universo da mata.

O Curupira representa o universo das matas, descrito à semelhança de caboclinho, é criatura pequena, de pele escura, com pés voltados para trás, apreciador de cachaça e fumo. É tido como protetor da mata e não aceita desperdício feito por algum caçador desavisado. Segundo Galvão¹⁸⁹ (1976, p. 72), “Gosta imensamente de fumo e de pinga. Seringueiros e roceiros deixam esses

¹⁸⁹ GALVÃO, E. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas, São Paulo: companhia Editora Nacional, 1976.

presentes nas trilhas que atravessam, de modo a agradá-lo ou pelo menos distraí-lo”.

O mito do Curupira revela uma beleza pelas peripécias que esse caboclinho, cujos pés são voltados para trás, apronta com o homem. A atuação do Curupira simboliza a esperteza de deixar o homem perdido em algum lugar da floresta, fazendo com que ande muito e não encontre a saída imediata. Isto é, faz questão de deixar o homem infringidor dos códigos de respeito a natureza perdido e/ou atordoado.

Para Costa Silva (2009, p. 236), “Esse personagem é o protetor das caças, não admite desperdícios e agressões aos animais, ensina o homem alguns dos segredos”. A interlocução do homem com essas entidades sobrenaturais do espaço da mata favorece uma dinâmica interna conflituosa e, nem sempre, harmoniosa.

Wagley¹⁹⁰ (1988) lembra uma das façanhas do Curupira como sendo a de imitar a voz humana, chamar o homem que, acreditando ouvir um chamado de algum companheiro, se desvia do seu caminho e logo fica perdido na mata. O estar perdido na “mata” não é nada agradável, surgem sensações ruins, perturbadoras. Sair da mata, depois de uma longa caminhada, certamente é o grande desafio para qualquer homem amazônico.

É preciso conhecer os segredos da mata, procurar pedir permissão para adentrá-la, caso contrário, o homem desavisado poderá sofrer calafrios, dores de cabeça, ficar atordoado ou perdido. Vale mencionar Claval (2007, p. 219) ao dizer que o “ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades, e através das técnicas permitem explorá-las”.

Nessa relação Homem x Curupira, encontram-se permeadas de significados essas representações em relação ao Curupira. O barqueiro tenta entender a atuação desse caboclinho que ora protege, mas castiga o caçador na mata. O homem amazônico faz essa leitura do seu espaço vivido e nos confirma Loureiro (1995, p. 134):

O caboclo amazônico, na sua jornada diária [...], vive a doçura do olhar. “Olhar” que lhe é necessário por tudo e para tudo. Para reconhecer o caminho, para observar o tempo [...] para guiar-se na escuridão... pelo olhar

¹⁹⁰ WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**. 3. Ed., São Paulo: Itatiaia, 1988.

vai alcançando o coração das coisas. Uma trajetória do olhar tornando-se um ato de leitura do seu mundo.

Como se vê, o mundo simbólico existe a partir do mundo dos fatos, no qual é mediado pela linguagem, pelas práticas das narrativas orais, pela construção de significados tão relevantes para o grupo envolvido.

Os sentidos descritos por Tuan (1980) fazem parte dessa lógica de pensar, perceber, sentir, ouvir e analisar o espaço do qual se vive. As histórias do espaço ribeirinho revelam palavras, entoações, conteúdos vivenciais, valores, e são decorrentes da existência humana nesta vasta Amazônia.

Outra importante narrativa refere-se ao poder **hipnotizador da jibóia**¹⁹¹. Ao falar de cobras na Amazônia, Mello¹⁹² (2008) diz que a sucuriçu e a jibóia alcançam grandes dimensões, quando crescem se tornam pesadas demais para dar o bote e recorrem a arma hipnotizadora do olhar que pode submeter a animais e homens.

A jibóia exerce o poder atrativo no homem e nos outros animais. Sua força atrativa é lembrada nas entrevistas, de acordo com o passageiro Chico, 23 anos:

Passei três dias e três noites na mata, quem me tirou foi um casal. Tinha ido caçar com os cachorros num dia de frio. O vizinho disse para não ir porque estava muito tarde. Fui caçar e os cachorros correram atrás dos caíto (porco-do-mato), aí topei a toca e não deu tempo de tirar. Eu sei que me atarantei na mata, quando vi era tarde e não sair mais. Achei que fiquei perdido por causa da jibóia. Ela enfeitiça uma pessoa antes da gente ver ela. Se a pessoa ver a jibóia primeiro ela não enfeitiça. A jibóia só atrai a gente depois que vê a gente primeiro. A jibóia é isso, se a pessoa passa a uma distância de 5 metros longe dela, sem a pessoa ver ela, ela vai atraindo aquela pessoa, vai indo, e a pessoa chega para perto dela, até chegar na base dela pegar. Para tirar o feitiço dela precisa retirar a roupa, desavessar a camisa, o calção ou calça comprida que for, cueca, tudinho e veste desaversada (lado avesso), aí tá livre da jibóia. Nunca mais retornei a esse lugar, tive orientação de não voltar mais lá. Quando a gente anda no mato e ver que tá ariado alguma coisa tá enfeitiçando a gente. A gente fica meio perdido, perde o sentido da gente [...].

Esta história mostra o quanto o homem amazônico percorre o estado do devaneio poético na relação com entidades sobrenaturais e animais como a jibóia. O homem tenta evitar o contato direto com a cobra, tanto que prefere vê-la primeiro. Galvão (1976) chama de “bichos visagentos” os que aparecem na mata e que não recebem culto ou devoção, o que o homem tenta fazer é evitá-los ou recorre a

¹⁹¹ Espécie que habita ambientes diversificados, preferindo áreas úmidas das matas e próximas a igarapés e rios.

¹⁹² MELLO, T. **Amazonas: pátria das águas**. Rio de Janeiro. 3. ed. Bertrand Brasil, 2008.

técnicas de imunização ou de neutralização dos poderes malignos. No caso do entrevistado, a técnica utilizada se deu com a retirada de toda a roupa e vesti-la novamente pelo lado avesso.

A jibóia torna-se um animal representativo no universo pesquisado, os donos de barco costumam mantê-la no porão para coibir a entrada de ratos; outros tinham a superstição de que o animal atrairia boas energias e culminaria na chegada de novos passageiros e o lucro seria garantido. Em 2011, o IBAMA saiu recolhendo as jibóias de algumas embarcações no rio Madeira, o que favorecerá a continuação da atuação de animais peçonhentos, caso não seja realizada a detetização da embarcação. O barqueiro Solano, 62 anos, nos diz:

Aqui a gente tinha uma jibóia, tinha uma função dentro do porão, mas o IBAMA soube e veio buscar com a polícia. A jibóia é para ela pegar rato, onde tem jibóia não se cria rato porque o rato mexe muito com a mercadoria, ele corta saco de feijão, de arroz, fura caixa de ovos, ele faz tudo o rato. O IBAMA pegou a jibóia, mas ela não era maltratada porque aqui ninguém maltrata ela, ela entrou aí fininha e já tava grossona. Mas aí levaram ela. A jibóia tem um mês que solta veneno, é no mês de agosto ela tá com veneno, é esse mês agora (agosto), ela tá com veneno. Eu não quero brincadeira com ela é mês nenhum.

Esta cobra tinha uma importância nas embarcações de madeira e acabou sendo retirada dessa função. Que outra alternativa o barqueiro irá recorrer para evitar a entrada dos ratos que fazem estragos nas mercadorias transportadas e serão consumidas pelo homem. A solução de fato seria pensar na detetização da embarcação, mas será que todos fazem? Há fiscalização periódica da vigilância sanitária nas embarcações? De fato, a jibóia não surgiu à toa no barco.

Da mesma maneira, outra entrevista revela o comportamento da jibóia quando atrai e a relação mantida no espaço. Essa cobra tem o poder de habitar sempre o espaço da caça, da fartura, sendo um componente valorizado pelos ribeirinhos e tem a ver com a sobrevivência na Amazônia, conforme entrevista do comandante Babilônia, 55 anos:

Meu tio de criação andava muito bem no mato e um dia foi caçar sozinho. Diz ele que perdeu o rumo, tinha um balseiro, entrava e saía do mesmo lugar. Aí vinha aquele sono, aquela coisa ruim, aí deitou-se em cima de um pau, ficou pensando, escutou algo assoviar, um assoprado. A jibóia tem um assoprado. Quando olhou ela vinha lambendo o beijo pra pegar a perna dele. Só fez puxar a perna, atirou nela e matou. Ele pegou o rumo e foi para casa. A jibóia atrai todo tipo de animal, é gente, é tudo. Ela atrai que o homem não enxerga ela. Agora quando a vista da gente dá dentro do olho dela ela não atrai mais, ela só atrai dois olhos. Se for duas pessoas ela não atrai, atrai um ou outro, nunca os dois de uma vez porque ela só tem dois

olhos também. O pessoal conta que não precisa nem ela ver, depois que ela atrai põe o olho em cima e pronto. A jibóia quando tá grossa não sai do canto e onde fica tem osso de tudo quanto é espécie. Quanto mais velha, mais atraente fica. Ela permanece em buraco e ao redor só fica aquela ossada, o bicho vem onde ela tá e perto onde ela vive não falta caça. Se matar ela se acaba a caça.

Dentro da cultura amazônica, o olhar revela a estreita relação do homem com a natureza. A narrativa da jibóia expressa a forma poética do olhar humano. Como diz Loureiro (1995, p. 135), “O olhar fascina, seduz, mata, encanta, aterra, confunde, fulmina, penetra, torna o invisível visível”. O olhar aposta na contemplação do objeto, no distanciamento quando precisa, o olhar apresenta a simbologia no espaço de representação das pessoas.

O sentido do olhar prevê essa abertura do ato de compreender e de comunicar as experiências. O olhar, enquanto construtor de sentidos, se faz presente no espaço vivido das pessoas. Pelo olhar o homem aprende os significados da vida diária, das relações diretas do corpo, dos ritmos com a natureza, do conhecimento estético dos lugares, logo, é o instrumento de vigilância e de controle do que acontece no espaço.

O contexto da vivência amazônica envolve muito a dimensão do olhar e da oralidade, sendo transmitidos aspectos culturais de suma importância na organização e manutenção da vida do homem amazônico. Nesse sentido, Claval (2007, p. 153) enfatiza, “As relações que os indivíduos estabelecem com os outros lugares que dão um sentido à sua vida dão origem a comportamentos relativos ao espaço que nenhuma análise funcional pode dar conta”.

A narrativa da jibóia trouxe exemplo das muitas relações do homem no espaço amazônico. Certamente, é um conhecimento fascinador pela experiência individual das pessoas, como percebe o espaço, como se orienta nele e dá sentido a sua existência. O homem se apropria do espaço através do sentido da experiência comunicada através dos outros. Pode-se dizer, no espaço se desenvolve essa teia das relações sociais que contemplam os aspectos funcionais e simbólicos. O homem testemunha o acontecido no espaço, imprime as marcas de sua existência, opera espaços humanizados através do dialogismo.

Fazem parte do cotidiano das embarcações recreios as narrativas contadas nas rodas e nas conversas dos práticos com os passageiros e muitas dessas histórias passam de pai para filho, através dos relatos orais, dos mais variados momentos de interação verbal no barco, sendo significativo o conhecimento das

crenças e valores culturais dos ribeirinhos. Ter a oportunidade de registrá-las é uma maneira de contribuir para a construção do sujeito social e principalmente compreender a realidade daqueles residentes em áreas ribeirinhas da Amazônia e que dependem exclusivamente do transporte fluvial.

Nesse espaço, há o respeito à memória simbólica do grupo, o homem acaba reconstruindo a sua experiência e faz questão de compartilhá-la aos outros. Como exemplos, as reflexões surgidas no meio dos práticos, as lembranças dos naufrágios, o contar histórias, os ensinamentos transmitidos, a linguagem viva, que ao longo do tempo adquirem novas significações.

Entender como se dá o trabalho desses profissionais no espaço ribeirinho significa compreender as formas de representações vividas por esses atores quando estão navegando no rio Madeira, há símbolos e signos dos quais esses práticos fazem uso rotineiro. São narrativas míticas, elementos mágicos, criados ao longo da interação com o meio ambiente, os quais simbolizam a convivência com o outrem, com o desconhecido, evocando uma paisagem singular ao grupo e passa de geração a geração. Não há limites entre o imaginário e a realidade, ambos confundem-se nessa interação, formando o conjunto cultural extremamente rico.

Sob tal perspectiva, o mito participa na construção do espaço dos práticos que, através da percepção coletiva ou individual, elabora um conjunto de explicações de seu "mundo", de seus valores, de sua organização. O espaço com todas as suas representações é a expressão viva do homem, torna-se um espaço humanizado, aliado ao projeto de sobrevivência do homem, é o seu lugar de liberdade, de trabalho, de encontros.

Mas o espaço de representações dos práticos se dá pela linguagem, pela presença das narrativas orais, na qual o mito colabora na construção desse espaço, desse lugar dos práticos. Assim, o espaço e o lugar carregam consigo a marca da afetividade, das experiências, das lembranças, o sagrado se manifesta de maneira expressiva.

Como apontado por Fremont¹⁹³ (1980, p. 23), “[...] as relações do homem como espaço não constituem um feixe de dados imanentes ou inatos, combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida se forma, se estrutura e se desfaz”. Ou seja, as narrativas míticas, o próprio espaço mítico são

¹⁹³ FREMONT, A. **A região, espaço vivido**. Tradução de António Gonçalves, Livraria Almedina: Coimbra, 1980.

formas de conhecimento que os indivíduos adquirem através das tradições e das relações ideais, realizadas no tempo de seus antepassados, e se tornam a mediadora na relação com a natureza e se constituem como estratégia de sobrevivência do grupo.

O espaço das representações dos práticos é marcado pelo universo das emoções, dos significados construídos coletivamente, dos medos, das paisagens e do estudo do rio, havendo acúmulo de observação, de conhecimento aliado à sensibilidade do prático.

Os mitos, os processos interlocutivos, os mapas mentais são elementos que os indivíduos atribuem significados e, que por sua vez, orienta-os no mundo. Para as populações ribeirinhas, as codificações estão distribuídas em dois universos distintos: o universo das águas e das matas, cada um contendo suas representações simbólicas. Esses dois espaços acabam sendo interligados no modo de vida da população ribeirinha e tendo as suas especificidades. Como afirma Silva¹⁹⁴ (2007, p. 238), “As práticas míticas não são apenas cartas ou regras de condutas de comportamento, são formas de interpretar, classificar, selecionar as espécies, os lugares, a natureza; de preservar as relações sociais tradicionais e de viver”.

5.7.1 Canta Galo: produtor de olhares diversos

No âmbito da geografia humanista cultural leva-se em conta a percepção do grupo sobre o espaço, com base na experiência. O homem constrói a experiência nas relações com o outro ou de modo individualizado. Na dimensão do espaço vivido há o elemento do imaginário que colabora no entendimento da organização espacial de determinadas comunidades.

Na Amazônia, o imaginário adquire o caráter poetizante nos espaços dialógicos do homem. O espaço vivido é concebido em função da linguagem, do imaginário, da cultura, das práticas espaciais e simbólicas. Este subitem é reservado para destacar um lugar marcante na memória e no cotidiano dos barqueiros e

¹⁹⁴ SILVA, J. da C. **O mito e as crenças como constituintes do espaço ribeirinho na formação do modo de vida amazônico.** In: KOZEL, S. COSTA SILVA, J, GIL FILHO, S.F. Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

ribeirinhos. É o Canta Galo, localizado às margens do rio Madeira, e pertencente ao estado do Amazonas.



FIGURA 35 — CANTA GALO
FONTE: A autora (2011)

O espaço do Canta Galo é marcado pela produção do olhar externo revertido pelo próprio sujeito, o qual interpreta um lugar marcado pela memória, imaginário, medo, afetividade, estranhamento. Todos esses elementos se manifestam nos discursos ditos a respeito desse lugar. De uma forma ou de outra o Canta Galo faz parte da movimentação espacial dos passageiros, participa do imaginário coletivo das populações ribeirinhas do rio Madeira.

Como afirma Loureiro (1995, p. 301), “O imaginário se objetiva e coletiviza numa forma que, como tal, se oferece à contemplação. Torna-se um teatro do imaginário em ação”. E esse imaginário é transmitido através das relações dialógicas entre os sujeitos sociais.

O Canta Galo representa o teatro da ação na qual o imaginário aparece de maneira exuberante, transfigurado através da paisagem sonora do lugar, ora através da paisagem do medo. Nas viagens dos barqueiros, o Canta Galo torna-se próximo em função da distância, da referência presente nas práticas interlocutivas. Com base nas viagens e nas entrevistas, trouxemos uma das versões das histórias relacionadas ao Canta Galo e contada pelo barqueiro Solano, de 62 anos:

Quando comecei a viajar no Madeira no ano de 1971 já tinha essa história. É que tinha uma comunidade acolá embaixo que na Semana Santa, Sexta Feira da Paixão, o pessoal tava numa festa, dançando e bebendo tudo né, e passou uma senhora velhinha com a garotinha dela, pareceu que era a neta dela e parou assim. Ei gente faz mal festa hoje, Sexta Feira da Paixão, o dia que Jesus Cristo sofreu por nós. Isso aí festa, dançando e bebendo faz

muito mal e aí o pessoal dizia não, Sexta Feira da Paixão também a gente come e ela disse: é tudo bem e saiu, foi embora [...]. Quando ela chegou assim na frente viu a terra quebrando, sumindo aquela terra e ela correu, pegou a neta dela e salvou ela e a neta e o resto sumiu. Hoje quando se passa ver no local a terra grande assim onde diz sumiu: Agora eu não vi não. Foi quando eu comecei a navegar e ouvi falar dessa história.

Eu só soube dela depois que comecei a andar nesse rio Madeira. Eu nunca vi, dizem que lá tem muito assombro, gente canta, gente toca violão, puxa sanfona, canta galo, late cachorro, diz que é lá assim, mas dizem que não tem nada lá, só tem o buracão, mas eu nunca vi, eu vejo lá onde é, não assistir, foi o que me contaram. Não posso nem afirmar alguma coisa, eu também nunca vi assombro lá de nada, mas também nunca parei lá, a gente passa pra lá e pra cá [...].

O Canta Galo é o lugar da simbologia, faz parte do imaginário, representa o local da desgraça devido ao acontecido com as pessoas, torna-se o lugar aguçador da curiosidade dos barqueiros e ribeirinhos, os quais lembram dessa história nas conversas a bordo das embarcações. Esse lugar provoca devaneios nas pessoas, chegando a ser muito conhecido por quem viaja no rio Madeira. Durante as viagens principalmente no período da noite, os barqueiros fazem questão de focar o local com holofote na tentativa de ver alguma coisa.

Mas a lembrança marcante do Canta Galo se dá visualmente pelo buraco ou como os barqueiros dizem: “talhada de terra que caiu” e pelas referências aos sons que costumam escutar como barulho de festa no local, dos sons do violão. Alguns falam do galo que canta, dos latidos dos cachorros, das visagens. Como afirma o barqueiro Waldir, 71 anos, “O Canta Galo é famoso, dizem que lá tocam, cantam de noite lá, ficou um local mal assombrado. E o lugar existe, a talhada de terra tá lá. É mal assombrado mesmo, matou quase todo mundo”.

Os sujeitos amazônicos alimentam esse imaginário em relação ao Canta Galo, mantendo nos seus discursos os elementos da fascinação, da contemplação, do estranhamento, do medo, da poeticidade envolvente sobre esse lugar. Para Loureiro (1995, p. 301), “Um estado de poesia epifaniza o devaneio mediador entre o homem e sua realidade. Significa um estado que possibilita, em meio às circunstâncias tantas vezes difíceis de trabalho ou sobrevivência, a frequência das idealizações poetizantes”. Considera-se o Canta Galo como propiciador do devaneio poético e marca um dos espaços de significação para os barqueiros do rio Madeira.

O Canta Galo simboliza o lugar especial na imaginação do homem, a sua importância reside no aspecto do imaginário. Há um caos aquático provocado pelo imergir da terra, pode-se dizer que é o lugar dos mortos ou imortais.

5.8 ESPACIALIDADE DOS SABORES

A alimentação faz parte da dinâmica social dos grupos humanos, através dela se conhece os processos nutritivos, os hábitos alimentares e os sentidos atribuídos aos alimentos na sociedade, considerando as condições geográficas do lugar.

O cotidiano das pessoas envolve o alimentar-se e isso pode se dá no universo do trabalho, na família, no encontro com os amigos, sendo lugares de destaque na luta pela sobrevivência, na construção das espacialidades a partir dos sabores e que se transformam em momentos de intercâmbios, celebração da vida e constitutivos de uma cultura.

Sob essa premissa, a intenção desse item prevê a construção da espacialidade dos sabores, destacando um pouco dos hábitos alimentares das populações ribeirinhas de Rondônia e que refletem no espaço das embarcações.

O espaço da alimentação amazônica apresenta significados simbólicos marcantes na organização da população ribeirinha. Nesse espaço social da alimentação, destaca-se o acervo de experiências transmitidas, seguidas e divulgadas no mundo vivido dos sujeitos pesquisados.

A gastronomia produzida no âmbito do rio Madeira é composta pelo consumo principal do peixe com a farinha, seguida de frutas (dependendo da safra), de hortaliças plantadas no jirau¹⁹⁵, das caças, do consumo de quelônios e de seus ovos, além dos produtos consumidos nas ocasiões especiais como frango, carne de boi e porco.

A culinária da região amazônica se diferencia de outras partes do Brasil, existe uma variedade de ingredientes que torna a culinária regional singular, sendo incluídas uso de folhas (chicória¹⁹⁶, jambu¹⁹⁷), colorau¹⁹⁸, farinhas diversas, pimentas (cheiro¹⁹⁹, murupi²⁰⁰, bem como as formas de preparo de determinados alimentos.

¹⁹⁵ É feito de madeira e no formato de mesa, sendo muito utilizado para lavar roupa, louça e como suporte de apoio para a plantação de hortaliças.

¹⁹⁶ Erva aromática utilizada no preparo de peixes, sopas, feijão, entre outros.

¹⁹⁷ O jambu é utilizado na culinária amazônica, principalmente no tacacá e no pato no tucupi e se destaca por deixar os lábios trêmulos.

¹⁹⁸ Condimento feito do pó da semente do urucum e de cor vermelha.

¹⁹⁹ É pimenta que não arde, é usada para temperar carnes, peixes e aves.

²⁰⁰ É uma pimenta cheirosa, de alta picância e bastante utilizada na culinária de Porto Velho.

Há uma diversidade de peixes tidos como nobres (pirarucu²⁰¹, tambaqui, tucunaré, jatuarana, etc) e consumidos pela população local. Aproveita-se muito a farinha nas refeições servidas, além de farofas, pirão e uso de pimentas.

A alimentação amazônica envolve o aspecto das proibições do que se pode ou não comer, dos tabus alimentares que fazem parte do modo de vida ribeirinho. Nesse sentido, destaca-se o alimento “reimoso” que para Maués: (1990, p. 50), “[...] não deve ser consumido por pessoas doentes porque seu estado se agravará. O mesmo acontece em certas situações como o da mulher menstruada [...]”. Os ribeirinhos têm esse cuidado na hora de selecionar o tipo de peixe, as frutas reimosas (abacaba, abacate, tangerina, limão, etc) que serão consumidas, considerando o estado de saúde da pessoa, pois dependendo da alimentação poderá se agravar ou não algum problema de saúde.

A seleção e a ingestão do alimento “reimoso ou não” fazem parte da vivência do homem amazônico e a linguagem tem o papel de destaque na transmissão desse conhecimento culinário. De fato, há um espaço de representação marcado pelas estratégias de organização do grupo, baseando-se na decisão coletiva ou individual de consumir ou não tal alimento.

Essas representações explicam, por exemplo, porque às mulheres menstruadas não podem consumir alimentos reimosos, o que evidencia a parte da manutenção e do respeito à vida, constituindo uma realidade social enfatizadora do que é permitido, transmitido ou proibido. Os hábitos e tabus alimentares são transmitidos através da interação social, ao longo das conversas a beira dos rios amazônicos, sendo indispensáveis na garantia da sobrevivência do grupo e na preservação de espécies. A entrevista da passageira Ana, 66 anos, traz muito desse conhecimento vivido:

No rio Madeira se fala muito em tabus alimentares, na mistura do quente e do frio, que dar problema na criança e no adulto. Os peixes reimosos são curimatá, filhote, jatuarana. Quando a pessoa come um desses peixes pode sentir dor no estomago, febre. Se ela estiver com algum ferimento inflama mais. Na fase em que a mulher está menstruada ela não come alimento reimoso, ela come peixinho de escama, como sardinha, pacu. O tucumã, por exemplo, é uma fruta que comida com a farinha deixa a mulher com vigor sexual potente.

²⁰¹ Grande peixe dos lagos amazônicos, pode chegar a pesar 80 kg e seu comprimento atinge até 2,5 metros. É conhecido como o “bacalhau” da Amazônia. Costuma ser salgado em mantas e enrolado como se fosse um charque.

A gastronomia amazônica é rica, contempla significados que constituem a cultura da região e revela experiências do convívio humano e da dinâmica espacial dos sujeitos pesquisados.

Em linhas gerais, o cultivo de tubérculos é marcante no cotidiano das comunidades ribeirinhas e também no espaço urbano. De acordo com Fraxe²⁰² (2004, p. 122), “A mandioca é um componente básico do sistema de produção agrícola da Amazônia, quer seja em regiões de terra firme ou em regiões de várzea, em razão de sua dupla finalidade - subsistência e comercialização”. Sem dúvida, a mandioca é encontrada no espaço alimentar dos ribeirinhos que a plantam para fazerem farinha de mandioca, de tapioca para fins de alimentação ou moeda de troca.

Essa farinha é preparada na casa de farinha (construção que abriga o forno de ferro revestido com chumbo e os utensílios necessários para a sua produção, tais como: peneiras, tipiti, bacias, prensa, etc). Mas, nem todos os ribeirinhos possuem em suas propriedades essas casas de farinha. Na ausência delas, arrendam as de vizinhos ou pedem emprestado para fazerem a farinha ou pé de moleque. Abaixo segue a foto de uma dessas casas de farinha:



FIGURA 36 – CASA DE FARINHA
FONTE: A autora (2007)

A produção artesanal da farinha de mandioca leva em conta as seguintes etapas: limpar o terreno, plantar as manivas, limpeza do roçado, colher, transportar, raspa, lavar e cevar. De modo geral, o processo de preparação da farinha

²⁰² FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

corresponde à escolha da área que será limpa para em seguida ocorrer a plantação das manivas (pedaços de raízes que vão sendo colocadas nas covas) para gerar novas mudas. Na fase inicial, a família participa, colabora, inclusive as crianças com idade a partir dos 9 anos. O homem se torna o responsável pela abertura das covas e mulheres, assim como as crianças ajudam na plantação das manivas. A fase da colheita da mandioca conta com a habilidade e o esforço físico dos homens para arrancar a mandioca da terra. Depois de ter sido feita a colheita da mandioca, os ribeirinhos a descascam e a colocam para pubar, processo de fermentação da mandioca, no preparo da farinha, conforme se observa abaixo:



FIGURA 37 — A MANDIOCA É RETIRADA DO RIO PARA SER PRENSADA
 FONTE: GALVÃO, A. C (2007)

Os ribeirinhos descascam, deixam a mandioca dentro de uma canoa ou caixa de plástico por até cinco dias para ficar amolecida e fermentada até virar puba. Em seguida, passam a macerá-la e ocorre da seguinte forma: primeiro se descasca a mandioca, se coloca dentro d'água. Em seguida, faz-se a massa da mandioca na qual é feita em moinho próprio ou no tipiti²⁰³, tendo em vista que a mandioca já passara pelo amolecimento na água.

Na seqüência, a massa é peneirada e seca e, estando totalmente no ponto, vai ao forno e com a mão de obra ribeirinha fica com a textura e o sabor desejado para o consumo da família ou comercialização. Fraxe²⁰⁴ lembra do processo de transformação da farinha seca sendo semelhante ao da farinha acima descrita. A diferença é que, após descascada a mandioca, não vai para a água pubar e sim direto para o moinho. Em seguida é feita a massa, peneirada e levada ao forno. No

²⁰³ Instrumento indígena, espécie de espremedor de palha trançada e utilizado para escorrer a mandioca no preparo da farinha.

²⁰⁴ Ibid.

universo ribeirinho, a responsabilidade de fazer farinha é dividida entre familiares, por exemplo, mulheres e crianças ajudam na fase de peneirar a massa. E os outros colaboram com o processo de esquentar a farinha, deixando-a no ponto desejado e com a coloração ideal.

As famílias ribeirinhas mantêm a prática da ajuda mútua, da parceria ou mutirão. Havendo impossibilidade de contar com essa ajuda, optam por contratar trabalhadores temporários para fazerem a farinha.

A prática da produção da farinha colabora com a manutenção das relações tradicionais do grupo, os gostos e sentidos são partilhados, marcando a forma do preparo e principalmente o trabalho de transmissão de saberes aos filhos. Tanto no barco quanto nas comunidades ribeirinhas há pratos deliciosos feitos com farinha, bananas da terra (banana comprida), com a goma de tapioca. Por exemplo, o pé de moleque é feito no mesmo forno de fazer farinha, a macaxeira cozida acompanha o arroz baião de dois (mistura de arroz com feijão de praia) e as inúmeras caldeiradas de peixe, bem como os bichos de casco (tartaruga e tracajá).

Para Galvão da Silva²⁰⁵ (2008), a carne e os ovos dos quelônios são bastante apreciados pelas comunidades ribeirinhas, os quais proporcionam saborosos pratos típicos e tradicionais da região. Apesar da proibição da caça, esses animais fazem parte do cardápio da alimentação amazônica. Não se pode negar a influência indígena na culinária servida no barco e no cotidiano das famílias ribeirinhas.

O peixe e a farinha continuam sendo o prato principal das refeições das populações ribeirinhas, associando-se a sucos de frutas regionais, dependendo da safra. Há modos diversos de preparação do peixe, sendo apreciado a caldeirada onde o peixe passa por um processo de cozimento com ervas, hortaliças, além de outros ingredientes não revelados. Costuma-se utilizar na obtenção de mais sabor a pimenta ao molho de tucupi. Ainda temos a jacuba, utilizada pelo ribeirinho que deseja passar o dia pescando, e não almeja sentir fome tão rápido. O preparo da jacuba é feito com farinha, água e sal. Mistura-se tudo numa cuia e come-se dessa maneira. Pode-se acrescentar na mistura, açúcar, pimenta e limão. A jacuba recebe vários nomes: leide Laura, intala gato, chibé, entre outros.

²⁰⁵ GALVÃO DA SILVA, A. C. **O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência de um tempo.** Dissertação (Mestrado em Geografia), Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

A experiência do viajar nas embarcações é marcada pelo sabor, pela ludicidade do ouvir músicas regionais, pela gastronomia servida aos passageiros e que evidencia o mundo amazônico, com seus temperos regionais e sabores apimentados. O paladar evoca lembranças que povoam a memória coletiva do grupo. O cheiro da farinha, da caldeirada de peixe, do cupuaçu, do açaí trazem lembranças vividas, carregadas emocionalmente de cenas, de encontros passados, principalmente da luta diária pela sobrevivência. Para Claval²⁰⁶ (1998, p. 71):

Les odeurs sont intimement associées à l'expérience que chacun de nous a des lieux où il a vécu et qu'il a visités [...] A um autre niveau, les odeurs nous renseignent sur l'hétérogénéité existentielle de l'espace, sur la diversité des hommes qui l'habitent et sur le caractère irréductible de certaines de leurs pratiques [...].²⁰⁷

Os odores não podem ser dissociados do modo de vida ribeirinho, fazem parte do espaço amazônico, do cotidiano das pessoas e das experiências com os lugares. Tanto familiares quanto amigos possuem a prática de se reunirem na casa de farinha ou a beira do forno de alumínio para descascar a mandioca com a finalidade de preparação da farinha que será vendida ou consumida durante o ano, como se observa na foto abaixo:



FIGURA 38 — ESPAÇO DA FARINHADA
FONTE: A autora (2007)

²⁰⁶ CLAVAL, P. **La littérature de Voyage et la géographie des odeurs**. In: DULAU, R.; PITTE, J.R.(Orgs). *Géographie des odeurs*. Paris: L'Harmattan, 1998.

²⁰⁷ Os odores são intimamente associados à experiência que cada um de nós tem dos lugares onde tem vivido e que se tem visitados [...]. Em outro nível, os odores nos ensinam sobre a heterogeneidade existencial do espaço, sobre a diversidade dos homens que habitam e sobre as características irreduzíveis de algumas de suas práticas [...]. (tradução nossa)

Este processo de descascar a mandioca poderá acontecer uma ou mais vezes durante o ano, dependerá da quantidade a ser descascada. Tal processo é conhecido como farinhada e para Fraxe (2004, p. 198):

A farinhada é um momento em que ocorre um processo de agregação entre vizinhos, parentes, compadres. Geralmente os fornos de farinha são feitos com barro e revestidos por madeiras tiradas da floresta, e os tachos, que são de ferro, são comprados no comércio das cidades próximas. Em algumas vezes os tachos são doados pelas prefeituras locais.

Pode-se dizer que a farinhada constitui não somente o processo de agregar pessoas com intuito de fazer farinha, mas significa o espaço valioso de trocas simbólicas, de dialogar sobre o espaço vivido, de falar das lutas diárias e das experiências. Tanto que durante os preparativos de fazer a farinha, os sujeitos contam as suas histórias, falam dos significados de suas práticas e toda essa expressão humana resulta do dialogismo, do encontro com o outro proporcionado pela farinhada. Nesse processo, os signos sociais divulgam muito da cultura amazônica, colaboram para desvendar o espaço ribeirinho sob a ótica dos próprios moradores.

Nesse sentido, segundo Sousa (2004), no decorrer das farinhadas existem várias interlocuções surgidas a beira dos rios da Amazônia e fazem parte do cotidiano e caracterizam esse modo de vida ribeirinho. O sujeito é participante ativo, se torna social e histórico por incorporar diferentes vozes dos outros e lançar a sua também nesse espaço de trocas simbólicas. As vozes se entrecruzam, se complementam, se contradizem, criando contextos espaciais de significações para o grupo estudado.

A mandioca é utilizada também de maneira cozida para tomar com café, acompanha as refeições dos ribeirinhos, além do churrasco. Da mandioca pode ser feito o croquete, um tipo de salgado regional, pode fazer o bolo de macaxeira, mingau e ela frita acompanha o peixe. Em síntese, a farinha, a mandioca cozida ou frita acompanham os sabores dos peixes regionais.

Dentre os peixes consumidos no universo da pesquisa podemos citar mandi, jatuarana, bodó, tamuatá, piramutaba, pacu, tambaqui, curimatã, sardinha, e outros. Os sabores fazem parte da dinâmica criativa do viver amazônico, assim como as plantas utilizadas nos chás, banhos e rezas.

Os aspectos regionais da Amazônia evidenciam o processo acumulativo de experiência presente no mundo vivido dos habitantes da região. Leva-se em conta o papel da linguagem, a produção de sentidos, os valores, os sentimentos, vivências e as relações estabelecidas do homem com o lugar e espaço.

As espacialidades descritas neste capítulo estão projetadas na vida particular das pessoas e os elementos constituidores das mesmas são as experiências e práticas espaciais, o imaginário, o medo, a linguagem, o devaneio, sabores, mitos, que se complementam e evidenciam a poética sobre o rio Madeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência geográfica tem buscado, no diálogo com outras áreas do conhecimento, compreender a dimensão dos sujeitos, considerando as suas experiências, emoções, valores, sentimentos, impactos vivenciais que dão significados ao espaço e ao lugar. Há uma geografia cultural da Amazônia arraigada nas relações sociais, envolta na história e experiências dos sujeitos capazes de sentir, de criar e confrontar realidades.

Os resultados apontam a manifestação de sujeitos sociais diferentes que vivem espacialidades diversas, elaboram explicações do mundo vivido, do espaço de sobrevivência e representação. Os sujeitos se constituem à medida que produzem signos sociais resultantes da interação entre os sujeitos mediante as relações afetivas, culturais e sociais.

A poética opera os atos de liberdade e de devaneios conscientes, pois o homem ao relacionar-se com o espaço e o lugar se constitui, interage com o mundo vivido, com a natureza e com o outro. Retomando à Bakhtin (1999), a interação acaba sendo uma prática dialógica, histórica e social, mediatizada pela linguagem. Não se pode pensar na construção de um espaço que cerceie a circulação de sentidos e de experiências, a palavra significativa e onde não se insere a presença do outro.

Na perspectiva da geografia humanista cultural, considera-se o espaço dialógico, sendo recriado pelas espacialidades que são resultantes da interação, das vivências, dos temores, das vozes e das experiências do sujeito em determinado espaço social.

Nesse contexto, os barqueiros constroem práticas culturais, articuladas com as suas estratégias de sobrevivência, promovendo espaços dialógicos referendando o modo de vida amazônico.

Na busca pela poética, nos deparamos com o lugar da dialogicidade, do cruzamento de mundos vividos, dos significados impregnados na cultura amazônica. Há uma experiência direta e o espaço do viver traduz o modo de vida ribeirinho e esse processo de transmissão da cultura se dá através da interlocução com o outro. Os barqueiros e ribeirinhos vivem em espaços dialógicos, permeados

por relações sociais as quais expressam a construção da cultura, as formas de transmissão de saberes, a poética do imaginário, o campo das representações, as espacialidades que evidenciam as maneiras de viver e de agir no espaço amazônico. Nesse sentido, algumas afirmações são possíveis destacar:

Trabalhar na interface da geografia com a linguística, priorizando uma abordagem humanística, nos proporcionou somente a identificação da problemática ambiental ligada ao rio, mas perceber o quanto a poética corresponde ao resultado dessa relação de interação do homem com o seu mundo vivido, considerando o estranhamento e as peculiaridades locais.

Na abordagem em destaque, as relações do homem com o rio Madeira representa uma estreita vivência, expressão de consciência evidenciadora dos elementos importantes do espaço, bem como valores, significados e sentimentos. No diálogo com a linguística, sobretudo, com Bakhtin, o homem se apresenta como sujeito social e histórico, produtor de linguagem, de signos, sendo de grande pertinência no entendimento dos sujeitos pesquisados.

A Metodologia Kozel (2007) e a realização das entrevistas nos permitiram conhecer aspectos importantes do mundo vivido dos barqueiros e ribeirinhos, bem como as suas percepções sobre essa nova dinâmica do Rio Madeira e evidenciadas nas falas dos sujeitos. Esta metodologia possibilitou o conhecimento dos saberes espaciais e culturais contidos nas representações sobre o espaço amazônico, envolvendo a mata e o rio, o aspecto do imaginário, do estranhamento e das encantarias na vida dos habitantes da Amazônia.

É nesse sentido as espacialidades descritas evidenciam a sustentação da poética, com base no olhar mais humanístico do homem sobre o rio Madeira, levando em conta às experiências dos sujeitos em relação ao seu espaço vivido e representado. A poética chega a ser a própria experiência do homem com outros homens, com a mata e as águas, pois apesar dos impactos evidenciados, o homem resiste e compõe a poética do viver, do sobreviver e do agir nos espaços amazônicos. Em outras palavras, a poética fala da representação que se tem da realidade, dos valores, dos mundos profundos através dos devaneios poéticos, dos espaços imaginados e vividos.

A poética revela como os sujeitos explicam o seu modo de vida, pelo encantamento, estranhamento, imaginário, devaneio, tudo isso acaba sendo transmitido através da linguagem cuja função é divulgar a cultura dessas populações. A geografia, com base nesse olhar humanista, possibilita a interpretação desses espaços dialógicos, tendo em vista que o homem constrói experiências, compartilha valores e recria o seu mundo vivido a partir dos processos interlocutivos. À medida em que as pessoas comunicam as suas experiências aos outros, a exemplo dos saberes dos barqueiros e práticos ressignificam o espaço, transformando-o em lugar.

Identificou-se que a poética sobre o rio Madeira é construída na interação dialógica entre os sujeitos e destes com o universo das águas, sendo delineada pela vivência e ação no espaço. Na realização do trabalho de campo, nos deparamos com os problemas ambientais, mas aos poucos pudemos desvelar a poética desse espaço na compreensão das diversas espacialidades reveladas na vivência desses atores com o rio Madeira.

Se percebe o espaço dialógico do ser humano com o rio Madeira na interação tanto na tensão como no devaneio. Tais aspectos refletem a cultura amazônica, sendo parte do mundo vivido de barqueiros e ribeirinhos.

Sem dúvida, há um espaço de práticas culturais e espaciais entre os barqueiros, o qual é dialógico; há um modo de vida carregado de dimensão simbólica, há signos sociais que orientam os barqueiros na navegação, na mediação dos conflitos ocorridos no barco. A composição da poética sobre o rio Madeira envolve a dimensão do ritmo das águas, do medo, do devaneio, do estranhamento, do encantamento, do imaginário, das emoções, dos mitos, da linguagem, os quais sustentam o espaço da poética.

No encontro do homem com o universo das águas, sendo uma convivência secular, destaca-se a importância do rio na vida do homem amazônico. Ao mesmo tempo, chama-se atenção para as políticas empreendidas e que não planejam o cuidado com o principal rio do estado de Rondônia. Há uma contradição do viver ribeirinho e das políticas em destaque na região.

Ao priorizar a perspectiva interdisciplinar, atuamos na interface da geografia com a linguística no aprofundamento teórico-metodológico da geografia humanista-

cultural. Almeja-se que os resultados dessa pesquisa possam subsidiar as políticas públicas voltadas ao espaço do rio Madeira, sobretudo, a dimensão do currículo escolar na cidade de Porto Velho, de modo que contemple o aspecto da navegação e do conjunto de saberes culturais e espaciais.

Espera-se que esse conhecimento seja incluído no âmbito escolar e, certamente, a educação em áreas ribeirinhas como na cidade de Porto Velho envolveria mais a ótica do compromisso com a realidade amazônica, sendo questão merecedora de espaço no âmbito das políticas públicas.

A conclusão desse trabalho deixa algumas questões em aberto e que merecem ser aprofundadas numa pesquisa posterior, a dimensão do homem prático em relação à construção do aprendizado, o uso dos sentidos e a transmissão do saber em outras partes da Amazônia. Espera-se que os órgãos governamentais possam dar visibilidade ao grupo pesquisado através da inclusão de suas vozes nos textos e legislações oficiais. A Amazônia continua sendo uma região que sempre convida a pesquisar mais.

Esperam-se dias melhores para os habitantes dessa região e que outros pesquisadores possam continuar tendo o privilégio de trabalhar com as populações amazônicas, sobretudo, os geógrafos. Sem dúvida, é um desafio lançado para aqueles que investigam as abordagens culturais.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber/ em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ABREU SILVA, G. H. **O espaço vivido da cantoria nordestina em Porto Velho**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2009.

ALMEIDA, M. G. **Geografia cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil**. In: MENDONÇA, F. A.; LOWER-SAHR, C.; SILVA, M. Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico, Curitiba: ADEMANDAN, 2009.

AMARAL, N. G. *et al.* **Farinha pouca, meu pirão primeiro**: à mesa com os ribeirinhos. São Carlos: Pedro & João Editores; Porto Velho: Ed. da EDUFRO, 2011.

AMORIM FILHO, O. B. **A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia**. In: Sociedade & Natureza, Uberlândia: 11 (21:67-87), jan/dez 1999).

AMORIM FILHO, O.B. **A pluralidade da geografia e a necessidade das abordagens culturais**. In: KOZEL, S.; SILVA, J.C; GIL FILHO, S. F. (Orgs.). Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAILLY, A; BEGUIN, H. **Introduction à la géographie humaine**. 5. Edição, Paris, 1995.

BAILLY, A. **La percepción del espacio urbano**. Instituto de estudios de administracion local, Madrid, 1979.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**: tradução de Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **La poétique de l'espace**. Quadrige/PUF, Paris, 10. E. 2011.

BARROS, D. L. Pessoa de; FIORIN, J. L (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Ed. da USP, 2003.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. (Org.). **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005.

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BENCHIMOL, S. **Navegação e Transporte na Amazônia**. Edição Reprográfica, Manaus, 1995.

BENJAMIN, W. **O Narrador**. Os Pensadores. Editora Abril Cultural. São Paulo, 1975.

BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: um século (3).Rio de Janeiro: Ed. da EdUERJ, 2002.

BETTANINI, T. **Espaço e ciências humanas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Tradução: Aloísio Leoni Schimid. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982.

CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la geografia contemporánea**: una introducción a la geografia. Barcelona: Barcanova, 1981.

CLAVAL, P. **A cultura ribeirinha na Amazônia**: perspectivas geográficas sobre o papel de suas festas e festejos. In: KOZEL, Salette *et al.* *Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas*. "A festa do boi bumbá": um ato de fé. Curitiba: SK Ed., 2009.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**: o Estado da Arte. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. da EdUERJ, 1999.

CLAVAL, P. **A nova geografia**. Coimbra: Almedina, 1978.

_____. **"A volta do cultural" na Geografia**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01. Fortaleza: Ed. da UFC, 2002.

_____. **La géographie comme genre de vie**. Paris: L'Harmattan, 1996.

_____. **Terra dos Homens**: a geografia, São Paulo: Contexto, 2010.

CARDOSO, R. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In: CARDOSO, R. (Org.). *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

CASTRO, G. **Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática**. In: FARACO, C. A. *et al.* (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

CAVALCANTE, M. M. de A. **Transformações territoriais no Alto Madeira: hidrelétricas, tecnificação (Re) organização**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

CORRÊA, R.L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da EDUERJ/ NEPEC, 1995.

CORRÊA, R.L. **Região e organização espacial**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Espaço, um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CORREIA, M. A. **Representação e ensino: a música nas aulas de Geografia: emoção e razão nas representações geográficas**. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

COSGROVE, D. **Towards a critical cultural geography: problems of theory**. Antipode, 1983.

CONCEIÇÃO, M. F. C. **Populações Tradicionais, Sociabilidade e Reordenação Social na Amazônia**. In: COSTA, M. J. J. *Sociologia na Amazônia*. Belém: UFPA, 2001.

COSTA SILVA, J.; ABREU SILVA, G. **A música dos bois bumbás: um forte elemento na caracterização do lugar parintinense**. In: KOZEL, S. *et al* (Orgs.). *Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas. "A festa do boi bumbá": um ato de fé*. Curitiba: SK Ed., 2009.

CRUZ, V. do C. **"Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia"**. In: HAESBAERTH, R.; ARAÚJO, F. G. B. de (Orgs.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*, Rio de Janeiro: Access, 2007.

DARDEL, E. **L'Homme et la terre**. *Nature de La réalité géographique*. Paris Editions du CTHS, 1990.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. Tradução: Maria José de Almeida, 7. ed., São Paulo: Ed. Centauro, S/A

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**, 4. ed, São Paulo: Cortez, 1996.

DINIZ FILHO, L. L. **Fundamentos epistemológicos da geografia**. Curitiba: IBEPLEX, 2009.

DULAU, R; P, J.R. **Geographie des odeurs**. Editions L'Harmattan, Paris, 1998.

DURAND, G. **O imaginário**. Tradução: Renée Eve Levié, Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, C. A; TEZZA, C; CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

FRANÇOIS, F. **Crianças e narrativas**: maneiras de sentir, maneiras de dizer. Tradução/: adaptação de Ana Lúcia Tinoco e Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Humanitas, 2009.

FRAXE, T.; WITKOSKI, A. C.; LIMA, M. C.; CASTRO, A.P. **Natureza e mundo vivido: o espaço e lugar na percepção da família cabocla/ribeirinha**. In: SCHERER, E. & OLIVEIRA, J. A. (Orgs.). **Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

FREMONT, A. **A região, espaço vivido**. Tradução: António Gonçalves, Livraria Almedina: Coimbra, 1980.

FOUREZ, G. **A construção das ciências**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.

FURTADO, L. **Pescadores do rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: ambientes de formação de professores de ciências. Ijuí. Ed. da Unijuí, 2003.

GALVÃO, E. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GALVÃO, W. **Que geografia se ensina?** Um estudo sobre representações de geografia segundo alunos da 6ª série do Ensino Fundamental. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GALVÃO DA SILVA, A. C. **O seringal no município de Lábrea**: o espaço vivido e a resistência de um tempo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

GEERTZ, C. **O saber local**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2001.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica: Maria Claudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIBSON, J. **La percepción del mundo visual**, Ediciones Infinito, Buenos Aires, 1974.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. Ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOULD, P.; WHITE, R. **Mental Maps**. 2. ed. Toronto: Pelican Books, 1974.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GONÇALVES, T. M. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-sócio-ambiental do Bairro Renascer/ Mina quatro de Criciúma – SC)**. Tese (Doutoramento em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – MABE, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

HOLANDA, S. B. de (Org.). **A época colonial**, tomo 1, 1º volume: do descobrimento à expansão territorial, 8. ed., Bertrand Brasil, 1989.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: trajetória de 1950 a 1990.** Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia.** In: PONTUSCHKA, N. N. & OLIVERIA, A. U. (Orgs.). *Geografia em Perspectiva.* São Paulo: Contexto, 2002.

KASHIWAGI, H. M. **O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela Parolin em Curitiba.** Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2004.

KRAMER, S. **Linguagem e tradução: um diálogo com Walter Benjamim e Mikhail Bakhtin.** In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin.* 4. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

_____. **Por entre pedras: armas e sonhos na escola.** São Paulo: Ática, 1994.

KOZEL TEIXEIRA, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a Capital ecológica.** Tese (Doutoramento em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de São Paulo, 2001.

KOZEL, S. **Das “velhas certezas” a (re) significação do geográfico.** In: SILVA, A. A. *et al.* (Orgs.). *Geografia ciência do complexus: ensaios transdisciplinares,* Porto Alegre: Sulina, 2004.

KOZEL, S.; SOUSA, L. F. **Parintins, que espaço é esse?** Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. In: KOZEL, Salete *et al.* *Expedição amazônica: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas. “A festa do boi bumbá”: um ato de fé.* Curitiba: SK Ed., 2009.

KOZEL, S. COSTA SILVA, J, GIL FILHO, S.F. **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista.** São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, S. **As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível.** In: 12º ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA: CAMINANDO EM UMA AMÉRICA LATINA EN

TRANSFORMACIÓN, 2009, Montevideo, Anais. Montevideo: Universidad de la República, 2009, CD-ROM. ISBN: 978-9974-8002-8-1.

KOZEL, S. **As representações no geográfico.** *In:* Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salette. Curitiba: Ed. da UFPR, 2004.

KOZEL, S; NOGUEIRA, A. **A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida.** *In:* Revista do Departamento de Geografia. FFLCH/USP. São Paulo. N. 3, 1999.

KOZEL, S; KASHIWAGI, H. **O processo de percepção dos espaços marginalizados n urbano: o caso da favela Parolin em Curitiba.** *In:* Ra'E GA, Curitiba: UFPR, n. 9, p.69-82, 2005.

KOZEL, S. **Representação e ensino:** aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos. *In:* SERPA, A. (Org). Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: Ed. da EDUFBA, 2008.

KOZEL, S. MENDONÇA, F. (Orgs.). **Elementos da epistemologia da Geografia Contemporânea.** Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Tradução: Maria Cecília França – Campinas, SP: Papyrus, 1988.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOBATO, R.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **A Geografia Cultural: um século (3).** Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2002.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica:** uma poética do imaginário, Belém: CEJUP, 1995.

LOWENTHAL, D. **Geografia, experiência e imaginação:** Em direção a uma Epistemologia Geográfica. *IN:* CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1982.

MALINOWSKI, B. Os Pensadores. **Argonautas do Pacífico Ocidental - Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** São Paulo: Abril Cultural. 1976.

MARÇAL, A. S. *et al.* (Orgs.). **UHE Santo Antônio: guia das espécies de fauna resgatadas** (Porto Velho). São Paulo: Scriba, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: NAEA/UFPA, 1990.

MELLO, T. **Amazonas: pátria das águas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELLO, J.B.F. **A Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo**. Revista Brasileira de Geografia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-114, out/dez, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIOTELLO, V. **Um mito amazônico em narrativas de roda: repetição e mudança nos processos enunciativos**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Campinas, 1996.

MONDADA, L. **Décrire la ville: la construction des savoirs urbains dans l'interaction et dans le texte**. Paris: Anthropos, 2000.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAES, R. **Na planície amazônica**. 7. ed., São Paulo: Itatiaia, 1987.

MORAES, A. C. R. **Geografia. Pequena História Crítica**. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Ideologias Geográficas**. 4. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

MOREIRA, R. **Para Onde Vai o Pensamento Geográfico**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

NITSCHKE, L. B. **O significado do turismo no roteiro “Caminhos de Guajuvira”**. Araucária/PR. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOGUEIRA, A. B. **Percepção e representação gráfica: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Tese (Doutoramento em Geografia), Universidade de São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, A. B. **Mapa Mental: recurso didático para o estudo do lugar**. In: PONTUSCHKA, N. N; OLIVEIRA, A. U. (Orgs.). *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002.

NOGUEIRA, R. **Amazonas: um estado ribeirinho**. Manaus, Ed. da UFAM, 1994.

NUNES, D. D. **Hidrovia do Madeira: (re)configuração espacial, integração e meio ambiente**. Tese (Doutoramento em Desenvolvimento Sócio-Ambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, NAEA, Universidade Federal do Pará, 2004

OLIVEIRA, R. D. de; OLIVEIRA, M. D. de. **Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la**. In: BRANDAO, C. R. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. 1991.

RELPH, E. **Place and Placeness**. London: Pion Limited, 1980.

_____. **Rational Landscapes and Humanistic Geograpy**. London: Cromm Helm, 1981.

ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. da EDUERJ, 2002.

SARMENTO, J. **Fortifications, post-colonialism and power**. Ruins and Imperial Legacies. Ashgate, London, 2011.

_____. **Representação, imaginação e espaço virtual:** geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos açores, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

_____. *et al.* (Orgs.) **Ensaio de geografia cultural.** Porto: Figueirinhas, 2006.

_____. _____. **Geografias Pós-coloniais.** Ensaio de Geografia Cultural. Porto: Figueirinhas, 2009.

SANTOS, M. (Org.) **Novos rumos da geografia brasileira.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARAIVA, A. L.; SILVA, J. da C. **Espacialidades das festas religiosas em comunidades ribeirinhas de Porto Velho.** Rondônia. Revista Espaço e cultura, UERJ, RJ, nº 24, jul/dez de 2008.

SEEMANN, J. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa.** In: OLAMv - Ciência e Tecnologia. Vol. 3 n Claro, 2003.

SERPA, A. (Org.). **Espaços culturais:** vivências, imaginações e representações. Salvador: Ed. da EDFBA, 2008.

SILVA, M. J; SILVA, E. A; JUNCKES, I. J. **Construindo a ciência:** elaboração crítica de projetos de pesquisa, Curitiba: Pós-escrito, 2009.

SILVA, M. das G. **O espaço ribeirinho.** São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SILVA, J. da C; NASCIMENTO SILVA, M. das G. **Os relatos orais e a pesquisa com populações ribeirinhas.** In: SILVA, J. da C. *et al.* (Orgs.). Nos Banheiros do rio: ação interdisciplinar em busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: Ed. da EDUFRO, 2002.

SILVA, J. da C.; NASCIMENTO SILVA, M. das G. In: SARAIVA, A. L. **O olhar, o ouvir e o escrever como etapas da pesquisa com populações tradicionais ribeirinhas.** In: SILVA, J. da C. *et al.* (Orgs.). Nos Banheiros do rio: ação interdisciplinar em busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: Ed. da EDUFRO, 2002.

SILVA, J. da C. **O mito e as crenças como constituintes do espaço ribeirinho na formação do modo de vida amazônico.** In: KOZEL, S. COSTA SILVA, J, GIL

FILHO, S.F. Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

SILVA, J. C. **Cuniã Mito e lugar**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade de São Paulo, 1994.

SILVA, J. C. **O rio, a comunidade e o viver**. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, J. C.; SOUZA FILHO, T. A. **O viver ribeirinho**. In: SILVA, J. C. *et al.* Nos Banzeiros do rio: ação interdisciplinar em busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: Ed. da EDUFRO, 2002.

SILVA, V. G. da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras. São Paulo: Ed. da USP, 2000.

SILVA, E. T. da. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas: Mercado de Letras: associação de leitura do Brasil, 1998.

SOUSA, L. F. **Barqueiros do rio Madeira**: cultura, resistência e sustentabilidade. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2004.

SOUSA, L. F. **Barqueiros do rio Madeira: narrador do viver ribeirinho e da cultura amazônica**. In: AMARAL, N. G.; TEZZARI, N. (Orgs.). Cultura, leitura e linguagem: discursos do letramento. Porto Velho: Ed. da EDUFRO, 2007.

SOUSA, D. L. F. **Espaço vivido e mapas mentais em escola ribeirinha**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2009.

TORRES, M. A. **A paisagem sonora na Ilha dos Valadares**: percepção e memória na construção do espaço. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

THRIFT, Nigel. **Non-Representational Theory**, Taylor & Francis e-Library, 2008.

TRINDADE JR. S. C.C.; SILVA, M. A. P. (Orgs.). **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**. Belém: Ed. da EDUFPA, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de L. O. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Paisagens do Medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

XAVIER, H. **Contribuição de Livia de Oliveira para a percepção geográfica do turismo**. In. Anais do Simpósio Nacional sobre geografia, percepção e cognição do meio ambiente. Universidade Estadual de Londrina. Departamento de Geografia. Meio digital. Londrina, 2005.

XIMENES, T. A (Org.) **Embarcações, Homens e Rios na Amazônia**. Belém: UFPA, 1992.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**. 3. ed. Itatiaia: Ed. da USP, 1988.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**; trad. Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

YAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.

ANEXOS

NOTAS GEOGRÁFICAS: GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS NO ESPAÇO DA PESQUISA

As expressões que seguem fazem parte do glossário de termos utilizados na área pesquisada e retratam o espaço dialógico dos barqueiros e ribeirinhos. Sousa (2004) registrou as expressões regionais, com intuito de resgatar a linguagem, o dizer significativo que ocorre no espaço de interlocução das pessoas. Dessa maneira, a linguagem atravessa o indivíduo, emerge o dialogismo marcando o espaço das representações, dos significados socioespaciais construídos coletivamente.

Estas expressões foram coletadas no período de 1998 a 2011, sendo revisadas durante o trabalho de campo do doutorado. Tratam de expressões ligadas ao trabalho diário do barqueiro, as quais remetem ao barco, nomes de instrumentos utilizados na pescaria e na garimpagem de ouro, os meios de transporte que singram os rios amazônicos, os peixes consumidos, as árvores de referência na navegação, os lugares por onde os profissionais navegam, a paisagem descrita, a flora e os animais, os medos encontrados no ambiente ribeirinho, o universo da alimentação se faz presente, expressões-feitas do cotidiano e com ênfase às vozes dos sujeitos pesquisados.

Considera-se o espaço do rio Madeira dinâmico, no sentido das relações construídas entre os sujeitos, sendo que se relacionam com a linguagem e marcam as espacialidades do viver na Amazônia.

Expressões do universo do barco

Abicado: quando a embarcação tem muita carga na proa.

Abicar: investir com a embarcação em direção à margem, banco de areia ou barranco.

Abundo: significa sorrir muito.

Adernar: é inclinar o barco para um dos bordos (bombordo ou boreste).

A pique: quando uma embarcação afunda.

Apoitar: é quando alguém quer deixar a embarcação parada. Vamos apoitar ou quando for dormir a noite.

Apufiando: quando duas embarcações apostam corridas.

Arribação ou tempo de arribação: quando as águas baixam.

Arrudiar uma ilha: passar em volta ou em torno da ilha.

Avinar: significa conduzir o barco para determinado rumo.

Bancos de areia: praias que, no período da vazante, vão aparecendo nas proximidades do leito do rio e também nos canais dificultando as passagens das embarcações e favorecendo os encalhes.

Batelão: barco de madeira. É usado no transporte de passageiros e cargas.

Barco recreio: embarcação motorizada e de médio porte (até 100 toneladas), construída de madeira, cuja finalidade é a de transportar cargas e passageiros com dias e horários marcados. Tem em média de 15 a 32 metros de comprimento, de 5 a 12 metros de largura, com capacidade para transportar de 60 a 100 passageiros e faz linhas regulares.

Batelão: barco de madeira. É usado no transporte de passageiros e cargas;

Barqueiro: sujeito habilitado para trabalhar a bordo das embarcações.

Bombordo: olhando para a proa do barco, é o lado esquerdo.

Boreste: olhando para a proa do barco, é o lado direito.

Banzeiro: é marola, onda produzida por efeito da passagem de embarcações navegando ou temporal. Costuma causar grandes danos fazendo naufragar embarcações menores como canoas e destruindo construções às margens dos rios. É sempre necessário reduzir a velocidade com alguma antecedência, pois os danos podem ser irreparáveis.

Carreira: oficina ou lugar onde constroem e reparam embarcações de madeira.

Chapado: quando a embarcação está carregada de mercadorias.

Celebrim: espécie de lanterna utilizada a bordo da voadeira; outra definição seria holofote manual.

Corrente de esteira, olada, rebojo da palheta: corresponde ao vão que fica atrás da popa da embarcação.

Derrabado: quando a embarcação tem muita carga na popa.

De bubuia: do tupi-guarani bebui flutuar, é o ato de ir uma embarcação, um tronco de árvore, uma touceira de capim, um cadáver, ao léu da correnteza, rio abaixo, isto é, quando o barco vai à deriva.

Encalhar: quando o barco bate e fica preso ao banco de areia ou pedras.

Envernada: quando o rio está praticamente alagado.

Estivador: sujeito que leva as mercadorias ao barco.

Fluviário: sujeito habilitado para exercer atividades a bordo da embarcação classificada na navegação interior fluvial, lacustre ou apoio portuário fluvial.

Galhada: é ramo de árvore.

Igapó: Terra baixa que durante a cheia é inundada e apresenta muita vegetação.

Igarité: canoa pequena muito utilizada pelos ribeirinhos ou beiradeiros.

Lancha: conhecida como jangada de borracha.

Maresia: mesmo que banzeiro.

Marítimos: sujeitos que exercem atividades a bordo da embarcação classificada na navegação de longo curso, cabotagem e apoio marítimo.

Marola: é o mesmo que banzeiro.

Matupá: barranco dos rios com vegetação desenraizada que fica boiando, conforme o nível do rio.

Mergulhadores: tripulantes ou profissionais não-tripulantes com habilitação certificada pela autoridade marítima para exercer atribuições diretamente ligadas a operação de embarcação e prestar serviços eventuais ligados a atividade subaquática.

Palheta: é mesmo que hélice para os barqueiros.

Paliteiros: são laterais de ilhas onde desbarrancam bastante, ficando expostas às árvores. Paliteiro é mesmo que pausada.

Paraná: braço do rio caudaloso separado deste por uma ilha; canal que liga dois rios.

Praia: extensão do leito do rio, geralmente do lado da margem de dentro das curvas que descobrem durante o período da vazante.

Prático: é a pessoa que conhece, tem experiência no rio, orienta e pilota os barcos com segurança. De acordo com os ribeirinhos, o prático só *dar o endereço*, ou seja, avisa ao comandante sobre os trechos mais perigosos do rio.

Praticante: aprendiz de prático.

Pescador: exerce atividades a bordo das embarcações pesqueiras.

Popa: é parte detrás da embarcação.

Proa: é parte da frente da embarcação, localiza-se próximo a cabine do comandante.

Proeiro: pessoa que trabalha na proa da canoa.

Prumar: ação de medir a profundidade da água utilizando o prumo de mão.

Rabeta: segundo os barqueiros, existem duas distinções de rabeta: a primeira corresponde ao “motor rabeta”, equivale a um motor de 6 a 12 Hps podendo ser a diesel, gasolina, gás, dependendo de sua adaptação; a segunda a “peça rabeta” é um tubo de ferro ou galvanizado que serve para proteger o eixo que acopla a hélice. Esta rabeta poderá ser de 2 a 3 metros de comprimento, dependendo do dono e do tamanho do peso do motor. A rabeta equivale ao peso do motor, estabilizando o motor a rabeta; não é só viável financeiramente, é útil à medida que entra em lugares de difícil navegabilidade onde a voadeira não consegue chegar.

Rebojo: é formado pela irregularidade das margens ou leito do rio. Perigosos para embarcações de pequeno porte e pode afetar o governo da embarcação. No início das curvas mais fechadas, nos locais de maior profundidade, formam-se rebojos de águas e bem visíveis ao navegante.

Rebocar uma embarcação: é movimentá-la por meio de outra embarcação;

Recreio: nome dado às embarcações motorizadas que transportam cargas e passageiros para as diversas localidades ribeirinhas segundo Sousa (2004).

Regatão: tipo de embarcação de pequeno porte cujo patrão ou proprietário comercializa com as populações ribeirinhas dos rios da bacia amazônica mercadorias, trocando-as por produtos locais.

Remanso: é pequena enseada nos rios de grande “corredeira”. Os remansos pela evolução das águas nesses locais, formam grandes e pequenos redemoinhos; alguns com força tão grande capaz de arrastar uma pequena embarcação; no dizer dos barqueiros “ é onde o rio faz uma curva pelo lado direito e esquerdo.

Repiquetes: são as chamadas rápidas subidas das águas do rio. Neto (2001, p. 20) menciona que este “fenômeno acontece após o início da vazante ou causadas por degelos retardatários nas nascentes das bacias próximas dos Andes ou por aguaceiros intensos que são comuns na região. Podem ocorrer ainda, preliminarmente na época das cheias. Existem repiquetes que duram algumas horas e outros, alguns dias. Sua duração e o valor da subida das águas são imprevisíveis”.

Temporal: é sinônimo de violentos ventos e banzeiros, acompanhados de chuvas e trovões e o barco quando está em meio a um dos temporais costuma adernar bastante.

Tilheiro: local onde se reparam e constroem embarcações de pequeno e médio porte a exemplo da canoa e dos barcos recreios.

Timão: leme.

Través: espécie de corda que ajuda amarrar a embarcação.

Tripulante: sujeito habilitado para trabalhar a bordo da embarcação.

Voadeira: é o transporte utilizado junto a embarcação recreio para dar suporte às atividades dos barqueiros.

Expressões do universo das águas: animais

Açu: significa grande a exemplo do Jacaré-açu, tido como o maior da Amazônia.

Boto: golfinho da região amazônica. Existem dois tipos: tucuxi e vermelho. O primeiro é tido como protetor dos barqueiros e dos pescadores. Chamado carinhosamente de tucuxzinho pelos ribeirinhos, adora pular na frente da canoa; o segundo é considerado agressivo.

Candiru: é um peixe encontrado nos rios de águas barrentas como Madeira, Amazonas, Solimões. A espécie cresce mais ou menos 15 centímetros, costuma ser atraído pelo fluxo da urina, por sangramentos, penetrando no ânus, na vagina e uretra. Em algumas situações, a cirurgia é necessária para a sua retirada e no rio Madeira há muitos candirus.

Jacaretinga: é uma espécie de jacaré diferente do jacaré-açu. O jacaretinga é menor e mais claro do que o jacaré-açu. Ele é mais encontrado em lagos.

Pirarucu: peixe gigante de escamas das águas doces. Atinge mais de dois metros de comprimento, constituindo sua carne o alimento comum das populações ribeirinhas. É conhecido como o *bacalhau* da Amazônia e a sua pesca é feita de forma artesanal e com arpão (instrumento de pesca).

Poraquê: é o peixe elétrico, seus choques são fulminantes nas suas vítimas: peixes, animais de grande porte, como o boi e o cavalo, e mesmo o próprio homem. O poraquê é encontrado nos rios e lagos da Amazônia, prefere as águas correntes e

profundas, os canais pedregosos e o remanso das cachoeiras. É considerado pelos barqueiros como sendo peixe arisco.

Pitiú: há duas definições: a primeira significa mau cheiro e, a segunda, corresponde a bicho de casco encontrado nas praias às margens do rio Madeira, sendo parecido com o tracajá.

Sucuriju: cobra.

Expressões do universo da alimentação

Açaí: fruto de uma palmeira bastante apreciada na Amazônia. Seu suco é consumido com farinha de tapioca e outros ingredientes.

Alimento remoso: é o que causa mal a pessoa que já está doente ou debilitada. Encontra-se em caças, determinados peixes ou frutos do mar.

Curimatá: é um peixe abundante nos rios da região amazônica e possui escamas fortes.

Banana comprida: é um alimento abundante na região e muito utilizado na culinária amazônica.

Biribá: é o fruto de uma árvore da Região Norte. Existem na região amazônica dois tipos de biribás: o primeiro costuma-se comer e se parece com a graviola e, o segundo, o biribá do igapó só os peixes comem e tem o gosto azedo.

Chibé: é o preparo da farinha com água, sem a inclusão de sal.

Jacuba: é preparada com farinha, sal e água.

Jaraqui: é peixe de escamas. É pego através de tarrafas e anzol.

Jatuarana: é um peixe de água doce, possui uma carne muito saborosa.

Mandi: é um peixe bastante encontrado nos rios amazônicos.

Pirão: farinha misturada com qualquer caldo de peixe.

Peixe-cachorro: é comprido, de escama fina e tem os dentes bem grandes. Ele é um peixe de muita espinha.

Tamuatá: peixe amazônico e apreciado na culinária regional.

Tambaqui: é peixe nobre da Amazônia.

Tracajá: quelônio, é alimento apreciado na culinária amazônica.

Expressões do universo das práticas cotidianas

“Alô moçada, tá saindo o grude”: refere-se ao horário do almoço na embarcação.

Arregaça: quando se fala para acelerar mais o motor da embarcação.

Avechada: pessoa com pressa.

Buchuda: mulher grávida.

“Colocar no toco”: colocar moral em alguém.

Baque: é quando uma pessoa se machuca e fica com rouidão no corpo.

Cadeira: é o mesmo que quadril. É um termo muito utilizado pela população ribeirinha.

“Dar o pira”: refere-se a saída de algum lugar bem depressa.

Égua!!: expressão utilizada no sentido de surpresa, susto, espanto, entre outros.

Barranco: é uma lateral do rio onde geralmente é fundo; a correnteza é forte, por isso desbarranca a terra que fica às margens dos rios. As pessoas que vêm de fora chamam de barranqueira ao invés de barranco.

Barrote: esteio, madeira usada na construção de casa.

“Dia estiado”: é o mesmo que dia nublado. O tempo está confuso, isto é, quando dar um toró (chuva) forte e pára de repente, ficando o dia estiado;

Emplasto: é uma espécie de curativo feito com pano, água morna e alguma planta. É muito usado na área ribeirinha.

Encosto: refere-se a uma pessoa possuída por algum espírito, podendo ser de animais ou de pessoas.

Enluada: mulher que se encontra no período menstrual.

“Ficar fumaçando”: pessoa com raiva.

Lapiada: é quando a pessoa está machucada. É mesmo que peia.

Maline: ato ou efeito de malinar.

Mocotó: é o mesmo que tornozelo.

Mutuca: ficar de olho, estar atento.

Panema: tem o sentido de azar, falta de sorte em qualquer atividade.

Peia: surra.

Põe na dose: quando o barco está a toda força.

Perna manca: é usado no sentido de evidenciar a madeira que sustenta uma casa. Na Amazônia é comum esse tipo de casa devido ao ciclo das cheias quando as águas sobem. É conhecida também como barroto.

Suleador: mesmo que acelerador.

“Te manca”: tomar um rumo, jeito ou decisão na vida.

Toco: é o mesmo que pausada e paliteiro.

Varadouro: extenso caminho feito a golpes de terçado (grande facão utilizado pelos caboclos) da Amazônia. Os varadouros são utilizados para caça, derrubada de madeira de lei, pesquisas na floresta e mais pelas crianças e adolescentes que precisam chegar à escola, isso quando não se tem uma canoa, evitando subir em determinados barrancos. Também pode ser chamado de furo.

“Vixe Maria!”: expressão de espanto.

“Vou dar uma madorna”: quando o barqueiro vai dormir um pouco.

Expressões do universo da pesca

Arpão: instrumento de pesca na Amazônia. É feito de várias madeiras duras da região, a exemplo da paxiúba, itaúba preta entre outros. O pescador adapta uma peça pontiaguda (arpão) de ferro ou aço, preso a uma linha (arpoeira) com mais ou menos dez metros de comprimento, amarrado a vários flutuadores.

Canço: é feito com uma vara fina e flexível de pesca, dotada de linha de náilon, tendo fixado numa das extremidades um pequeno anzol onde se colocam as iscas para pegar peixes pequenos.

Chico-duro: peixe de escama grossa.

Canoa: embarcação construída de um só tronco de árvore cavado a fogo ou a machado.

Espinhel: consiste de uma linha de náilon que se prende em ambas às margens do lago, do paraná ou rio de média largura. O espinhel pode ter o comprimento de 100 a 200 metros, dependendo da largura e profundidade do rio. É uma das mais antigas modalidades de pesca na Amazônia.

Igarapé: pequeno curso de gua. São inúmeros igarapés na bacia do Madeira.

Linhada: instrumento de pesca feito de linha de náilon, anzol e isca.

Malhadeira: é uma espécie de rede feita de malhas para prender determinados peixes. Ela é colocada em lagos, rios, igarapés e paranás.

Peixe lapiando: é quando ele bate o rabo (cauda).

Tarrafa: é uma espécie de rede pequena tecida de náilon, de algodão ou de fios de outro material de acordo com o gosto do tarrafeador. As suas bordas são dotadas de uma linha mais ou menos espessa que fazem a tarrafa afundar ao ser lançada pelo pescador ou tarrafeador.

Zagaia: é uma haste feita de itaúba preta, paxiúba entre outras varas de madeira muito resistentes de mais ou menos dois metros de comprimento. A ponta se assemelha a uma flecha, é utilizada nas pescas.

Expressões do universo das matas: animais ou cipós

Arumã: cipó utilizado na fabricação de peneira.

Carapanã: pernilongo, mosquito.

Castanheira: árvore nativa da Amazônia, seu fruto é um ouriço de 10 a 15 cm de diâmetro, constituído por uma casca lenhosa e dura, que somente se pode abrir por meio de terçado ou machado.

Cipó ambé: serve para espantar o boto e os peixes elétricos (poraquês).

Itaúba: árvore utilizada em construção e reparo de embarcações de pequeno e médio porte. Existem duas espécies: preta e amarela.

“Pau preciosa”: árvore grande e serve para fazer chá, tem o gosto do chá de canela.

Maracajá: gato do mato.

Titica: cipó utilizado na fabricação de vassoura, balaio, cadeira e sofá.

Tiririca: é cipó que serve para colocar no galinheiro para espantar morcegos.